EDUARDO FERREIRA-SANTOS

Avaliação da magnitude do transtorno de estresse em vítimas de seqüestro

Tese apresentada à Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo para a obtenção do Título
de Doutor em Ciências

Área de concentração: Patologia

Orientador: Prof. Dr. Paulo Hilário Nascimento Saldiva

**São Paulo
2006**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Ferreira-Santos, Eduardo

Avaliação da magnitude do transtorno de estresse em vítimas de seqüestro /
Eduardo Ferreira-Santos. -- São Paulo, 2006.

Tese(doutorado)--Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Departamento de Patologia.

Área de concentração: Patologia.

Orientador: Paulo Hilário Nascimento Saldiva.

Descritores: 1.Seqüestro 2.Transtornos de estresse pós-traumáticos
3.Acontecimentos que mudam a vida 4.Segurança/legislação & jurisprudência
5.Violência 6.Psiquiatria legal 7.Estresse psicológico

USP/FM/SBD-231/06

Aos meus filhos Flávia Maria e Guilherme
Eduardo, porque, em seus olhinhos brilhantes e
amor carinhoso, encontro energia e esperança
para enfrentar as vicissitudes da vida!

AGRADECIMENTOS

Ao meu sogro e amigo, **Professor Doutor Munir Ebaid**, exemplo de dedicação, eficiência e ética no desempenho de seu papel de Médico e Ser Humano, que soube, e ainda sabe, exercer como ninguém o verdadeiro sentido de Mestre que orienta, incentiva e apóia todos aqueles que se debruçam sobre esta nobre Arte da Medicina e sabem preservar a ética de viver!.

Ao meu orientador, antigo companheiro de turma nesta Casa de Arnaldo, **Prof. Dr. Paulo Hilário Nascimento Saldiva**, exemplo magnífico de sabedoria e simplicidade que, mesmo hiper-atarefado em suas inúmeras atividades científicas, conseguiu mais do que me orientar nesta tese, mostrar sua excepcional qualidade de acolhimento e incentivo.

Ao **Prof. Dr. Sergio Paulo Rigonatti**, que me fez acreditar, desde o início, que esta idéia pioneira teria todas as chances de se concretizar e não hesitou, em nenhum momento, a apoiar e demonstrar, com seu próprio exemplo, que é possível enfrentar e superar as dificuldades e obstáculos para se atingir uma meta proposta.

Agradeço e dedico este trabalho, de coração, a todos os membros do **GORIP** (GRUPO OPERATIVO DE RESGATE DA INTEGRIDADE PSÍQUICA DO SERVIÇO DE PSICOTERAPIA DO INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DO HC-FMUSP) pelo apoio constante e estímulo sempre renovado na realização voluntária deste trabalho: Psicólogos Cristiane Galhanone, Cristina Fiorini, Edna Vitorino do Nascimento e Silva, Fátima Cristina Ferreira Doca, Irene Erlinger Calabrez, Kátia Camargo Ferreira Silva, Maria Cristina de Faria Fernandes, Maria Emília Marinho de

Camargo, Marisa Fortes, Miriam Simione Menezes, Sivoneide Alencar Cunha, Priscilla Couto Pollo, Rogério Domingues de Oliveira e, especialmente, à grande impulsionadora de todo este projeto, **Maria Cristina Elias de Assis Santos**.

Ao Prof Dr. Valentim Gentil Filho que, se não participou diretamente do desenvolvimento deste projeto, não perdeu nenhuma oportunidade para elogiá-lo e incentivar-me a continuar o trabalho.

Ao Dr. Oswaldo Ferreira Leite Netto, meu diretor direto no Serviço de Psicoterapia, que, pacientemente, deixou abertas as portas para que o projeto todo se desenrolasse com tranquilidade.

À D. Liduvina Barros, secretária da Pós-Graduação do Departamento de Patologia da FMUSP, por sua atenção e dedicação no decorrer de todos estes anos de preparação desta tese.

À D. Valéria Vilhena, bibliotecária do Serviço de Biblioteca e documentação da FMUSP, por sua disponibilidade sempre atenciosa.

À minha mulher, **Cynthia Ebaid Ferreira Santos**, psicóloga de formação e Artista Plástica por vocação que, mesmo aflita na preparação de seu terceiro Livro de Arte, soube compreender as inúmeras horas em que passei mergulhado neste computador e os terríveis momentos de mal-humor quando as coisas não davam certo.

À todos aqueles, principalmente nossos pacientes do GORIP, que colaboraram direta ou indiretamente na elaboração e finalização deste trabalho.

E, finalmente, aos meus filhos, **Guilherme e Flávia**, que se viram privados do pai, enquanto eu desenvolvia a gestação desta tese.

O imenso exército persa estava prestes a invadir a Grécia. Alertado de que a chuva de flechas que iria cair sobre seu país seria tão espessa que taparia o sol, Leônidas retrucou: "Tanto melhor, lutaremos à sombra" (*Melius igitu, in umbra pugnabimus*).

HERÓDOTO

SUMÁRIO

Lista de Figuras
Lista de Tabelas
Resumo
Summary

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Justificativa	3
1.2 História do Seqüestro	6
1.2.1 O Seqüestro no Mundo	7
1.2.2 O Seqüestro no Brasil	16
1.2.3 Tipos de Seqüestro	28
1.2.4 O Seqüestro Relâmpago	29
2 OBJETIVOS.....	39
3 TRANSTORNO DO ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO (TEPT).....	42
3.1 Aspectos Históricos e Conceituais.....	43
3.2 Aspectos Neurobiológicos	70
3.3 Aspectos Psicodinâmicos.....	75
3.4 Aspectos Sociais	81
4 MÉTODOS.....	88
4.1 Amostra.....	89
4.2 Instrumentos.....	89
4.3 Procedimentos.....	92
4.4 Análise Estatística.....	93
5 RELATÓRIO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA	97
5.1 Objetivos da análise estatística	98
5.2 Caracterização da amostra	98
5.3 Comparação dos comportamentos das três escalas nos grupos Controle, Seqüestro relâmpago e Seqüestro cativoiro	100
5.4 Conclusão da análise estatística	116
6 DISCUSSÃO.....	118
6.1 Psiquiatria Forense.....	120
6.2 Implicações Jurídicas (Vitimologia)	126

7	CONCLUSÕES.....	142
7.1	Conseqüências do Sequestro.....	143
7.2	O Medo do Sequestro.....	144
7.3	O Sequestrado	148
7.3.1	O Processo de luto.....	153
7.3.2	O Luto no Sequestrado.....	156
7.4	A Família do Sequestrado	160
7.5	Considerações Finais	163
8	ANEXOS.....	165
A.	Termo de Consentimento Livre E Esclarecido.....	166
B.	Depoimentos De Vítimas.....	168
1.	Inferno na Imigrantes	168
2.	Roleta-Russa.....	171
3.	Prisioneiro no Cortiço	174
4.	Mutilada no Cativoiro.....	177
5.	Tiroteio no Campo Belo	181
6.	Sobrevivente do Terror.....	185
7.	Por que eu?!?	189
C.	Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV (SCID)	192
D.	Pos-Traumatic Stress Disorder Checklist- Civilian Version (PCL-C).....	200
E.	Escala de Impacto de Eventos (IES).....	202
F.	Inventário de Sintomas de Stress para Adulto de Lipp (ISSL).....	204
G.	Grupo de Amostragem	209
H.	Grupo Controle.....	213
I.	Escala de Holmes e Rahe	215
J.	Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU).....	217
K.	Constituição Federal - CF - 1988	222
L.	Projeto de Lei Nº 3356, de 2004	227
9	REFERÊNCIAS.....	233

Post-Scriptum

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Diagramas de dispersão da PCL-C e Idade nos grupos Controle e Sequestro	101
Figura 2.	<i>Box-plots</i> da PCL-C nos grupos Controle1, Controle 2, Sequestro cativo e relâmpago	103
Figura 3.	Diagramas de dispersão da IES e Idade nos grupos Controle e Sequestro	105
Figura 4.	<i>Box-plots</i> da IES nos grupos Controle, Cativo e Relâmpago	106
Figura 5.	Gráfico de barras das porcentagens de indivíduos em cada categoria da ISSL nos grupos Controle, Cativo e Relâmpago.....	110
Figura 6.	Gráfico de barras das porcentagens de indivíduos em cada categoria da ISSL nos grupos Controle, Sequestro	111
Figura 7.	Diagrama de dispersão de IES e PCLC.....	113
Figura 8.	Gráfico dos valores individuais da PCL-C e IES nas categorias Alto e Baixo do ISSL	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Distribuições de frequência e porcentagens do sexo em cada grupo	99
Tabela 2.	Estatísticas descritivas para a Idade em cada grupo	100
Tabela 3.	Estatísticas descritivas para PCL-C, nos grupos Controle 1, Controle 2, Seqüestro cativoiro e Seqüestro relâmpago, por sexo.....	102
Tabela 4.	Estatísticas descritivas para PCL-C, nos grupos Controle 1, Controle 2 e Seqüestro	104
Tabela 5.	Estatísticas descritivas para IES, nos grupos Controle, Seqüestro cativoiro e Seqüestro relâmpago, por sexo	106
Tabela 6-	Estatísticas descritivas para os escores do IES no grupo Seqüestro ...	107
Tabela 7.	Distribuições de frequências e porcentagens da ISSL por sexo no Controle	108
Tabela 8.	Distribuições de frequências e porcentagens da ISSL por sexo em seqüestros do tipo cativoiro.....	109
Tabela 9.	Distribuições de frequências e porcentagens da ISLL por sexo em seqüestros do tipo relâmpago.....	109
Tabela 10.	Estimativas dos percentis das distribuições de PCLC e PCLC%, nos grupos Controle 1, Controle 2 e Seqüestro	112
Tabela 11.	Percentis da distribuição de IES e IES% nos grupos Controle e Seqüestro.....	112
Tabela 12.	Estatísticas descritivas para PCL-C e IES nos grupos Alto e Baixo da ISSL	114

NORMALIZAÇÃO ADOTADA

Esta tese está de acordo com as seguintes normas, em vigor no momento desta publicação:

Referências: adaptado de *International Committee of Medical Journals Editors* (Vancouver)

Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Serviço de Biblioteca e Documentação. Guia de apresentação de dissertações, teses e monografias.

Elaborado por Anneliese Carneiro da Cunha, Maria Julia de A. L. Freddi, Maria F. Crestana, Marinalva de Souza Aragão, Suely Campos Cardoso, Valéria Vilhena. 2^a. ed. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação; 2005

Abreviaturas dos títulos dos periódicos de acordo com *List of Journals Indexed in Index Medicus*.

RESUMO

Ferreira-Santos E. *Avaliação da magnitude do transtorno de estresse em vítimas de seqüestro* [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2006. 247p.

Considerando que estamos vivendo em São Paulo e em todos os Estados do Brasil, um brutal estado de insegurança pública, vemos o crime de seqüestro (tanto na sua modalidade clássica de manter a vítima em cativeiro por período de tempo variável até o pagamento de resgate, quanto à modalidade conhecida como “seqüestro-relâmpago”, no qual a vítima fica em poder dos criminosos por poucas horas, enquanto eles agem sobre caixas eletrônicos de bancos e as ameaçam de várias maneiras) atingir um grande número de pessoas com conseqüências graves para o desempenho de suas funções existenciais pós-seqüestro. Este trabalho mostra, através de Entrevistas Estruturadas e Escalas de Avaliação, que o grau de magnitude do Transtorno de Estresse Pós-Traumático que acomete vítimas de ambos os tipos de seqüestro atinge picos suficientemente elevados e que devem receber maior atenção tanto em nível de Saúde Pública quanto Segurança Pública.

Palavras-Chave: Seqüestro, Seqüestro Relâmpago, Psiquiatria Forense, Violência Pública, Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT), Segurança Pública.

SUMMARY

Ferreira-Santos E. *Evaluation of the magnitude of the stress disorder caused by the trauma of kidnapping* [thesis]. São Paulo: “Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo”; 2006. 247p.

Abstract: Considering that we are living in Sao Paulo and all others States of Brazil, a brutal state of public unsafeness, we see the kidnapping crime (not only in its classical modality of keeping the victim in captivity for a variable period of time until the rescue payment, but also in the modality known as " lightning-kidnapping", in which the victim remains under the criminal' s arrest for few hours, while they act on cash machines and threaten the victims) reaching a great number of people with serious consequences for the performance of their post-sequestration existential functions. This work shows that the magnitude level of the Post-Traumatic Stress Disorder that attacks kidnapping victims reaches sufficiently high peaks, that must receive more attention, not only in terms of Public Health but also Public Security.

Keywords: Kidnapping, “Brief kidnapping” Public Violence, Public Health, Post-Traumatic Stress Disorder (*PTSD*), Forensic Psychiatric, Public Security

1. INTRODUÇÃO

Devido a diversas questões de ordem político-psicológico-social, estamos vivendo um momento bastante particular em nossa Sociedade, em que impera a violência urbana e o terror que ela inspira nos cidadãos comuns obrigados a viver constantemente expostos a situações de extremo perigo e risco de vida, chegando a caracterizar o que alguns analistas sociais chamam de “Clima de Guerra Urbana” PHILIPPI & FELIPE¹⁰⁶, 1998; COIMBRA¹⁹, 1999; CARDIA¹⁷, 2001; HAMBLEEN & COGUEN⁵², 2002; WEISELFISZ¹⁵⁰, 2002; MIR⁹¹, 2004.

Dentre as várias modalidades de agressões a que está exposta a população dos grandes centros urbanos (e, infelizmente, também em regiões mais afastadas, cidades interioranas, vilarejos, etc.), surge o crime de seqüestro que, embora não seja uma modalidade inédita de delito, o seqüestro com fins exclusivamente de extorquir principalmente dinheiro (ou bens materiais) das vítimas, tem tomado proporções cada vez maiores não apenas quantitativamente, mas em modalidades de crueldade com agressão física pessoal violenta (ataque e/ou ameaça de ataque sexual, ameaça à mão armada, tortura física e psicológica) além de toda uma sorte de horrores indescritíveis (ANEXO B).

Se, por um lado, o seqüestro registra um índice relativamente inferior em relação a outros delitos, o grau de dano financeiro, moral e psicológico que causa para a vítima e à sua família (além de parentes e amigos próximos) revela, à priori, a magnitude desta modalidade de trauma na origem de transtornos psíquicos imediatos

ou tardios considerado (pelas próprias vítimas) como um dos fatores de primeira grandeza em sua origem que podem chegar a caracterizar o diagnóstico expresso claramente pelo “Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais”, 4^a. Edição (DSM-IV)⁷⁸, publicado pela *American Psychiatric Association* (APA) de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT)¹⁶, com grandes implicações no dia-a-dia da vítima.

Para o acolhimento e tratamento de pessoas que passaram a sofrer este Transtorno após serem vítimas de sequestro (relâmpago ou cativo) criou-se no Serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP, uma equipe especializada, o Grupo Operativo de Resgate da Integridade Psíquica (GORIP), coordenado pelo autor desta tese.

1.1 JUSTIFICATIVA

O fato que levou o autor a dar início a este trabalho, foi a constatação de que, em primeiro lugar, pouca atenção se dava à **vítima** de um seqüestro em comparação com a “proteção” dada por organizações de “Direitos Humanos” ao seqüestrador e demais delinqüentes, como amplamente divulgado na Imprensa escrita, falada e televisionada. Tal fato veio a ser confirmado nas declarações prestadas pelos sujeitos do presente trabalho, tanto nas entrevistas, escalas de avaliação e durante as sessões de psicoterapia a que foram submetidos no Serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria do HC-FMUSP, com o intuito de lhes fornecer apoio para a resolução do quadro psíquico apresentado, mas que não será tema explorado nesta tese.

Em segundo lugar, pode-se perceber que este tipo de crime, até então restrito às populações mais abastadas da Sociedade, está, agora, atingindo pessoas de baixíssimo poder aquisitivo e que, todos eles, ricos ou pobres, declaravam publicamente que **“ninguém é mais a mesma pessoa depois de passar por uma experiência deste tipo!”**

Complementando, além dos aspectos sociais e psicológicos envolvidos em gravidade significativa com o crime de seqüestro, o autor percebeu que há pouca bibliografia brasileira à respeito deste tema, enfocando, especificamente a vítima, sendo que o que há publicado na bibliografia estrangeira aborda o aspecto dos seqüestros políticos praticados na Colômbia e alguns estudos de casos de mafiosos realizados na Itália e Estados Unidos . Há, também, um excelente trabalho publicado em 2000, por **FAVARO et al.**³², em que é estudado um reduzido grupo de vítimas de extorsão mediante seqüestro na Sardenha, Itália.

Há, ainda a assinalar a escassa bibliografia científica a respeito, sendo que o que se tem escrito se refere muito mais em relação ao agente agressor (seqüestrador) e à sua “vitimização social” do que ao agredido. Para a vítima, resta apenas tentar aprender noções básicas, dadas por policiais, a respeito de seu comportamento na evitação do seqüestro e de suas conseqüências.

Por outro lado, a escolha do Departamento de PATOLOGIA para a apresentação desta tese, deve-se ao fato de que, embora haja características inéditas sob o ponto de vista psiquiátrico na abordagem deste tema, muitos de seus elementos já foram explorados em outros trabalhos que estudaram a avaliação e tratamento de estados de ansiedade e estresse gerados por traumas do cotidiano, inclusive em

minha própria **dissertação de mestrado**³⁶, na qual abordei o tratamento em “Psicoterapia Breve” destes distúrbios.

O verdadeiramente novo desta pesquisa reside em utilizar esta verdadeira “epidemia” de seqüestros em nosso meio para obter uma amostra representativa desta população, talvez impossível de ser replicada.

Portanto, configura-se um interesse maior no campo da **Psiquiatria Forense** e da **Medicina Legal**, que não possui uma área de concentração própria na Pós-Graduação.

Dado que o Departamento de Patologia coordena um projeto de Políticas Públicas, financiado pela FAPESP, sobre **Violência Urbana**, pareceu-me ser a área de concentração da Patologia, o ambiente ideal para este trabalho ser desenvolvido.

Dentro deste projeto, os dados colhidos com a amostra escolhida e a metodologia aplicada podem demonstrar o tamanho do dano psíquico causado por este delito à vítima, o que permitirá aos juristas se valerem de mais dados para avaliar este aspecto em sua maior amplitude social, na avaliação dos criminosos e na aplicação de penas a eles impostas, o que já tem chamado à atenção do Ministério Público e da Assembléia Legislativa, destarte as manifestações em contrário do Poder Executivo que tentam extinguir a qualificação de “Crime Hediondo” com o argumento de que as Penitenciárias estão lotadas e é preciso tomar medidas urgentes para diminuir a população carcerária.

1.2 HISTÓRIA DO SEQUESTRO

Etimologicamente falando, a palavra seqüestro tem sua origem no vocábulo latino “*sequestrare*”, que significa “apoderar-se de uma pessoa para exigir resgate ou encarcerar uma pessoa ilegalmente”.

O seqüestro constitui uma clara violação dos direitos humanos, que atenta contra a liberdade, integridade e tranqüilidade das vítimas, de seus familiares e amigos, além de atingir ao círculo de amizades e vizinhança da vítima. É uma violação dos artigos 1, 3, 5 e 9 explicitados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada por Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas em sua resolução 217^a (III) de 10 de dezembro de 1948 que ainda vigora até os dias de hoje (**ANEXO J**).

Portanto, observa-se, através de declarações de pacientes, notícias veiculadas na mídia em geral e até mesmo de pessoas cada vez mais próximas de cada um de nós, que o seqüestro não só afeta à vítima propriamente dita, como ao “em torno”, que passam a viver a chamada “morte em suspenso”.

A **FONDELIBERDAD** (Fondo Nacional para la Defensa de la Libertad Personal), entidade colombiana que luta pelos direitos das vítimas da violência urbana, mostra, em um documento publicado em 1999, **citado por** URIBE ¹⁴⁷ que o:

“seqüestro não é a mera perda arbitrária da liberdade de um setor da sociedade civil ou um resultado a mais da luta política que vive um país, se não é um dos componentes preponderantes de um “estado de guerra” que produz terror nos seqüestrados e nos que o rodeiam, desorienta e tende a provocar paralisia social e um sentimento absoluto de impotência na população civil”.

1.2.1 O SEQUESTRO NO MUNDO

Na História do seqüestro, podemos voltar à Antiguidade, com seu clima de belicismo, suas múltiplas guerras, a escravização de povos derrotados, enfim a um barbarismo que não cabe dentro de nosso conceito atual de cultura, ou, pelo menos, não deveria caber.

Na Antiguidade, o seqüestro era uma forma normal de submetimento ou comércio de pessoas, pois a superioridade era conferida pelas artes bélicas e quem vencida tinha o direito de tomar para si não só o território conquistado como também às pessoas derrotadas.

Por conta das inúmeras guerras entre os povos, tornou-se um hábito comercializar as pessoas caídas em cativeiro, nascendo, assim, o conceito de escravidão.

Os Fenícios seqüestravam rapazes e moças gregos e exigiam resgate por eles e, no caso de não pagamento, eram levados a Delos, uma ilha do Mar Egeo, que se tornou centro internacional deste tipo de negócio.

Na obra poética de Homero, a “Iliada”, o rapto da bela Helena, mulher de Menelau, realizado por Paris, deu origem à Guerra de Tróia, histórica confrontação que durou mais de 12 anos, entre gregos e troianos.

No período do Império Romano, também aparecem citações de importantes seqüestros com fins políticos, financeiros e de demonstração de força.

É famoso o ocorrido com o jovem Julio César, que foi seqüestrado em uma ilha do Mediterrâneo. Quando o futuro Cônsul Romano soube da quantia que era exigida como resgate, indignou-se, pois lhe parecia muito pouco por alguém de sua importância, porém advertiu seus seqüestradores que, quando estivesse em

liberdade, mandaria crucificar a todos eles. Quando estes foram presos, Julio César decidiu decapitá-los.

O povo judeu, sem contar os fatos históricos mais recentes, sempre viveu ameaçado de seqüestros e perseguições. A Bíblia cita o caso de José, filho de Jacó, que foi vendido por seus irmãos como escravo aos egípcios, simplesmente por ser o filho preferido do Grande Patriarca.

Na Idade Média, as Cruzadas se encarregaram de numerosos delitos deste quilate, de ambos os lados, merecendo destaque a captura de Ricardo I, conhecido como Ricardo Coração de Leão, não pelos mouros, mas sim por um seu aliado, o Duque **Leopoldo da Áustria**, que o entregou ao imperador **Henrique VI**, da Alemanha. Após dois anos de prisão no castelo de Dürrenstein, no Danúbio, foi libertado em troca de valioso resgate.

Ao longo dos séculos XVI e XVII, eram muito freqüentes os seqüestros de cristãos praticados por piratas mouros ou maometanos, ao longo do Mediterrâneo, sempre visando a exigência de um resgate financeiro para sua libertação. Como curiosidade, cabe citar que o grande Miguel de Cervantes Saavedra, autor do memorável “Dom Quixote”, esteve cativo durante muito tempo, ao ser tomado como prisioneiro na Batalha de Lepanto.

Na Inglaterra do século XVIII apareceram famosas “gângues” de seqüestradores que operavam a favor do Exército e da Marinha, que obrigavam aos homens a se alistar nas fileiras dos regimentos britânicos.

A História relata, ainda, inúmeros casos gerais e particulares deste tipo de delito, sempre merecendo uma atenção especial dada à grande repercussão que causava nas pessoas e povos envolvidos.

No século XX, ocorre em 1932, nos Estados Unidos, o seqüestro do filho de Charles August Lindbergh, o primeiro piloto a atravessar o Atlântico sem escalas (em 1927). A criança, Charles Lindbergh Jr., de apenas 20 meses de idade foi retirada de seu próprio berço, exigido um resgate de 50 mil dólares e dada a ordem expressa para que a família não comunicasse à Polícia o ocorrido. De alguma forma, o caso “vazou” para a imprensa e foi manchete dos principais jornais e revistas americanos, o que levou o seqüestrador a elevar o resgate para 70 mil dólares e adiasse as negociações. Dois meses após negociações que tiveram até o mafioso Al Capone detido em Atlanta como mediador, o corpo do menino foi encontrado, por acaso, num bosque próximo à residência dos Lindbergh. O seqüestro que era, até então, um dos crimes mais raros nos Estados Unidos, tornou-se um dos delitos mais freqüentes, levando à adoção de uma “Lei de Urgência”, denominada *Lindbergh Kidnap Law*, que atribuía ao FBI todas as investigações sobre casos de seqüestros. Em 1934, encontrado e identificado o seqüestrador, o carpinteiro Bruno Richard Hauptmann, que foi julgado e condenado à morte, sendo executado na *cadeira elétrica* em 1936.

Segundo MARKUZ⁸¹ o seqüestro envolvendo os Lindbergh foi o precursor de uma longa escalada de crimes deste gênero no mundo.

Nos tempos mais atuais, Havana, capital de Cuba, aparece como um novo pólo da chamada “indústria do seqüestro” quando, em 23 de fevereiro de 1958, o argentino Juan Manuel Fangio, então quatro vezes campeão mundial de automobilismo, foi seqüestrado por um grupo liderado por Faustino Perez, à mando do comando revolucionário de Sierra Maestra.

A América Latina, logo após o triunfo da revolução cubana, viu surgir uma série de seqüestros de cunho especificamente político, ganhando o Brasil grande notoriedade com o seqüestro de embaixadores estrangeiros para exigir, como resgate, a libertação de prisioneiros políticos do regime militar aqui instalado a partir de 1964.

Brasil, Chile, Argentina (com os “**Montoneros**”), Uruguai (com os “**Tupamaros**”), Guatemala, Equador, Nicarágua, Colômbia (com o **EPL** – Exército Popular de Libertação) e vários países centro e sul-americanos que passaram vários anos sob ditaduras militares apresentaram diversos episódios desta natureza, não ficando sozinhos nisto, pois, na Europa e nos Estados Unidos, que não apresentavam estas fortes características políticas, também ocorreram episódios espetaculares.

Mereceu destaque na imprensa, o seqüestro em Roma, em 15 de julho de 1973, de Paul Getty III, neto do multimilionário da indústria petrolífera Jean Paul Getty, que se negou a pagar o resgate de 10 milhões de dólares exigidos pelos seqüestradores. No dia 11 de novembro de 1973, o diário romano, “Il Messaggero”, que serviu de intermediário entre a família e os seqüestradores do rapaz, recebeu um embrulho contendo uma orelha e uma mecha de cabelo que pertenciam à vítima. Paul Getty III foi finalmente libertado no dia 15 de dezembro de 1973, após a família Getty ter pago um resgate de 2,7 milhões de dólares pela sua libertação.

Em Julho de 1975, foi seqüestrada na Itália a jovem Cristina Mazzotti, de 18 anos. Mesmo tendo pago um resgate de milhões de dólares, seus seqüestradores a assassinaram, sem nenhum motivo aparente.

Também na Itália, na mesma Roma, em março de 1978, foi seqüestrado o dirigente político Aldo Moro, de 62 anos de idade, presidente do Partido Demócrata Cristão por membros das chamadas “Brigadas Vermelhas” que exigiam a libertação

de 13 de seus integrantes que estavam sendo julgados em Turin. Apesar da intervenção até do Papa Paulo VI, não houve acordo e o corpo do político foi encontrado no porta-malas de seu carro em 9 de maio do mesmo ano.

Na Ilha da Sardenha, após a II Guerra Mundial, o número de seqüestros aumentou dramaticamente. O Ministério do Interior Italiano reportou seis casos nos anos 30, 95 em 1940 (89 a partir de 1945), 33 nos anos 50, 48 nos anos 60, 94 nos anos 70 e 59 nos anos 80. No período entre 1960 e 1980, aproximadamente 21% das vítimas de seqüestro foram assassinadas, comparadas com a taxa de 3 a 5% nos períodos seguintes (FAVARO et al, 2000)³²

Dado o grande número de crimes desta natureza, a Itália foi considerada a “Meca do Seqüestro” com numerosos casos, muitos com finais bastante dolorosos, com a morte do seqüestrado, mesmo com o pagamento das quantias exigidas pelos seqüestradores, atingindo o auge nos anos 80, quando, através de várias atitudes (incluindo o bloqueio de bens de familiares de seqüestrados) e a chamada “Operação Mãos Limpas”, diversas camadas da sociedade foram investigadas e punidas pelo Poder Público, diminuindo, em muito, a criminalidade e a corrupção.

Um espaço especial neste histórico, é dedicado aos seqüestros de aviões, que foi empregado pela primeira vez em 1930, no Peru, repetido em 1947 na Romênia e em 1950 na, então, Tchecoslováquia. As capturas ilícitas de aviões multiplicaram-se pelo mundo de modo avassalador: de 1930 a 1967 foram praticados um total de 65 seqüestros e, somente em 1970, foram seqüestradas 83 aeronaves, com crescente violência. Foram tantos estes acontecimentos que os juristas internacionais até criaram o neologismo “aerocrime” para qualificá-los, elegendo a competência do foro de aterrisagem para o julgamento destes crimes e posterior extradição de estrangeiros envolvidos.

O seqüestro e o espetacular resgate em Entebbe, Ruanda, das vítimas do AirBus A 300 da Air France, seqüestrado em 1976, com 257 passageiros e 12 tripulantes a bordo, por militantes do grupo “Che Guevara” e da OLP (Frente Popular para a Libertação da Palestina) mereceram destaque na imprensa internacional e deram origem a vários filmes, como o “Resgate em Entebbe” realizado por forças policiais israelenses de elite, especialmente treinadas para estas ações, o que não impediu a morte do comandante da operação, Tenente-Coronel **Yonatan Netanyahu** (irmão do ex-Primeiro Ministro do Estado de Israel Benjamin Netanyahu) e 2 dos reféns.

Porém, de todas estas histórias, nenhuma é superior ao pavoroso atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, em Nova York, quando aviões seqüestrados por militantes da Organização Al-Quaeda, comandada pelo saudita Osama Bin Laden, foram lançados sobre as torres gêmeas do World Trade Center, causando o número oficial de 2.823 mortos, centenas de feridos e um trauma que a nação norte-americana, em particular, e o mundo em geral jamais conseguirão esquecer.

Uma atenção particular merece nesta resumida “História do Seqüestro”, pois seu caso ficou famoso por suas peculiaridades, é o seqüestro de Patrícia Hearst, neta do multimilionário rei da imprensa norte americana William Randolph Hearst, pessoa que inspirou Orson Wells a filmar o clássico do cinema “Cidadão Kane”*

Em 4 de fevereiro de 1974, em Berkley, na Califórnia, um grupo terrorista autodenominado “Exército Simbiótico de Libertação (ESL)” assumia a autoria do delito e 4 dias depois enviava uma carta com suas reivindicações e exigências. O seu programa era simples e megalômano: considerava-se a vanguarda revolucionária

*Como mera **curiosidade**: em votação realizada em 1998 pelo American Film Institute, *Cidadão Kane* foi escolhido o melhor filme de todos os tempos.

armada da América e visava alargar a sua influência política através de ações espetaculares, que incluíam execuções de importantes falcões da indústria, raptos de personalidades, assaltos a bancos e outros atos de violência. Entre 1973 e 1975, o pequeno grupo sediado em São Francisco – composto por um conjunto de militantes que ostentava *nicknames* tão sonantes como Osi, Bo, Cujo, Teko, Fahizah, Zoya, General Gelina ou General Field Marshal Cinque Mtume – percorreu numerosas cidades, lançando operações que considerava apontadas ao coração do capitalismo americano e dos seus representantes na Casa Branca.

Os seqüestradores acusavam a família Hearst de haver acumulado sua riqueza roubando o povo americano e que devia pagar por isto dando 70 dólares em alimentos a cada pobre da Califórnia, durante as 4 semanas seguintes. O valor estimado desta exigência foi calculado, na época, em 133 milhões de dólares.

Em 3 de abril, após 58 dias do seqüestro, uma emissora de televisão recebeu uma fita gravada com uma declaração de Patrícia em ela afirmava que estava livre, mas que, voluntariamente, havia se unido ao Exército Simbiótico. Explicava, na mensagem, que havia adotado o “codinome” Tânia, em homenagem à guerrilheira que acompanhou Che Guevara em sua fatídica missão na Bolívia.

Uma imagem de Tânia, portando uma ameaçadora metralhadora em um assalto a um Banco em São Francisco, 12 dias após, mostra ao mundo a revoltada menina rica atuando como verdadeira “revolucionária”.

Em 17 de maio, 105 dias após o seqüestro, a polícia e o FBI localizaram o esconderijo do ESL, onde estavam os corpos carbonizados de 4 mulheres e 2 homens. Através das análises das arcadas dentárias, concluiu-se que Tânia havia escapado. A seqüência de delitos em que ela se envolveu continuaria até sua captura, em 18 de setembro de 1975.

Os Estados Unidos gastaram 5 milhões de dólares em sua perseguição e julgamento, enquanto sua família gastou 6 milhões em Cestas Básicas, distribuídas conforme orientação do grupo, e outro tanto não divulgado no pagamento dos melhores advogados que atuaram em seu julgamento. Após 8 semanas, o júri considerou Patrícia “**culpada**”, mas, em fevereiro de 1979, o presidente Carter e, posteriormente, o presidente Bill Clinton decretaram indulto definitivo a última guerrilheira sobrevivente do aniquilado ESL. Foram 5 anos de pesadelo para a família Hearst.

Este episódio foi mencionado mais extensamente, pois caracteriza um fenômeno psicológico particular chamado de “**Síndrome de Estocolmo**”.

A **Síndrome de Estocolmo** é um estado psicológico no qual as vítimas de um seqüestro, ou pessoas detidas contra sua vontade – prisioneiros – desenvolvem um relacionamento com seu(s) captor(es). Essa solidariedade pode algumas vezes se tornar uma verdadeira cumplicidade, com os presos chegando a ajudar os captores a alcançar seus objetivos ou fugir da polícia.

A síndrome se desenvolve a partir de tentativas da vítima de se identificar com seu captor ou conquistar a simpatia do seqüestrador.

A síndrome recebeu este nome em referência ao famoso assalto de Norrmalmstorg do *Kreditbanken* em Norrmalmstorg, Estocolmo que durou de 23 de agosto a 28 de agosto de 1973. Nesse acontecimento, as vítimas continuavam a defender seus captores mesmo depois dos seis dias de prisão física terem terminado. Eles mostraram um comportamento reticente nos processos judiciais que se seguiram. O termo foi cunhado pelo criminólogo e psicólogo Nils Bejerot, que ajudou a polícia durante o assalto, e se referiu à síndrome durante uma reportagem. Ele foi então adotado por muitos psicólogos no mundo todo e é, até hoje, utilizado.

Ainda no âmbito político, cabe citar o seqüestro do industrial basco Lorenzo Zabala, em 1972, pelo grupo terrorista ETA. O fato se realizou durante os conflitos trabalhistas da empresa Precicontrol, da qual Zabala era diretor e que havia despedido 200 trabalhadores. Após 4 dias de negociação, a empresa readmitiu os despedidos e Zabala foi libertado.

Nos dias de hoje, merece destaque nos noticiários a seqüência de crimes de seqüestro de jornalistas e funcionários de empresas estrangeiras ocorridos no Oriente Médio, principalmente no Iraque. Porém, não há dúvida de que estes crimes têm um caráter exclusivamente político e revelam a enorme instabilidade e conflito armado que vive esta região.

Porém, ao lado da crueldade explícita e da transmissão “ao vivo” de torturas e assassinatos de seqüestrados no Iraque, estes fatos não são novidade no Oriente Médio.

Em 4 de novembro de 1979, um grupo de estudantes islâmicos tomou de assalto a Embaixada dos Estados Unidos da América em Teerã (capital do Iran) e tomou como prisioneiros 52 funcionários norte-americanos que ali trabalhavam. O fato, que contou com o apoio do Aytolah Komeini, tinha como objetivo exigir a extradição do ex chá Reza Pahlevi para que este fosse julgado pela “justiça islâmica”. Após 1 ano e 3 meses de uma longa e dramática negociação, intermediada pela diplomacia argelina, o Irã só aceitou libertar os prisioneiros sob a ameaça do bloqueio militar que os Estados Unidos iriam lhes impor e lhes prejudicar na guerra que travavam com o Iraque.

Também consta deste intrincado conflito árabe-americano, o seqüestro de 5 jornalistas alemães e americanos seqüestrados no Líbano em 1983, por razões políticas e só libertados 7 anos depois.

Em março de 1990, seqüestradores libaneses libertaram o jornalista britânico John McCarthy, que mantiveram em cativeiro por mais de 5 anos.

Em março de 1996, no Vaticano, o Papa João Paulo II apelou para que fossem libertados 7 monges seqüestrados na Argélia, por presumíveis militantes muçulmanos.

1.2.2 O SEQÜESTRO NO BRASIL

No Brasil, um fato pitoresco, que poderia até ser encarado como “cômico se não fosse trágico” marca o início de nossa história do seqüestro. Remonta ao século XVIII, quando, no dia 21 de setembro de 1711, uma expedição francesa comandada pelo corsário René Duguay-Trouin toma o Rio de Janeiro depois de nove dias de sítio à cidade. O navegante impõe condições para sair de lá: receber o equivalente a 2 milhões de libras francesas. As negociações duram semanas. Os governantes portugueses regateiam. Não dispunham de toda aquela imensa quantia à mão. Duguay-Trouin ameaça queimar a vila inteira, então com 12 000 habitantes. Por fim, em 28 de outubro, os portugueses cedem, embora não paguem tudo que os seqüestradores haviam pedido. Mas, quando duas semanas depois, eles partem para a França, o total apurado - produto em sua maior parte do saque da cidade - constituía uma fortuna: 600 quilos de ouro, 610 000 cruzados, cem caixas de açúcar, 200 bois, escravos e dezenas de outros itens. A expedição, em parte financiada com dinheiro oficial francês, havia rendido quase 100% de lucro. Assim terminou o primeiro seqüestro do Rio de Janeiro.

Segundo o já citado MARKUZ⁸¹, o primeiro seqüestro com extorsão no Brasil, foi o de Eduardo André Maria Matarazzo (recentemente falecido de ataque cardíaco), na

década de 50, em São Paulo. filho de Francisco Matarazzo Filho e herdeiro de um grande império econômico na época, Eduardo Matarazzo foi mantido cativo em uma casa no bairro de Indianópolis e foi exigido o resgate equivalente a US\$ 168 mil dólares, sendo que o seqüestrado conseguiu libertar-se antes do resgate ser pago e levou à prisão os italianos Mário Comelli e Alessandro Malavazzi. Comenta-se, “à boca pequena”, que tal seqüestro tenha sido articulado pelo próprio Eduardo Matarazzo, com o fim de obter numerário de seu pai, conhecido por sua “rigidez econômica”.

No período do Regime Militar (1964-1985), particularmente chamado de “anos de chumbo”, embora tenha havido um intenso movimento militar contra-revolucionário, não se compara em crueldade e número de vítimas com o mesmo período de dominação militar em outros países da América Latina. Apenas como observação, vale assinalar que os seqüestros políticos no Brasil não tiveram finais trágicos (embora durante as ações de alguns seqüestros tenha havido agentes de segurança mortos e feridos), como o assassinato do Embaixador da Alemanha, Karl Maria Von Spreng, na Guatemala, em 1970 e do agente da CIA (Central Inteligency Agency) Dan Mitrione, seqüestrado e assassinado em uma ação terrorista dos Tupamaros em Montevideo, Uruguai.

Um episódio marcante deste período foi a prisão de cerca de mil estudantes em um sítio em Ibiúna, interior de São Paulo, onde se realizava o “XXX Congresso da UNE”, proibido pelas forças no poder. Toda a liderança do movimento universitário foi presa: José Dirceu, presidente da UEE, Luís Travassos, presidente da UNE, Vladimir Palmeira, presidente da União Metropolitana de Estudantes, e Antonio Guilherme Ribeiro Ribas, presidente da União Paulista de Estudantes Secundários, entre outros.

Dentre eles, **Vladimir Palmeira**, o mais carismático líder estudantil da História Brasileira*, embora não pesasse contra ele nenhuma acusação grave, pois não tinha participado de nenhuma ação armada, era o que mais chamava a atenção dos grupos contra-revolucionários que temiam que ele ficasse indefinidamente na cadeia. Foram feitos diversos levantamentos sobre os lugares em que Vladimir estivera preso e chegaram à conclusão que era impossível qualquer ação direta de resgate. Após várias discussões sobre o assunto, surgiu a idéia de um militante da “Frente das Camadas Médias”, Zé Roberto, de que o seqüestro do embaixador americano e sua “troca” por Vladimir e outros prisioneiros políticos seria a ação que faltava para dar impulso à luta do povo contra a ditadura.

Foi assim que militantes da Frente de Trabalho Armado (FTA), aliados a alguns integrantes da Aliança Libertadora Nacional (ALN), liderada por Carlos Marighella), um ou outro integrante do já quase extinto Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e outras “organizações” de menor importância, começaram a planejar o seqüestro do embaixador do Estados Unidos da América no Brasil, o Sr. Charles Burke Elbrick, exatamente na “Semana da Pátria” para obter um imenso impacto propagandístico, em 4 de setembro de 1969.

*Por justiça à verdade é importante assinalar que o mais famoso líder estudantil mundial surgiu no início de 1968, quando a Universidade de Nanterre, na França, proibiu a entrada de rapazes nos dormitórios das garotas. Em represália, um grupo de alunos liderados por Daniel Cohn-Bendit, 23 anos, um bolsista alemão de origem judaica, invadiu a secretaria da escola. O governo declarou **Dany Le Rouge**, o “vermelho”- como ele era chamado pela cor de seus cabelos - indesejável e ameaçou com sua expulsão do país.. Foi o início de uma onda de protestos que em maio tomou conta da França e quase derrubou De Gaulle do poder. Os estudantes saíram para as ruas, com apoio de grande parte da população, de setores do movimento operário e de inúmeras categorias profissionais. Os choques com a polícia foram se tornando cada vez mais violentos. Nas noites de 10 e 24 de maio os enfrentamentos puseram fogo no Quartier Latin.

Contrariando as expectativas dos seqüestradores de que os mais fabulosos equipamentos bélicos do FBI, CIA e agências nacionais de segurança deveriam dar cobertura ao embaixador, o seqüestro aconteceu de forma tranqüila e sem nenhuma violência (a não ser uma inútil coronhada dada por Cirilo de Oliveira na testa do embaixador para intimidá-lo).

O Brasil vivia um momento conturbado com a súbita e até hoje não muito bem esclarecida doença vascular cerebral do Presidente Costa e Silva e a assunção do Governo por uma Junta Militar composta pelo General Lira Tavares, Almirante Rademaker Grunewald e o Brigadeiro Márcio de Sousa e Melo que, pressionados pelo governo norte-americano, cede às exigências dos seqüestradores de que seja lida, em cadeia de rádio e televisão, uma manifesto escrito por Franklin Martins (membro do grupo seqüestrador), comunicando o seqüestro do embaixador e algumas palavras de ordem contra o Regime Militar, além da libertação de 15 prisioneiros políticos, que seriam levados para o México que lhes daria asilo político [Berquó⁷, (1997)].

Além do seqüestro do embaixador americano, no início da década de 70 seriam seqüestrados também o cônsul do Japão em São Paulo, Nobuo Okuchi, e os embaixadores da Alemanha, Ehrenfried von Holleben, e da Suíça, Giovanni Bücher, todos eles “trocados” por 110 prisioneiros políticos (SIRKIS, 1998) ¹³⁶.

Por outro lado, grupos militares e para-militares considerados “**de direita**”*, aliados ao Regime Militar cometeram, também, uma série de assassinatos, atentados e o último seqüestro político que se tem notícia, que foi o do bispo de Nova Iguaçu,

*Denominação surgida na Assembléia Constituinte Francesa de 1789, quando os deputados se dividiram em dois grupos: colocaram-se à **direita** aqueles que eram favoráveis ao Rei e, portanto partidários da ordem, da autoridade e da tradição, enquanto à **esquerda** ficaram os inovadores, progressistas e liberais [segundo SOUSA, GARCIA & CARVALHO ¹³⁸, (1998)]

Dom Adriano Hipólito, em 22 de setembro de 1976 praticado pelo grupo auto-denominado “Movimento Anti-Comunista Brasileiro”, que seqüestrou o bispo na saída da Cúria Diocesana, tiraram sua batina, deixando-o totalmente nu, borrifaram seu corpo inteiro com uma tinta vermelha e o abandonaram, amarrado por cordas, pouco tempo depois, na calçada de uma rua no bairro de Jacarepaguá, local bastante distante de Nova Iguaçu, conforme denuncia, juntamente com diversos crimes contra padres e índios, um “Comunicado Pastoral” da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (**CNBB**), em outubro de 1976 ²² sendo este, talvez, o primeiro “seqüestro-relâmpago” que se registrou no Brasil.

Com o fim do seqüestro do embaixador da Suíça e a retirada do cenário nacional dos chamados “grupos terroristas”, terminou o que historicamente convencionou-se chamar “a primeira fase dos seqüestros no Brasil”.

Na década de 80, influenciados e/ou comandados por ex-guerrilheiros políticos do “Cone Sul” (Argentina, Uruguai e, principalmente, Chile) refugiados no Brasil, começou a fase dos seqüestros de grandes banqueiros e empresários, em que elevadas quantias foram obtidas como resgate. Fazem parte desta fase o seqüestro, em 1983, do banqueiro Antonio Beltran Martinez (Vice-Presidente do Bradesco – US\$ 4 milhões pagos de resgate após 41 dias de cativeiro), e dos publicitários Luís Salles (presidente da Salles interamericana de Publicidade – US\$ 2,5 milhões de resgate após 65 dias de cativeiro), e Geraldo Alonso Filho (dono da Norton do Brasil – US\$ 3 milhões pagos de resgate) ambos em 1989. Em dezembro de 1989, o empresário Abílio Diniz é seqüestrado por indivíduos que integravam o Movimento de Izquierda Revolucionário (**MIR**) do Chile e Frentes Populares de Libertação de El Salvador (**FPLS**), não se tendo com absoluta certeza se o dinheiro arrecadado com

estes seqüestros visavam mesmo financiar a guerrilha na América Latina ou por motivos meramente extorsivos: o dinheiro pelo dinheiro!

Em 1990 foi seqüestrado, no Rio de Janeiro, o publicitário Roberto Medina, por quem foram pagos US\$ 2,5 milhões de resgate para sua libertação.

Um dos mais longos casos de sequestro ocorrido no Brasil foi do jornalista Ivandel Machado Godinho Júnior, 55 anos, diretor da Assessoria de Imprensa In Press. Ivandel foi seqüestrado no dia 22 de outubro de 2003 e, ainda, de acordo com a polícia, baseada em depoimentos de elementos envolvidos com este crime, assassinado a coronhadas 72 horas depois porque tentara fugir do cativeiro. Todas as tentativas de esclarecimento deste episódio resultaram infrutíferas e, até hoje, no momento da impressão desta tese, o caso é considerado “em aberto” na Divisão Anti-Sequestro (**DAS**) de São Paulo.

No dia 11 de dezembro de 2001, 13 anos depois do caso Diniz, a história se repete com o seqüestro do publicitário Washington Olivetto por outro grupo político de esquerda, a Frente Patriótica Manuel Rodriguez (**FPMR**), antigo braço armado do Partido Comunista do Chile, que o manteve 53 dias trancado em um cubículo de três metros por um, no bairro do Brooklin, em São Paulo, exigindo US\$ 100 mil como resgate*.

O desfecho do sequestro do publicitário Washington Olivetto jogou um facho de luz num suposto segredo que setores da polícia vinham mantendo há mais de uma década: o Brasil abriga uma rede clandestina de apoio às organizações guerrilheiras internacionais que se utilizam de seqüestros, assaltos a banco e tráfico de drogas como meio de sobrevivência. A estrutura do grupo está centralizada atualmente em

*Os detalhes que descrevem com minuciosidade o seqüestro de Washington Olivetto são narrados no livro “**Na Toca dos Leões**”, de Fernando Morais⁹³

Buenos Aires, na Argentina, mas com ramificações em vários Estados, entre as quais, as mais fortes estão no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. O objetivo dessas organizações no Brasil é o sequestro, e o alvo são personalidades que possam render alguns milhões de dólares por operação. Os executores das ações são ativistas de esquerda, recrutados na América Latina e Europa.

Estas observações são resultado de uma reportagem investigativa do jornalista Vasconcelo QUADROS, da **Revista IstoÉ** que, embora não tenha recebido maior interesse público das Autoridades Policiais, denuncia uma operação internacional chamada “Operação Condor Vermelho”. Diz, ainda, QUADROS¹¹⁴ (2002):

Um organograma em poder das polícias estadual e Federal demonstra que as organizações se alimentaram de informações repassadas por ativistas infiltrados em entidades não governamentais estrangeiras com sede no Brasil para realizar seqüestros. Junto com uma lista de 12 entidades chilenas, estão cerca de 60 nomes, entre estrangeiros e brasileiros, que teriam algum vínculo com os grupos que agiram nos seqüestros do banqueiro Antônio Beltran Martinez (1986), do publicitário Luís Sales (1989), do empresário Abílio Diniz (1989), do publicitário Geraldo Alonso (1993), do banqueiro Ezequiel Nasser (1995) e, por fim, de Washington Olivetto (2001)

Temos assistido diariamente pelos noticiários, uma onda crescente de delitos desta natureza, talvez não tão cinematográficos por conta da fama e fortuna de seus protagonistas, mas, agora, atingindo gente simples e pobre, muitas vezes obrigada a vender às pressas um velho carro para pagar o resgate de um filho ou uma filha ainda criança, nas mãos de seqüestradores que, se reconhecidos, não hesitam em matar suas vítimas, como no tristemente famoso caso do menino Yves Ota, oito anos, morto em

29 de agosto de 1997, provavelmente por reconhecer um dos seqüestradores, o ex-segurança da loja de seu pai, que, por ironia do destino, teve seu filho também seqüestrado logo depois.

Mas, embora se comente que os seqüestros brasileiros tenham origem na “contaminação” de prisioneiros políticos do Regime Militar e criminosos comuns mantidos cativos nas mesmas celas, segundo dados da Polícia Civil do Estado de São Paulo, a “onda” de seqüestros com fins meramente extorsivos, começou no Brasil no final dos anos 70, quando o argentino Alberto Gavanise, membro do Grupo Armado **Montoneros**, responsável por diversos seqüestros e assassinatos na Argentina, devido à severa e violenta repressão sofrida naquele país, foge, com alguns companheiros para o Brasil.

Nos anos 80, Galvanise, aliando-se a alguns argentinos e outros brasileiros, se torna um criminoso comum, cometendo uma série de crimes de seqüestro. Em 1983, ele é preso e condenado a 25 anos de prisão.

Em um presídio, no Paraná, Galvanise conhece Pedro Ciechanovicz e Altair Rocha da Silva (conhecido como “Pica-Pau”) e lhes ensina técnicas de seqüestro aprendidas na Argentina.

A este grupo, juntam-se Célio Marcelo da Silva (conhecido como “Bin Laden”) e André Luiz Gomes (o “Barba”).

Este grupo realiza uma série de seqüestros, inclusive o do empresário Girz Aronson, que permanece 17 dias no cativeiro.

Célio, o “Bin Laden”, com uma extensa ficha criminal que inclui seqüestros e assassinatos é preso e encarcerado no “Complexo Carandiru”, de onde foge, através de um túnel (em um caso famoso, que ficou conhecido pela imprensa porque o túnel

desabou, matando 8 fugitivos) e se une a André Luiz Ramos (o “Barba”), libertado por indulto humanitário por ser portador de AIDS. Ambos são considerados bandidos de alta periculosidade e já foram recapturados pela Polícia, sendo mantidos em “Presídios de Segurança Máxima”.

Em 2004, ambos lideram uma quadrilha que ficou mundialmente conhecida por seqüestrar mães de jogadores de futebol.

D. Marina, mãe do jogador **Robinho**, foi a primeira a ser seqüestrada, sendo libertada após 41 dias de cativeiro, onde sofreu grandes humilhações e verdadeira tortura, mediante o pagamento de resgate e devido sua saúde frágil. É fato conhecido que este episódio, precipitou a ida de Robinho para a Espanha, levando sua mãe consigo.

Além de outros 14 seqüestros, este bando também foi responsável pelo seqüestro de D. Ilma, mãe do jogador **Grafite**, libertada pela polícia, de D. Sandra (mãe de **Luiz Fabiano**) que ficou 63 dias no cativeiro, D. Inês (mãe de **Rogério** do Sporting de Lisboa) e D. Alice (mãe do jogador **Marinho**), libertada mediante pagamento de resgate 25 dias depois de ficar em cativeiro.

Estes fatos, que em nada contribuíram para a imagem do Brasil no Exterior, mereceram grande destaque da imprensa estrangeira, sendo nossa Equipe do IPq, o **GORIP** (Grupo Operativo de Resgate da Integridade Psíquica), convidada a dar depoimentos tanto para a BBC de Londres, quanto para a TV-1 da França, incluídos em programas especiais destas emissoras sobre o seqüestro no Brasil.

Dentro deste perfil de seqüestrados cabe citar Edevair Faria, pai do jogador **Romário**, seqüestrado em 4/5/1994, ficando 6 dias em cativeiro e sendo exigido o resgate de 7 milhões de reais, que não foram pagos, devido ao “estouro do cativeiro” pela Polícia.

Ganhou, também, grande notoriedade e destaque na imprensa o seqüestro de Patrícia Abravanel, filha de Silvio Santos, em agosto de 2001 e o seqüestro domiciliar do próprio Silvio Santos, durante cerca de 7 horas, enquanto se negociava o destino de seu seqüestrador, Fernando Dutra Pinto que morreu na prisão em circunstâncias, no mínimo suspeitas, segundo AWAD³. A própria irmã do apresentador e empresário Silvio Santos, Sarah Benvinda Soares, seqüestrada no Rio de Janeiro, em maio de 1992, que ficou 15 horas amarrada e encapuzada dentro do porta-malas de um carro sendo resgatada pela polícia e os seus seqüestradores presos.

Fazem, ainda, parte desta “galeria de famosos” seqüestrados, Wagner Canhedo Filho, filho do dono da Vasp Wagner Canhedo, seqüestrado em Brasília, em 1991 e, também, Wellington Camargo, irmão dos cantores sertanejos Zezé Di Camargo e Luciano, que foi seqüestrado no final de 1998, em Goiânia, permanecendo 3 meses em cativeiro e teve parte de sua orelha decepada e mandada para a família, como prova de que ainda estava vivo. A família pagou US\$ 300 mil e o rapaz foi libertado. Em seguida, todos os seqüestradores foram presos, descobrindo-se que havia envolvimento de familiares na quadrilha.

E, para encerrar esta pequena amostra do “show de horrores” que cerca o delito de seqüestro, cito o caso de um empresário carioca que, anos depois de sofrer 2 seqüestros seguidos e passar a ter “comportamentos estranhos e dificuldades para se firmar nos negócios”, segundo notícias de jornal, veio a cometer os crimes brutais de triplo homicídio, assassinando com tiros de escopeta sua esposa, suas 2 filhas adolescentes e se suicidando a seguir no banheiro da cobertura alugada em que moravam na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, em 2003.

Estes são apenas alguns poucos casos que se tornaram famosos pela repercussão que tiveram através da “mídia” e que expressam as dezenas de casos de seqüestros com cativo e outra dezenas (ou milhares) de casos de seqüestro relâmpago que nem chegam a ser relatados à Polícia.

Cabe salientar que, quando alguém é seqüestrado, famoso ou desconhecido, toda uma família é também seqüestrada, pois todos vivem o drama, a angústia e a insegurança do desfecho do caso.

No livro “Radiografia do Seqüestro”, o agora Coronel PM Wanderley Mascarenhas de SOUZA¹³⁹ relata algumas poucas destas histórias que ouvimos diariamente em nosso ambulatório de pacientes vítimas de seqüestro do Serviço de Psicoterapia do Ipq.

Gioconda BORDON¹¹, jornalista, ela mesma vítima secundária deste delito, pois teve em março de 2002, 3 sobrinhos mantidos 53 dias em cativo, escreveu com o bacharel em Direito e Investigador de Polícia Henry Lee, o livro “A Vida Negociada”, em que relata os horrores destas experiências vividas por seqüestrados e seus familiares.

Um livro bastante interessante é “Seqüestro e Stress” do psiquiatra Irineu César Silveira dos REIS¹¹⁷, em 1997, em que ele próprio, vítima de um “seqüestro relâmpago”, faz uma descrição detalhada dos acontecimentos de que foi vítima e a descrição dos fenômenos psico-biológicos que acompanharam o evento.

Portanto, seqüestro é um delito de efeitos devastadores, já considerado legalmente um Crime Hediondo*. É um crime sinistro, pavoroso, abominável,

* Crimes Hediondo – Lei-008.072-1990

O adjetivo hediondo deriva do latim *hoedus* (bode), vale dizer, em sentido figurado, fétido, malcheiroso. O Dicionário HOUAISS⁵⁶ atribui ao verbete “hediondo” as seguintes significações: que apresenta deformidade; que causa horror; repulsivo, horrível, que provoca reação de grande indignação moral; ignóbil, pavoroso, repulsivo, sórdido, depravado, imundo, que exala odor nauseabundo; fedorento, fétido.

Tais crimes não dão direito a anistia, graça, indulto, fiança ou liberdade provisória, sendo a pena cumprida, integralmente, em regime fechado.

execrável, em que a vítima é tratada com requintes de perversidade e crueldade. A vivência do seqüestrado e do “em torno”, conforme depoimentos colhidos pessoalmente pelo pesquisador, refletem o estado aflitivo vivido por pessoas envolvidas em conflitos como a guerra, o que o próprio pesquisador pode observar em seu estágio como médico-psiquiatra convocado pelo Exército Brasileiro em 1982, período em que prestou o Serviço Militar Médico no Hospital Geral do Exército de São Paulo (HGEsp), entrevistando ex-pracinhas que estiveram em combate, pela Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Itália, em 1945. A grande diferença notada entre aqueles que apresentam seqüelas devido à Guerra e as vítimas da violência urbana é que, para os primeiros, embora ainda persistam sintomas que os atormentam no cotidiano, há a consciência de que a Guerra acabou e para as vítimas da violência urbana permanece sempre presente a idéia de “isto pode acontecer outra vez”, o que torna o nível de tensão muito mais presente no dia-a-dia, dificultando seu tratamento.

São tantos e variados os casos narrados diariamente na imprensa escrita, falada e televisionada que até um episódio do seriado “Os Simpsons”, ambientado no Rio de Janeiro, mostrou o seqüestro de Homer Simpson, o chefe-da-família, por um taxista. Tal episódio foi bastante condenado pelo governo brasileiro, mas mostra a triste realidade em que vivemos e deixamos transparecer para o exterior (**Folha de São Paulo**, dezembro de 2002).

Neste clima de temor, quem é rico no Brasil está com muito medo e se protege com poderosos arsenais. Empresários e artistas famosos passaram a pagar por seguranças privados e a adotar medidas como “carros blindados”*, condomínios com muros altos e cercados por sistemas elétricos e circuito de TV por toda parte, alarmes com sensor infra-vermelhos, dispositivos via satélite para localização de

*O Brasil é o maior consumidor de carros blindados do mundo, superando em muito os Estados Unidos, México e Colômbia.

veículos e, até, o desenvolvimento de “chips” para implantação subcutânea para rastrear a possível vítima.

Assim, a população brasileira, que já é vítima de tantos descasos e abusos das mais variadas ordens, vive o seu cotidiano quase aterrorizada por tamanha **Violência Pública**, que, independe de questões étnicas, políticas, ideológicas, religiosas ou militares, tornando, portanto qualquer um de nós, cidadãos comuns, levados a deparar com tipos singulares desta modalidade delitiva.

1.2.3 Tipos de Seqüestro

- a. **Seqüestro Com Cativoiro**: ato pelo qual, ilicitamente, priva-se uma pessoa de sua liberdade, mantendo-a em local de onde não possa sair livremente e é exigido um resgate em dinheiro à família da vítima para a sua libertação.
- b. **Seqüestro-relâmpago**: nome pelo qual ficou conhecida a prática de assalto à mão armada, no qual a vítima permanece em poder dos assaltantes por um período de tempo variável, enquanto se praticam furtos em caixas bancários automáticos e freqüentemente violências físicas contra a vítima, inclusive estupro. Tal crime ainda é especificado no Código Penal como “roubo qualificado”, mas há um movimento no **Congresso Nacional** para que esta especificação seja revista e alguns casos já têm sido julgados com maior severidade.
- c. **Seqüestro domiciliar**: delito no qual a vítima e comumente outros familiares permanecem em poder de um bando de criminosos em sua própria residência, durante um período grande de tempo, no qual são cometidas várias violências físicas, roubos e ameaças intempestivas de morte.

À medida que os ricos se protegem, a bandidagem se voltou para a classe média, homens, mulheres e jovens comuns, desavisados, tomados à luz do dia e levados para sacar dinheiro em caixas eletrônicos de bancos. É um crime mais barato, que não exige grandes planejamentos e que atrai também criminosos menos especializados – esse, aliás, é um dos principais perigos dos “seqüestros-relâmpago”: o nervosismo, inexperiência e uso de “drogas de rua” de bandidos novatos. Como explica um Coronel da Policial Militar do Rio de Janeiro, citado por Ana Beatriz Magno⁷⁷:

“Bandido não é bobo. Eles perceberam que é melhor roubar o pouco, porém desprotegido dinheiro da classe média do que enfrentar a sanha da polícia, seguranças particulares e ainda correr o risco de não ver a cor do dinheiro dos ricos e serem caçados por policiais especialmente treinados.”

1.2.4 O Sequestro Relâmpago

Levantamento do Ministério Público de São Paulo, com dados de janeiro de 2004 a novembro de 2005, revela que o projeto anunciado pelo governo do Estado de São Paulo e pelo próprio Ministério Público de tratar os seqüestros relâmpagos com o mesmo rigor do seqüestro tradicional não chegou a apresentar os resultados esperados, até agora.

Na prática, o que ocorreu foi a simples inclusão do seqüestro relâmpago -no qual a vítima é obrigada a fornecer senhas, sacar dinheiro ou fazer compras- entre os boletins de ocorrência pelo crime de extorsão mediante seqüestro -aplicado para casos com cativo e pedido de resgate-, sem que isso se traduzisse na responsabilização correspondente dos criminosos na Justiça.

A polícia afirma que a tipificação dos seqüestros relâmpagos como extorsão mediante seqüestro serve apenas para embasar estatísticas, e que os casos são investigados da forma anterior, em inquéritos de roubo. Isso porque o Código Penal prevê que a extorsão mediante seqüestro tenha uma terceira pessoa, alvo da extorsão.

O promotor Paulo Penteado, assessor da Procuradoria Geral de Justiça, que fez as primeiras denúncias de autores de seqüestrado relâmpago condenados por extorsão mediante seqüestro, discorda e diz que o Código Penal permite outra interpretação. *"Se o criminoso, após roubar, ainda exigir da vítima algo em troca de sua liberdade, é extorsão mediante seqüestro. Não é necessária uma terceira pessoa."*(Comunicação Pessoal).

Com a tipificação apenas de roubo, o autor de seqüestro relâmpago pode receber uma pena de 5 a 15 anos de prisão. Pela soma dos crimes de roubo e extorsão mediante seqüestro, essa pena fica entre 20 e 45 anos. Além disso, a extorsão mediante seqüestro é considerada crime hediondo -o preso perde benefícios e aumenta o rigor no cumprimento da pena.

Desde agosto de 2004, os seqüestros relâmpagos estão sendo registrados em distritos policiais de São Paulo como "roubo" acrescido de "extorsão mediante seqüestro". Essa última tipificação era aplicada somente para seqüestros tradicionais (com cativo). Os seqüestros relâmpagos eram registrados como roubo.

A mudança causou um grande aumento de BOs sobre "extorsão mediante seqüestro", mas o número de inquéritos policiais e de denúncias à Justiça de criminosos por esse tipo de delito não acompanhou esse crescimento.

Segundo levantamento da Procuradoria Geral de Justiça, que usou dados do Infocrim (base informatizada de ocorrências policiais), foram 1.704 boletins de extorsão mediante seqüestro -inclui o tradicional e o relâmpago- de janeiro de 2004 até o mês de dezembro de 2005, na capital paulista. Informações do banco de dados da Promotoria mostram, nesse mesmo período, que foram abertos apenas 127 inquéritos policiais (7%) e houve 235 (14%) denúncias de criminosos à Justiça pelo crime de extorsão mediante seqüestro.

As mudanças no tratamento do seqüestro relâmpago foram regulamentadas em 2004 por duas recomendações, uma da Procuradoria Geral de Justiça e outra da Delegacia Geral de Polícia. O objetivo era aumentar as penas e inibir a ação dos bandidos.

Em abril de 2004, a Procuradoria recomendou que os promotores denunciassem os autores de seqüestro relâmpago em roubo e extorsão mediante seqüestro. Também abriu um procedimento para apurar por que a polícia não tinha dados específicos.

Em agosto, a pedido do governador, foi a vez de o comando da polícia recomendar aos delegados que também tipificassem os dois crimes no BO. Na época, a medida convenceu a Procuradoria, que arquivou a investigação.

Os números mostram, no entanto, que não houve sintonia entre o trabalho da polícia e do Ministério Público. A Procuradoria afirma que fez a sua parte e que a recomendação está sendo seguida. Mas também diz que apresentou as denúncias conforme os inquéritos concluídos pela polícia. *"Não adianta a polícia só registrar o boletim de ocorrência como extorsão mediante seqüestro e não investigar"*, afirmou a promotora Tatiana Bicudo, coordenadora da Assessoria de Gestão de Informação da Procuradoria.

Segundo Tatiana, o Ministério Público depende das provas coletadas pela polícia. *"O número de inquéritos e o de denúncias não difere muito, o que mostra que os promotores atuam sobre os crimes realmente investigados."*

Números da Polícia Civil confirmam por que o seqüestro relâmpago foi um dos crimes que mais assustou os paulistanos em 2005. De janeiro a dezembro, foram registrados cerca de 1.260 casos na cidade de São Paulo, uma média de 105 por mês, dados disponíveis no site: http://www.seguranca.sp.gov.br/estatisticas/_portrimestre.aspx.

A Secretaria da Segurança Pública diz não ter dados completos dos seqüestros relâmpagos em 2004 para fazer a comparação com os registros do ano passado. Mas afirma que o crime -no qual a vítima é obrigada a sacar dinheiro ou fornecer senhas bancárias- apresentou queda a partir do quarto trimestre de 2005.

De outubro a dezembro do ano passado (2005), a média caiu para 87 seqüestros relâmpagos por mês, 23% a menos do que no mesmo período de 2004, segundo a secretaria. Nos últimos três meses daquele ano, a taxa ficou em 113 casos a cada 30 dias.

Levantamento publicado pelo jornal "A Folha de São Paulo"⁶³, no ano passado, com dados até o começo de julho, mostrou que 58% dos casos ocorreram na zona oeste de São Paulo, região que concentra bares e restaurantes e tem uma vida noturna agitada. A maioria dos crimes aconteceu no início da noite.

Segundo comunicação pessoal do Delegado Wagner Giudice (Diretor Geral da Divisão Anti-Seqüestro - DAS), relatada no **II Fórum sobre Gerenciamento de Crise Em Segurança Empresarial**, realizado em São Paulo a 16 de maio de 2006, a DAS já está cuidando, desde o começo deste ano de 2006, das investigações relativas aos chamados "seqüestros-relâmpago".

Neste mesmo FÓRUM, o Diretor da DAS apresentou estatísticas recentes sobre os seqüestros com cativo (qualificados como “extorsão mediante seqüestro”) registrados em sua Divisão, no Estado de São Paulo. Segundo suas informações, os dados mais recentes apresentados são:

- Em 2001: 307 seqüestros
 - Em 2002: 321 seqüestros
 - Em 2003: 118 seqüestros
 - Em 2004: 112 seqüestros
 - Em 2005 : 132 seqüestros.
- O Perfil das vítimas segue este padrão:
- 48% Homens
 - 32% Mulheres
 - 12% Adolescentes
 - 8% Crianças

E os comparou com os dados colhidos na Colômbia, cuja **fonte de informações é a Presidência da República da Colômbia** e onde, ressalte-se, ainda há um grande número de seqüestros devidos a questões políticas:

Afirmou, ainda, que o retorno de vítimas, após o seqüestro, obedece aos seguintes índices:

- 90,60% = “intactas”
- 8,00% = feridas
- 0,80 % = “mutiladas” (principalmente dedos e orelha)
- 0,60 % = mortas

A polícia passou a organizar as estatísticas de seqüestro relâmpago na capital a partir de meados de 2004. Foi naquele ano que o crime se banalizou.

A contabilização dos casos ocorreu depois que o Ministério Público abriu procedimento para investigar por que a secretaria não divulgava estatísticas específicas, apesar do aumento dos registros.

Desde o segundo semestre de 1995, o governo divulga trimestralmente estatísticas criminais. A Promotoria queria que os seqüestros relâmpagos - registrados nos boletins de ocorrência anteriormente como roubo- fossem incluídos nessas estatísticas.

Em agosto de 2004, a Delegacia Geral de Polícia publicou recomendação que esses casos fossem registrados nos distritos policiais como roubo/extorsão mediante seqüestro (essa última tipificação é usada para o seqüestro tradicional, com cativo e pedido de resgate à família da vítima).

A palavra seqüestro relâmpago também teria de ser incluída no histórico do boletim de ocorrência para possibilitar uma busca eletrônica.

O Ministério Público afirma que a intenção é tratar o seqüestro relâmpago com o mesmo rigor do seqüestro tradicional, o que não aconteceu, via de regra, até

agora, com exceção de 2 ou 3 casos em que foram aplicadas penas mais severas a estes criminosos.

A Promotoria queria que os delegados indiciassem (acusação formal) os suspeitos de seqüestro relâmpago por extorsão mediante seqüestro, em vez de roubo, o que aumentaria a pena.

De janeiro a novembro de 2005, apenas 14% dos registros policiais de extorsão mediante seqüestro resultaram em denúncia dos criminosos à Justiça por esse mesmo crime -os autores de seqüestros relâmpago continuaram sendo indiciados pela polícia por roubo.

O governo paulista afirma que essa alteração exige modificação do Código Penal.

Uma proposta de modificação já foi apresentada, como no já citado Projeto de Lei ao Congresso Nacional pelos Deputados Luis Antonio Fleury Filho e Zulaiê Cobra , com adendos de outros deputados (ANEXO L) e ainda tramita lentamente no convulsionado Congresso envolto neste ano de 2006 em inúmeras crises internas que envolvem vários de seus membros em processos relacionados com o “uso indevido do dinheiro público”.

A banalização deste crime, depois de passar pela frequência assustadora dos seqüestros-relâmpago que ocorre diariamente no Rio de Janeiro e em São Paulo (já sendo registrados diversos casos semelhantes em Recife, Florianópolis, Curitiba, Londrina, Caxias do Sul e inúmeras cidades do Brasil inteiro) atingiu tal ousadia que chegou-se ao ponto de pedir um resgate ANTES que o seqüestro seja feito e até “falsos seqüestros” em que uma pessoa da família da suposta vítima recebe telefonemas ameaçadores como se houvesse de fato o sequestro, enquanto os

bandidos mantém formas de impedir a comunicação entre a suposta vítima e seus familiares.

Outras formas semelhantes de delito têm sido motivo de preocupação de autoridades e do nosso Serviço de atendimento de vítimas de seqüestro no IPq-HC (**GORIP**) como, por exemplo, o seqüestro de gerentes de banco e de suas famílias para facilitar a abertura do cofre, o seqüestro de gerentes de joalherias, com o mesmo fim, seqüestro de motoristas de “carro-forte”, funcionários de condomínios, etc.

A mais nova forma de seqüestro relâmpago que tem acontecido é receber telefonemas “a cobrar” de pessoas se identificando como policial militar ou bombeiro (soldado “a”, cabo “b” ou sargento “c”) que ligam aos celulares ou às residências previamente escolhidas e dizem que um grave acidente automobilístico aconteceu no local “x” ou “y”, envolvendo uma pessoa que tinha este telefone registrado em sua agenda como sendo “de casa”. Como a vítima do golpe fica desesperada, começa a fornecer mais dados aos golpistas, que vão aumentando a proporção do acidente ocorrido, e no auge do desespero da vítima, dizem que pelo fato de serem policiais militares precisam desligar o telefone e que não sabem para qual hospital está sendo levado o acidentado, mas que poderão fazer a gentileza de esperá-la no local do acidente, mas sem a viatura, sob pena de serem punidos pela corporação para fornecer tais informações. Obviamente quando a pessoa chega ao local é assaltada ou seqüestrada.

O clima de tensão existente já é suficientemente grande e já perdura tanto tempo, a ponto de surgirem manuais e livros (SOUZA¹⁴⁰, 1996; BORGES¹² (1997); BERQUÓ⁷ (1997); BRASILIANO & RAPOSO¹⁴, 1997; TINELLO¹⁴⁵, 2003; MARKUS⁸¹, 2004; SANTOS¹²⁶, 2004) que contém informações e instruções para evitar ser vítima destes crimes e como se comportar no caso de ser seqüestrado.

A tabela abaixo mostra uma parte do que a imprensa noticiou sobre seqüestros no Brasil:

Principais seqüestros no Brasil (DUARTE³⁰)

Seqüestrado	Atividade	Ano	Tempo de cativeiro
Abílio Diniz	dono do grupo Pão-de-Açúcar	1989	7 dias
Ana Carolina Gouveia	estudante	1993	82 dias
Antônio Beltran Martinez	ex vice-presidente do Bradesco	1986	41 dias
Antônio Peralta	ex-dono dos supermercados Peralta	1998	42 dias
Décio Ribeiro	empresário e fazendeiro	1993	76 dias
Ezequiel Nasser	dono do banco Excel	1994	75 dias
Fausto da Silva Montenegro	dono de transportadora	1993	191 dias
Geraldo Alonso Filho	publicitário	1992	36 dias
Gilberto Bernardini	comerciante	1990	5 dias
Girz Aronso	dono da rede G. Aronso	1998	14 dias
Hilton Raposa da Rocha	fazendeiro	1996	69 dias
João Bertin	Fazendeiro e exportador de carne	2002	155 dias
José Raitemberg	genro do dono da Tapeçarias Líder	1995	102 dias
José Zeno	aposentado	1995	123 dias
Luiz Sales	publicitário	1989	65 dias
Nelson Perez	sócio de fabricante de frigoríficos	1995	75 dias
Patrícia Abravanel	filha de Silvio Santos	2001	7 dias
Roberto Benito Jr.	dono das lojas Cem	2001	120 dias
Roberto Medina	publicitário	1990	16 dias
Silvio Santos	dono do SBT	2001	7 horas
Washington Olivetto	publicitário	2001	54 dias
Wellington José de Camargo	irmão de Zezé di Camargo e Luciano	1998	95 dias

Por fim, cabe assinalar que, no Brasil, se, por um lado tramita lentamente no Congresso Nacional o Projeto de Lei, dos Deputados Luiz Antônio Fleury e Zulaiê Cobra Ribeiro propondo uma maior severidade na punição de bandidos que efetuam “sequestros-relâmpago” e, por outro, uma proposta governamental para reduzir a “progressão de pena” para os chamados “crimes hediondos”, observa-se que, na Colômbia, o Congresso Nacional de La República de Colômbia, aprovou a lei 986, em agosto de 2005, por meio da qual se adotam medidas de proteção às vítimas de seqüestro e suas famílias.

Ainda assim, ressalto, se por aqui ainda nos preocupamos a favor ou contra os bandidos, esquecendo-nos das vítimas, o mundo já volta seus olhos para os verdadeiros protagonistas desta desordem social em que estamos vivendo.

2 OBJETIVOS

O projeto visa testar as seguintes hipóteses:

1. As vítimas de seqüestro apresentam um tipo de transtorno psíquico compatível com o diagnóstico de Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT).
2. Este transtorno leva a prejuízos das funções psíquicas, possui um efeito devastador e que permanece por longo período, a ponto de incapacitar o indivíduo para suas atividades do cotidiano, notadamente ao trabalho e lazer.
3. Assinalar as diferenças, se houver, entre o transtorno de estresse causado após o trauma de seqüestro com cativo e o trauma do chamado “seqüestro relâmpago”.
4. Verificar se há diferenças significativas entre homens e mulheres vítimas destes delitos.

Portanto, este projeto tem o objetivo de estudar a população brasileira (representada aqui pelos habitantes da cidade de São Paulo e seus arredores, em sua complexa heterogeneidade) vítima de seqüestro (tanto do chamado “seqüestro relâmpago” quanto o “seqüestro com cativo”), mensurando a magnitude do trauma, distinguindo entre uma e outra modalidade de seqüestro (uma vez que ambos são distintos em sua qualificação jurídica) e correlacionando sua ocorrência com o desencadeamento de um quadro de **Transtorno do Estresse Pós-Traumático**.

As observações colhidas apontam para a hipótese de ser de tal magnitude o trauma do cerceamento de liberdade em cidadãos comuns em que as “marcas” psíquicas deixadas pelo incidente atingem profundidade comparável à grandes eventos traumáticos como a Guerra, por exemplo, chegando a uma magnitude muito elevada na escala de traumas que potencialmente causam um distúrbio de ansiedade chamado de **Transtorno de Estresse Pós-Traumático**.

3 TRANSTORNO DO ESTRESSE PÓS- TRAUMÁTICO (TEPT)

3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

Neste capítulo, serão discutidos, inicialmente, 2 conceitos que despertam acalorada discussão toda vez que são abordados: **ESTRESSE** e **TRAUMA**.

Em 1936, Hans Selye, médico endocrinologista e pesquisador austríaco, radicado em Montreal, no Canadá, empregou pela primeira vez, como termo médico, a palavra inglesa *stress* para caracterizar qualquer agente ou estímulo, nocivo ou benéfico, capaz de desencadear no organismo mecanismos neuroendócrinos de adaptação (SCHOTT, 1993)¹³¹.

O termo foi originalmente utilizado na **física** para traduzir o grau de deformidade sofrido por um material quando submetido a um esforço ou tensão.

Etimologicamente falando, este termo *stress* apresenta diversas interpretações, desde o latim *strictus* que tem o significado de “puxado para um lado e para o outro”, passando pelo francês antigo *estresse*, que significa estreitamento, aperto e a palavra *destress* (também proveniente do francês antigo) que significa angústia, preocupação.

Em português tem sido proposta a tradução de stress por **estrição** (ou **estricção**), palavra que já existia antes da descrição da síndrome por Selye. Esta palavra provém do latim **strictus**, que significa estreito, apertado. Na oitava edição

do Dicionário de Termos Médicos, de Pedro PINTO¹⁰⁹, publicado em 1962, aparece o verbete **estrição** com a seguinte explicação:

*“**Estrição**: Pressão interna ou externa, que influi nas modificações das síndromes de adaptação. A esse conceito que é do médico europeu de vida no Canadá, Hans Selye, chama ele, em inglês, **stress**, pressão, aperto, arrocho. Tem o grego, com este sentido, **entasis** que, à princípio, traduzia-se por **entase**, neologismo que foi abandonado por ter outro emprego a que Tales Martins sugeriu **estrição**, do latim **stringo**, semelhante a **stress**, voz do mesmo tema e com ela parecida.”*

Deixando de lado toda esta discussão semântica, os principais dicionários da Língua Portuguesa, falada no Brasil, o **HOUAISS**⁵⁶ quanto o **AURÉLIO**³⁵ dão preferência à palavra aportuguesada **ESTRESSE**, definindo-a como:

*“Substantivo masculino. Med. Conjunto de reações do organismo a agressões de ordem física, psíquica, infecciosa, e outras, capazes de perturbar-lhe a homeostase; **estricção**”.*

Há, no entanto, no meio psiquiátrico, uma inconsistência neste termo, pois ora ele é usado como o agente causador de um transtorno, ora como a resposta ao agente traumático externo^{*}

Se já são grandes os problemas de nossa vida cotidiana, como casamento, descasamento, doenças pessoais e em familiares, cuidado com os filhos, disputas de e no trabalho, conflitos familiares de várias ordens, problemas sociais e econômicos e,

^{*} Na CID-10 (10ª. Revisão do Código Internacional de Doenças) está descrito sob o código F 43.0: **Reação Aguda ao Estresse**, como se o agente causador da Reação Psiquiátrica de Ansiedade e Angústia fosse o Estresse Externo, diagnóstico que é equivalente ao que expressa o DSM-IV(4ª. Revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) , no código 308.3: **Transtorno de Estresse Agudo**, onde o estresse é a resposta psíquica a um agente traumático externo.

ainda, mergulhados em um mundo cruel e violento, marcado por agentes estressores de toda espécie, desde variações climáticas até a violência urbana, é quase que natural o contato, se não direto, pelo menos pelas informações que viajam “on line”, via Internet e Televisão, com cenas e situações de intenso impacto emocional.

A Morte, a violência, a destruição, as Guerras, os ataques terroristas, populações inteiras em países devastados pela miséria e desordem política-social, epidemias assustadoras, a discórdia, os ambientes competitivos, enfim, conflitos de toda ordem têm tomado uma dimensão extraordinária em nosso cotidiano. Isto tudo já leva a constituir um estado de “alerta” na maioria das pessoas, que se vêem ameaçadas e tendem a desenvolver uma série de mecanismos de defesa, reais e psicológicos, contra toda esta agressão.

Há, no entanto, evidências psiquiátricas, já há muito tempo assinaladas, demonstrando o impacto nocivo destes “agentes estressores” no comportamento humano.

Ao fim e ao cabo, fica-se com a noção de que o estresse corresponde a uma relação entre o indivíduo e o meio. Trata-se portando, de uma agressão e reação, de uma interação entre a agressão e a resposta, como propôs Selye em sua obra publicada em 1950 sob o título “*Physiology and Pathology of Exposure to Stress*”, **citada por** MORTON⁹⁵, em 1953, em que deixa claro o conceito de que o estresse fisiológico é uma adaptação normal, mas quando a resposta é patológica, em indivíduos mal-adaptados, ocorre uma disfunção importante que leva a distúrbios transitórios ou a doenças graves, e que, no mínimo, agrava as já existentes e pode desencadear doenças para as quais a pessoa é geneticamente predisposta.

Ainda segundo Selye, em pronunciamento em um Congresso realizado em Munique, em 1988, “*o estresse é o resultado do homem criar uma civilização, que, ele, o próprio homem não mais consegue suportar*”, **citado por** BERNIK⁹, em 1997 que chega a caracterizar o Estresse como “a doença do terceiro milênio”, devido às inúmeras situações adversas que o homem contemporâneo é obrigado a enfrentar*.

Um dos primeiros artigos publicados na literatura médica sobre TRAUMA foi o do cirurgião inglês John Eric ERICHSEN³¹, em 1866, que atentou para o fato de que anormalidades psicológicas poderiam ser atribuídas a acidentes ferroviários, uma vez que, logo após o acidente, os pacientes passavam a apresentar sintomas de fadiga, ansiedade, déficit de memória, irritabilidade, pesadelos, distúrbios no sono, zumbido no ouvido e dores nas pernas e braços. Ele atribuiu estes sintomas a “microtraumas” na medula espinal e criou o conceito de “*Railroad Spine Syndrome*”. Vários outros cirurgiões discordaram deste conceito, mas foi OPPENHEIM¹⁰¹, em 1889, quem, em sua monografia sobre “**neuroses traumáticas**”, o primeiro a cunhar este termo e atribuir tal quadro à lesões cerebrais.

O termo TRAUMA, que até então havia sido utilizado exclusivamente na Cirurgia, é, então, introduzido na Psiquiatria.

Por outro lado, uma diferente linha de pesquisa era desenvolvida em Salpetrière, Paris, por Charcot **apud** LAMPRECHT & SACK⁷¹, em 2002 e dois de seus principais discípulos: Janet e Freud.

Após seu estágio com Charcot em Paris (entre outubro de 1885 e março de 1886, portanto durante 19 semanas), Freud volta para Viena encantado com a idéia de

* Para se ter uma idéia mais ampla dos “pequenos traumas” de nosso dia-a-dia, sugiro a leitura do artigo “O Trauma no Cotidiano”, de **Aloysio Dábreu**, apresentado no 44º Congresso Internacional de Psicanálise, realizado no Rio de Janeiro, em julho de 2005 e disponível na Internet, no endereço: http://www.abp.org.br/alloysio_ipa.ppt

que poderia haver um local na mente (o “inconsciente”) que registraria experiências desagradáveis, os traumas, que desencadeariam as neuroses, principalmente a histeria.

Em 1920, no artigo “Alem do Princípio do Prazer”, FREUD⁴⁵ já afirmava:

“Descrevemos como "traumáticas" quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor. Parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente numa conexão desse tipo com uma ruptura numa barreira sob outros aspectos eficaz contra os estímulos. Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis”

Nesta apresentação do conceito de trauma, não se pode deixar de mencionar Sandor **Ferenczi** que coloca em relevo a intensidade física e psíquica do evento traumático e o estrago que provoca no eu do sujeito, endossando a idéia de neurose traumática e privilegiando o *desmentido* (a negação pelo adulto do que aconteceu com a criança) como poderosa força traumática. Em **Winnicott**^{*} o trauma surge como fator etiológico ligado a diferentes momentos do desenvolvimento e às falhas do ambiente (entendendo-se por ambiente o bebê e sua mãe).

Para se ter, então, uma conceituação clara e precisa sobre este termo, prefere-se chamar os agentes estressores como as situações que caracterizam o **TRAUMA** e **ESTRESSE**, passa a ser, então, a resposta do organismo físico e/ou psíquico ao evento traumático.

^{*}**Donald Woods Winnicott** foi um pediatra e psicanalista britânico da segunda metade do século XX.. Nasceu na cidade de Plymouth, a 7 de abril de 1886, agregou significativas contribuições à psicanálise.

Mesmo antes de a Psiquiatria tomar um rumo classificatório, desenvolvido pela American Psychiatric Association (APA), a psiquiatria fenomenológica já assinalava os distúrbios psicológicos ou psiquiátricos originados por acontecimentos reais (chamando-os de **Reações Patológicas**), como afirmava JASPERS⁶²:

“O conceito de Reação Patológica tem uma parte compreensível (vivência e conteúdo), uma parte causal (alteração no extraconsciente) e uma parte de prognóstico (esta alteração é passageira). Ainda que possa ser anulada a momentânea transposição em um estado anormal (em especial depois do desaparecimento dos fatos de perturbação) produzindo-se a cura em seguida, existe sem dúvida uma repercussão graças à estreita ligação da vivência e personalidade pela repetição e somação das vivências...”

O mérito pela formulação de uma teoria da **crise**, entendida como uma “Reação Patológica” e como estrutura específica com esse nome cabe a Erich Lindemann e Gerald Caplan. O clássico trabalho de LINDEMANN⁷³ em que ele estudou os tipos de resposta de luto apresentadas por parentes de pessoas tragicamente mortas em um grande incêndio em um clube noturno em Boston, em 1941, serviu de base para que numerosos estudiosos do tema se pusessem a refletir sobre isso e, anos mais tarde, a consolidar o diagnóstico de Transtorno do Estresse Pós-Traumático.

É importante também registrar a presença de Erik **Erikson**^{*} com suas contribuições para o conceito de “crises de desenvolvimento” que envolvem principalmente a infância e a adolescência.

^{*}**Erik Erikson** (1902-1994), é o psiquiatra, responsável pelo desenvolvimento da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial na Psicologia e um dos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento.

E o que é uma crise? ’

Paul Tillich chama-a “a travessia do inferno”, Montaurier de “a passagem pelo fogo”, Chico Buarque diz que “dói tanto quanto arrumar o quarto de um filho que já morreu”!

Jacobson (1974)⁵⁸, ao citar G. Caplan, define crise como um estado em que a pessoa, colocada diante de um obstáculo* para atingir uma meta de sua vida ou, mesmo, seguir adiante na trajetória normal do seu cotidiano, vê-se repentinamente paralisada, pois lhe é impossível transpor tal obstáculo com o uso de métodos costumeiros para a resolução de problemas. A um período de desorganização , segue-se um período de “transtorno” – a própria crise – durante o qual os mais diferentes esforços mostram-se insatisfatórios para a solução do problema.

Eventualmente algum tipo de adaptação pode ser executada, com melhores ou piores resultados para a pessoa. Por outro lado, o *obstáculo* é também definido por Jacobson como um evento que ameaça um equilíbrio psicológico previamente existente. Esse evento pode estar relacionado com mudanças no meio ambiente físico (p. ex.: desastre natural), na esfera sócio-afetiva (p. ex.: perda de pessoa significativa), na esfera biológica (p. ex.: uma doença incurável ou de difícil tratamento) ou na esfera evolutiva (p. ex.: adolescência, menopausa etc.). A ansiedade surge, não como um obstáculo, mas sim como resultante da situação de conflito que se instalou. Esse fator é bastante relevante, pois que um obstáculo somente pode resultar numa crise quando ele dificultar o acertado manejo da problemática envolvida.

* O **obstáculo**, definido por Jacobson não é, nada mais nada menos, do que o próprio “trauma”.

A crise é um fenômeno em si mesmo de duração limitada, com resultado não predeterminado em seu início. Tal resultado pode ter papel determinante para o futuro reajustamento e o bem-estar da pessoa.

Jacobson faz uma analogia da “crise psicológica” com uma crise de pneumonia antes da descoberta dos antibióticos, dizendo que aquela crise durava alguns dias, no final dos quais, ou o paciente se recuperava, ou morria. Com o advento da antibioticoterapia e, analogamente, da psicoterapia e da farmacoterapia, podemos esperar uma melhora mais rápida, segura e com menos riscos de seqüelas, isso porque, no enfrentamento de uma situação de crise, pode a pessoa passar a fazer uso de mecanismos de defesa inadaptados, os quais dão origem a uma organização interna deficiente, fato que leva ao surgimento ou agravamento de uma disfunção psicológica.

Levantando questões sobre a etimologia da palavra CRISE, vemos no já citado DICIONÁRIO HOUAISS DA LINGUA PORTUGUESA⁵⁶:

Latim: crìsis, is 'momento de decisão, de mudança súbita, crise (us. esp. acp. med)', do Grego: krísis, eós 'ação ou faculdade de distinguir, decisão, encruzilhada' p.ext. 'momento decisivo, difícil', der. do v. gr. krínó 'separar, decidir, julgar';

É extremamente interessante observar que o ideograma chinês que representa a palavra crise seja formado pela combinação pictográfica de “perigo” e “oportunidade”, dando a noção das duas alternativas possíveis para o momento seguinte à saída da crise: ou a recuperação total, com a incorporação da experiência e, conseqüentemente, um fortalecimento; ou o fracasso e o conseqüente agravamento do estado psíquico.

Um ponto importante a ser abordado é o que diz respeito ao tipo de crise. Os autores fazem uma apresentação e uma distinção entre dois tipos de crise: as “crises acidentais” e as “crises de desenvolvimento”. No primeiro grupo estão as crises desencadeadas por acidentes ou incidentes claros e inequívocos, como, por exemplo, a perda, o luto, a modificação do estado civil, alguma “tragédia” coletiva (como guerras ou revoluções), um exame classificatório etc. No segundo grupo estão as crises que acometem as pessoas em suas diversas fases de desenvolvimentos, como a adolescência, a maturidade, a senescência e que podem ser consideradas como situações potencialmente críticas e não crises propriamente ditas, pois são fases de adaptação, de aprendizagem de novos papéis, de instabilidade pela reformulação, mas que constituem períodos de grande reflexão e desenvolvimento do ponto de vista positivo.

Caplan **apud** LEMGRUBER⁷², em 1984, descreveu o processo pelo qual passa um indivíduo que tem de se deparar com situações problemáticas (obstáculos), discriminando-o em quatro fases.

- 1ª) *Elevação inicial da tensão* pelo estímulo que coloca em ação o elenco de respostas habituais da pessoa perante situações de ameaça.
- 2ª) *Aumento progressivo do estado de tensão* pela ineficácia dessas respostas e pela manutenção do estímulo.
- 3ª) *Mobilização de esforços* e reservas de energia que podem levar à resolução e à volta ao estado inicial de equilíbrio.
- 4ª) *Ponto de ruptura*, antecedido pelo estágio de resignação à insatisfação ou uso de distorções perspectivas perante a persistência da situação geradora de mudança de estado.

Estas fases podem ser compreendidas, como sendo primeiras as situações chamadas de “potencialmente críticas”, e a quarta como a “crise propriamente dita”, em que há falência global dos mecanismos habituais de adaptação e defesa do indivíduo.

De acordo com os estudiosos do tema, uma crise simples terminará, de um modo ou de outro, numa média de 4 a 6 semanas a contar da data do obstáculo. Uma crise de evolução pode atravessar todo o período correspondente à fase em que o indivíduo se encontra. Já uma crise mista (um trauma, durante um período potencialmente crítico) tem um período de duração médio e que, se não for abordada de imediato após a sua detecção, tem grande chance de se tornar crônica, com o estabelecimento de um quadro neurótico estruturado, pois, de acordo com a definição de Jacobson, “um estado contínuo de crise seria provavelmente incompatível com a vida”.

As conseqüências (ou os resultados) da crise podem, então, variar num amplo espectro, oscilando desde a solução do problema, de acordo com a realidade, ou de modo fantasioso (adiando, na verdade, a sua resolução), até as manifestações neuróticas ou mesmo psicóticas que abrangem a possibilidade de suicídio ou a incapacidade física em razão as doenças psicossomáticas graves e limitantes.

Ainda, em relação aos *obstáculos*, os estudiosos do tema têm compilado listas de eventos com um potencial maior para se tornarem desencadeantes de crise para a maioria dos indivíduos. Dentre esses acontecimentos podem ser citados: a morte do cônjuge ou do filho, a separação ou o divórcio, a morte de membro da família, a prisão, o surgimento de uma enfermidade física, a internação hospitalar, o desemprego (sob esse aspecto há informações na imprensa leiga sobre o aumento substancial de

suicídios entre os desempregados em fase de crise econômica grave), a emancipação de adolescentes, o casamento, o nascimento de filhos, a aposentadoria, etc.

O artigo de HOLMES E RAHE⁵⁴ sobre fatores estressantes, publicado em 1967, ainda é uma referência importante no estudo destas manifestações psíquicas e suas implicações no desenvolvimento de doenças psicossomáticas.

Paralelamente ao estudo destas situações de “CRISE”, que hoje são diagnosticadas como “**Reações de Ajustamento**”, os estudos provenientes da Guerra Civil no Estados Unidos (1861-1865), a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e vários outros acontecimentos bélicos de ampla repercussão que ocorreram nos séculos XIX e XX, tanto o livro de J.J. LOPEZ IBOR (Neurosis de Guerra)⁷⁵ de 1942, quanto o de Abram Kardiner (The Traumatic Neurosis of War) de 1941 **apud** KAPLAN, 1997⁶⁶, passaram a assinalar uma série de sintomas psiquiátricos que, se observados em conjunto, apareciam com frequência em ex-combatentes destes conflitos. Estas reações, aparentemente inexplicáveis, caracterizavam-se por uma irritabilidade crônica, reações de sobressalto, agressões explosivas e atitudes estranhas que levavam os estudiosos a observar que estas pessoas atuavam como se a situação de Guerra ainda estivesse acontecendo.

Um texto de 1871 de Jacod DaCosta, “On Irritable Heart”(Do Coração Irritável) também **citado por** KAPLAN, 1997⁶⁶, descrevia sintomas cardíacos autonômicos encontrados entre os soldados da Guerra de Secessão Americana. Na Primeira Guerra Mundial, a síndrome foi chamada de “Choque de Granada” e chegou-se a especular que se tratava de um transtorno neurológico causado pela explosão de bombas.

Na Europa, após a I Guerra Mundial, surgiu uma acalorada discussão sobre os fenômenos que acometiam os ex-combatentes. De um lado, os neurologistas alemães, liderados por OPPENHEIN¹⁰¹, defendiam que as neuroses de guerra possuíam um substrato anatômico e, por outro, FREUD, que encarava tais quadros como uma enfermidade não autêntica, mas sim um artefato sintomático apresentado pelas pessoas para se livrarem dos perigos e torturas da guerra. A discussão se amplia entre ambas as vertentes e a nosografia se torna inesgotável: neurose, neurastenia, nervoso, neurastenia aguda, psicogênese, histeria, psicopatía, reação histérica, reação psicopática, esgotamento nervoso, psicastenia, psicopatía astênica, neurose orgânica, transtorno funcional, etc.

Enquanto a discussão permanecia em aberto na Europa, os Estados Unidos voltavam seus olhos para os veteranos da Segunda Guerra Mundial, sobreviventes dos bombardeios atômicos no Japão e sobreviventes dos campos de concentração nazistas que apresentavam sintomas similares, ocasionalmente chamados de neurose de combate ou fadiga operacional.

No início do século XX, a psicanálise exercia uma influência vigorosa e o diagnóstico de neurose traumática foi amplamente usado para estas condições. A neurose traumática envolvia provavelmente a reativação de conflitos anteriores não resolvidos e que afloravam com o “relaxamento” dos mecanismos de defesa. FREUD, 1919⁴⁴ por outra linha de pensamento que não a da “fuga” da situação belicosa, publica um artigo em que afirma que, nas neuroses traumáticas, o conflito ocorre entre o “ego pacífico” e o novo “ego guerreiro”, torna-se agudo logo que o “ego pacífico” percebe o perigo que corre de perder a vida.

Ele enfatiza a importância decisiva da intensidade dos estressores traumáticos, a ausência de “descargas” apropriadas para aliviar o ego destas tensões e, complementando este quadro, o despreparo dos indivíduos para enfrentar tais situações^x. Neste sentido, observamos em alguns dos pacientes seqüestrados tratados pelo GORIP que, no transcorrer da Psicoterapia Breve (FERREIRA-SANTOS, 1997³⁷ e 1999³⁹) que são submetidos, muitas vezes o tema central “o sequestro” vai perdendo espaço para queixas relacionadas aos seus relacionamentos afetivos, nos quais se sentem como que seqüestradas por seus parceiros. Este tema é bastante explorado por CUSCHNIR²⁵, 2004 :

“Muitas pessoas vivem em uma situação desesperadora. Sentem-se mal e verificam que a vida está piorando, nada dá certo, o emprego é ruim, a vida sexual está péssima e o lado financeiro também. A energia está sendo contida, reprimida, desviada ou distorcida, em consequência do relacionamento afetivo que têm... Podemos dizer que o afeto é muito bom, mas sem exageros, invasões ou seqüestros. Senão ele traz mesmo a dependência e a pessoa pode ser tornar um verdadeiro seqüestrado emocional”.

A expressão “**seqüestro do ego**” foi mencionada pela primeira vez em 1922, por Sandor FERENCZI³⁴, em um artigo cujo tema não era o trauma em si, mas sim uma patologia cerebral, a reação emocional às perdas causadas pela Paralisia Geral Progressiva.

^xFREUD afirmava que a pré-condição para as neuroses de guerra são exclusivas de soldados “convocados”, pois acreditava que não haveria possibilidade de ocorrer em soldados profissionais ou mercenários, devido à sua preparação anterior para a luta.

Em 1918, o Dr. Ernst Simmel, diretor de um hospital para neuróticos de guerra, publicou um trabalho no qual relatava os resultados extraordinariamente favoráveis nos casos graves de neurose de guerra tratados pela psicanálise freudiana*.

Foi Abram Kardiner, psicanalista ex-analisando de Freud, quem viria a se ocupar com este tema de uma forma integradora, novamente incentivado pelos achados clínicos de uma situação de guerra, a II Guerra Mundial. Kardiner publicou em 1941, um livro sobre “As Neuroses Traumáticas de Guerra”, que passou a ser considerado por vários autores especializados como a obra que viria a definir, pelo resto do século XX, o que viria a ser chamado de “Transtorno do Estresse Pós-Traumático”, pois ele observa a hipervigilância e sensibilidade das vítimas frente às ameaças ambientais.

A partir de então, vários estudos surgiram descrevendo quadros clínicos semelhantes e nomeando-os de acordo com o agente estressor: “Síndrome do Campo de Concentração”, “Trauma do Estupro”, “Trauma da Mulher Espancada”, “Trauma da Criança Sexualmente Abusada”, além daqueles já citados anteriormente.

Com toda esta gama de diagnósticos confusos e contraditórios, com as inúmeras nomenclaturas nosológicas desenvolvidas durante toda a história da Medicina e que diferiam em sua ênfase relativa sobre a fenomenologia, a etiologia e o curso dos processos mentais como características de definição exerciam não só um efeito nefasto na classificação dos quadros psiquiátricos, como também na metodologia de ação para sua solução. Alguns sistemas incluíam apenas um punhado

*Criado por Max Eitingon, Karl Abraham e **Ernst Simmel** no âmbito da policlínica do mesmo nome, o Instituto Psicanalítico de Berlim tornou-se uma referência para o movimento psicanalítico internacional e serviu de parâmetro para todos os outros institutos posteriormente criados na esfera de influência da Associação Psicanalítica Internacional. A policlínica a ele associada tinha como finalidade tornar acessível o tratamento psicanalítico ao maior número de pessoas e, assim como o Instituto, transformou-se em modelo para as demais clínicas das sociedades psicanalíticas filiadas à Associação Psicanalítica Internacional (**IPA**.)

de categorias diagnósticas, outros milhares. Enfim, não havia um consenso que pudesse facilitar não apenas a classificação dos Transtornos Mentais para o seu tratamento como também para fins de estudos clínicos e estatísticos.

Após várias tentativas de se oficializar uma classificação clara e única para os transtornos mentais, foi desenvolvida pelo Exército Americano (e modificada pela Administração dos Veteranos) uma nomenclatura com a finalidade de melhor incorporar as apresentações ambulatoriais dos homens em combate e veteranos da Segunda Guerra Mundial. Nesta altura, a Organização Mundial de Saúde (OMS) publica a sexta edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-6) que, pela primeira vez, incluía uma seção para os transtornos mentais, intensamente influenciada pela nomenclatura da Associação de Veteranos

Em 1952, o Comitê de Nomenclatura e Estatística da Associação Psiquiátrica Americana desenvolveu uma variação do CID-6 publicada como a primeira edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-I).

Em 1970, dois psiquiatras americanos, Chaim Shatan e Robert J. Lifton **apud** SCHESTATSKY ET AL¹²⁹, em 2003, começaram a fazer encontros de grupos com veteranos da Guerra do Vietnã, em Nova York, que acabaram se espalhando por todas as instituições americanas que trabalhavam com estes veteranos que apresentavam sinais da ainda chamada “neurose de guerra”. Ambos começaram, então, a fazer um amplo levantamento da literatura sobre sobreviventes do Holocausto, vítimas de acidentes e queimaduras, enfim, sobreviventes e parentes de vítimas de episódios catastróficos.

Estes psiquiatras conseguiram listar uma série de 27 sintomas mais comuns de “neuroses traumáticas”, os quais compararam com 700 pacientes veteranos do

Vietnã, o que acabou por se constituir o embrião dos critérios adotados pelo DSM-III para incluir o diagnóstico de Transtorno do Estresse-Pós Traumático

Após várias revisões tanto na **CID** quanto no **DSM**, chegou-se, em 1980, finalmente à publicação do DSM-III com a introdução do diagnóstico de **Transtorno de Estresse Pós-Traumático**. Vários grupos politicamente organizados, formado por vítimas de agentes estressores de alto impacto influenciaram decisivamente na inclusão deste diagnóstico.

Colhendo dados dos sobreviventes do pavoroso incêndio em um clube noturno, em Boston, o “Coconut Grove”, em 1941, já citado, que mostravam crescente nervosismo, fadiga e pesadelos e observando a morbidade psiquiátrica associada aos Veteranos da Guerra do Vietnã, finalmente trouxe consistência ao conceito de Transtorno de Estresse Pós-Traumático como é conhecido atualmente. Em todas estas situações traumáticas, o aparecimento do transtorno estava correlacionado com a severidade do estressor, sendo que eventos mais severos resultavam no aparecimento da Síndrome em mais de 75% das vítimas.

A experiência com o DSM-III revelou diversas inconsistências no sistema, o que levou a Associação Psiquiátrica Americana (**APA**) a escolher um grupo de trabalho que desenvolveu um trabalho de revisão do Manual, formulando o DSM-III-R, em 1987. Estudos citados por HERMAN⁵³, em 1992, utilizando os critérios do DSM-III-R, encontraram, na população norte-americana, uma prevalência de TEPT, ao longo da vida, de 11% para mulheres 5,5% para os homens, mostrando, também, que 61% dos homens e 51% das mulheres já haviam reportado pelo menos um evento traumático ocorrido em suas histórias de vida. Fazendo uma análise ponderada destes números, nota-se que 3,4% dos homens e 5,6% das mulheres que

passaram por um trauma, desenvolvem o TEPT. Estes dados, ainda que divirjam veementemente de autor para autor, coincidem em diversas publicações a respeito citadas mais adiante nesta tese e são de importância relevante quando comparados com os resultados obtidos entre as vítimas de seqüestro avaliadas neste estudo.

Assim como merecem consideração outros estudos que mostram que vítimas de crimes têm uma grande probabilidade de apresentar o TEPT, quando há uma séria ameaça à vida*. KILPATRICK et al.⁶⁸, em 1987 verificaram que as vítimas de violação têm uma probabilidade de desenvolver o TEPT de 57%, enquanto RESNICK et al.¹¹⁸, em 1993, verificaram que este valor era de 76%. Já ROTHBAUM et al.¹²³, em 1992, chegaram a assinalar uma porcentagem de 94% em vítimas de estupro logo após a violação.

Esta revisão representou um avanço importante no diagnóstico dos transtornos mentais e facilitou imensamente as pesquisas empíricas. O desenvolvimento do DSM-IV, gerado em parte pelo DSM-III e DSM-III-R, consolidou os dados até então obtidos, sendo, por ora, o Manual em vigor para a classificação dos transtornos mentais, embora já haja um outro grupo de trabalho preparando uma versão do DSM-IV-TR, já publicado em sua versão inicial por FIRST, FRANCES & PINCUS⁴², em 2004, cuja ênfase se focaliza no diagnóstico diferencial dos diferentes transtornos.

O diagnóstico do TEPT vem acompanhando toda esta evolução e a cada novo artigo, cada nova apresentação deste diagnóstico vem apresentando características inovadoras em sua formulação, como ressaltam KAPCZINSKI & MARGIS⁶⁵ (2003).

* Nos critérios diagnósticos atuais para TEPT, a séria ameaça à vida ou integridade física da pessoa é um dos elementos essenciais para se estabelecer o diagnóstico deste transtorno.

Especificado, pelo DSM-IV, como o desenvolvimento de sintomas característicos após a exposição a um extremo estressor traumático, envolvendo a experiência pessoal direta de um evento ameaçador real, que envolva **morte**, sério ferimento ou outra ameaça à integridade física (Critério A), o que ocorre soberbamente no evento do seqüestro.

A pessoa envolvida diretamente no evento é chamada de “**vítima primária**” e aqueles que participam indiretamente (amigos, familiares, testemunhas) podem também desenvolver o transtorno e são chamados de “**vítimas secundárias**”. Nos casos de seqüestro, particularmente aqueles em que a pessoa permanece em cativeiro e seus familiares são obrigados a “negociar” o resgate exigido pelos seqüestradores é muito comum o aparecimento dos sintomas abaixo apresentados, sendo que já há um movimento para considerá-las, também, “vítimas primárias” do acontecimento traumático.

Os sintomas característicos, citados pelo DSM-IV:consistem em uma revivência persistente do evento traumático (Critério B); esquiva persistente de estímulos associados ao trauma, embotamento da responsividade geral (Critério C); e sintomas persistentes de excitação mental (Critério D).

O quadro sintomático completo deve estar presente por mais de 1 (um) mês (Critério E) e a perturbação deve causar sofrimento ou prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, ocupacional e/ou outras áreas importantes da vida da pessoa (Critério F).

Os quadros apresentados a seguir, adaptados da REVISTA ÉPOCA¹¹⁹, Edição 354, de 28 de fevereiro de 2005, baseados em dados da American Psychiatric Association (APA), resumem os principais sinais e sintomas do TEPT:

Sintomas de Revivência

- **Lembranças intrusivas.** São aquelas que insistem em invadir a mente, mesmo nos momentos de relax. Pode ser a imagem do assaltante que surge toda hora. Por mais que se esforce, a pessoa não consegue se livrar dela
- **Pesadelos** de eventos traumáticos. Surgem em sonhos recorrentes
- **Flasbacks dissociativos.** A vítima **revive** a situação traumática, com todas as sensações que experimentou quando sofreu a violência. Há o caso de um policial que viu um colega morrer a seu lado durante a operação numa favela com um helicóptero. Depois disso, ele se jogava no chão sempre que ouvia barulho de helicóptero, tentando escapar das balas imaginárias
- **Sofrimento** psicológico intenso ao relembrar do episódio
- **Reatividade fisiológica.** Quando o **organismo tem alguma reação** diante de uma lembrança do fato traumático. Há um caso real de uma mulher que foi estuprada. Ela sentia o coração disparar toda vez que via qualquer homem usando camisa verde, como a usada pelo agressor

Sintomas de Entorpecimento

- Esforço para **evitar pensamentos** e sentimentos ligados ao trauma
- Tentativa de **manter distância** de atividades, locais ou pessoas associadas ao trauma
- Incapacidade de **recordar** toda a cena de violência. Alguns momentos são apagados da memória
- **Redução de interesse** em atividades cotidianas, como trabalhar ou sair com amigos.
- Sensação de **distanciamento** das pessoas em geral
- Restrição da capacidade de **sentir afeto**
- Sentimento de **futuro abreviado.** A pessoa que correu risco de morte, acha que pode morrer a qualquer momento. Por isso, não faz mais planos de longo prazo, como viajar ou ter filhos.

Sintomas da Hiperestimulação

- **Insônia persistente**
- **Irritabilidade em várias horas do dia**
- **Dificuldade de concentração**
- **Hipervigilância, quando a pessoa está em alerta mesmo em momento de relaxamento**
- **Sobressalto exagerado. Reação exacerbada diante de estímulos, como uma porte que bate com barulho.**

Podem ser usados os seguintes especificadores para definir o início e a duração dos sintomas do TEPT:

Agudo: este especificador é utilizado quando a duração dos sintomas é inferior a 3 (três) meses.

Crônico: quando os sintomas duram 3 meses ou mais.

Com início tardio: este especificador indica que pelo menos 6 meses decorreram desde o evento traumático e o início dos sintomas.

Como diagnóstico diferencial, devemos levar em conta principalmente:

1. o **Transtorno de Ajustamento** cuja origem se deve a fatores que não têm a gravidade de ameaça real à integridade física da pessoa.
2. o **Transtorno de Estresse Agudo** se o início dos sintomas ocorrerem antes de completadas 4 semanas do evento estressor e se resolverem dentro deste período.
3. outros diagnósticos, como o Transtorno Obsessivo Compulsivo, Esquizofrenia, Transtornos de Humor, outros transtornos psicóticos, etc., que não têm correlação direta com o evento traumático ou cujo início seja anterior ao evento, devem ser excluídos.

Segundo CALHOUN & RESICK¹⁶, em 1999, o diagnóstico de **Transtorno do Estresse Agudo** foi recentemente introduzido no DSM-IV, para ser aplicado às reações graves, de curta duração (menos de 4 semanas) e imediatas ao trauma. Os critérios focalizam dois tipos de sintomas: as reações dissociativas e as emocionais, que ocorrem durante ou imediatamente após o evento traumático e cuja duração não excede a um ou dois meses.

Há, também, a questão da **simulação (MELEIRO & SANTOS, 2003)⁸⁷**, quadro bastante freqüente na Psiquiatria Forense e já aventado por Freud no estudo de “neuróticos de guerra” e que deve ser descartada, uma vez que não é necessariamente um transtorno devido ao evento seqüestro, mas sim tem nele um motivo particular para a obtenção pessoal de benefícios geralmente financeiros e/ou previdenciários.

Ao se aprofundar na pesquisa da literatura sobre fatores potencialmente estressores, encontra-se no artigo de CROMPTON²¹, publicado em 2003, a

referência ao já citado trabalho de Holmes e Rahe⁵⁴, publicado em 1967, em que são elencados 41 eventos do cotidiano. De “férias” à “morte de cônjuge”, os autores atribuem, em um amplo trabalho de pesquisa de impacto de evento, escores de significância no desencadeamento de problemas de ajustamento, sem citar o Transtorno do Estresse Pós-Traumático, mesmo porque o surgimento deste diagnóstico é bem posterior ao trabalho mencionado.

SAVOIA¹²⁸, comentando a Escala de Holmes e Rahe, observa que:

“Qualquer mudança na vida de uma pessoa gera um certo nível de estresse e seus efeitos no desempenho podem ser positivos em uma relação direta – à medida que o estresse aumenta, o desempenho melhora – o chamado “eutress”. Por outro lado, aumentos excessivos podem ameaçar a capacidade de uma pessoa fazer perante seu ambiente o chamado “distress”.

As publicações que mais se ocupam do estudo sobre o TEPT, são aquelas que têm a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) como alicerce teórico, abordando e desenvolvendo amplamente as observações sobre o delito de **estupro** como um dos principais traumas geradores deste transtorno: SCHIRALDI¹³⁰, em 1999; RANGÉ¹¹⁶, em 2001; KNAP & CAMINHA⁶⁹, em 2003; WHITE & FREEMAN¹⁵², em 2003; DATTILIO & FREEMAN²⁶, em 2004.

É encontrado, na literatura internacional, uma citação do seqüestro como agente do TEPT: a referência a TERR (1981), que apresenta o seqüestro como estímulo estressor responsável por um grau máximo (100%) no desencadeamento do TEPT.

Este importante estudo de LEONORE TERR¹⁴³, uma psiquiatra infantil, foi publicado inicialmente em 1981, discutindo as observações sobre as conseqüências

de um seqüestro de 26 crianças em um ônibus escolar em 15 de julho de 1976 em Chowchilla, pequena localidade da Califórnia. E foi seguido de outra publicação, em 1983¹⁴⁴, 4 anos após o evento, mostrando que as seqüelas deixadas foram bastante severas tanto nas crianças, quanto nos familiares e membros da comunidade, mesmo após tratamento em psicoterapia breve de 5 a 13 meses de duração.

Tão grave foi este acontecimento que, até hoje, ele faz parte da história do Condado de Madera, onde se localiza Chowchilla e recebeu até um monumento de granito dedicado às vítimas, localizado em frente à Prefeitura da cidade.

Além deste minucioso estudo de Terr, encontra-se na literatura, o já citado artigo de FAVARO **et al**³² publicado em 2000, em que são avaliadas as correlações entre o TEPT e a Síndrome de Estocolmo, utilizando-se apenas do SCID e da Escala de Eventos Dissociativos, concluindo que não relação entre ambos, porém reforçam os sintomas descritos pelo DSM-IV.

CUNHA²⁴, em 2004, escreveu uma monografia de conclusão de curso, apresentada à Faculdade de Psicologia da USP, na linha da TCC e com base em nosso trabalho no IPq-HCFMUSP sobre vítimas de seqüestro.

A literatura, principalmente norte-americana, apresenta uma série de outros artigos que, utilizando diversas metodologias e populações, demonstram a porcentagem de Transtorno de Estresse Pós-Traumático e os estímulos estressantes que o desencadearam.

Boney-McCoy & Finkelhor¹⁰, em 1996, publicaram um estudo realizado com crianças e jovens, em que compararam os efeitos estressantes causados por injúrias realizadas por parentes e por estranhos. Relataram que o seqüestro é uma das formas de injúria mais praticadas por estranhos e é, também, a mais freqüentemente

associada com medo de morte, assumindo magnitude maior do que abuso sexual e violência parental.

Robert Pynoos¹¹³, um grande pesquisador de TEPT na infância e adolescência, publicou um artigo em 1988, no qual demonstra que 93% das testemunhas de ataques de “franco-atirador” desenvolvem o TEPT.

KOROL, GREEN & GLEESER⁷⁰, em um estudo publicado em 1999, com 120 crianças de idade entre 7 e 15 anos e seus familiares, apresenta um resultado em que 88% das vítimas de desastre nuclear também desenvolveram TEPT, demonstrando que o estado psíquico dos pais destas crianças é um fator preponderante no desencadeamento do transtorno nas crianças.

DAN SAVIM E SHALON ROBINSON¹²⁷ estudando especificamente um grupo de refugiados cambodjianos, fizeram um importante levantamento em sobreviventes de guerra com genocídio (Holocausto e Camboja), publicando em 1997 um importante trabalho apontando o aparecimento do Transtorno em 71% destas pessoas.

Nesta mesma linha, SHAW, APPLGATE, TANNER et al¹³⁴. estudaram os efeitos do Furacão Andrew e encontraram, em 1996, 70% dos sobreviventes deste acidente com os sintomas do Transtorno de Estresse Pós-traumático.

SACK, CLARKE & SEELEY¹²⁴, observaram, em um estudo publicado em 1995, que 50% de membros da segunda geração de refugiados da Guerra do Camboja, ainda apresentavam sintomas do transtorno.

MCLEER, DEBLINGER, HENRY & ORVASHALL⁸⁶ observaram, em 1994, desordens psiquiátricas no campo dos transtornos de ansiedade em 48% de crianças que sofreram abuso sexual.

MARCH, AMAYA-JACKSON, TERR & COSTANZO⁷⁹ publicaram em 1997, a ocorrência de sintomas de TEPT em 12% de crianças e adolescentes após um incêndio de grandes proporções ocorrido em Hamlet, Carolina do Norte.

REINHERZ, GIACONA et al⁴⁹ observaram que em 25% de adolescentes mais velhos vítimas da violência de rua, publicado em 1995, também apresentavam sintomas do TEPT.

A Dra. Laura Ann MCCLOSKEY⁸⁴, da Escola de Saúde Pública da Universidade de Harvard, em Boston, em conjunto com Marla WALKER publicaram um trabalho em 1999, em que entrevistaram 337 crianças com idades entre 6 e 12 anos que haviam sofrido violência doméstica e verificaram que 24,6% delas apresentavam sintomas de TEPT em comparação com 167 crianças que não sofreram injúrias familiares.

NAJARIAN et al.⁹⁸ relataram que 32% das pessoas estudadas na Armênia após um terremoto, em 1996, apresentavam sintomas do transtorno.

Sheldon J. KAPLAN⁶⁷ afirma em um extenso trabalho publicado em 2002, que os efeitos de um trauma e a conseqüente ocorrência do Transtorno de Estresse Pós-Traumático é muito diferente em adultos e crianças. Ele estima que cerca de 15% dos adultos que sofreram estímulos estressores apresentam muitos dos sintomas do TEPT, mas não preenchem o critério completo exigido pelo DSM-IV. Citando como fonte os arquivos do “National Center for Post Traumatic Stresss Disorder” do “Departament of Veterans Affairs, Washington, DC, 2001”, Kaplan estima que de 15 a 43% das meninas e 14 a 43% dos meninos sofreram ao menos um evento traumático. Destes, apenas 3 a 15% das meninas e 1 a 6% dos meninos preencheram todos os quesitos de TEPT do DSM-IV.

Por outro lado, há quem afirme que a gravidade e intensidade dos sintomas de TEPT em crianças estão diretamente associado à influência parental como observa SPEED¹⁴¹ e WEIME *et al*¹⁵¹ o que amplia bastante o estudo do Transtorno em suas implicações sobre as vítimas primárias e secundárias de um trauma severo.

Em adultos, a maioria dos estudos diz respeito ao trauma de guerra, como cita SHEPHARD¹³⁵, relatando efeitos sobre os combatentes e as populações habitantes dos locais de “frente de batalha”.

Estes estudos estão sintetizados na tabela abaixo, elaborado por BALLONE⁴, no mais amplo site sobre psiquiatria disponível na Internet: [http://: www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br) :

Estímulos estressantes e porcentagem de Transtorno por Estresse Pós-Traumático			
AUTOR	ANO	ACONTECIMENTO	%
Terr	1981	Seqüestro	100
Pynoos	1987	Ataque de franco-atirador	93
McLeer	1988	Abuso sexual	48
Reinherz	1993	Agressão física	25
Shaw	1996	Furacão	70
Najarian	1996	Terremoto	32
Savin	1996	Guerra	71
March	1997	Incêndio	12
Korol	1999	Desastre nuclear	88
Sack	1999	Guerra	50
McCloskey	2000	Violência doméstica	24

O estudo do TEPT, passadas as exaustivas e ainda não muito bem concluídas pesquisas sobre a Depressão e o Transtorno Afetivo Bi-Polar, parece ter se tornado a “coqueluche” em pauta (ou “em tela”, para se adequar aos cibernéticos tempos modernos) devido à verdadeira convulsão em que vive o mundo hoje em dia. GARCIA et al.⁴⁸ (2000), assim como vários outros autores tentam, ainda, estabelecer critérios bem delimitados para o Transtorno.

Por fim, devido a tantas controvérsias, definições e redefinições do TEPT, ainda há espaço para a conceituação definitiva deste Transtorno, como o afirmam os autores portugueses PEREIRA E MONTEIRO-FERREIRA¹⁰⁵, em 2003 :

*"Em suma, a investigação futura tem pela frente um desafio enorme em termos da própria definição do construto de PTSD, o que implica a necessidade urgente de um maior conhecimento de forma a poder redefinir o que realmente causa a perturbação. Nesta linha de pensamento, é preciso que a investigação inclua no seu cerne as questões da natureza humana, em particular da **resiliência** ao stress, a necessidade ou não de os estressores necessitarem de ser "extremos" e o papel da cultura ao definir o que é socialmente aceito como uma "perturbação".*

Outro conceito deslocado da física é a **resiliência**, que nomeia a propriedade de alguns materiais de acumular energia, quando exigidos e estressados, e voltar ao seu estado original sem qualquer deformação. Assim, vem contando pontos como competência humana a habilidade do elástico, ou da vara do salto em altura – aquela que enverga no limite máximo sem quebrar, volta com tudo e lança o atleta para o alto.

Assim poderia ser explicado o fato de que algumas pessoas, por motivos ainda não muito bem elucidados como traços de personalidade, momento atual de vida, história particular de desenvolvimento psicológico, mesmo expostas ao agente

traumático, apresentem apenas algumas alterações iniciais em seu estado psíquico, desenvolvendo ou um quadro de Transtorno do Estresse Agudo (que se resolve espontaneamente em pouco mais de um mês após o evento) ou simplesmente não apresentando nenhuma reação de estresse. Cabe, no entanto ressaltar, que, no próprio conceito de TEPT, o transtorno pode vir a se manifestar até mesmo passados 5 anos (ou mais, segundo nossa constatação) após o acontecimento traumático e de uma forma que, nem sempre, preenche **todos** os requisitos definidos pelo DSM-IV para o TEPT, mas com sintomatologia de outros transtornos de ansiedade que, devido ao distanciamento cronológico do incidente, não são associados pela pessoa, de imediato, àquela situação.

Por outro lado, a resiliência pode explicar porque para algumas pessoas o evento traumático produz um resultado de crescimento pessoal e reformulações positivas do modo de vida.

3.2 ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS

Ao final da chamada “Década do Cérebro” (anos 90 do século XX), o campo da Psiquiatria foi inundado por conceitos neurocientíficos que, comparados aos postulados considerados meramente especulativos das teorias psicodinâmicas, proporcionaram um maior prestígio e aceitabilidade por parte da Comunidade Científica.

Aproximações neuropsicológicas complementando a semiologia clínica psiquiátrica tradicional têm representado promessas de precisão diagnóstica, prognóstica e forense.

À medida em que progridem os estudos nesta área, no campo da Justiça ganham mais confiabilidade os métodos quantitativos (como testes e escalas psicológicas, além de achados na área da neuroimagem), desprezando-se, de certo modo, as avaliações subjetivas, consideradas por muitos como meramente teóricas.

Segundo FRIDMAN et al⁴⁶, 2001, estas novas investigações trarão dados mais completos e confiáveis para a análise judiciária:

Se é adequado um procedimento médico baseado na probabilidade de determinada expectativa confirmar-se (lógica probabilística) apesar da chance menor de estarmos enganados; já na justiça, 'in dubio pro réu'. Ou seja: na Justiça não se admite a dúvida – seus julgamentos pressupõem uma certeza, pois, no caso de dúvida, a Justiça penderá sistematicamente a favor do lado mais fraco – o réu, o empregado, o consumidor – onerando o lado mais forte – o estado, o empregador, o fornecedor – com o ônus da prova, ou seja, a obrigação de provar cabalmente o mérito de sua versão.

São muitas, embora ainda incipientes, as pesquisas que procuram mostrar o vértice biológico (ou neuropsíquico) que seriam a base para a ocorrência do TEPT em pessoas expostas a eventos traumáticos.

Há, no entanto, consolidando a estrutura bio-psico-social do Ser Humano, enfatizando o vértice biológico, estudos recentes que mostram alterações significativas na fisiologia e na anatomia cerebral, como citam ARAÚJO, LACERDA & BRESSAM²:

“A utilização de avançadas técnicas de neuroimagem tem contribuído substancialmente para o entendimento de possíveis mecanismos fisiopatológicos relacionados ao TEPT. A redução volumétrica do hipocampo tem sido o achado neuroestrutural mais consistentemente descrito. Estudos de neuroimagem funcional, utilizando diferentes paradigmas investigativos (provocação de sintomas, ativação neuro cognitiva e desafio farmacológico) têm revelado uma hiperativação do corpo amigdalóide e uma resposta atenuada do córtex pré-frontal medial, córtex orbitofrontal e do giro cíngulo anterior, o que eleva essas estruturas à condição de integrantes de circuitos potencialmente relevantes para a fisiopatologia do TEPT.”

Ao descrever as cicatrizes neurobiológicas do TEPT, GRASSI-OLIVEIRA, PERGHER & STEIN⁵¹, citando vários trabalhos de diversos autores com diferentes metodologias, apontam para um dado interessante que é a questão atualmente bastante em voga sobre o volume menor do hipocampo em pacientes com TEPT, o que seria devido à ação tóxica do cortisol. Os autores referidos citam a hipótese de que um já reduzido volume do hipocampo poderia predispor o indivíduo a desenvolver o TEPT, quando exposto a um evento traumático. Citam o artigo de GILBERTSON et al⁵⁰, publicado em 2002, no qual veteranos da guerra do Vietnã que desenvolveram o TEPT apresentavam volume hipocampal reduzido, porém, comparados com gêmeos homozigóticos em que um deles havia ido à guerra e outro não, estes também apresentavam a mesma redução do hipocampo. Isto nos faz pensar que a redução do volume hipocampal possa ser um dos predisponentes para o desenvolvimento do TEPT, mas não uma consequência do transtorno.

Segundo RAMOS¹¹⁵, em um capítulo de livro publicado em 2005, por conta das semelhanças entre os sintomas do TEPT e da depressão e ansiedade, os modelos

biológicos existentes para a descrição destes últimos são os mais adotados com frequência para explicar as diferentes manifestações do TEPT.

Os estudos mais abrangentes nesta área envolvem a elucidação dos mecanismos de neurotransmissão, realizado pelas catecolaminas, e o papel do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (eixo HPA) na gênese destes sintomas.

SELYE¹³² já havia notado em 1976 que em situações agudas de estresse observa-se uma elevação dos níveis séricos de cortisol de forma relativamente proporcional à intensidade do estímulo estressante. MUNK et al., 1984⁹⁶ levantaram a hipótese de que este aumento dos níveis de cortisol teriam o efeito de “controlar” a ação das catecolaminas liberadas em sua ativação simpática de disponibilizar energia para os órgãos vitais através do aumento da frequência cardíaca, pressão arterial e glicemia. Assim, o cortisol funcionaria como um mediador do término da resposta de estresse por meio de um feedback negativo sobre o hipocampo, amígdala, hipófise e hipotálamo.

Seguindo esta linha de raciocínio, seria de se esperar um alto nível sérico de cortisol em pacientes com TEPT. No entanto, existem fortes evidências de que os níveis de cortisol encontram-se diminuídos nestes pacientes(NEWPORT & NEMEROFF, 2000; YEHUDA, 2000; YEHUDA, KAHANA & BINDER-BRYNES, 1995; SOUTHWICK & NUSSBAUM, 1990 **apud** RAMOS, 2005, já citado).

Aliadas a estes achados estão as observações de BREMMER et al, 1997, de que os níveis de **CRF** (Fator de Liberação de Corticotrofina) encontram-se elevados nesta população.

Esta redução dos níveis de cortisol e aumento de **CRF** têm se mostrado consistentes e parecem ser um dos marcadores biológicos de tal condição. Além disto,

estas observações sugerem a existência de um substrato biológico que poderia facilitar o desenvolvimento do TEPT, o que indicaria uma deficiência individual para inibir respostas naturais de adaptação e defesa ao trauma. PITMAN, 1989¹¹⁰ infere que:

Uma resposta exagerada de catecolaminas e neuropeptídeos na época do trauma poderiam levar a uma superconsolidação de memórias em indivíduos que viriam a desenvolver o TEPT, pois iniciariam um processo pelo qual as memórias relacionadas ao evento traumático tornar-se-iam particularmente fortes facilitando sua recordação de forma inapropriada. Essa superconsolidação de conteúdos de memória não ocorreria em indivíduos que não viriam a desenvolver o TEPT porque o cortisol, responsável pela interrupção da resposta ao estresse, atuaria já agudamente e preveniria o aparecimento do transtorno.

Outro foco de atenção nos estudos sobre a neurobiologia do TEPT tem sido a observação de que pessoas com este diagnóstico apresentam um número aumentado de receptores periféricos de glicocorticóide o que se traduz numa resposta exaltada dos níveis de cortisol que inibiriam, momentaneamente, as respostas fisiológicas normais às situações de trauma.

YEHUDA¹⁵³, em artigo publicado em 2000, argumenta que, levando em consideração todos estes achados, a atrofia hipocampal observada em pacientes com TEPT não deve ser secundária à uma simples ação tóxica do cortisol, mas sugere que a hipersensibilidade observada em receptores glicocorticóides periféricos, poderia ocorrer em regiões específicas do hipocampo, o que facilitaria qualquer ação tóxica do cortisol, mesmo em níveis reduzidos, nestas regiões. Assim, conclui o autor citado, que “talvez as principais alterações fisiopatológicas do TEPT possam estar

associadas a anormalidades de receptores de glicocorticóides mais do que a níveis alterados de secreção de cortisol”

Em meio a tantas inferências e observações empíricas que se contradizem a cada nova comunicação científica sobre o assunto, pode-se considerar, como observa McEwen⁸⁵, em 2003, que o hipocampo parece desempenhar importante papel nas funções cognitivas relacionadas com a memória contextual, episódica e espacial, cujo estudo mais aprofundado pode contribuir para um melhor entendimento dos déficits cognitivos comumente encontrados neste transtorno.

Estas hipóteses, no entanto, podem explicar, neste momento em que se encontram os estudos sobre o TEPT, pelo menos no nível biológico, a ocorrência de respostas diferentes ao mesmo tipo de trauma sofrido pelas pessoas.

3.3 ASPECTOS PSICODINÂMICOS

Continuando a avaliar o eixo bio-psico-social da estrutura do Ser Humano não se pode furtar às observações amplas e profundas da psicanálise (ainda que pesem sobre elas severas e contundentes críticas dos psiquiatras organicistas modernos), que enfatizam o vértice psicológico do comportamento individual e às suas implicações na elucidação dos aspectos psicodinâmicos envolvidos em situações traumáticas.

Embora as observações neurobiológicas sejam de um valor inestimável, os aspectos psicológicos, baseados em observações práticas e teóricas e na **relação empática** (HYCNER⁵⁷ - 1995) que se estabelece entre o entrevistador e o

entrevistado não podem ser simplesmente ignorados, pois traz à luz uma compreensão mais abrangente e profunda do ser humano, estabelecendo características de sua subjetividade*.

Ainda que haja um número muito grande de “teorias psicológicas”, a Psicanálise é, sem dúvida, a mais abrangente e que serve de ponto de partida, a favor ou contra, às outras formulações teóricas sobre o funcionamento da mente humana.

A Psicanálise é uma disciplina de base científica, considerada por muitos como ainda discutível, instituída pelo médico vienense, de origem judaica, **Sigmund Freud** (1856-1939) há mais de 100 anos. Aquilo que é chamado de “**Teoria Psicanalítica**” é um corpo de hipóteses a respeito do funcionamento e desenvolvimento da mente humana. Dentre os vários e controvertidos conceitos desenvolvidos por Freud, ao longo de mais de 50 anos de pesquisa empírica, há dois que são considerados básicos, fundamentais e que sustentam toda a estrutura da teoria por ele desenvolvida. São eles os conceitos do Inconsciente e Determinismo Psíquico (BRENNER, 1975)¹⁵

Para Freud, haveria um local na mente, topograficamente existente e ainda não localizado, onde seriam “armazenadas” todas as experiências de cunho negativo e/ou traumáticas vividas pela pessoa às quais ela não teria acesso, pois gerariam um permanente estado de angústia e aflição e que, devido a um mecanismo psíquico chamado de **repressão**, permaneceriam como que “enterradas” profundamente em suas mentes, neste local chamado de **INCONCIENTE**.

***Subjetividade**, em uma consideração simplista, é entendida como o espaço de encontro do indivíduo com o mundo social, resultando tanto em marcas singulares na formação do indivíduo quanto na construção de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural que vão constituir a experiência histórica e coletiva dos grupos e populações.

Assim, Freud começava a esboçar um esquema de um “**Aparelho Psíquico**”, o qual seria formado, primariamente, por duas instâncias, o Inconsciente e o Consciente, separados por uma tênue camada chamada de Pré-Consciente.

O Inconsciente, no entanto, tentaria manter a todo custo, através do mecanismo da repressão, estas “más lembranças” escondidas da pessoa, mas haveria entre elas uma movimentação contínua, **dinâmica**, para que aflorassem ao Consciente, de forma que haveria uma interação de forças, que se apóiam, combinam ou inibem mutuamente, enfim, um movimento permanente de interação de forças que permanecem em conflito mútuo mas que, em situações de normalidade, permanecem em equilíbrio e apenas quando há um desequilíbrio entre estas forças dinâmicas, os conflitos se tornam patogênicos (NAGERA, 1970)⁹⁷

Por outro lado, mesmo no dia-a-dia normal das pessoas, os conflitos, desejos e medos reprimidos no Inconsciente exerceriam um fator determinante nas atitudes, escolhas, opções e demais comportamentos humanos pois, devido à falhas no mecanismo de repressão, estes conteúdos inconscientes viriam a se manifestar de forma “transformada” fazendo com que “nada seja por acaso”, ou, em outras palavras, todo o comportamento humano é determinado pela história de vida registrada no Inconsciente. Este é o conceito do **Determinismo Psíquico**.

Em uma visão simplificada e ingênua, pode-se entender que a magnitude de um trauma de grandes proporções, como o seqüestro, produz uma ampla desorganização dos mecanismos de defesa da pessoa, permitindo que se associe ao evento traumático atual um conjunto de situações de instabilidade que, até então, mantinham-se em equilíbrio, reprimidas em seu inconsciente.

Para ANA FREUD, 1971⁴³, o principal elemento para o desencadeamento da Neurose Traumática* seria a repetição de situações traumáticas, pois nenhum fato verdadeiramente traumático é assimilado plenamente e a vulnerabilidade crescente é inevitável, quando ocorre a repetição quantitativa ou qualitativa de traumas anteriores.

Como a experiência traumática é um fator da realidade externa, a maioria das defesas utilizadas pelo indivíduo com TEPT dirige-se contra os sintomas e acabam sendo, em si, novos sintomas, fechando um “círculo vicioso” que impede à pessoa, sozinha, poder associar os acontecimentos atuais aos anteriormente vividos, o que potencializa, de forma considerável, a magnitude do trauma atual.

O evento real torna-se traumático por uma falha da barreira contra estímulos ou escudo protetor inundando o ego com um excesso de energia. Essa inundação dilacera a capacidade defensiva do ego, fazendo-o regredir a formas de funcionamento mais primitivas, como o desamparo (FREUD, 1920)⁴⁵

Para VIEIRA NETO & SODRÉ¹⁴⁸ :

O Aparelho Psíquico funciona seguindo o princípio da constância ou homeostase. Qualquer aumento de energia recebida requer uma descarga equivalente tendo, como objetivo, o retorno do aparelho ao estado anterior. Após um transtorno produzido por um estímulo externo, quando não são possíveis a descarga ou as vias associativas o desenvolvimento dos sintomas é a única saída possível.... para um ego tornado frágil, por mais que não seja a mais adequada, essa é a melhor solução.

Nas neuroses traumáticas, a natureza e a intensidade do impacto contra as barreiras protetoras do ego é de uma grandeza tal que provoca um colapso na estrutura egóica.

*Termo utilizado pela psicanálise para o TEPT.

Clinicamente, a pessoa vítima de um evento desta natureza, passa a apresentar sintomas de pânico, terror, confusão, estupor, que demonstram um despreparo do psiquismo para enfrentais tais situações.

Segundo COSTA²³(2003) :

Do ponto de vista dinâmico, o que surpreende nestas síndromes é a repetição do acontecimento desagradável, defesa oposta ao princípio do prazer. Em lugar de rememorar ou ‘alucinar’(no sentido da alucinação onírica) o objeto ou situação portadores de prazer o sujeito reedita incessantemente o trauma, contrariando aquele princípio.

Uma explicação singela para este paradoxo é como aquela antiga fala de que “se não se pode combater o inimigo, é melhor aliar-se a ele!”. Dinamicamente falando, o ego “fixa-se” ao trauma como uma forma de, ao longo do tempo, encontrar mecanismos adequados para poder livrar-se dele. Durante este período, obviamente, o Aparelho Psíquico desorganizado permanece em constante sofrimento, como quem, em meio ao desabamento de uma casa, procura, ao mesmo tempo proteger-se e reconstruir o que está ruindo, em um esforço descomunal.

Há, ainda a citar, o artigo publicado em 2003, em que MESHULAM-WEREBE, ANDRADE & DELOUYA⁸⁹ no qual se oferece uma outra explicação para este transtorno:

O trauma psíquico, ou a lembrança do trauma, atua como um corpo estranho, que muito depois de sua entrada, continua como um agente que ainda se acha em ação. Há a hipótese de que o trauma reativou um conflito psicológico anteriormente quiescente, embora não resolvido. A experiência de reviver o trauma de infância resulta em regressão e no uso de mecanismos de defesa de repressão, negação

e anulação. O ego revive e, desta forma, tenta dominar e reduzir a ansiedade. Como na histeria, há o ganho secundário do mundo externo, como compensações financeiras, maior atenção ou solidariedade e satisfação de necessidades de dependência. Estes ganhos reforçam o transtorno e sua persistência.

Embora estas observações sejam absolutamente verdadeiras e apareçam com frequência no processo terapêutico da vítima de TEPT, apesar delas ou mesmo por conta delas, a Sociedade e, principalmente, o Poder Público (como veremos adiante) tende a, de forma preconceituosa, desprezar a vítima como habitualmente age a sociedade em relação àqueles que apresentam problemas na esfera psicológica e psiquiátrica

Muito mais ainda poderia ser escrito sobre os aspectos psicodinâmicos do TEPT mas, para isto, seria preciso um aprofundamento nos amplos, diversos e controvertidos conceitos psicanalíticos, interligados entre si de uma forma intrincada e complexa que, por si só, mereceriam uma extensa tese a respeito.

Por fim, não se pode encerrar estas considerações psicodinâmicas sobre o TEPT sem citar o mais próximo colaborador de Freud, SANDOR FERENCZI e suas várias contribuições relacionadas a este tema, particularmente em relação à “fragmentação psíquica” sofrida pela pessoa vítima de um trauma.

Comparando o trauma psíquico a um trauma físico, FERENCZI³³ (1932) escreve:

Fragments de órgãos, elementos de órgãos fragmentados e elementos psíquicos são dissociados. No plano corporal, trata-se realmente da anarquia dos órgãos, partes de órgãos e elementos de órgão, quando a colaboração recíproca é a única que torna possível o verdadeiro funcionamento global, ou seja, a vida; no plano psíquico, a irrupção da violência, ou a ausência de um contra-investimento sólido,

provoca uma espécie de explosão, uma destruição das associações psíquicas entre sistemas e conteúdos psíquicos, que pode estender-se até aos elementos de percepção mais profundos.

3.4 ASPECTOS SOCIAIS

Fechando o eixo bio-psico social da estrutura do ser humano, é obrigatória uma reflexão sobre a não declarada porém cruelmente existente Guerra Civil na qual o Brasil está mergulhado há anos.

Na monumental obra do já citado pesquisador e especialista em literatura médica, Luís MIR⁹¹, junta medicina e história e comprova este estado de guerra no qual morrem, a cada ano, 150.000 pessoas, das quais 56.000 por armas de fogo.

Mesmo após décadas de esforço, o Brasil não vem obtendo resultados positivos na luta contra a forte desigualdade social existente entre o norte-nordeste e o centro-sul do país. Segundo o "Atlas da Exclusão Social", lançado em 3 volumes, pelos pesquisadores da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), POCHMANN e AMORIM¹¹¹, 86% dos municípios com maior índice de exclusão social do país estão na faixa que vai da Bahia ao Acre. Dos 5.507 municípios brasileiros, apenas 200 apresentam padrão de vida adequado.

Ainda que apareça de forma mais intensa nos estados do Norte e Nordeste, a exclusão social é uma realidade que se apresenta em todo o país. Mesmo em estados considerados mais ricos, como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, as marcas da desigualdade são bastante presentes. Em toda a extensão do país, os

locais onde o índice de exclusão desce a níveis aceitáveis se apresentam como pequenos "oásis" em meio a um imenso "deserto" de desigualdade social. Ainda assim, essas pequenas exceções ocorrem, em geral, nas grandes cidades, onde a média de renda é razoavelmente superior à do restante da população.

"Embora as pessoas da periferia de São Paulo possuam uma condição de vida bastante precárias, elas, ainda assim, possuem condição de vida melhor do que as de Guaribas (PI), por exemplo", explica o doutorando em Economia Social e do Trabalho da Unicamp, Ricardo Amorim, um dos organizadores da obra. Sem opções de estudo e emprego formal, a população das regiões localizadas acima do Trópico de Capricórnio (apontado no estudo como a divisão geográfica entre os dois "brasis") sofre ainda mais com a exclusão. *"Nas grandes cidades, as pessoas pobres, apesar de tudo, tomam dois ônibus e tem um hospital, uma escola para o filho, luz elétrica. No entanto, se você comparar com Guaribas ou Jordão (AC), vai ver que nem isso eles têm",* complementa.

Os resultados são impressionantes. Com base nos dados coletados, o Atlas aponta que 42% dos municípios brasileiros (o equivalente a 21% da população brasileira) estão em situação de exclusão social. *"Já era esperado que grande parte estivesse nessa situação. Mas não deixa de surpreender o número de municípios que estão excluídos. Apenas 200 municípios estão em boas condições, boa parte está apenas em condições intermediárias e a maioria ainda está em condição de exclusão",* alerta o mestrando em Economia Social e do Trabalho da Unicamp, Thiago Ribeiro, um dos autores do trabalho. Assim o levantamento aponta que mais de 25% dos brasileiros vivem em condições precárias, com baixa renda, sem emprego formal e baixo acesso à educação.

A partir das informações obtidas no levantamento, um ranking dos municípios com melhor e pior desempenho foi traçado. Neste ponto de vista, a discrepância entre as regiões Norte e Nordeste em relação ao restante do país se torna ainda mais clara. Entre os 100 municípios com o melhor índice de exclusão social, apenas um está localizado na região Nordeste - Fernando de Noronha. No extremo oposto, a situação se inverte. Apenas duas entre as 100 cidades com o pior desempenho não estão nas regiões localizadas acima do Trópico de Capricórnio - São João das Missões e Verdelândia, ambas em Minas Gerais.

ÍNDICE DE EXCLUSÃO SOCIAL

Fonte: Atlas da Exclusão Social no Brasil; Cortez Editora

Outro fator importante apontado pelo estudo foi a relação entre **violência** e **miséria**. Contrariando o que se pensava, a pobreza não é o fator determinante na escalada da criminalidade. Regiões extremamente pobres apontam baixos índices de violência, enquanto as grandes cidades - mais ricas - encontram cada vez mais dificuldades para controlar este problema. Para Amorim, o que determina a violência das grandes capitais é o abismo social entre os ricos e os pobres.

"É a derrubada de um mito. Muitos associam pobreza e violência como irmãs siamesas, que caminham juntas - o que não é verdade", explica Amorim. "Estados muito pobres como o Piauí, por exemplo, não têm um índice de violência tão alto como se poderia esperar". Nas grandes cidades, a coexistência de pessoas com baixíssima renda e condições precárias de sobrevivência e outras com renda elevada torna-se a razão do crescimento de violência. Outra consequência desta relação é o crescimento do crime organizado, que passa a influir diretamente no aumento dos índices de criminalidade. "O que determina o aumento da violência é a desigualdade. Ela está nas grandes cidades, onde há muita pobreza e muita riqueza juntas", conclui Amorim.

O termo "exclusão social" no caso desta obra tem um significado um pouco mais amplo do que o utilizado costumeiramente. Anteriormente, o índice mais utilizado para este tipo de comparação era o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), calculado pela ONU (Organização das Nações Unidas) e que leva em conta fatores como longevidade, renda e alfabetização. Para calcular o índice de Exclusão Social, os pesquisadores acrescentaram dados ligados à qualidade de vida da população como violência, desigualdade, número de jovens, nível de escolaridade e emprego formal de cada região. Com esses indicadores em mãos, começaram a montar o "mapa" da exclusão social no Brasil.

"Como já tínhamos feito muitas pesquisas de levantamento dos dados, pegamos os indicadores e resolvemos produzir um estudo em uma forma georeferenciada", conta Ribeiro. No entanto, a utilização de índices médios em cada município gera algumas distorções no resultado final. Nas grandes cidades, especificamente, esse problema se mostra de maneira contundente. Na capital

paulista, que apesar de contar com grande parcela da população em condições precárias, o índice de desigualdade está entre os melhores do país, pois a minoria que desfruta de alta renda acaba por equilibrar a situação do município. *"Por São Paulo ser um centro mais desenvolvido você acaba diluindo, na média, as grandes diferenças internas da cidade"*, lamenta Amorim.

Ainda assim, o trabalho se mostra bastante eficaz na identificação dos maiores problemas do país. Em tempos de luta contra a fome e a desigualdade, a comparação entre as diversas cidades brasileiras aponta que há muito a se fazer no combate da exclusão social.

O seminário sobre **Vitimização em São Paulo**, realizado em novembro de 2003, apresentou os resultados de uma ampla pesquisa executada pelo IFB - Instituto Futuro Brasil – Organização Não Governamental.

Participaram deste Seminário, dentre outros, Clifford Young, Leandro Picquet Carneiro, Örjan Olsén e Gregorio Stukart

Resultado de entrevistas realizadas em 5.000 domicílios, este trabalho reúne dados de vitimização e sócio-econômicos de mais de 20.000 pessoas.

O roubo no trânsito – a pedestres, motoristas e passageiros – é, na capital paulista, a modalidade criminosa que mais sofre o impacto do crescente desemprego, que já atinge mais de 2 milhões de pessoas na região metropolitana.

Numa escala de 0 a 100, é possível afirmar que o desemprego explica 85% da variação dos ataques em carros, 80% da oscilação dos casos em ônibus e 74% dos altos e baixos dos assaltos a pedestres.

São índices altos. Para ter uma idéia da proximidade dessa relação basta dizer que, se as oscilações percentuais de ambos os fenômenos -desemprego e

roubos- fossem sempre proporcionais ao longo dos meses, as taxas seriam 100% -12 pontos a mais.

Esse é o conceito de variância -uma forma de aferir em que medida, em um certo período, dois fenômenos se relacionam. E a sintonia entre o aumento do número de desempregados e explosão de casos de roubos no trânsito da capital é a principal constatação de uma pesquisa feita pelo **Uniemp** (Fórum Permanente Universidade-Empresa), fundação ligada à **Unicamp**, em parceria com a Secretaria de Estado da Segurança Pública.

O governo cedeu aos pesquisadores a totalidade dos boletins de ocorrência registrados na capital entre outubro de 2000 a setembro de 2003. E eles procuraram aferir o potencial de impacto em dezenas de crimes de duas das muitas variáveis tradicionalmente listadas para explicar a criminalidade.

"Não é nova a constatação da influência dos fatores socioeconômicos sobre a criminalidade. Essa é uma retórica antiga. Mas sempre se falou disso de forma ampla, sem que se apontasse que tipo de crime é afetado pelo desemprego e que tipo de desemprego afeta a criminalidade", explica o economista Leandro Piquet Carneiro, 39, professor do departamento de ciência política da Universidade de São Paulo e um dos autores da pesquisa.

Na busca de respostas, os estudiosos chegaram a uma curiosa conclusão: se o desemprego é acompanhado por um aumento maior dos roubos, a queda de renda tem um paralelo mais claro com o aumento de furtos -crimes **menos agressivos** e nos quais há menor exposição do autor.

E **seqüestros**, aumentam com a recessão?

"Não é possível fazer correlações com episódios cujo universo estatístico não é significativo, mas podemos dizer que o maior potencial de impacto de um

período de crise se dá sobre os índices dos crimes de oportunidade", afirma o economista norte-americano Clifford Alexandre Young, Ph.D em métodos quantitativos e psicologia social, complementando "porque é evidente que o afetado pelo desemprego não se associa imediatamente em quadrilha."

Na verdade, os crimes de maior violência e que envolvem estruturas peculiares de personalidade e agressividade do agente praticante não sofrem grande influência desta situação social de miséria e desamparo, o que leva a concluir que, se esta situação social adversa favorece o crime comum, não é ela a causa preponderante em delitos que envolvem perversidade e malignidade.

Se as conclusões podem soar elitistas, os estudiosos apressam-se em explicar que o desemprego e a queda de renda são tomados, na pesquisa, como variáveis sintetizadoras de um contexto amplo. É como se fossem a gota d'água de um processo no qual misturam-se, perigosamente, os elementos do desgastado tecido social.

Segundo Young:

"Estamos medindo também mecanismos indiretos de exclusão. Porque ficar sem emprego aqui, onde quase não há mecanismo de proteção social e o mercado de trabalho só encolhe, é bem diferente de ficar desempregado na Europa. Lá certamente o impacto do desemprego sobre a criminalidade é menor".

A falta de esperança de uma vida melhor seria a tônica por trás desse processo, como já anunciava o norte-americano ELLIOT CURRIE citado por POCHMANN e AMORIM¹¹¹ há mais de 20 anos. Dizia ele: *"As perspectivas pessimistas de encontrar um emprego decente nos mercados esfacelados das grandes cidades produzem um terreno fértil para a reprodução do crime".*

4 MÉTODOS

4.1 Amostra

81 pessoas de ambos os sexos, maiores de 18 anos, residentes no Estado de São Paulo, vítimas de seqüestro (relâmpago ou com cativo) que procuraram espontaneamente o Serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo por apresentarem alterações psíquicas após este evento, sendo que anteriormente não apresentavam nenhum transtorno psíquico. Para validação desta amostra, foi utilizado um “**Grupo Controle**”, composto por 41 sujeitos de pesquisa, recrutados na população em geral, após assinatura do consentimento informado, com o **critério de exclusão** de não possuírem diagnóstico psiquiátrico, não terem sofrido nenhum dos 20 mais significativos estressores assinalados na Escala de Holmes e Rahe (**ANEXO I**) nos últimos 5 anos e, principal e obviamente, não terem sido vítimas de qualquer tipo de **seqüestro**.

4.2 Instrumentos

Entrevista clínica psiquiátrica usando o DSM-III-R (orientada pelos sintomas e “insight”) como proposto por **Othmer & Othmer**¹⁰² (1992) , assinatura do Termo

de Consentimento Assistido e Informado (**ANEXO A**), acompanhada da aplicação das escalas especificadas abaixo como a Entrevista Estruturada para o DSM-IV (**SCID**) e escalas de avaliação de Estresse (**CPL-C**, **IES** e **ISSL**):

A. SCID (Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV): esta entrevista clínica estruturada, desenvolvida por FIRST, SPITIZER, GIBBON & WILLIAMS⁴¹ e verificada sua confiabilidade na versão traduzida para o português por DEL-BEM et al.²⁹ é aplicada em seus capítulos sobre o Transtorno do Estresse Pós-Traumático e Transtorno de Estresse Agudo. Proposta inicialmente para o DSM-III-R, foi desenvolvida na década de 80 e adaptada para os critérios propostos pelo DSM-IV, não havendo mudanças em sua estrutura básica, tem sido largamente utilizada, mostrando-se um instrumento bastante útil para a confiabilidade do diagnóstico psiquiátrico (**ANEXO C**).

B. PCL-C (Pos-Traumatic Stress Disorder Checklist – Civilian Version): Segundo BERGER, MENDIOWICS, SOUZA & FIGUEIRA⁸ (2004) que realizaram a validação desta Escala para os padrões brasileiros, o PCL-C trata-se de um instrumento amplamente utilizado e validado em vários países do mundo. Quando da sua validação em português, foram respeitados os critérios diagnósticos para TEPT e até mesmo a aparência da versão original em inglês da PCL-C. Essa escala foi escolhida para ser um instrumento para rastreamento de TEPT por diversos autores e com vários estudos de validação e determinação de suas propriedades psicométricas, em sua versão original em inglês e também em outros

idiomas. Possui a característica de ser auto-aplicável, ou seja, não necessita de um examinador externo, diferentemente de outros instrumentos existentes, como a *Clinician Administered PTSD Scale for DSM-IV (CAPS-DX)* e a *SCID*. Foi comparado à *Clinician Administered PTSD Scale (CAPS)* utilizada com referencia em estudo de relevância, onde revelou-se que apresenta uma correlação igual a 0,929 e uma eficiência diagnóstica (medida estatística derivada de uma tabela de classificação 2 x 2, incluindo sensibilidade, especificidade, valores preditivos positivo e negativo, *Kappa*, *phi*, *odds ratio* e relação probabilidade) igual a 0,9 em relação à CAPS; ao comparar a PCL à *Strutured Clinical Interview for DSM-III-R (SCID)*, Weathers et Al, encontraram uma sensibilidade igual a 0,82, uma especificidade igual a 0,83 e um índice Kappa de 0,6414. Foi demonstrada também uma forte correlação com outras escalas, como a Escala de Impacto de Evento e a Escala PK da MMPI – 214³. **(ANEXO D)**

- C. **IES (Escala de Impacto de Evento)**: é uma escala de auto-aplicação, desenvolvida por HOROWITZ, WILMER & ALVARES⁵⁵ (1979) e traduzida para o português por Ligia Ito, que é composta de 15 itens que medem a presença de sintomas intrusivos e de esquiva após a ocorrência de situações traumáticas. Apesar de apresentar problemas quanto à gradação dos escores, pois diferentes autores utilizam diferentes pontuações, é uma escala que, ao lado dos demais instrumentos deste projeto contribui na constatação da magnitude do trauma estudado. **(ANEXO E)**.

D. ISSL (Inventário de Sintomas de Estresse Para Adultos) : O processo de investigação diagnóstica do grau de estresse foi realizado, com a aplicação do **ISSL** com o objetivo claro de avaliar o estado atual de sofrimento dos pacientes e, de forma objetiva evidenciar se ele possui os referidos sintomas de estresse, o tipo de sintoma existente (se somático ou psicológico) e a fase em que se encontra. O Inventário é composto de 3 quadros que se referem às quatro fases do estresse (alerta, resistência, quase-exaustão e exaustão). Os sintomas listados são típicos de cada fase, apresentando 37 itens de natureza somática e 19 de natureza psicológica. Vale salientar que o ISSL foi validado em 1994 por Marilda Novaes Lipp e Guevara⁷⁴. Com esta fase, caracteriza-se se a pessoa tem estresse, em qual fase se encontra e se tipicamente para ela o estresse se manifesta mais através de sintomatologia na esfera *física* ou *psíquica*. **(ANEXO F)**

4.3 Procedimentos

- i. Cada pessoa foi submetida, após ser dada ciência ao paciente de que ele estará fazendo parte de um projeto de pesquisa e ser pedido seu consentimento livre e esclarecido para sua inclusão no espaço amostral (ANEXO A) , a uma ou mais entrevistas psiquiátricas, realizadas pelo investigador principal , segundo o modelo de uma entrevista descritiva, onde foram enfatizadas técnicas oriundas do DSM-III-R e orientadas para a avaliação de sintomas, sinais, comportamentos e disfunções

psicológicas que, à priori, “enquadram” o paciente no diagnóstico de Transtorno de Estresse Pós-Traumático, seguida da aplicação da Entrevista Estruturada para o DSM-IV (SCID).

- ii. Encaminhamento para o Grupo de Voluntários de Psicologia do **GORIP** (Grupo Operativo de Resgate da Integridade Psíquica) do Serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (Ipq- HCFMUSP), no qual o autor desta Tese exerce o cargo e função de Médico-Supervisor, para a aplicação das escalas psicológicas, seguindo basicamente os modelos propostos por ROSO¹²² em seu trabalho sobre “Escala de Avaliação do TEPT”, publicado em 2000, iniciando a abordagem com uma entrevista não dirigida, seguida da aplicação das escalas descritas acima: CPL-C, ISSL e do IES.
- iii. Todo este mesmo procedimento foi aplicado a um “**Grupo Controle**”, composto de pessoas aleatoriamente recrutadas, respeitando-se os critérios de exclusão já descritos .

4.4 Análise Estatística

No grupo de 81 pessoas estudadas (ANEXO G), após a avaliação psiquiátrica (utilizando os procedimentos indicados para uma entrevista clínica usando o DSM-II-R) e a aplicação da Entrevista Clínica Estruturada para o DSM-IV (SCID), foi

observado que todos apresentavam o Transtorno de Estresse Agudo ou o Transtorno do Estresse Pós-Traumático, em suas modalidades moderada e severa.

Foram excluídas da amostra, pessoas que já apresentavam transtornos psiquiátricos anteriores ao trauma.

O “grupo controle” foi composto por 41 pessoas (ANEXO H), recrutadas aleatoriamente, que não apresentaram nenhum dos sintomas de TEA ou TEPT no decorrer da vida, não enfrentaram nenhum dos 20 maiores “estressores” da tabela de Holmes e Rahe e, principalmente, não tenham sofrido nenhum tipo de seqüestro.

Na análise estatística dos resultados, foi considerado que as escalas PCL-C e IES são quantitativas e para o ISSL, embora originalmente quantitativo, foram criadas categorias associadas aos níveis de estresse, sendo então tratado como uma variável qualitativa.

Para a PCL-C e IES foram calculadas estatísticas descritivas; média, desvio padrão, mínimo, mediana e máximo. Foi verificada a correlação da idade com PCL-C e IES, tendo sido feito o controle dessas variáveis, quando necessário. A comparação dos escores médios dessas escalas nos grupos Controle e Vítimas, controlando-se por sexo, foi feito por meio da técnica de análise de variância (Neter et al.⁹⁹ (1996), adotando-se o método de comparações múltiplas de Tukey para localizar as diferenças entre as médias, quando necessário. A correlação entre a PCL-C e IES foi avaliada, no grupo seqüestro, pelo coeficiente de correlação linear de Spearman. Foram estimados percentis das distribuições das escalas PCL-C e ISSL no grupo seqüestro, com o objetivo de melhor descrever a distribuição dos escores e criar valores de referência para avaliação do estresse de outros indivíduos que venham a ser seqüestrados.

A associação entre ISSL e a Idade, foi avaliada por meio das comparações das medianas da Idade nas categorias da escala: Exaustão, Quase exaustão, Alerta, Resistência e Não tem stress. Para isto foi aplicado o teste de Kruskal - Wallis (Neter et al., 1996). Para comparar as distribuições da escala em homens e mulheres, foram agrupadas as categorias Não tem stress, Resistência e Alerta em uma única categoria e Quase exaustão e Exaustão em outra, sendo então aplicado o teste exato de Fisher. As distribuições da ISSL nos dois grupos foram também comparadas pelo teste exato de Fisher. (Fisher e van Belle⁴⁰ (1993).

A associação do ISSL e PCL-C e entre ISSL e IES foi estudada comparando-se as médias dos escores das escalas quantitativas (PCL-C e IES) nas categorias do ISSL, sendo adotado para isso o teste t-Student.

Além desta avaliação, que visa definir o grau de desestruturação psíquica apresentada pelos sujeitos da pesquisa e, portanto, dimensionar a magnitude do estresse apresentado, os pacientes foram submetidos a um tratamento em Psicoterapia Breve Focal Tematizada , no qual se tornou mais evidente a profundidade da ferida psíquica causada pelo referido trauma. Este trabalho psicoterapêutico não é tema desta Tese, porém se trata de um campo bastante amplo para futuras pesquisas.

Foram calculadas estatísticas descritivas e construídos gráficos do tipo box-plot para os escores das escalas PCL-C e IES. As médias dos escores da PCL-C nos dois eventos e sexos foram comparadas por meio da técnica de Análise de variância (Neter et al., 1996)⁹⁹ . O teste de Kruskal -Wallis foi adotado na comparação das medianas dos escores da IES nos dois sexos e eventos.

Para o ISSL foram construídas tabelas de frequências e porcentagens por sexo e evento. As distribuições dessa escala nos dois sexos e eventos foram comparadas por meio do teste exato de Fisher (Fisher e van Belle, 1993) . Para isto, as cinco categorias da escala foram agrupadas da seguinte forma: Exaustão, Quase exaustão e Resistência formaram a categoria Alto e Alerta e Não tem stress, a categoria Baixo.

A correlação entre PCL-C e IES foi avaliada calculando-se o coeficiente de correlação linear de Pearson (Fisher e van Belle, 1993)⁴⁰ . A associação entre PCL-C e ISSL, e entre IES e ISSL foi estudada comparando-se as médias dos escores das escalas quantitativas (PCL-C e IES) nas categorias Alto e Baixo do ISSL, sendo adotado para isto o teste t- Student (Fisher e van Belle, 1993) .

5 RELATÓRIO DA ANÁLISE ESTATÍSTICA

5.1 Objetivos da análise estatística

- caracterizar as amostras das populações Controle e Seqüestro, este último subdividido em Relâmpago e Cativoiro;
- comparar os comportamentos das três escalas nos grupos Controle, Seqüestro relâmpago e Seqüestro cativoiro, com o objetivo de verificar o poder de discriminação das escalas;
- estimar percentis das distribuições das escalas PCL-C e ISSL no grupo Seqüestro, com o objetivo de melhor descrever a distribuição dos escores e criar valores de referência para avaliação do stress para outros indivíduos que venham a ser seqüestrados;
- verificar a correlação entre as escalas no grupo Seqüestro.

5.2 Caracterização da amostra

O grupo Seqüestro é composto por 81 indivíduos, 41 mulheres (51%) e 40 homens (49%). Quarenta e dois (52%) seqüestros foram do tipo cativoiro e 39 (48%)

do tipo relâmpago. O Controle é composto por 41 pessoas, sendo 23 (56%) mulheres e 18 (44%) homens.

Na Tabela 1 apresentamos as distribuições de frequências e porcentagens do Sexo em cada grupo. Pelo teste χ^2 de homogeneidade (Bussab e Morettin, 2002), não foram detectadas diferenças entre as três distribuições ($p=0,512$), ou seja, as porcentagens de homens e mulheres não diferem significativamente nas três populações.

Tabela 1. Distribuições de frequência e porcentagens do sexo em cada grupo

Grupo	Feminino	Masculino	Total
Seqüestro cativoiro	19	23	42
	45%	55%	100%
Seqüestro relâmpago	22	17	39
	56%	44%	100%
Controle	23	18	41
	56%	44%	100%
Total	64	58	81
	52%	48%	100%

Estatísticas descritivas para a Idade são apresentadas na Tabela 2. As medianas da Idade nos três grupos foram comparadas pelo teste de Kruskal-Wallis, não tendo sido detectadas diferenças entre elas ($p=0,317$).

Tabela 2. Estatísticas descritivas para a Idade em cada grupo

Eventos	N	Média	Desvio padrão	Mínimo	Mediana	Máximo
Controle	41	35,9	12,6	19	35	78
Cativeiro	42	38,8	15,7	21	35	83
Relâmpago	39	39,1	9,9	21	40	58

5.3 Comparação dos comportamentos das três escalas nos grupos

Controle, Seqüestro relâmpago e Seqüestro cativeiro

Escala PCL-C

Na Figura 1 apresentamos o diagrama de dispersão da escala PCL-C e a Idade, no qual estão identificados os grupos Controle e Seqüestro cativeiro e relâmpago. Esse gráfico sugere não haver correlação entre Idade e os escores da PCL-C no grupo Seqüestro, seja do tipo cativeiro ou relâmpago. Porém, no Controle, notamos uma tendência do escore diminuir conforme aumenta a idade. Uma forma de quantificar essa correlação é por meio do coeficiente de correlação linear de Spearman (r). Obtivemos $r = 0,030$ ($p=0,848$) no subgrupo cativeiro e $r = 0,056$ ($p=0,734$) no subgrupo relâmpago, o que confirma a ausência de correlação entre

Idade e PCL-C nos seqüestrados. No Controle, obtivemos $r = -0,398$ ($p=0,010$), o que indica que o escore da escala tende a diminuir conforme aumenta a Idade. Por essa razão, nas análises do PCL-C a seguir, dividimos os indivíduos do Controle em dois subgrupos de acordo com a sua idade: os mais novos, com idade menor ou igual a 35 anos (=mediana) e os com mais de 35 anos. Esses dois grupos foram denominados Controle 1 e Controle 2, respectivamente.

Figura 1. Diagramas de dispersão da PCL-C e Idade nos grupos Controle e Sequestro

Na Tabela 3, apresentamos valores observados das estatísticas descritivas média, desvio padrão, mínimo, mediana e máximo para os escores da PCL-C nos grupos Cativoiro, Relâmpago, Controle 1 e Controle 2. Notamos que, nas amostras, os escores médios nos grupos de seqüestrados são superiores às dos subgrupos que formam o controle. Os dados observados não sugerem haver efeito de sexo nos escores. Na Figura 2 são apresentados *box-plots* para a PCL-C em cada grupo.

Tabela 3. Estatísticas descritivas para PCL-C, nos grupos Controle 1, Controle 2, Seqüestro cativoiro e Seqüestro relâmpago, por sexo

Evento	Sexo	N	Média	DP	Mínimo	Mediana	Máximo
Controle 1	F	11	21,6	6,3	17	19	35
	M	11	24,9	6,2	17	23	35
Controle 2	F	12	19,5	2,9	17	18,5	26
	M	7	17,0	0,0	17	17	17
Cativoiro	F	19	65,5	5,7	53	67	77
	M	23	64,6	10,0	40	65	80
Relâmpago	F	22	66,4	9,8	52	65,5	85
	M	17	64,7	7,4	54	65	78

Figura 2. Box-plots da PCL-C nos grupos Controle1, Controle 2, Seqüestro cativo e relâmpago

Para comparar as médias da PCL-C nos quatro grupos adotamos a técnica de análise de variância, testando também a existência de efeito de sexo e interação escala - sexo nas médias dos escores. (A transformação raiz quadrada foi feita aos dados de forma a minimizar desvios das suposições necessárias à aplicação da técnica). Não foram detectados efeitos de interação ($p=0,238$) e sexo ($p=0,812$) nas médias da PCL-C. As médias dos escores não são iguais nos quatro grupos. Pelo método de Tukey, obtivemos que as médias dos escores nos grupos Relâmpago e Cativo são iguais ($p=0,994$), e maiores que as médias do Controle 1 ($p=0,000$) e Controle 2 ($p=0,000$); a média no Controle 1 é maior que no Controle 2.

As estatísticas descritivas apresentadas na Tabela 3 foram recalculadas, não considerando agora a divisão em sexo e grupo cativo ou relâmpago. Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 4.

Tabela 4. Estatísticas descritivas para PCL-C, nos grupos Controle 1, Controle 2 e Seqüestro

Grupos	N	Mean	StDev	Minimo	Mediana	Maximo
Controle1	22	23,2	6,3	17	21,5	35
Controle2	19	18,6	2,6	17	17	26
Seqüestro	81	65,3	8,5	40	65	85

Escala IES

Na Figura 3, notamos que os escores do IES apresentam tendência a diminuir com o aumento da idade nos grupos Controle e Seqüestro cativo. Porém, os coeficientes de correlação de Spearman não foram considerados significativos: $r = -0,125$ ($p=0,430$) para Seqüestro cativo e $r = -0,237$ ($p=0,136$) para o Controle. No grupo Seqüestro relâmpago obtivemos $r = 0,056$ ($p=0,734$). Portanto, concluímos que não há correlação entre Idade e escore da IES e a comparação entre os grupos será feita independentemente da Idade.

Figura 3. Diagramas de dispersão da IES e Idade nos grupos Controle e Sequestro

Os valores das estatísticas descritivas apresentados na Tabela 5 sugerem o mesmo padrão de comportamento das médias observado na PCL-C: escores médios maiores nos grupos Sequestro relâmpago e cativoiro em relação ao Controle; as médias dos escores são semelhantes nos dois grupos de seqüestrados. Também não é sugerido efeito de sexo.

Tabela 5. Estatísticas descritivas para IES, nos grupos Controle, Sequestro cativoiro e Sequestro relâmpago, por sexo

Evento	Sexo	N	Média	DP	Mínimo	Mediana	Máximo
Controle	Feminino	23	0,5	1,8	0	0	7
	Masculino	18	3,6	8,2	0	0	25
Cativoiro	Feminino	19	30,7	4,3	24	30	39
	Masculino	23	28,0	7,9	6	29	39
Relâmpago	Feminino	22	32,1	5,0	21	33,5	39
	Masculino	17	31,7	4,4	25	30	43

Figura 4. Box-plots da IES nos grupos Controle, Cativoiro e Relâmpago

Pela técnica de análise de variância não foi detectado efeito de sexo ($p=0,985$), nem de interação grupo x sexo ($p=0,072$), porém foram detectadas diferenças entre as médias dos grupos ($p=0,000$). Prosseguindo a análise pelo método de Tukey, concluímos que as médias dos escores da IES nos dois grupos de seqüestrados são iguais (0,127), e maiores que a média no Controle ($p=0,000$).

Na Tabela 6 apresentamos os valores das estatísticas descritivas para IES nos grupos Controle e Seqüestro, sem considerar a divisão em cativo ou relâmpago.

Tabela 6- Estatísticas descritivas para os escores do IES no grupo Seqüestro

Grupo	N	<u>Média</u>	DP	Mínimo	Mediana	Máximo
Controle	41	1,9	5,7	0	0	25
Seqüestro	81	30,5	5,9	6	31	43

Escala ISSL

A escala ISSL é qualitativa e por essa razão em sua análise foram utilizadas técnicas diferentes das adotadas na análise da PCL-C e IES.

A associação entre ISSL e a Idade, foi avaliada por meio das comparações das medianas da Idade nas categorias da escala: Exaustão, Quase exaustão, Alerta, Resistência e Não tem stress, separadamente para cada grupo (Controle, Seqüestro cativo e Seqüestro relâmpago). Para isto foi aplicado o teste de Kruskal - Wallis (Neter et al., 1996), não tendo sido detectadas diferenças entre as medianas da Idade

nas 5 categorias da escala. ($p=0,839$ no Controle, $p=0,359$ no Cativo e $p=0,540$ no Relâmpago).

Nas Tabelas 7 a 9 temos as distribuições de frequências e porcentagens da ISSL por Sexo, no Controle e no Sequestro cativo e relâmpago, respectivamente. Para comparar as distribuições da escala em homens e mulheres, foram agrupadas as categorias Não tem stress, Resistência e Alerta em uma única categoria e Quase exaustão com Exaustão em outra. Pelo teste exato de Fisher, concluímos que as distribuições são as mesmas nos dois sexos ($p=1,000$ no Controle, $p=0,627$ no Cativo e $p=0,110$ no Relâmpago).

Tabela 7. Distribuições de frequências e porcentagens da ISSL por sexo no Controle

	Alerta	Resistência	Não tem stress	Total
Feminino	0	5	18	23
	0%	22,7%	78,3%	100%
Masculino	1	4	13	18
	5,6%	22,2%	72,2%	100%
Total	1	9	31	41
	2,4%	22,0%	75,6%	100%

Tabela 8. Distribuições de frequências e porcentagens da ISSL por sexo em seqüestros do tipo cativo

	Exaustão	Quase Exaustão	Alerta	Resistência	Não tem stress	Total
Feminino	2	6	3	7	1	19
	10,5%	31,6%	15,8%	36,8%	5,3%	100%
Masculino	6	8	1	7	1	23
	26,1%	34,8%	4,4%	30,4%	4,4%	100%
Total	8	14	4	14	2	42
	19,1%	33,3%	9,5%	33,3%	4,8%	100%

Tabela 9. Distribuições de frequências e porcentagens da ISLL por sexo em seqüestros do tipo relâmpago

	Exaustão	Quase Exaustão	Alerta	Resistência	Não tem stress	Total
Feminino	5	12	0	5	0	22
	22,7%	54,6%	0,0%	22,7%	0,0%	100%
Masculino	1	8	1	5	2	17
	5,9%	47,1%	5,9%	29,4%	11,8%	100%
Total	6	20	1	10	2	39
	15,4%	51,3%	2,6%	25,6%	5,1%	100%

As porcentagens de ocorrência de cada categoria em cada grupo estão representadas na Figura 5.

Figura 5. Gráfico de barras das porcentagens de indivíduos em cada categoria da ISSL nos grupos Controle, Cativoiro e Relâmpago

As distribuições da escala nos grupos Cativoiro e Relâmpago foram então comparadas, não sendo detectada diferença significativa entre elas ($p=0,250$).

As porcentagens de indivíduos em cada categoria da ISSL nos grupos Controle e Seqüestro estão representadas na Figura 6.

Figura 6. Gráfico de barras das porcentagens de indivíduos em cada categoria da ISSL nos grupos Controle, Seqüestro

Cálculo dos percentis das distribuições da PCL-C e IES no grupo seqüestro

Os valores dos percentis das distribuições das escalas obtidos são apresentados nas Tabelas 10 e 11, para PCL-C e IES, respectivamente. Nessas tabelas encontramos também os percentis dos escores percentuais, PCL-C% e IES%, obtidos dividindo-se cada escore pelo escore máximo da escala (85 para PCL-C e 45 para IES), o que nos permite avaliar a magnitude dos escores observados na amostra. Observamos, por exemplo, que 50% dos indivíduos têm escore na PCL-C maior ou igual a 65 (mediana), que corresponde a 76,5% do escore máximo; 95% dos indivíduos possuem escore maior ou igual a 52,1, que corresponde a 61,3% do valor máximo.

Esses percentis podem ser utilizados para avaliar a magnitude do estresse de um novo seqüestrado em relação à população de seqüestrados.

Tabela 10. Estimativas dos percentis das distribuições de PCL-C e PCL-C%, nos grupos Controle 1, Controle 2 e Seqüestro

	Percentis						
Variável	5	10	25	50	75	90	95
PCL-C	52,1	55	60	65	70	76,8	80
PCL-C%	61,3	64,7	70,6	76,5	82,4	90,4	94,1

Tabela 11. Percentis da distribuição de IES e IES% nos grupos Controle e Seqüestro

	Percentis						
Variável	5	10	25	50	75	90	95
IES	21,0	24,0	27,0	31,0	35,0	36,0	38,9
IES%	46,7	53,3	60,0	68,9	77,8	80,0	86,4

Estudo das correlações entre as escalas

IES x PCL-C

A correlação entre IES e PCL-C foi avaliada por meio do cálculo do coeficiente de correlação linear de Speareman, cujo valor observado foi $r=0,42$ ($p=0,000$). Portanto, foi detectada correlação positiva entre os escores das duas escalas, o que significa que existe uma tendência dos escores da IES aumentarem,

conforme os valores dos escores da PCL-C aumentam. Essa tendência pode ser visualizada no diagrama de dispersão apresentado na Figura 7.

Figura 7. Diagrama de dispersão de IES e PCL-C

OBS: a existência de correlação não implica em concordância de resultados. Uma forma de avaliar a concordância dos resultados das duas escalas seria termos pontos de corte que permitissem classificar os indivíduos segundo o grau de stress, o que permitiria avaliar se os 81 sujeitos da amostra são ou não classificados de forma similar pelas duas escalas. Como não dispomos desses pontos de corte, vamos verificar se os indivíduos apresentam escores relativos (IES% e PCL-C%) ao valor máximo similares nas duas escalas. Esses escores relativos são obtidos dividindo-se o escore observado pelo escore máximo da escala, multiplicando-se o valor obtido

por 100. Uma medida de similaridade desses escores em um mesmo indivíduo é dada pelo coeficiente de correlação intraclass (Fleiss, 1986). Neste estudo o valor observado desse coeficiente foi 0,27, o que implica que os escores relativos as duas escalas são pouco parecidos quando avaliados em um mesmo indivíduo.

IES x ISSL e PCLC e ISSL

Na Tabela 1, apresentamos valores observados de estatísticas descritivas do PCL-C e IES em nos grupos definidos segundo a ISSL da seguinte forma:

- Alto: ISSL nas categorias Exaustão e Quase exaustão;
- Baixo: ISSL nas categorias Alerta, Resistência e Não tem stress.

Tabela 12. Estatísticas descritivas para PCL-C e IES nos grupos Alto e Baixo da ISSL

Escala	ISSL	N	Média	DP	Mínimo	Mediana	Máximo
PCL- C	Alto	48	67,7	8,2	54	66	85
	Baixo	33	61,8	7,7	40	63	75
IES	Alto	48	30,5	6,1	6	31	43
	Baixo	33	30,6	5,6	13	31	39

Na Figura 2 apresentamos os gráficos dos valores individuais e médios dos escores da PCL-C e IES em cada nas categorias Alto e Baixo do ISSL

Figura 8. Gráfico dos valores individuais da PCL-C e IES nas categorias Alto e Baixo do ISSL

Observamos na Figura 8 e Tabela 12 que as médias do IES são próximas nas categorias Alto e Baixo do ISSL. Isto sugere que indivíduos classificados como Alto pela ISSL não tendem a apresentar escores mais altos da IES do que os classificados como Baixo, como seria esperado no caso de haver associação entre as duas escalas. O teste t-Student não detectou diferença significativa entre as médias do IES nos grupos com escore Alto e Baixo ($p=0,923$) e podemos então concluir que, em média, os escores da IES são iguais nos grupos Alto e Baixo da ISSL.

Para a PCL-C, observamos que a média dos escores na categoria Alto da ISSL é maior que na categoria Baixo. O teste t-Student detectou diferença significativa entre as médias da PCL-C nas duas categorias de ISSL ($p=0,001$). Assim, concluímos que, em média, os escores da PCL-C são maiores na categoria Alto da ISSL, indicando associação entre os resultados das duas escalas.

5.4 Conclusão da análise estatística

Foi feita a caracterização das amostras das populações Controle e Seqüestro, este último subdividido em Relâmpago e Cativoiro.

A análise estatística mostrou que as três escalas discriminam os grupos Seqüestro e Controle. Nas escalas PCL-C e IES, os seqüestrados tenderam a apresentar escores maiores que os controles. Na ISSL, a maioria dos controles foi classificada na categoria Não tem stress, enquanto que no Seqüestro a maioria foi classificada como Exaustão ou Quase exaustão. Os níveis de stress também se mostraram independentes do Sexo, tanto no grupo Controle quanto no Seqüestro, nas três escalas.

Não foram detectadas diferenças entre os níveis de stress dos grupos Seqüestro relâmpago e cativoiro nas três escalas.

O estudo da correlação entre as três escalas no grupo Seqüestro mostrou que os escores das escalas IES e PCL-C apresentam correlação positiva, isto é, indivíduos com escores de PCL-C altos, tendem também a apresentar valores altos de IES. A PCL-C também se mostrou associada à ISSL, sendo que indivíduos nas

categorias Exaustão e Quase exaustão da ISSL apresentam escore médio de PCL-C superior ao dos que estão nas categorias Alerta, Resistência e Não tem stress. Não foi detectada associação entre a IES e ISSL.

Foram estimados os percentis das distribuições das escalas PCL-C e ISSL no grupo Seqüestro, que podem ser utilizados como valores de referência para avaliação do estresse para outros indivíduos que venham a ser seqüestrados.

6 DISCUSSÃO

Este é o primeiro trabalho acadêmico realizado no Brasil que mostra a importância do crime de seqüestro, particularmente nas suas modalidades breve e prolongada, no desencadeamento do Transtorno de Estresse Pós-Traumático e todas as suas nefastas conseqüências para o indivíduo e para a sociedade.

Conseqüências estas que não podem ser medidas em números, ainda que tragam um sensível prejuízo no plano social e econômico, pois estas vítimas, mesmo submetidas a tratamentos e acompanhamento médico sempre levarão consigo as cicatrizes deste trauma.

Mesmo aqueles que não se reconhecem portadores do TEPT passaram por grandes mudanças em suas vidas após este trauma e, embora não mantenham viva a ferida dolorosa do acontecimento, guardam marcas profundas em suas almas.

O principal objetivo político deste trabalho é mostrar, principalmente ao Poder Público, que tanto se preocupa com os criminosos e seus “direitos humanos” que há seres humanos absolutamente sem direito algum padecendo terrivelmente à mercê da própria sorte.

Os indivíduos que os seqüestraram e fugiram, por diversos motivos não foram encontradas pela polícia. E se foram, por acaso, parar em alguma delegacia, certamente alguma **ONG** (Organização Não Governamental) ou mesmo a **OAB** (Ordem dos Advogados do Brasil) veio prontamente em socorro destas vítimas das

“injustiças sociais”, alegando a defesa dos direitos humanos de quem nem sequer humano consegue ser.

E não é apenas a chamada “**vítima primária**” (o seqüestrado) quem sofre com tudo isto, mas este crime deixa, também toda uma família absurdamente atordoada e eternamente “traumatizada”.

São pessoas que simplesmente estavam vivendo suas vidas também injustas, com dificuldades e sofrimentos, mas de forma honesta e humana e se viram, de um momento para outro, mergulhadas na **tortura** de uma cadeira de rodas, de uma cama hospitalar, da beirada de uma sepultura...

6.1 Psiquiatria Forense

Embora a Psiquiatria Forense seja definida por Ribé et al., **apud** ABDALA FILHO & GARRAFA¹, 2001, como “*a psiquiatria em função da justiça e seu objetivo de estudo é o homem, enfermo da mente, seja ele violador da norma jurídica ou esteja necessitando de proteção jurídica*”, observa-se, em uma ampla e profunda pesquisa pelos mais modernos compêndios de Psiquiatria Forense (MORAES⁹², 2001; TABORDA, CHALUB, ABDALA FILHO¹⁴², 2004, RIGONATTI¹²¹, 2003 e 2006) que há uma preocupação quase que exclusivamente centrada, com raras e rápidas menções às vítimas, nos aspectos psiquiátricos presentes no violador, no vitimizante, sem que se ocupe daquele que sofreu as consequências do ato delitivo, a vítima, que passa a enfrentar transtornos sociais, morais e psíquicos importantes.

Esta abordagem não deixa de ser estranha, pois a psiquiatria forense ou juspsiquiatria, já traz, em suas crenças básicas, fundamentos como os de CROCE e CROCE Jr²⁰, 1998:

... requer de seus professores toda uma gama de estudos específicos, técnica apropriada e treino intensivo para o correto desempenho do honroso mister de, louvado pelo juiz, lavrar o laudo de exame de sanidade mental referente ao réu^{}, pois nenhum médico não-psiquiatra, por maior que seja sua nomeada científica e o saber das formalidades jurídicas pertinentes à função pericial, estará apto a fazê-lo, abarregado no papel de juspsiquiatra, posto que tal esdrúxulo comportamento, só por si, torna o documento médico judiciário inidôneo.*

SEGRE & COHEM, 1988 **apud** COHEN & GOBBETTI¹⁸, 2006 publicaram um artigo^{**} em que mostram as diferenças no modo de pensar entre médicos e juristas que podem levar a “ruídos” na comunicação entre Saúde e Justiça, sendo preciso o desenvolvimento de profissionais que ajam como “intérpretes” destes idiomas.

Tão importantes são estas observações para este trabalho, que merecem ser transcritas na íntegra:

a) O direito é essencialmente normativo, pois cria normas e pressupõe que elas sejam respeitadas. A medicina ocupa-se basicamente dos seres humanos e de fenômenos naturais, estudando as constantes modificações que ocorrem no ser humano.

^{*} o grifo é meu.

^{**}C. Cohen & M. Segre: “Uno degli Atributi del Medico Legale: Il Bilinguismo”, Minerva Medicolegale, vol 108, n 4, pp 185-190, ott-dic. 1988.

- b) *O ensino do direito versa sobre o conhecimento dos princípios e das doutrinas que originam as leis. Os médicos ocupam-se em conhecer o espírito empírico-indutivo que a profissão requer.*
- c) *O direito ocupa-se em regulamentar as leis do convívio humano. A medicina ocupa-se em conhecer as necessidades que regem as normas da conduta humana.*
- d) *O raciocínio jurídico é predominantemente dedutivo, pois está baseado em axiomas. O raciocínio médico é indutivo porque está baseado em fatos concretos.*
- e) *Pela formação profissional, o jurista tende a basear-se nos pressupostos dos códigos, ou nas normas estabelecidas, partindo de conceitos normativos. O médico está propenso a aderir a teses deterministas.*
- f) *O jurista entra em contato com fatos ocorridos ou que poderiam ocorrer, sempre vinculados aos atos dos indivíduos, circunstância esta que não o vincula com a temporalidade. O médico, ao contrário, analisa fatos que estão diretamente vinculados ao indivíduo, condição esta que o mantém sempre atento ao problema do tempo (se o médico retardar sua ação, poderá provocar eventos até fatais ou irreversíveis).*
- g) *É norma jurídica que qualquer decisão judiciária esteja subordinada a instâncias superiores que poderão modificar ou corrigir eventuais erros. O médico deve empenhar-se ao máximo para não falhar, tendo escassas oportunidades para reparar eventuais erros.*

- h) Os juristas estão acostumados, no tocante às suas afirmações, a ser contestados. O próprio sistema de oposição (defesa e acusação) faz com que eles permanentemente tenham de conviver com a contradição. Os médicos, quando contestados, entendem este fato como uma agressão ou uma declaração de incompetência.*
- i) Os juristas tendem a dissociar a personalidade do indivíduo, porque têm um problema legal para resolver, que é consequência de uma lide entre as partes. Os médicos, por sua vez, são preparados para agir therapeuticamente e condicionados para analisar o estado de saúde do paciente, ou seja, seu principal objetivo é o indivíduo.*
- j) A Justiça está sempre à procura da verdade dos fatos. Essa predisposição faz com que, em alguns casos, na sua relação com a parte em causa, possam surgir situações de não-credibilidade. Os médicos normalmente não se preocupam com este tipo de problema, pois existe um mútuo interesse entre o paciente e a busca pela verdade a respeito da sua saúde.*
- k) O advogado representa seu cliente perante a Justiça e a sociedade. O médico não representa seu cliente, pois está preocupado apenas com sua saúde e sua integridade social.*

Ainda assim, dentro de “modo médico de pensar”, o psiquiatra forense age, de maneira geral, no sentido de encontrar características clínicas presentes nos “agressores” e, em suas perícias, aprimoram-se para encontrar situações diagnósticas que visam auxiliar ao Judiciário na busca de elementos que possam ou não

caracterizar o agressor como “imputável”, inimputável ou “semi-imputável”, além de definir o seu grau de “periculosidade” para a Sociedade.

Outra vez, encontra-se o agente agressor como o “centro das atenções” e à vítima cabem-lhe poucas palavras. São poucas as vozes que se fazem ouvir lamentando o destino dos vitimados. Uma dela é a de JARDIM⁶¹, 2001, ainda que dando um enfoque aos abusos que podem vir a sofrer trabalhadores submetidos a situações estressantes de sua ocupação profissional, aborda o tema do Transtorno do Estresse Pós-Traumático, assinalando diversos pontos sobre os princípios do respeito pela vida, pela dignidade pessoal e pelos direitos humanos, chamando a atenção para um estudo mais aprofundado do TEPT, pois o mesmo:

Serve também para pensarmos e não esquecermos que, por mais individualizados que estejamos, por mais singulares que sejamos, não estamos separados do meio, não estamos fora do contexto, fora das contingências da sociedade e dos valores da cultura. Lembrando-nos de que somos humanos na radicalidade do que isto significa, para o bem e para o mal. É para este umbigo que o TEPT aponta, tornando legítimo afirmar que mesmo sendo conjugada na primeira pessoa do singular, a dor da perda e da morte tem origem nos nossos valores, devendo, portanto, por eles ser reconhecida sempre.

BARBA⁵, 2000 é um dos poucos psiquiatras forenses que se preocupa em apresentar orientações claras e objetivas para uma avaliação cuidadosa de um médico perito convocado para emitir um laudo pericial de uma vítima de TEPT que, na vigência do dano psíquico causado pelo trauma, pleiteia uma compensação econômica tanto por parte do agente vitimizante quanto pelo Estado. Em um estudo minucioso sobre o tema, BARBA discorre, passo a passo, as questões que devem nortear o perito na elaboração de suas conclusões finais, pró ou contra o pleiteante,

levantando observações sobre critérios diagnósticos, avaliação do acontecimento traumático, vulnerabilidade da pessoa, antecedentes psiquiátricos prévios, credibilidade no relato do paciente, avaliação da capacidade/incapacidade funcional e possíveis simulações do transtorno.

Seguindo nesta linha, SIMON¹³³ (1995) propõe um grupo de recomendações a ser observado na avaliação pericial deste transtorno:

- 1. Ao considerar os critérios diagnósticos, o perito deve guiar-se pelos manuais de diagnóstico oficiais, a bibliografia profissional e pelas investigações realizadas desde a data do acontecimento. As definições idiossincrásicas devem ser evitadas. Se não se utilizam os critérios diagnósticos oficiais será atribuído ao perito o ônus da prova (onus probandi) que deverá prover os dados em que se baseia para afirmar que o diagnóstico é de Transtorno do Estresse Pós-Traumático.*
- 2. Ao determinar a intensidade do acontecimento traumático para um diagnóstico do transtorno, o perito deve guiar-se pelos manuais oficiais de diagnóstico, pela bibliografia profissional e as investigações atuais. As possíveis contribuições de múltiplos estressores que se apresentam no quadro clínico do reclamante também devem ser rigorosamente avaliadas.*
- 3. Uma afirmação psiquiátrica forense crível de um reclamante com um presumível transtorno de estresse pós-traumático deve incluir uma exaustiva revisão de seus antecedentes médicos e psiquiátricos, inclusive a revisão de histórias clínicas antigas e qualquer outro tipo de antecedente documentado.*

4. *Confiar unicamente no relato verbal do paciente presumido que padece do transtorno, sem considerar outras fontes de informação, não é suficiente. Os papéis de terapeuta e de perito não devem ser mesclados em um caso de transtorno de estresse pós-traumático.*
5. *Devem ser utilizados métodos padronizados de procedimento para determinar o grau de deterioração no funcionamento psicológico. Deve evitar-se utilizar apenas a experiência clínica, critérios estritamente subjetivos ou idiossincrásicos na avaliação.*

Assim, de acordo com as conclusões finais a que chegaram a pesquisa dos danos causados pelo seqüestro de uma pessoa, pode esta tese contribuir significativamente com os requisitos de uma “bibliografia profissional” e “resultados de investigações atuais” a serem utilizados na elaboração de perícias de vítimas de seqüestro, que desenvolveram o TEPT.

6.2 Implicações Jurídicas (Vitimologia)

Seguindo por esta orientação e baseado na minha formação médica, ousou adentrar-me no âmbito da Vitimologia, que é considerada como uma ciência ou um ramo da Criminologia e que tem como objetivo prioritário o estudo do comportamento da pessoa vitimizada, de sua gênese, de seu desenvolvimento e, particularmente, na importância da restituição material e moral de seu prejuízo em face à violação de seus direitos fundamentais.

A Vitimologia ainda que pleiteie um espaço individual nas Ciências, ainda é considerada por muitos autores como derivada ou, pelo menos associada, à Criminologia.

Deste modo, não se pode deixar de citar o papel de Cesare Lombroso (1835-1909), considerado o pai da criminologia que defendeu a idéia biológica do “criminoso nato”, recebendo numerosas críticas por este caráter preconceituoso de seus postulados mas, que hoje, graças aos avanços de novas pesquisas genéticas e biológicas, seus conceitos têm sido revistos e alguns deles reincorporados ao saber criminológico.

Para se entender as questões relacionadas à vítima, apareceu a disciplina da Vitimologia, logo após a II Guerra Mundial, sistematizada por Benjamin Mendelson, na década de 50, ele mesmo uma das vítimas do Holocausto. Esta ciência nasceu não só para cuidar das vítimas dos crimes, mas para também tratar do seu relacionamento com o delinqüente, ou seja, o vitimário.

Do ponto de vista histórico, chamava-se **vítima**, ao animal destinado a ser sacrificado para aplacar a ira divina ou oferecido em ação de graças pelos benefícios recebidos. O latim empregava, no primeiro caso, a palavra *hóstia*, e, no segundo *victima* (Mason, 1957)⁸³

Na verdade, as vítimas e seus familiares nunca foram objeto de um estudo profundo no âmbito do Direito Penal e, nem mesmo, na Medicina Legal e na Psiquiatria Forense.

Como simples ilustração, destaca-se, segundo OLIVEIRA¹⁰⁰ (2005), alguns termos utilizado nesta disciplina:

Vitimologia é o estudo global da vítima.

Vitimizar ou ***vitimar*** é converter ou reduzir alguém à condição de vítima.

Vitimizante é o que tem capacidade de vitimizar.

Vitimização é o efeito do ato de vitimizar ou vitimar.

Vitimógeno é o que pode produzir a vitimização.

Vitimizável é a pessoa capaz de ser vítima.

Vitimal é a circunstância que caracteriza o estado ou situação de vítima.

Vitimológico é tudo que diz respeito à compreensão dos aspectos típicos ou específicos inerentes à Vitimologia.

Vitimidade representa o total de vitimizações que surgem em específica conjuntura, levadas a efeito em determinado tempo e lugar. O termo *vitimidade* se contrapõe à expressão *criminalidade*, visto ser esta o conjunto de condutas e ações anti-sociais que indicam o volume de crimes num limite de tempo e espaço.

Vitimário, do latim *victimarius*, em sua acepção original era o servidor dos antigos sacerdotes, o qual tinha a incumbência de imolar, ou seja, acender o fogo sobre a vítima para sacrificá-la até a morte. Em sentido vitimológico, *vitimário* é aquele que produz qualquer tipo de dano, sofrimento ou padecimento da vítima.

Se, como cita Piedade Junior¹⁰⁷ (2000):

... a declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 26 de agosto de 1789, fruto dos ideais da Revolução Francesa, tornou-se um ponto de partida no avanço filosófico e ético de assumir o homem a sua identidade no côncavo e convexo de seus direitos e deveres, como início de uma trajetória, de reconstrução da dignidade do ser humano, a Declaração Universal dos Direitos da Vítima, através da Resolução 40/34 da Assembléia Geral das Nações Unidas, de 29 de novembro de 1985, foi o grito de outros excluídos, vítimas que se tornaram de crimes e de abuso do poder.

Há aqui, novamente, uma implícita preocupação com aqueles que são vítimas do Poder Público e não o imenso contingente de pessoas que sofreram a ação delitiva praticada por outros representantes da Sociedade, que vivem à margem da Lei e da Ordem.

Embora se afirme claramente na Declaração Internacional dos Direitos Humanos (**ANEXO I**) que não é apenas um conjunto de princípios morais teorizados e que vêm levando quase todos os povos à criação de normas jurídicas, de mecanismos judiciais internacionais de proteção dos direitos de todos, pois todos são iguais perante a Lei, mas, como diz, ironicamente ORWELL, 1945¹⁰³:

TODOS OS ANIMAIS SÃO IGUAIS
MAS ALGUNS DOS ANIMAIS SÃO MAIS
IGUAIS DO QUE OS OUTROS .

Por outro lado, verifica-se, no período atual, uma espécie de “redescobrimto” da vítima no Processo Penal em oposição a um período em que a vítima era totalmente esquecida e ignorada pelo Direito.

O Promotor de Justiça Criminal em São Paulo, Luís Paulo SIRVINSKAS¹³⁷ (2002) afirma:

O crime pode causar danos psicológicos irreversíveis e desestruturar toda uma família. A prisão de um delinqüente também pode causar os mesmos danos a sua família. Vê-se, pois, que o crime causa danos a quem o pratica e a quem sofre as conseqüências deste crime. O Estado, por outro lado, deverá arcar com as conseqüências deste crime. De um lado, deverá privar da liberdade quem praticou o delito, punindo-o por determinado período de tempo e recuperá-lo para que possa ingressar novamente na sociedade sem o estigma de egresso e, de outro, dar assistência à vítima e seus familiares através da previdência ou assistência social.

Embora absolutamente verdadeiro e muito bem intencionado, este texto causa uma certa perplexidade pela sua aparente ingenuidade e a falta de percepção de que o dano psicológico também merece atenção e que cabe ao Estado promover programas efetivos para que, além dos aspectos previdenciários e de assistência social, também se dê à vítima suporte psicológico e psiquiátrico.

Há, ainda, outras vozes que se levantam a favor de uma “releitura” dos postulados dos “Direitos Humanos” e enfatizam a necessidade ao atendimento das vítimas da violência e da contribuição do Direito no que diz respeito a um suporte interdisciplinar a estas pessoas e seus familiares.

Na visão da especialista em Direitos Humanos KAMIMURA⁶⁴, fica, mais uma vez bem clara, esta revisão de conceitos:

O termo vítima nos remete a diferentes noções, mas ressalta-se a idéia trazida na Declaração dos Princípios Fundamentais de Justiça Relativos às Vítimas da Criminalidade e de Abuso de Poder – a qual define, em seu artigo 1º, vítimas como sendo ‘as pessoas que, individual ou coletivamente, tenham sofrido um prejuízo, nomeadamente à sua integridade física ou mental, um sofrimento de ordem moral, uma perda material, ou um grave atentado aos seus direitos fundamentais, como consequência de atos ou omissões violadores das leis penais em vigor num Estado membro, incluindo as que proíbem o abuso de poder’. Considera-se vítima aquele(a) que sofreu dano ou lesão, independente de laços de parentesco com o autor, seja ou não identificado, preso, processado ou declarado culpado.

Complementa a autora que, nos termos do artigo 2º. da referida Declaração:

“o termo vítima inclui também, conforme o caso, a família próxima ou as pessoas a cargo da vítima direta e as pessoas que tenham sofrido um prejuízo ao intervirem para prestar assistência às vítimas em situação de carência ou para impedir a vitimização”.

Surge, aqui, um conceito explicitado na psiquiatria que é o de “**vítima secundária**”, ou seja, aquela pessoa que não sofreu diretamente o ato delitivo, mas sofreu consequências derivadas deste fato.

Bidart Campos, **citado por** MAIA⁷⁶, em 2003, explica que o ser humano, a pessoa humana, enquanto tal, e tendo como fundamento precisamente sua humanidade, é titular dos direitos humanos, seja homem ou mulher. Afirma, ainda, que todo ser humano é titular de *direitos humanos*. Ainda assim, neste mesmo artigo de MAIA observa-se, claramente, que há uma preocupação muito grande com os indivíduos submetidos a ações rigorosas e muitas vezes excessivas dos “agentes de

segurança” e, por outro lado, a ênfase na imputação à vítima de atos ilícitos, principalmente delitivos, de uma certa responsabilidade em se “deixar” vitimar-se.

Há, portanto, nitidamente, uma posição “politicamente correta” de se defender os direitos dos chamados “excluídos” que se tornam criminosos por força da situação social de desigualdade e pobreza.

Sem querer menosprezar a importância e relevância que esta abordagem recebe de praticamente TODOS os organismos, governamentais e não governamentais, estranha-se o silêncio que estas entidades mantém em relação àqueles que, no exercício natural dos seus direitos de cidadãos comuns, são claramente ignorados e negligenciados após sofrerem os mais perversos ataques à sua dignidade humana.

Ou seja, , e para aqueles que, à custa de seu esforço e trabalho, conseguem galgar algum tipo de sucesso pessoal e profissional e são vítimas inocentes destes “excluídos”? Quem lhes garante a integridade e reorganização após sofrerem danos financeiros, morais e psicológicos como uma “represália” de parte daquele segmento da Sociedade revoltado contra as “injustiças sociais”?

MESSUTI⁹⁰ (2003), apoiada no ensinamento de Jean Carbonier*, revela que *“o sistema penal substitui a vítima real e concreta por uma vítima simbólica e abstrata: a comunidade. A substituição que tem lugar é a de um indivíduo de carne e osso, individual ou coletivo, por um ente abstrato, a comunidade.*

Fica claro, portanto, que a verdadeira vítima “desaparece” perante tanto o Sistema Judiciário, quanto à própria Medicina Legal, não lhe sendo dado nenhum tipo de respaldo e acolhimento em sua dor solitária e cruel.

* Jean Carbonier ensina que "a responsabilidade objetiva não importa em nenhum julgamento de valor sobre os atos do responsável. Basta que o dano se relacione materialmente com esses atos, porque aquele que exerce uma atividade deve assumir os riscos." CARBONIER, J. *Droit Civil: obligations*. v. 4. n° 86, p. 292. Apud: NETO, Inácio de Carvalho. *Responsabilidade do Estado por ato de seus agentes*. São Paulo: Jurídico Attos, 2000, p. 113

DAOUN²⁷ deixa bem claro, em sua Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Direito da PUC/SP em 2006, que a sociedade tem um sentimento de repulsa maior contra o criminoso e bem em menor escala a favor da vítima, chamando atenção ao processo de “vitimização secundária” que a vítima real é obrigada a sofrer, ao permanecer no mesmo ambiente que seu algoz – delegacia ou fórum- aguardando atendimento e sendo tratada como qualquer cidadão que também espera para ser atendido para elaboração de um simples “Boletim de Ocorrência”, devido a perda ou furto de documentos. Em outras palavras, afirma indignado o criminalista Daoun, *“a vítima não é a pessoa ofendida, mas apenas um dado que é mister trazer ao processo: a vítima não é mais uma pessoa, é uma prova”*.

Estas observações são confirmadas pelas pessoas que procuraram nosso Serviço no Instituto de Psiquiatria do HC-FMUSP, sendo que, várias delas, relataram seu profundo constrangimento e até mesmo uma certa recrudescência de sintomatologia ao passarem por situações deste teor.

Porém, ainda não há nada que se compare, no Brasil, ao amparo que é dado à vítima nos Estados Unidos, no plano governamental, que instituiu, em 1984, o VOCA*.

*Sobre o amparo que é prestado à vítima, cumpre destacar o "Ato Vítimas de Crime" (VOCA), de 1984 que instituiu um Fundo para as vítimas de crimes, no Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, além da criação, pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos da América, da agência OVC (Office for Victims of Crime) para supervisionar diversos programas que beneficiam as vítimas de crimes.

A OVC fornece fundos para a assistência da vítima, programas de compensação e também dá suporte no treinamentos para educação na justiça criminal à outros profissionais. Todo ano, milhões de dólares são depositados no Fundo de Assistência das Vítimas (VOCA), oriundos de diversas rendas ligadas, inclusive, aos diversos programas da justiça criminal. Ainda existem programas de compensação às vítimas dos crimes administrados por todos os Estados da Federação norte americana. Esses programas proporcionam assistência financeira às vítimas de crimes de ordem federal e estadual. O típico programa de compensação estadual requer que as vítimas se reportem dos crimes em 3 dias e reivindiquem indenização dentro de um período fixo de tempo, normalmente dois anos. A maior parte dos estados da Federação pode estender tais limites para casos necessários. A assistência às vítimas inclui, mas não de forma limitada, os seguintes serviços: intervenção nas situações de crises, consultas, abrigos de emergência, advocacia na justiça criminal, transporte de emergência. Por toda a nação existem aproximadamente 10.000 organizações que proporcionam auxílios desses e de outros tipos para as vítimas de crimes. Cerca de 2.800 dessas instituições recebem alguma contribuição dos fundos VOCA.

Um raro e excepcional em sua concepção e já ultimamente claudicante Programa de ajuda à vítima é o **CRAVI** ** (Centro de Referência e Apoio à Vítima) , implantado em São Paulo, que está sendo utilizado, com as devidas correções de organização, como um modelo para a criação de um Serviço semelhante no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP, cujo Ante-Projeto já foi encaminhado e aguarda parecer do Conselho Diretor do referido Instituto. Fundado em 1998 pela Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania do Estado, de São Paulo, em parceria com a Secretaria Especial de Direitos Humanos, a Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social, o Instituto Therapon e o Instituto São Paulo contra a Violência, o CRAVI tem a proposta de desenvolver um amplo programa de ajuda jurídica, psicológica e assistência social e toda e qualquer pessoa que tenha sido vítima da violência urbana em São Paulo. As últimas informações, recebidas por comunicações pessoais, dão conta de que o Centro já não dispõe de toda uma estrutura que possa mantê-lo em pleno funcionamento devido à “falta de verbas”.

Agora a Sociedade Civil, alarmada, amedontrada. sentindo-se desprotegida e incentivada por uma entrevista do ex-presidente norte-americano, Bill Clinton, dada às “famosas páginas amarelas” da Revista Veja (Edição 1918. 17 de agosto de 2005), na qual ele incentiva a Sociedade Civil a ter um papel mais ativo na defesa de seus interesses, começa a Sociedade a se mobilizar no sentido de dar à vítima algum tipo

**Este programa foi formulado para dar cumprimento a mandato da Constituição de 1988, que prevê, em seu artigo 245, uma lei que disporá especificamente sobre pessoas vitimadas. “A lei disporá sobre as hipóteses e condições em que o Poder Público dará assistência aos herdeiros e dependentes carentes de pessoas vitimadas por crime doloso, sem prejuízo da responsabilidade penal do autor do ilícito. Desde sua fundação em julho de 1998 até dezembro de 2000, foram atendidas 1.5552 pessoas, que tiveram atendimentos presenciais continuados na área jurídica, social e psicológica. Infelizmente, na sua origem, faltou ao Programa a inclusão de assistência médico-psiquiátrica e o amparo específico a crimes de seqüestro, privilegiando-se os casos de homicídio.

de amparo, através da estruturação de **ONG's** ou **OSCIP's** (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) que começam a se organizar tendo como foco a atuação multidisciplinar de auxílio à vítima.

Ainda em fase de implementação, uma entidade sediada em São Paulo, denominada **APOIO** já conta com a colaboração direta ou indireta de diversas pessoas que foram ou tiveram parentes seqüestrados, cuja finalidade é promover, principalmente, elementos de “Gerenciamento de Crise” durante o desenrolar de um processo de seqüestro, oferecendo suporte jurídico, psicológico e toda uma gama de Serviços que visam minimizar o sofrimento de quem passa por este trauma.

Ainda como médico psiquiatra e tendo a vítima como principal foco de nossa atenção, é decepcionante a posição assumida pelo Poder Público como afirma o jurista Prof. Dr. MARQUES DA SILVA⁸² (2001):

Com relação à vítima, o nosso Código de Processo Penal lhe atribui uma posição não diferente do que a de qualquer testemunha, sendo, simples participante processual, num modo absolutamente minimizante de sua função processual. Somente quando a vítima ou o ofendido passam a atuar na condição de assistente, surgem como verdadeiros sujeitos processuais, porém, não como partes do processo. Isto se justifica na medida em que o nosso Código de Processo Penal enxerga no assistente um mero auxiliar da acusação, uma vez que o art. 271 do referido diploma legal, limita de modo expresso sua atuação.

Mais uma vez, tendo como alicerce o Estado Democrático de Direito, assegura-se ao vitimizante o respeito incondicional aos princípios constitucionais, com o argumento de que quer se assegurar o direito à dignidade humana. Mas é de se estranhar que este adjetivo de “humanidade” seja muito mais empregado ao agente

do ato delitivo do que à sua vítima, reconhecidamente um “objeto”, objetivamente “desumanizado”, positivamente ignorado e, até mesmo, desprezado e/ou hostilizado pelo Poder Público.

É ainda mais assustador, sob o ponto de vista médico, a insistente associação que a Vitimologia tenta imputar ao papel da vítima uma certa co-responsabilidade no ato delitivo, atribuindo-lhe uma certa “predisposição” à vitimização, como denuncia OLIVEIRA¹⁰⁰ (2005):

... a vítima, ainda que inocente, tem a sensação de intrusa, quando em muitos casos criminais, nos meios forenses, ela é vista como uma estrangeira diante da Polícia que a trata rudemente e diante da Justiça que a vê com indiferença, não sendo raras as situações em que a tática da defesa do ofensor tenta arrastá-la à lama ou a um labirinto de dificuldades.

Assim observada, a vítima chega a ser considerada quase como “co-autora” do ato delitivo, sendo-lhe reservado um papel mais do que secundário em sua assistência e observação mais acurada dos efeitos por ela apresentados após o sofrimento à elas impostos como consequência dos crimes a que são submetidas.

Embora o Direito Processual Penal, tenha por finalidade fazer valer o direito da vítima e uma mais eficaz atenção aos seus direitos fundamentais como o previsto na Declaração Universal dos Direitos da Vítima, **apud** Piedade Junior¹⁰⁸ (2001), proclamada em 29 de novembro de 1985, preveja, em seu artigo VI que:

Deve ser facilitada a adequação dos processos judiciais e administrativos às necessidades das vítimas: a . prestando às vítimas informações sobre o seu papel e a respeito do alcance, do desenvolvimento cronológico e do andamento das atuações, assim como da decisão de suas causas, especialmente quando se trate de

delitos graves e quando tenham solicitado essa informação; b. permitindo que as opiniões e preocupações da vítima sejam apresentadas e examinadas em etapas apropriadas das atuações sempre que estejam em jogo seus interesses, sem prejuízo do acusado e de acordo com o sistema nacional de justiça penal correspondente; c. prestando às vítimas assistência apropriada durante todo o processo judicial; d. adotando medidas para minimizar os sofrimentos causados às vítimas, proteger sua intimidade, se houver necessidade, e garantir sua segurança, bem como a de seus familiares e das testemunhas a seu favor, contra qualquer ato de intimidação e represália; e. evitando-se atrasos desnecessários na resolução das causas e na execução dos mandados ou decretos que concedam indenizações às vítimas.

Pelo que observamos, no atendimento de mais de 200 vítimas de seqüestro (tanto relâmpago quanto com cativo) atendidas em nosso Serviço de Psicoterapia, nenhuma delas teve acesso a tais informações e muitas foram, ainda, vitimadas secundariamente por seus empregadores ou pelo seu próprio medo a ponto de serem demitidas ou “voluntariamente” levadas a abandonar seus empregos e empreendimentos por conta de uma cabida sensação de desproteção e vulnerabilidade a novos atentados à sua integridade física, moral e psicológica.

Seriam estes acontecimentos devidos à sua própria fragilização psíquica ou, de fato, há uma falta de “vontade política” para se aplicar estes procedimentos garantidos por Lei à esta figura reconhecidamente desprezada que é a vítima de um ato delitivo?

MORAIS⁹⁴ (2000), numa ampla e profunda reflexão sobre a obra do eminente jurista Goffredo Telles Junior, atribui ao Direito a função de proteção da Sociedade e

de seus cidadãos para que possam continuar a exercer seu mais precioso direito, que é a liberdade! Em suas própria palavras, MORAIS afirma:

A sociedade política e os grupos existentes no seu interior precisam de proteção para que possam continuar existindo e cumprindo seus fins específicos. Esta proteção é conferida por normas jurídicas. Assim se vislumbra a razão de ser do Direito. O ordenamento jurídico existe não como um fim em si mesmo, mas como um meio para o atingimento dos fins da sociedade política, dos grupos sociais no seu seio e, 'last but not least', dos indivíduos que compõem estes grupos.

Há que se salientar, no entanto, que, neste momento, no qual a Sociedade como um todo está “saturada” e absolutamente revoltada por ver seus direitos violados sem que nada ou muito pouco seja feito em seu benefício, inicia-se, dentro da própria Justiça, um movimento para tentar reparar essa lacuna. DAOUN²⁸ (2006) , após longa explanação sobre o abatido papel da vítima no Processo Penal, desabafa:

Desta forma, em consonância com a tendência internacional de valorização da vítima para melhor atender os anseios de justiça, sem retornar aos odiosos tempos da “vingança privada” ou dos “castigos exacerbados” e sem abrir mão do monopólio estatal para aplicação da lei no caso concreto e da iniciativa ministerial na ação penal, torna-se necessário garantir ao ofendido sua participação, mesmo que na condição de coadjuvante, mas efetiva na condução da causa.

Enfim, na discussão desta tese, talvez mais do que nas conclusões estatísticas e objetivas de seus resultados finais, procura-se, insisto, no papel de médico, apontar a importância da relevância do papel da vítima no decurso do ato delitivo, insistindo em chamar à atenção de todos em geral e do Poder Judiciário, em particular, para a magnitude do dano físico, moral e, principalmente, psicológico, com suas

consequências muitas vezes irremediáveis, que fere, sob todos os aspectos, o direito inviolável do Ser Humano de exercer sua legítima liberdade de existir em paz! Insisto, ainda, na importância dos dados obtidos nesta pesquisa para auxiliar o perito psiquiatra forense a fortalecer as considerações a serem incluídas nas suas conclusões de laudos periciais.

Como médico, psiquiatra, trato ou procuro tratar a dor da alma destas pessoas. Como pessoa compartilho por empatia com suas dores indescritíveis. Como cidadão, envergonhado perante tamanho descaso das autoridades, sinto-me obrigado a gritar em voz bem alta, para que alguém, sei lá quem, possa ouvir o tamanho da dor, a verdadeira tortura, a trajetória ébria destes verdadeiros mortos sem sepultura que não encontram abrigo para sua dor em lugar algum.

Pode-se até entender que haja tanta gente preocupada com o Judiciário, o Sistema Penitenciário, os Direitos Humanos e todo um discurso demagógico e oportunista, pois, de fato, a pessoa humana (vitimizante ou vitimada) tem sido absurdamente desprezada nestes tempos modernos centrados muito mais em valores materiais e estéticos do que nos valores éticos.

Há um enorme movimento, no Brasil, patrocinado pelo Governo Federal, Supremo Tribunal Federal e Ministério da Justiça para que se anule a lei dos “crimes hediondos”, que inclui os seqüestradores e torturadores.

Parece que estas pessoas, com tão nobre saber, não conseguem desviar seu olhar para as vítimas e seus familiares e não percebem a dor, o sofrimento, a angústia de quem foi vítima destes crimes hediondos.

Sob o ponto de vista político, este trabalho tem também a finalidade de apresentar, de forma acadêmica, a significância dos danos causados por estes

criminosos cujas consequências de perda econômica, psíquicas e sociais são imensuráveis.

Há, ainda, neste estudo, a constatação científica de que os danos causados por um seqüestro com cativo têm a mesma intensidade daqueles causados por um seqüestro relâmpago, ainda considerado criminalmente como “roubo qualificado”.

Enquanto o Estado e as várias ONG's de “Direitos Humanos” preocupam-se excessivamente com o criminoso, a vítima é levada ao esquecimento e tem que procurar sozinha, peregrinando por clínicas, hospitais, Serviços Psiquiátricos, quem possa ajudá-la.

O amparo para esta observação, pode ser lido na afirmação dos eminentes juristas Prof. Dr. Garcia-Pablos de Molina e Prof. Dr. Luis Flávio Gomes⁴⁷:

“Historicamente sabe-se que a vítima teve sua fase de ouro no tempo da Justiça Privada. Com a criação do Estado, no entanto, até mesmo a multa reparatória ganhou nova fisionomia: passou a ser fonte de receita do Estado. A vítima, de sujeito de direitos, transforma-se em mero sujeito passivo de uma infração da lei do Estado. O exame superficial do art. 5º da Constituição Federal [ANEXO K] constitui a prova mais exuberante no Brasil de que a vítima foi efetivamente esquecida, neutralizada, marginalizada. Vários direitos e garantias do acusado foram consagrados. Para a vítima muito pouco reservou-se...”

O Prof. Dr. José Maria Marlet⁸⁰, Ex-Professor Titular de Medicina Forense e Criminologia da Faculdade de Direito da USP, apresenta uma justificativa plausível para este “esquecimento” da vítima, pois “*a sociedade se preocupa mais com o autor, que a ameaça com sua conduta do que com a vítima que sofre as consequências do ilícito penal*”.

Na realidade, assumindo-se o papel de psiquiatra e psicoterapeuta³⁸, pode-se compreender porque há tanta omissão e descaso por este tipo de dor.

É que, na verdade, ela está tão perto de nós, tão cruelmente assustadora à nossa frente, que inconscientemente optamos pelos mecanismos de defesa da negação e da racionalização, afastando-nos do problema para algo frio e impessoal como uma notícia de jornal para não nos contaminarmos com ele.

É o mecanismo da **evitação** que se põe em alerta para bloquear a **vicariância**, termo usado no psicodrama, na terapia cognitiva e em outras tantas, para designar aquilo ou aquele que “toma o lugar do outro”, ou seja, identifica-se com aquele que sofre e deixa o sofrimento do outro penetrar em sua própria alma, sem saber como lidar com isto.

Em uma frase dita por praticamente 100% das pessoas que participaram deste projeto verifica-se a evidência da magnitude deste trauma:

“Eu não sou mais a mesma pessoa, depois de passar por esta experiência (de seqüestro)!!!”

Correndo o risco de ser “politicamente incorreto”, ousou afirmar que este trabalho vale, afinal, como um “sinal de alerta” para todos poderem se conscientizar da magnitude do drama de quem vive um trauma deste tipo e passe a se preocupar com os verdadeiros “direitos humanos para humanos direitos”.

7 CONCLUSÕES

Devido ao fato de que este trabalho não é um “Estudo Epidemiológico”, não se pode concluir o percentual de pessoas que passam a sofrer do TEPT após serem vítimas de um seqüestro, mas fica aqui registrada a necessidade de um amplo estudo neste sentido, pois as informações colhidas junto a órgãos oficiais e de imprensa variam muito neste aspecto, além de que, muitas vítimas, intimidadas pelos agentes estressores (os seqüestradores), sequer dão queixa à Polícia.

7.1 CONSEQUÊNCIAS DO SEQUESTRO

O presente estudo mostrou que as vítimas de sequestro, tanto na sua forma prolongada quanto breve, podem apresentar danos psíquicos consideráveis, consistentes com o diagnóstico de Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

O achado de danos em casos de vítimas de seqüestros prolongados não é novo, como o demonstram os trabalhos já citados de TERR^{143,144} (1981, 1983), FAVARO *et al*³² (2000) e CUNHA²⁴ (2004), porém as importantes e novas observações em relação ao seqüestro de curta duração mostram que os mesmos danos podem ser encontrados, utilizando-se dos mesmos instrumentos de pesquisa que parece não depender da sensibilidade das escalas aplicadas, tendo em vista a comparação com os resultados encontrados no Grupo Controle.

Estas observações mostram, ainda, que são pertinentes os comportamentos de preservação e “blindagem pessoal” percebidos na população civil dos Estados brasileiros, pois os danos causados por estes delitos deixam marcas e seqüelas que ninguém quer correr o risco de apresentar.

7.2 O MEDO DO SEQUESTRO

Um estudo do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (**Ilanud**) revelou que 13% dos paulistanos que ganham mais de R\$ 1.200 consideram que o maior risco para quem mora na cidade é cair em mãos de seqüestradores. É certo que o número de casos aumentou – a porcentagem cresceu 324% de janeiro a novembro de 2001 na capital paulista –, mas os números absolutos ainda são pequenos na comparação com outros crimes. Para que se tenha uma idéia da proporção, em 2001 aconteceram 307 seqüestros em São Paulo, enquanto o total de assaltos alcançou 350 mil – e o número é seguramente maior, já que apenas uma a cada duas pessoas assaltadas registra queixa, revela outra pesquisa do **Ilanud**.

O problema é que, além da expansão geográfica do crime – o seqüestro deixou de ser exclusividade dos grandes centros e já alcança cidades de médio porte –, entre as vítimas não se contam apenas abonados e famosos, como Sônia Machado Jardim, dona da Editora Record, e o publicitário Washington Olivetto, mas professores, bancários, profissionais liberais e até porteiros de hospitais. Seqüestrar gente comum certamente dá menos lucro do que um seqüestro em estilo

hollywoodiano, mas os riscos e custos também são menores, sem contar a vantagem de dispor sempre de uma grande “oferta” de vítimas, já que qualquer um pode ser seqüestrado em qualquer lugar e a qualquer hora.

Por que o seqüestro, dentre tantas manifestações de violência social, tornou-se um medo epidêmico nas grandes cidades?

“A cobertura extensiva da imprensa ajudou a converter o seqüestro numa espécie de ícone da nossa época”, afirma Christian Ingo Lenz Dunker, psicanalista e professor de mestrado em psicologia da Universidade São Marcos (SP). A opinião é compartilhada pelo então secretário estadual de segurança pública de São Paulo, Marco Vinício Petrelluzzi, para quem o “boom” verificado na incidência desses delitos deve-se, em grande parte, à mídia, que divulga as facilidades e a pequena infra-estrutura necessária para realizar um seqüestro – na maioria dos casos, bastam um carro, dois revólveres e um barraco. Em consequência, bandidos habituados a cometer outros crimes estariam mudando de ramo e preferindo seqüestrar.

Uma das maiores angústias que sentimos em relação ao seqüestro é a do rompimento da “ética” que se supõe existir até nos atos de violência e que dá às pessoas uma sensação de segurança, ainda que ilusória. Num assalto, por exemplo, a vítima sabe que o criminoso quer dinheiro e que se trata, portanto, de um evento rápido e fortuito. Num seqüestro, ao contrário, a pessoa desconhece as intenções do bandido, o tempo em que ficará à sua mercê, quais são suas intenções reais e a quantia necessária para sua libertação. Isso sem contar a angústia psicológica de ficar preso num porta-malas, obrigado a “sacar” seu dinheiro em Caixas Automáticas e perambular por horas por lugares sombrios, desconhecidos e ameaçadores ou de passar semanas trancafiado num cubículo sem falar com ninguém, a luz sempre acesa, fazendo as necessidades num cesto

de lixo e tomando um banho por semana, como aconteceu com Washington Olivetto. Em outras palavras, tudo é imprevisível e aterrorizante.

O que também assusta é o fato de o seqüestrador não se enquadrar necessariamente no estereótipo do marginal violento e pobre. Ele é uma espécie de “inimigo oculto” – pode ser um vizinho, um colega, um funcionário em seu escritório ou residência, o mecânico que cuida do seu carro ou, até mesmo, um parente ou amigo.

Como já foi copiosamente exposto nesta tese, a insegurança pública que se vive em grandes centros urbanos, particularmente em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, tem levado a população a viver um estado alterado de ansiedade e medo que, hiperbolizando, chega a gerar um estado quase de “Transtorno de Estresse **Pré-Traumático**”.

As notícias insistentemente veiculadas nos diversos meios de comunicação, os relatos verdadeiros, amplificados ou mesmo imaginários de amigos, parentes e colegas de trabalho, vítimas, testemunhas ou simplesmente ouvintes de histórias trágicas e assustadoras, principalmente relacionadas a seqüestros, estupros, “arrastões”^{*} faz com que o perigo de ser seqüestrado, real ou fantasiado, tenha levado um número expressivo de pessoas a transformar em **AMEAÇA** o que pode ser apenas um **RISCO** de acontecimento.

Em pessoas com traços de personalidade fóbica, paranóide ou inseguras e aquelas que efetivamente já sofreram algum tipo de agressão afloram mecanismos de defesa psicológica não adequados para enfrentar estas situações, derivadas da angústia, ansiedade e a impotência generalizada perante a possibilidade de perder seus bens materiais ou a própria vida.

^{*} Termo que tem sido freqüentemente usado para designar assaltos em série praticados em condomínios, engarrafamentos de trânsito, freqüentadores de praias e locais públicos de aglomeração.

As pessoas efetivamente ameaçadas de um seqüestro sofrem a violência de uma agressão permanente devido à possibilidade de serem subitamente seqüestrados a qualquer momento.

A negação, isolamento, distanciamento social, profissional e afetivo costumam ser, segundo MELUK⁸⁸ (1998), as respostas imediatas na grande maioria dos casos. Por conta disto, as possíveis vítimas chegam a abandonar certas atividades de lazer e trabalho que habitualmente realizavam. As ações mais objetivas a estas situações são a blindagem do automóvel, contratação de seguranças particulares e outras medidas defensivas que, na realidade, já as tornam reféns de seu próprio medo, reduzindo suas atividades cotidianas a atividades mínimas para se proteger do perigo.

Por outro lado, não há como negar esta situação de Insegurança Pública que estamos vivendo. BECKER⁶ (1999) dá uma atenção especial ao fato de que não se deve desprezar esta realidade e, de fato, medidas de cautela devem ser tomadas, mas sem exageros, histerias, fobias ou paranóias. Tomo como base uma advertência colocada ao lado de uma “escada rolante” de uma estação do Metrô de São Paulo, dirigida principalmente às pessoas idosas: *“Escada Rolante: não precisa ter medo; basta ter cuidado!”* Isto revela o que, talvez, seja o “segredo” para se enfrentar estas situações potencialmente críticas da vida.

A propósito, conta uma antiga lenda árabe que o “Anjo da Morte” apareceu para o Sultão e lhe disse que uma peste recairia sobre seus súditos e que cerca de 500 pessoas morreriam deste mal. Passada a peste, o Sultão constatou que haviam morrido mais de 2000 pessoas e, então interpelou o “Anjo da Morte” que lhe falou: “Como lhe disse, 500 pessoas morreram de peste; as outras morreram de medo”!

7.3 O SEQUESTRADO

O maior medo em uma situação de seqüestro é o de realmente morrer, sendo a primeira leitura que elabora a vítima quando abordada. É um temor que a acompanha permanentemente, independente do tratamento que lhe dêem os seqüestradores, embora nestas situações são freqüentes as informações de tranquilização, alternadas com ameaças de morte, mutilação ou agressões físicas de todas as ordens [PULIDO¹¹² (1988)].

Durante o seqüestro, os processos de pensamento tendem a paralisar-se, dando, muitas vezes, de acordo com declarações de nossos pacientes, de uma estranha sensação de “estar morto” (certamente, mecanismos de defesa do ego de desrealização e despersonalização). A análise objetiva do que está realmente ocorrendo, o ordenamento das idéias e afetos e a seleção de respostas adequadas para reagir ao acontecimento, são substituídas por impulsos determinados pelo medo e o terror. Algumas vítimas tentam reagir fisicamente com conseqüências trágicas tais quais a própria morte, como parece ter ocorrido com o publicitário **Ivandel Machado Godinho Júnior**, 55 anos, seqüestrado em 22 de outubro de 2003, morto a coronhadas após 3 dias de cativo ao tentar reagir contra o seqüestrador que “montava guarda” no aposento em que estava cativo*.

Se a pessoa seqüestrada tem algum tipo de treinamento prévio para enfrentar situações de alto risco, consegue conservar sua capacidade de raciocínio, apesar do

* Oficialmente, o jornalista Ivandel Godinho Júnior está morto. O mistério chegou ao fim no dia 25 de junho com o resultado de um exame de DNA, que mostrou ser do jornalista seqüestrado a ossada encontrada no dia 31 de maio em um terreno baldio no Capão Redondo, na zona sul de São Paulo. Os exames compararam o código genético extraído de um fêmur com o DNA da mulher de Ivandel e de Hugo Godinho, o filho do jornalista. A Divisão Anti-Séquestro (DAS) chegou ao corpo do jornalista depois de dois anos e meio de investigações e deu por encerrado o caso, embora ainda sejam procurados 2 seqüestradores que se encontram foragidos.

medo, ordenando suas idéias e atuar adequadamente^{*}. Em caso contrário, aparecem respostas automáticas e caóticas, que pouco ou nada têm a ver com o ocorrido, arriscando sua vida e integridade física. A paralisia e o estupor são freqüentemente as respostas mais apresentadas pelas vítimas, tornando-as dóceis e mais facilmente manipuladas como, por exemplo, a falsa informação dada pelos seqüestradores de que sua família não está nem um pouco preocupada com seu destino e se “recusa a pagar o resgate porque querem mesmo vê-lo morto”.

Como a orientação padrão dada pela **DAS** é a de que a família não ceda de imediato às exigências de altos valores para o pagamento do resgate (o que, segundo a Polícia, levaria os seqüestradores a elevar o valor da extorsão), o seqüestrado, que não sabe deste procedimento, acredita mesmo que a família está “negociando” sua vida, visando proteger seu patrimônio ou não está efetivamente se importando com sua vida.

No auge da angústia, após 20 dias de cativeiro, um de nossos pacientes, sabendo que a família teria condições de pagar o resgate, negociou pessoalmente com os seqüestradores, comprometendo-se, ao ser libertado, a lhes pagar a quantia exigida. Mesmo tomando todas as medidas de segurança após a libertação (como a contratação de seguranças particulares, acompanhando a investigação e prisão de um dos seqüestradores) passados 2 anos do ocorrido, ainda continua esperando que lhe venham cobrar o combinado ou que seqüestrem um de seus filhos para obrigá-lo a *honrar (sic)* o pagamento.

Todavia, de maneira geral, a vítima passa a viver situações inesperadas, em espaços físicos ou locais desconhecidos, permanecendo em permanente estado de

^{*} Vale lembrar, como já foi citado, as antigas observações de FREUD de que os mercenários e soldados de carreira apresentavam menor probabilidade de desenvolver sintomas de “Neurose de Guerra”.

ansiedade e medo cuja intensidade pode variar de confusão mental severa, pranto incontrolável, desesperança profunda e, nos casos de ser mantido em cativeiro por tempo prolongado, surgem alterações severas do sono, predominantemente insônia, pois temem ser mortos enquanto estiverem dormindo.

Pode-se entender a ansiedade e o medo como um mecanismo que o seqüestrado tem para adaptar-se e transformar a situação a que está submetido. A presença destes sintomas podem colaborar, de modo positivo, para que encontre um momento adequado para escapar ou assimilar a situação, desenvolvendo crenças de que a situação se resolverá com o tempo.

Não é raro, mesmo em pessoas até então desprovidas de qualquer religiosidade, recorrerem a preces e “promessas” para conseguirem sobreviver ao ato delitivo. O que, ironicamente, faz jus à frase popular “juro por Deus que sou ateu!” Também não é incomum que, após a libertação, muitas vítimas se tornem adeptas de alguma religião e passem a praticar “atos de caridade”. Sob um olhar meramente psicológico e agnóstico, pode-se acreditar que a pessoa esteja “pagando a Deus” o resgate pela sua libertação.

Para muitos estudiosos do tema, os fatores prévios de personalidade e morbidade psiquiátrica têm uma importância significativa na reação das vítimas. Mas, sem dúvida, os seqüestros marcados por extrema violência e sevícia, produzem sempre reações severas, desorganizadas e paralisantes nas vítimas, independente de outros fatores.

Nos “seqüestros-relâmpago” as ações mais agressivas dos bandidos e as ameaças sem interrupção, praticadas por indivíduos aparentemente “drogados” e/ou alcoolizados geram, na vítima, uma sensação maior, de iminente desfecho trágico.

Nos seqüestros com cativeiro, embora a ameaça de morte ou injúria física estejam sempre presentes, o maior contato com os criminosos (geralmente bandos

organizados e hierarquizados) muitas vezes levam a vítima a estabelecer relações mais amistosas com alguns de seus algozes, que lhes garantem a integridade física desde que o resgate seja pago, embora as condições adversas em que são mantidos nos cativeiros, bastante diferentes de seu modo de vida habitual, são, por si só, extremamente estressoras .

Nos seqüestros-relâmpago, as ameaças de fuzilamento, insultos e utilização de linguagem grosseira têm o objetivo de manter um controle mais efetivo, pois produzem um estado confusional, caótico, facilitando a submissão da vítima.

No cativeiro, principalmente naqueles que se prolongam por vários dias ou meses, além das precárias condições de higiene, alimentação e o próprio encarceramento, o estado de ansiedade dos seqüestradores também leva a uma elevação do medo da vítima, pois as ameaças se tornam mais freqüentes e violentas, não só à vítima mas também aos seus familiares, acompanhadas de pensamentos aterrorizantes de que, devido à longa duração do cativeiro, mais cedo ou mais tarde, pode haver uma tentativa de resgate por parte das forças policiais, com “troca de tiros” e que forçariam os delinqüentes a tomar atitudes mais incisivas como o assassinato da vítima já que, neste momento de enfrentamento, ela não lhes vale mais nada.

No seqüestro-relâmpago, como já foi dito, o mal-trato físico é bastante intenso, sem detrimento do sofrimento psicológico.

No cativeiro, mesmo havendo mal-trato físico, ameaças de mutilação e morte, a privação da liberdade coloca a vítima no limite de proximidade real com a morte e submetido a condição de objeto de negociação financeira, com inúmeras seqüelas negativas para sua auto-estima. As agressões físicas, nestes casos, são devidas a necessidade dos seqüestradores exercerem um controle mais eficiente

contra a vítima, porque as forças policiais podem estar se acercando do local do cativeiro e porque os familiares não cedem às exigências dos vitimários.

Embora haja na nossa casuística o caso de uma vítima que sofreu uma tentativa de enforcamento com um fio de nylon momentos antes de ser libertado, há, também, casos de simulação de tortura (com fotos tiradas de “orelhas de fantasia de carnaval” encharcadas de tintura vermelha) e, também, verdadeiras mutilações de partes do corpo, para apresentar aos familiares da vítima apressando-os a pagar o resgate.

Há, também, uma situação mais emocional que lógica, quando a vítima se transforma em “*bode expiatório*” das frustrações e dificuldades dos vitimários. Pode-se dizer, sob o ponto de vista psicológico, que os seqüestradores controlam sua frustração e seu próprio medo, amedrontando e intimidando o seqüestrado.

Em uma última observação neste tópico, cabe apenas mencionar o já amplamente citado fenômeno da “estocolmização” que surge, muitas vezes, não simplesmente por uma real identificação com os seqüestradores e suas motivações, mas sim como uma forma de negação da condição de vítima, ganhando a confiança, minorar o temor e a ansiedade e obter um mínimo controle sobre si mesmo e a situação a que está submetido.

Como exemplo desta situação, pode-se citar uma de nossas pacientes que foi “seduzida sexualmente” por um dos seqüestradores e chegou a manter com ele um curto romance, mesmo após ser libertada. Ao readquirir sua estrutura psíquica pode reconhecer o fato com clareza e maior discernimento, afastando-se completamente do seqüestrador-namorado, mas preservou sua identidade e não a revelou aos agentes policiais que acompanhavam o caso.

7.3.1 O Processo de luto

O seres humanos, como parte de seu processo de crescimento e desenvolvimento, têm que enfrentar diversas situações que implicam em perdas e separações. E, inevitavelmente, na solidão.

VIORST¹⁴⁹ (1986), analisando este processo de desenvolvimento do Ser Humano, aponta um conflito que já aparece em idades precoces, na tentativa de se ganhar autonomia. Cita esta autora:

O que sentimos é: Ajuda-me!

Por outro lado, não queremos ajuda. Ou melhor, queremos e não queremos. E assim, assediados pelas contradições, ficamos firmes e saímos, continuamos e fugimos! Insistimos na condição de todo-poderoso e da nossa raiva – raiva! – em meio ao desamparo, e a ansiedade da separação torna-se mais intensa. Desejando ardentemente aquela doce união materna anterior, mas temendo a absorção; desejamos ser de nossa mãe, e, ao mesmo tempo donos de nós mesmos; tempestuosamente passamos de um estado de espírito para o outro, avançando e recuando – o modelo que é a quintessência da dupla intenção.*

Por outro lado, como processo de vida, tem-se que enfrentar ao único fato universal e certo de todo este processo, que é a morte. A forma como o Ser Humano enfrenta estas perdas e separações é o que se chama processo de **luto**.

A não elaboração do luto a nível individual pode conter repercussões sociais, psicológicas e emocionais, que alimentam angústias, impotências, expressões de raiva que se internalizam na forma de memórias repetidas (pensamentos intrusivos) e

* Uma parte muito sutil de alguma substância (aproximando-se da imaterialidade). [nota do autor]

em um processo inconsciente de arquitetamento de sentimentos de vingança contra algo irreconhecível, que tende a se depositar transferencialmente na sociedade como um todo.

Segundo Riaño¹²⁰ (2005) :

Quando as sociedades atravessam por períodos prolongados de violência e conflito intenso, durante os quais as possibilidades de elaboração do luto são mínimas, estas angústias, raivas e vinganças coletivas se convertem em uma marca emocional e social, que alimenta as ações e respostas enquanto perpetua o comportamento violento e reafirma as ideologias que os sustentam. Como consequência o tecido social se debilita cada vez mais e o impacto psicológico, social e cultural sobre os indivíduos e a sociedade como um todo aumentam.

Jamillo⁶⁰, 1998, considera que o luto tem que ocorrer e superar uma série de etapas que em casos de violência são:

1. Negação: a pessoa entra em um estado de embotamento, recusando-se a acreditar que tenha havido a perda e que tudo está bem e que não se trata apenas de um equívoco.
2. Raiva ou protesto: a pessoa se torna irritável, sente raiva e frustração contra ela mesma, contra quem morreu, contra os familiares, amigos, a Sociedade, o Estado e Deus. Pergunta-se insistentemente “por que isto aconteceu comigo?”. Está, também, em busca de possíveis erros cometidos que geram sentimentos de culpa por não ter feito o suficiente.
3. Busca, negociação e tristeza: nesta fase, a pessoa evoca freqüentemente aquele a quem perdeu e deseja reunir-se à ela, vindo, então, ideias de

morte e suicídio. Pode sonhar com a pessoa falecida ou, até, ter alucinações. Procura negociar com sua família, amigos ou com Deus, fazendo “promessas” para obter novamente aquele a quem perdeu. Há uma grande sensação de solidão, tristeza, medo, além de apresentar distúrbios do sono e alimentação.

4. Aceitação e Reorganização: finalmente a pessoa aceita o fato irremediável da perda, se torna capaz de falar mais tranquilamente sobre o acontecido e, finalmente, adapta-se a sua nova condição, sendo capaz de reassumir suas atividades cotidianas e, até, dar novo sentido à sua vida.

Claro que estas fases não ocorrem em sequência, podendo sobrepor-se, superar-se ou mesmo regressar à fase anterior.

Um elemento bastante importante para a elaboração do luto, é poder participar dos ritos funerários que são característicos de cada cultura. As circunstâncias que cercam o funeral, ajudam as pessoas enlutadas a reconhecer que a perda é real e lhes permite ter um espaço para expressar todos seus sentimentos pela perda. Segundo JAMILLO (1998), já citado, este é um mecanismo que admite enfrentar os poderosos sentimentos de medo, temor e raiva gerados pela morte.

7.3.2 O Luto no Seqüestrado

*“Não me pergunte por quem os sinos dobram.
Eles dobram por ti.”
John Donne**

O ser humano ao ser privado de sua liberdade e entregue ao desejo de um ser estranho, hostil, cujas intenções não estão muito claras, tem *à priori* abaladas duas de suas principais crença: a **permanência** e a **vulnerabilidade**.

A maior parte dos seres humanos vive de acordo com um plano pré-ordenado. Passa-se a juventude sendo educado, adquire uma profissão, encontra-se um emprego e procura-se alguém com quem se casar e ter filhos. Compra-se uma casa, tenta ser bem-sucedidos em seu negócio e luta por sonhos como os de possuir uma casa de campo ou um segundo carro. Sai de férias com os amigos. Planeja a aposentadoria. Os maiores dilemas com que muitos de nós nos defrontamos são onde vamos passar o próximo feriado ou quem convidaremos para o Natal. Nossas vidas são monótonas, insignificantes e repetitivas, desperdiçadas em busca de banalidades, porque parece que não conhecemos nada melhor.

O ritmo das nossas vidas é tão febril que a última coisa em que temos tempo de pensar é na morte. Abafamos nosso medo secreto da **impermanência**, cercando nossa vida de mais e mais bens, de mais e mais coisas, de mais e mais confortos, só para nos tornarmos escravos de tudo isso. Todo nosso tempo e energia se exaurem simplesmente para manter coisas. Nossa única meta na vida logo se torna manter

* John Donne, poeta inglês do século XVI, em seu famoso texto “Meditações XVII”, escreveu um belíssimo trecho, mais tarde usado pelo escritor norte-americano Ernest Hemingway em seu romance “Por quem os sinos dobram”.

tudo tão seguro e garantido quanto possível. Quando mudanças ocorrem, encontramos o remédio mais rápido, alguma solução astuta e temporária. E assim nossas vidas transcorrem, a menos que uma doença séria ou um desastre nos arranquem do nosso estupor.

Quando este “desastre” ocorre, como no seqüestro, torna-se subitamente claro que não se é absolutamente “dono do próprio destino”. Isto, por si só, já provoca um colapso em crenças pré-estabelecidas e evoca um outro conceito ainda mais arraigado: a **vulnerabilidade**.

De acordo com JANOFF-BULMAN⁵⁹ (1989) , existem três pressupostos básicos (crenças) que estão ligados à avaliação dos indivíduos sobre sua própria invulnerabilidade: 1. o mundo é benevolente, 2. o mundo tem significado e é compreensível e 3. o indivíduo vê a si mesmo como competente, decente e útil.

Segundo este autor:

A vitimização invalida estas crenças fundamentais. As vítimas, como conseqüência, são confrontadas com um dilema: têm de reconciliar os seus anteriores pressupostos (em parte, ilusórios), que deixaram de ser adequados, com a experiência negativa que é demasiado esmagadora para ser ignorada. Conseqüentemente, elas têm de rever e reconstruir os seus pressupostos básicos.

Ao se ver lançado nesta situação, a pessoa sofre com a chamada “dialética dos opostos”: Onipotência-Impotência. Ao perceber a ruína de sua **onipotência** é lançado às mais profundas dores da completa **impotência**.

A observação feita por um número expressivo de pacientes atendidos no GORIP, tanto vítimas de seqüestro relâmpago quanto em cativeiro, foi a de que,

por determinados momentos, apresentaram, enquanto reféns, a sensação de que **estavam mortos**.

Não se trata do medo da morte iminente, nem da possibilidade de que, de fato, o assassinato se concretizasse, mas sim de uma estranha e indescritível vivência do “estado de morto”, algo que nas nossas mais normais e tenebrosas fantasias, não conseguimos realizar.

Para tentar entender este fenômeno, pode-se recorrer à idéia de que perda e privação estão tão intrinsecamente unidas que é impossível avaliar uma sem a outra.

Paradoxalmente, vivendo a morte, o seqüestrado desenvolve um sentimento de luto por si mesmo o que, por si só, pode constituir uma defesa do ego contra a agressão objetiva a que está submetido. Segundo PARKES¹⁰⁴ (1998) :

As técnicas utilizadas pelos seres humanos para enfrentar situações emergentes podem envolver aproximação ou afastamento, e até mesmo elementos de ambos. A teoria da defesa psíquica baseia-se na pressuposição de que há um limite para a quantidade de ansiedade que o indivíduo pode tolerar e, quando este limite é atingido, os indivíduos podem se defender, afastando-se psicologicamente da situação provocadora de ansiedade. Seria um passo muito grande se encontrássemos nesse comportamento um eco da retirada física do animal em perigo. Em nenhum dos casos, a retirada significa necessariamente um fracasso ou rendição, embora também possam ocorrer. Em ambos os casos, a retirada é entendida como a maneira de reduzir o perigo de ser atingido, e a ansiedade é o parceiro subjetivo de um perigo real ou imaginário.

Ampliando a compreensão sobre este fenômeno, pode-se encontrar na psiquiatria a descrição de dois transtornos dissociativos que ocorrem em situações limite de tensão. São eles a Despersonalização e a Desrealização.

A despersonalização é a alteração da sensação a respeito de si próprio, enquanto a desrealização é a alteração da sensação de realidade do mundo exterior sendo preservada a sensação a respeito de si mesmo. Contudo ambas podem acontecer simultaneamente. A classificação norte-americana atual, apresentada pela **APA**, não distingue mais a desrealização da despersonalização, encarando-as como o mesmo problema.

Contrariamente ao que o nome pode sugerir, a despersonalização não trata de um distúrbio de perda da personalidade: este problema inclusive não tem nenhuma relação com qualquer aspecto da personalidade normal ou patológica.

O aspecto central da despersonalização é a sensação de estar desligado do mundo como se, na verdade, estivesse sonhando. O indivíduo que experimenta a despersonalização tem a impressão de estar num mundo fictício, irreal mas a convicção da realidade não se altera. A desrealização é uma sensação e não uma alteração do pensamento como acontece nas psicoses onde o indivíduo não diferencia realidade da "fantasia". Na despersonalização o indivíduo tem preservado o senso de realidade apesar de ter uma sensação de que o que está vendo não é real. É comum a sensação de ser o observador de si próprio e até sentir o "movimento" de saída de dentro do próprio corpo de onde se observa a si mesmo de um lugar de fora do próprio corpo.

O seqüestrado, vivendo a real situação de “**morte em suspenso**”, desenvolve sentimentos de auto-compassão e luto por si mesmo o que hiperboliza sua angústia e desespero, desenvolvendo, também, sintomas de depressão.

7.4 A FAMÍLIA DO SEQUESTRADO

Estas observações são feitas considerando-se o período em que a vítima ainda se encontra em poder dos seqüestradores.

A ansiedade e o temor pela possível morte do seqüestrado são tão intensas e intoleráveis que uma parte da família atua negando seus sentimentos e age como se o seqüestrado ainda esteja presente e apenas temporariamente ausente devido a uma viagem de negócios, por exemplo. Porém, com o passar do tempo, a idéia de morte do familiar seqüestrado se torna cada vez mais presente dismantelando este mecanismo de negação e aliando-se a uma outra parte dos familiares que, desde o anúncio do seqüestro, já apresentam manifestações de altíssima ansiedade e desespero.

Assim, observa-se uma ambigüidade de sentimentos de esperança/desesperança que evoluem de acordo como se desenrola os acontecimentos objetivos do seqüestro.

Os silêncios muitas vezes prolongados dos seqüestradores e a ausência de contato com eles estimulam que o processo de luto prossiga sendo elaborado porque é possível que a vítima já esteja morta. Porém, novos contatos com os seqüestradores e o envio de “provas de vida” detém novamente o processo de luto. Poder-se-ia dizer que é uma situação de luto que não se desenvolve por completo; é um processo de elaboração de uma morte que se inicia e não termina, devido a esperança de recuperar com vida o seqüestrado. É um fenômeno que o já citado MELLUK denomina de “Luto Interrompido”.

Em um trabalho apresentado por **TRUJILLO & VENCE**¹⁴⁶, em 1993, são descritas as diversas fases pelas quais passaram uma família cujo membro esteve em cativeiro por cerca de 5 anos.

Há momentos em que a desesperança vence e instala-se o estado de luto, mas que, logo, retoma-se a uma esperança de encontrá-lo vivo. A alternância destes estados é, por si só, desesperadora e aniquilante, neste vai-e-vem de expectativas que exaurem as forças levando a um estado de estresse crônico que tornam estas chamadas “**vítimas secundárias**” a terem comportamento semelhante ao do seqüestrado, vivenciando uma situação de isolamento social, profissional, afetivo e desestruturador do “esquema familiar”, vivendo um clima de “luto em suspenso”.

Estes processos de “**morte em suspenso**” e “**luto em suspenso**” são conceitos que procuram definir a situação dos familiares e agregados que, perante a ausência de notícias sobre sua sorte ou do corpo de um ser querido, sofrem, como no caso dos “**desaparecidos**”, iniciando um processo de luto que não se concretiza devido a esperança de que, a qualquer momento, a pessoa apareça com vida. Somente com o passar do tempo (que pode durar anos, em particular nos seqüestros políticos, felizmente não registrados no Brasil) converte-se na evidência de sua morte ou, ao menos, que não regressará mais, certeza esta que nunca será plenamente realizada em sua totalidade.

Esta situação vivida pela família, reascende a discussão sobre “trauma” e “estresse”, sobre a qual não se irá alongar por aqui, cabendo apenas citar a concepção elaborada por BRANDÃO¹³:

“O estresse definido como fatos incompreensíveis que não sabemos lidar está embutido no trauma. Não existe trauma sem estresse, mas existe estresse sem trauma. A diferença a nosso ver está no choque. Uma situação estressante não é necessariamente uma situação chocante. Uma situação estressante é uma situação problemática que não estamos capacitados momentaneamente ou permanentemente a resolvê-la.”

O trauma caracteriza-se por uma grande situação de perigo, mesmo que essa situação não seja entendida como tal. Essa situação leva o organismo a uma espécie de choque.

Se ela for seguida de uma impossibilidade de resolvê-la ou mesmo de lidar com ela, é uma situação de estresse também. Daí o termo estresse pós-traumático.

Por fim, observa-se também, que se cria na família, uma situação muitas vezes caótica devido às diversas opiniões divergentes de seus membros sobre quais procedimentos devem ser adotados, o mais rápido possível, para reaver o ente desaparecido. Esta situação de crise familiar traz a tona dinâmicas até então ocultas, com trocas de acusações, brigas, desentendimentos

Gera-se enfim “uma crise familiar” que tende mais a atrapalhar do que ajudar na condução do processo de negociação com os seqüestradores.

A orientação dada por especialistas no assunto e pela própria DAS é que, nestas circunstâncias, seja criado um “**Comitê de Crise**”, no qual todos os membros da família e agregados tenham papéis bem definidos e subordinados a um “gerenciador da crise” que tomará decisões soberanas e indiscutíveis. Neste cenário, o papel mais crítico é o do “negociador” que, sugere-se, não seja um membro da família, mas sim alguém especializado em lidar com estas situações.

Após a libertação da vítima, a família age como “**vítima secundária**” e muitos de seus membros podem vir a apresentar os mesmos sinais e sintomas do TEPT.

7.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os dados de anamnese, dos resultados obtidos com a aplicação das escalas mencionadas e da análise estatística das mesmas*, pode-se concluir, em relação às hipóteses testadas que:

1. As vítimas de seqüestro, tanto aquelas que permaneceram dias em cativeiro quanto as que sofreram por poucas horas nas mãos dos bandidos (seqüestro-relâmpago) apresentam, de fato, um tipo de transtorno psíquico compatível com o diagnóstico de **Transtorno do Estresse Pós-Traumático**, cuja magnitude é elevada.
2. Este transtorno leva a prejuízos das principais funções psíquicas ligadas à ansiedade e ao medo, o que possui um efeito devastador, permanecendo por longo período, algo assim como uma “cicatriz” a ponto de incapacitar o indivíduo para suas atividades do cotidiano, notadamente no trabalho, lazer e vida afetiva.
3. A magnitude deste distúrbio foi avaliada levando em conta não apenas a observação clínica, como também os dados obtidos pela análise das escalas aplicadas.
4. Observou-se, como é mostrado pelas escalas aplicadas, que não há diferenças significativas entre o transtorno de estresse causado após o trauma de seqüestro com **cativeiro** e o trauma do **seqüestro relâmpago**.

* Poder-se-ia incluir neste conjunto de dados colhidos, as observações derivadas dos procedimentos psicoterapêuticos aplicados à estas vítimas, que não foram aqui mensurados devido às enormes dificuldades metodológicas na avaliação de dados puramente subjetivos.

5. Observou-se, também, que não há variação estatística, nem clínica, na magnitude do transtorno de estresse sofrido tanto por homens quanto por mulheres, nem quanto à idade da vítima.
6. Estas observações podem, enfim, efetivamente fornecer elementos relevantes tanto para psiquiatras forenses em suas perícias como para membros do Ministério Público e da Magistratura em suas considerações na análise de casos semelhantes.

8 ANEXOS

Anexo A

HOSPITAL DAS CLÍNICAS
DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CAIXA POSTAL 8091 – SÃO PAULO - BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**SERVIÇO DE PSICOTERAPIA DO INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DO HC-
FMUSP**

Os procedimentos médico-psicológicos que serão realizados fazem parte do processo de investigação e tratamento do seu problema. É constituído por uma série de entrevistas e testes que avaliarão seu problema e as funções psíquicas que possam estar afetadas, tais como sua atenção, memória, linguagem, bem como seus processos de raciocínio e componentes emocionais. Estes dados irão ajudar a compreender melhor o seu problema e estas informações também poderão ser importantes para ajudar outros pacientes que apresentam os mesmos sintomas.

Com estes dados, você será encaminhado para um tratamento especializado de psicoterapia individual ou grupal com ou sem uso de medicação (à critério médico) e, onde, através de métodos psicológicos seu problema será tratado.

Tais procedimentos trazem um risco mínimo para sua saúde mental, uma vez que visam restabelecer seu equilíbrio psicológico, porém, durante o processo, é possível que haja uma aparente e temporária agravamento dos sintomas, mas que serão imediatamente atendidos e receberão toda a atenção da equipe que o assiste, inclusive com a indicação de medicação, se for necessário.

Estes dados serão utilizados para a criação de artigos científicos, publicados em revistas especializadas, apresentados em Congressos científicos e servirão de base para a elaboração de teses e dissertações acadêmicas.

Se concordar com este termo, poderemos utilizar as informações destes procedimentos sem que você seja identificado. Seu direito ao sigilo e ao caráter confidencial do diagnóstico e tratamento, estão assegurados.

Caso haja alguma emergência, contate o Serviço de Psicoterapia deste Instituto, através de nossa secretária, D. Roseli (telefone: 3069-6576), que entrará imediatamente em contato com a equipe que o está atendendo.

Também lhe será fornecido o telefone de uma psicóloga da equipe para atendimentos emergenciais e quaisquer informações adicionais.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa

São Paulo, de de 200_ .

assinatura do sujeito da pesquisa
ou responsável legal

assinatura do pesquisador

nome completo:

(carimbo ou nome Legível)

RG:

Anexo B

DEPOIMENTOS DE VÍTIMAS

Neste anexo, são apresentados depoimentos “na íntegra” e na linguagem de algumas das pessoas que procuraram atendimento, colhidos pela psicóloga e jornalista **MARISA FORTES**, membro do GORIP.

1. *Inferno na Imigrantes*

(B.K., 32 anos, produtora cultural, vítima de seqüestro-relâmpago)

Fui seqüestrada em São Paulo, no dia 28 de fevereiro de 2005. Eu tenho uma profissão muito visada, sempre andava com muito dinheiro para o pagamento dos eventos que produzia. Na verdade eu sou uma dura, mas o que eu faço me proporciona jantar em lugares caros e viver em um meio que não é o meu. Por isso, segundo o que ouvi dos bandidos o meu seqüestro não era para ser relâmpago, sinto que já estava sendo vigiada e eles falavam toda hora em ir para o cativeiro. Nessa noite eu havia deixado meu carro em um estacionamento na Vila Olímpia e saído com amigos para jantar em um restaurante japonês ali perto. Eram 23h50 quando eu voltei, peguei o meu carro e tentava me achar, já que não conheço muito bem aquele bairro. Nesse momento um Gol branco me fechou e três homens armados saíram e vieram em minha direção. Entraram no meu carro, anunciaram o seqüestro e exigiram que eu ligasse para o meu pai, um deles me mandava dizer que em 20 minutos faria outro contato e que eles tinham que resolver quem seria o negociador.

“Aí ele me jogou no porta-malas, puxou as minhas pernas para cima, arrancou a minha roupa, puxou minha calça, arrancou minha blusa... Eu estava menstruada e ele passava a mão em mim e esfregava no próprio rosto. Ficava me xingando de p... e me batia muito”.

Na hora eu tive muito medo, mas ainda consegui manter a calma e tentar argumentar com eles. Eu dizia “olha, vocês pegaram a pessoa errada, eu não tenho dinheiro, não me machuquem”... Afinal, estava em um Palio 97, nem era carro importado nem nada. Eu liguei então para o meu cunhado que estava em casa com uns amigos, fingi que era o meu pai. Dei todas as instruções que eles mandaram e frisei que não deveriam ligar para a polícia, que os bandidos estavam monitorando tudo. Esse foi um

insight, o de ligar pro meu cunhado, e tive outros que acho que me ajudaram. A religião também ajudou, sou espírita Kardecista. Quando percebi que eles não estavam preocupados com a minha bolsa, os meus cartões do banco e o meu talão de

cheques, aí comecei a ficar mais aflita. Nessa altura eles já diziam que o meu cativoiro era no Litoral, estávamos entrando na Bandeirantes (rodovia) e eu acelerando e já pensando em enfiar o carro em um poste, sair da estrada, sei lá.

Aí eles pararam quando eu ia entrar na Imigrantes e me colocaram no banco do passageiro, acho que desconfiaram que eu queria bater. Aí começou o verdadeiro pesadelo, eles foram passando a mão pelo meu corpo e eu fui me debatendo, tentando me defender. Aí eles pararam de novo e me colocaram no banco de trás, no meio de dois caras que ficavam me tocando e eu dando socos e cotoveladas. Joguei meu celular lá atrás, pelo tampão do porta-malas que estava quebrado. Esse foi outro insight. Bom, um dos caras estava muito louco, muito drogado, e eu senti que ele poderia fazer qualquer coisa. Então eles entraram em um Frango Assado que tem no começo da Imigrantes, estava cheio e eles deram um cavalo de pau no meio do posto. Eu pensava que alguém ia ver isso e ir atrás. Aí um pouco mais adiante o carro da frente, aquele Gol que foi nos acompanhando o tempo todo, começou a dar o piscar-alerta e parou. O bandido desceu e falou: “f... o cativoiro e o carro tá falhando. Larga ela aí no porta-malas e alguém fica com ela que eu vou trocar de carro”. Fiquei apavorada, era o meio da estrada, um matagal do lado, eles desistiram de me levar para o cativoiro.

Então me arrancaram do carro com violência. Bati o braço, mas na hora nem senti. Eles foram me colocar no porta-malas e o mais louco, drogado, disse: “Errar a gente não te errou, a gente vai te acertar de novo. A gente não vai te levar hoje, mas você vai ficar com a minha marca”. Aí ele me jogou no porta-malas, puxou as minhas pernas para cima, arrancou a minha roupa, puxou minha calça, arrancou minha blusa... Eu estava menstruada e ele passava a mão em mim e esfregava no próprio rosto. Ficava me xingando de p... e me batia muito. Os outros diziam para ele me largar, mas também não faziam nada para me ajudar. Ficaram assistindo. Quando eu joguei o celular no porta-malas ele estava ligado e a polícia interceptou o telefone, que ficou conectado com a central e com a minha irmã. Então ela simplesmente ouviu tudo isso. Imagine ela do outro lado da linha ouvindo essa barbaridade sem poder fazer nada!

Naquele momento eu só podia escolher entre duas coisas: ser estuprada ou morrer. Eu optei por morrer. Isso eu não ia suportar, viver com isso era impensável para mim. Eu sabia que não ia ter capacidade de conviver com isso depois. Havia três armas apontadas para mim naquela hora e eu lutei, chutei, bati, apanhei pra caramba e briguei até ele desistir. Fiquei cheia de hematomas, toda roxa, bati a cabeça, um horror. Eu sou uma pessoa inteligente, instruída, o cara veio seco e eu resolvi que não, que não ia passar por aquilo. A essa altura eles desistiram e me fecharam lá dentro, acho que fiquei uns quinze minutos ali aos gritos, nua, toda machucada e suja de sangue. Peguei o telefone e liguei para a polícia, não me toquei que já estava tudo grampeado, e falei que eu tinha sido seqüestrada. A santa da atendente falou “B., a gente está acompanhando tudo, agora está tudo bem, eles foram embora e a polícia está indo te buscar. Se acalma...”. E ela foi me acalmando e eu ainda não sabia que a minha irmã estava ouvindo tudo. Naquele momento eu não sabia se era a polícia que estava vindo ou se eles tinham voltado, só

“Naquele momento eu só podia escolher entre duas coisas: ser estuprada ou morrer. Eu optei por morrer. Havia três armas apontadas para mim naquela hora e eu lutei, chutei, bati, apanhei muito... Fiquei cheia de hematomas, toda roxa, bati a cabeça, um horror”.

queria alguém conhecido para ter certeza e que tinha escapado. A atendente dizia “fique calma, eu vou pedir para eles jogarem uns faroletes e você vai descobrir que são eles pelos faroletes”.

Uma hora depois eu vi as luzes, mas pedi por telefone para ligarem as sirenes, tinha certeza que os seqüestradores iam voltar para me pegar. E ela ali no telefone comigo o tempo todo... Aí eles chegaram fazendo o maior escândalo, acho que tinha uns 15 carros. Eles colocavam o farolete e me chamavam “B., é a polícia, onde tá a chave do carro?”. Sei lá eu onde estava, depois soube que eles trancaram o carro todo e jogaram a chave no matagal. Eles acharam porque começaram a recolher as coisas da minha bolsa que os bandidos deixaram espalhadas por ali. Um deles abriu a tampa e viu que eu estava nua, aí ele disse “olha, eu vou pegar uma toalha e fazer uma cabaninha. Os policiais vão ficar de costas e você se veste”. Aí eu fui colocando a blusa, a calcinha, a calça... Toda suja de sangue. Ele pegou os meus sapatos, fui me arrumando aos poucos. Quando eu já estava vestida saí para agarrar a primeira pessoa que estivesse na minha frente, tamanho o meu pavor. Eu só chorava e queria tomar banho. E era um policial espírita, que começou a falar de Deus e disse que também ia no centro que eu frequento, ele tinha visto o adesivo no carro. Naquela hora senti que Deus me pegou no colo e me colocou ao lado de alguém que acreditava nas mesmas coisas que eu, que podia me entender, que sabia do que eu estava falando.

Fui no meu carro, um deles foi dirigindo para mim. Aí cheguei na delegacia e eles disseram que sabiam quem eram os caras e pediram para eu entrar no carro e ir com eles reconhecer. Na hora eu só dizia “Eu vou! Eu quero esses três caras mortos, eu não quero nem saber! E eu quero matar eles, eu quero ver eles morrerem”. Aí chegou a minha irmã e não me deixou ir, ela ficou meia hora conversando comigo até ter coragem de perguntar se eu precisava fazer o exame de corpo de delito, se eu tinha sido estuprada ou não. Na hora em que eu cheguei o delegado saiu da sala dele e me chamou pelo nome, muita gente estava me esperando, já sabiam do que tinha me acontecido. Meus amigos não tiveram coragem de chegar perto de mim, minha pele é branquinha, então os hematomas apareciam mais. Eu estava toda roxa, era assustador mesmo!

Depois, ali me lavando na pia da delegacia, limpando o meu próprio sangue, me dei conta de que o desejo de vê-los mortos estava desaparecendo, já estava me acalmando, violência gera violência. Sei que não pegaram os caras. Como eu cheguei cheia de sangue eles não acreditavam que eu não tinha sido estuprada. Até hoje eu fico pensando, é tanta humilhação, tanta exposição... Naquela hora só queria tomar banho, assinei o B.O. e me levaram para casa com a minha irmã. Imagine ela sem poder dividir isso com meus pais. Nós tínhamos medo da reação deles, só ficaram

“Tudo o que eu comia eu vomitava, pesava 44 quilos, fui diagnosticada como bulímica, era capaz de ficar até 20 dias sem comer, só tomando café e fumando. Eu tinha pesadelos com morte, com quedas livres. Tinha tremores fortíssimos e meu cabelo começou a cair”.

sabendo na sexta-feira à noite, quando foram lá em casa. Ela contou aos poucos lá embaixo e avisou que eu estava machucada, meu pai subiu como um louco, arrancou o B.O. da minha mão e leu tudo, todos os detalhes escabrosos. Ele envelheceu 15 anos em cinco minutos.

Percebi que havia algo de errado comigo cerca de dois meses depois, quando roubaram meu carro na porta da minha casa. Eu tive uma reação louca, saí chutando tudo. Hoje eu dirijo muito

agressivamente, sinto que perdi minha liberdade, tenho medo de sair, recusei trabalhos por causa desse medo. Eu ainda tenho que administrar o sofrimento dos outros, porque foi uma coisa que envolveu muito profundamente toda a minha família. Mas na época em que as coisas pioraram muito, em junho de 2005, uma colega me indicou o serviço do HC, ela teve que marcar para mim porque eu não queria ir. Tudo o que eu comia eu vomitava, pesava 44 quilos, fui diagnosticada como bulímica, era capaz de ficar até 20 dias sem comer, só tomando café e fumando. Eu tinha pesadelos com morte, com quedas livres. Tinha tremores fortíssimos e meu cabelo começou a cair. Esse trabalho oferecido no Instituto de Psiquiatria é fantástico, fora do comum, eu cheguei aqui um trapo e consegui sair dessa graças ao apoio que tive lá. Fui diagnosticada como tendo o Transtorno de Estresse Pós-Traumático e era muito resistente à terapia em grupo, faltei nas duas primeiras sessões, não queria ficar contando minhas coisas... Mas aí consegui e adorei!

Hoje eu sou outra pessoa. Por exemplo, até hoje eu continuo em certo cárcere privado, eu evito sair à noite. Tenho permanentemente a impressão de que tem alguém me observando. Minha vida profissional foi prejudicada, além do meu próprio medo tenho que conviver com ligações a todo o momento dos meus pais, eles querem saber se estou bem. Eles não conseguem falar sobre o assunto, não sabem lidar com o que os bandidos me fizeram. Ninguém se dá conta muito disso, mas as consequências para a família também são desastrosas, eles ficam muito mexidos. Interessante que eu sinto que tenho que me cuidar o tempo todo, senão volto para o casulo. Comecei a questionar tudo da minha vida. Mas com esse tratamento eu estou mais forte, mais otimista, no grupo eu vejo outras histórias. Quem passou pelo que eu passei sabe que os problemas mudam, as prioridades são outras. Hoje eu ouço música de um jeito diferente, vou andar de mãos dadas no parque com meu pai. Eu passei a ver a vida de outra forma, dou mais valor. Eu digo que a minha vida não está fácil, inclusive financeiramente porque não consigo trabalhar como antes, mas eu tenho certeza de que tudo vai dar certo, eu estou viva para resolver isso!

2. Roleta-Russa

(M.M., 56 anos, consultor financeiro, vítima de seqüestro-relâmpago)

Eu não sei se ainda estou sendo perseguido, você pode imaginar o que é viver assim? Não me lembro o dia exato do seqüestro, sei que foi em setembro de 2003, aqui em São Paulo. Saí com minha namorada para tomar um chopinho na Vila Madalena. Era mais ou menos meia-noite e meia quando nós saímos do bar, os carros estavam estacionados em uma dessas lojas que fecham à noite e quando chegamos perto fomos abordados por dois sujeitos que anunciaram um assalto. Saímos os quatro no carro dela, os dois na frente e nós dois atrás. Eles deram várias voltas e depois de mais de uma hora e meia falaram que iam pegar um carro que estava longe dali. Eles mudaram e ela foi para o banco da frente com um dos bandidos dirigindo e eu fiquei no de trás com o outro cara. Eles não podiam ir para o cativado, pois já havia dois lá dentro e ia ficar apertado, além disso tinha polícia na favela e eles eram avisados de tudo pelo celular.

A essa altura já estávamos na Vila Brasilândia, que era onde o carro deles estava e iam ficar esperando uma ligação para poder ir para a favela. Nessa hora estávamos todos calmos, mas o da frente estava muito drogado e começou a passar a mão nela, ela ia pedindo para ele parar. A hora em que ele avançou nela eu grudei ele, aí ele dizia “ah, você é macho?”. Então ele pegou o revólver, tirou as balas e deixou só uma, girou o tambor, colocou o cano na minha boca e apertou o

“...o da frente estava muito drogado e começou a passar a mão nela, ela ia pedindo para ele parar. Então ele pegou o revólver, tirou as balas e deixou só uma, girou o tambor, colocou o cano na minha boca e apertou o gatilho”.

gatilho. A minha namorada gritou que eles podiam fazer o que quisessem, mas que não me matassem. Aí ficou aquele negócio tenso até que umas pessoas saíram pelo portão de uma casa próxima e eles se assustaram. Já fazia umas três horas que estávamos em poder deles. Aí ele pegou minha namorada e foi com ela para o carro da frente, eu fui para o banco da frente com o outro bandido. Ela não queria ir, mas ele a arrastou para o carro da frente e começamos o percurso para o cativeiro. No meio do caminho ela se jogou do carro em movimento, se machucou bastante, mas o bandido não parou. Eu olhei para trás e a vi se levantando. Nós estávamos passando por uma praça e havia um táxico-móvel estacionado em cima do canteiro. O bandido saiu cantando pneus, os soldados iniciaram uma perseguição e já acionaram pelo rádio outras viaturas.

Paramos em um farol, ele foi devagar para não levantar suspeitas e eu o agarrei, segurei o revólver e abri a porta gritando “seqüestro”!!! Nessa hora minha namorada vinha vindo com a polícia. Quando vi que não ia dar para segurar o cara muito tempo eu saí do carro, mas não consegui andar, minhas pernas não obedeciam. Ele bateu o carro em um poste e foi preso. O outro, o drogado, foi morto na entrada da favela. Ele era só o chefe do PCC e havia dois reféns no cativeiro. A essa altura já estava no hospital cuidando da namorada e aí chegou o corpo do bandido, queriam que eu o reconhecesse. Como se não bastasse, chegou também a equipe do Datena (apresentador de televisão) e registrou tudo. Passei quatro meses de sufoco porque a mãe do bandido morto ficava ligando para mim e me ameaçando. Eles diziam que iam me matar. Eu disse ao juiz que queria saber quem havia dado o meu telefone, ele disse que não podia fazer nada. A policial que cuidou do caso foi emboscada por eles e por pouco não morreu, quatro bandidos foram mortos nesse dia! Um dos bandidos, o que sobreviveu, é filho de uma figura importante, um empresário conhecido. O pai não sabe mais o que fazer, já entregou a Deus. Ele roubava tudo de casa, se drogava, e nunca saiu da vida do crime. Eu o conheci na delegacia e ele me contou que prefere deixar o filho preso, deixar matarem ele.

Até então eu estava levando uma vida normal. Trabalhei 30 anos no mercado financeiro, já era uma coisa estressante. Eu passei a andar armado, tinha medo das represálias. Eu ia tomar banho armado! A partir daí comecei a chorar à toa e muito, não dormia, ficava nervoso... Quatro meses depois do acontecido estava na minha casa e caiu uma telha no quintal, fez um barulho enorme. Eu desmaiei e fiquei sei lá quanto tempo ali, desacordado. Aí eu não queria mais sair de casa, eu chorava toda hora. Eu percebi que havia algo terrivelmente errado, minha vida com o trauma havia começado. Dois meses depois eu resolvi me mudar, era uma casa enorme e eu morava sozinho. Piorei mais ainda. Sabe, acho que a reação da pessoa ao trauma depende muito também de como ela estava naquele momento, minha vida pessoal e

profissional já não estava tão boa e acho que então as coisas me pegaram mais violentamente. Eu estava em uma fase muito ruim da minha vida, tive que vender meus bens para não quebrar.

“Eu tinha certeza que iam estuprar a minha namorada se eu não tivesse reagido. Na hora você não pensa, não raciocina, você é puro instinto. Eu nunca mais ia poder me olhar no espelho se deixasse que eles a estupassem, eu preferia tomar um tiro”.

Um dia eu vi o Dr. Eduardo na televisão e decidi procurar ajuda. Fui diagnosticado como sendo portador do Transtorno de Estresse Pós-Traumático e iniciei um tratamento semanal, foi aí que comecei a melhorar. O trauma é um problema sério, ninguém que não passou por isso tem idéia do que é. Nunca mais consegui falar com aquela minha namorada, fiquei chateado porque eu não queira ter saído naquela noite. Falei mais de dez vezes que não queria ir, algo me dizia “não vá”, mas ela insistiu tanto... O pior momento foi o da roleta-russa. Além disso, eu tinha certeza que iam estuprar a minha namorada se eu não tivesse reagido. Na hora você não pensa, não raciocina, você é puro instinto. Eu nunca mais ia poder me olhar no espelho se deixasse que eles a estupassem, eu preferia tomar um tiro.

Estou há três anos sem trabalho e engordei 40 quilos. Às vezes marcava uma reunião, ia até o carro e não conseguia sair, voltava correndo. Agora que estou retomando o trabalho no mercado financeiro como consultor, só agora me sinto disposto a isso. Eu acordava à noite engasgado, não conseguia dormir mais. Uso antidepressivos e ansiolíticos. Não quero mais namorar, saio duas ou três vezes com uma pessoa e não consigo construir um vínculo, não dá. Quando eu vou às consultas eu fico vendo o quanto a família é afetada, como eles falam sobre o que aconteceu, eu fico horrorizado. Eles matraqueando sobre tudo aquilo, expondo a vítima, falando com os outros... Isso me chateia muito, me deixa angustiado. E não ajuda em nada.

Penso que há dois pontos muito importantes no tratamento desse problema, um é como estava a pessoa na época do seqüestro e qual o seu relacionamento com a família. O falta de suporte da minha família foi péssima. Quando eu quebrei as minhas filhas não aceitaram, estavam acostumadas a me ver forte e não suportaram minha fragilidade, me maltrataram. Hoje moro com uma delas, mas a relação é ruim e distante. A outra mora no exterior, não sinto falta dela. Difícil para a família aceitar que a fortaleza caiu e que é preciso amparar essa fortaleza. Hoje eu sou muito mais frio em relação à minha família. Não deixei de gostar, mas tenho muita mágoa. Todos sumiram, irmãos, tios, primos... Todos os que se divertiam muito às minhas custas nas festas que eu dava desapareceram, não me procuraram desde que fiquei doente. Não se importam. Mas a sensação de inatividade, de incompetência, é terrível. Estou mais animado e em fase de reconstrução, mas muito mais frio, racional, acho que nunca mais voltarei a ser o mesmo. Acabou a pessoa que eu era, minha vida passada. Preciso partir do zero, porque não há retorno. Não penso em grandes projetos, eu quero ter uma vida razoável e só.

3. Prisioneiro no Cortiço

(K.L.X., 53 anos, comerciante, vítima de seqüestro com cativoiro)

Eu fiquei no cativoiro por 16 dias, fui seqüestrado aqui em São Paulo no dia cinco de fevereiro de 2005, às 2h da madrugada. Eu faço de tudo um pouco, tenho posto de gasolina, comércio de jóias, trabalho no mercado imobiliário... Eu estava trabalhando no posto de gasolina, na Zona Norte, e a loja de conveniência estava lotada, era ensaio de escola de samba. Estava numa boa, tomando um a cervejinha e aí deixei a mulher tomando conta do caixa e fui dar um pulo em casa para pegar o celular. E eu tenho essa mania de família desde pequeno, de andar cheio de jóias... Tinha um filhote de cachorro, um labrador de cinco meses, e ele queria passear. Minhas filhas estavam em um hotel que eu tenho na praia e em casa não tinha ninguém. Peguei o cão, abri o portão e saí com ele. Quando eu subi a ladeira tinha um carro do lado direito e um cara barrigudo lá dentro. Ele meteu o revólver em mim e falou que era um assalto. Eu caí em cima da barriga dele mas não reagi. Ele me deu uma coronhada e eu fiquei tonto, os outros saíram e me renderam. Eu estava com uma camisa de manga comprida e eles me mandaram cobrir o rosto, disseram que se eu olhasse para eles eu ia morrer. Aí saíram na maior loucura, voaram com o carro! Começaram a me arrancar as correntes, as pulseiras e tudo. Eram quatro bandidos.

“Era um quarto e a gente ficava todo mundo junto, televisão e rádio bem altos o tempo todo. Eles me ameaçavam, se eu tentasse fugir eles iam me deixar no chão acorrentado, sem banheiro e nem comida. Você fica em uma situação que dá vontade de se matar, de acabar logo com aquilo tudo. A cabeça ficava explodindo, parecia que eu ia ter um infarto. É muito tempo preso sem saber o que vai acontecer com você”.

Lembro que me levaram para uma casa, só vi o piso, uma ardósia. Me colocaram em um colchonete e tiraram meu dinheiro, cheques, anéis de ouro, celular, tudo. Eles diziam que eu tinha Jaguar, Mercedes, e eu falando que não era nada meu. Um baixinho veio e me deu um murro no olho, ficou roxo uns dez dias. Foi um murro pra valer! Aí eles me jogaram em outro carro, em um Gol, e rodaram por quase uma hora. Eu tinha tomado umas cinco latinhas de cerveja, mas fiquei são na hora! Aí chegamos a outro cativoiro onde

tinha um Rotweiller enorme me farejando.

Eram umas seis casinhas, cada uma com quarto e banheiro, e tinha famílias do lado, eu ouvia a voz das crianças, da mãe. Sempre ficaram dois bandidos me olhando e, à noite, o cão me farejava. Eu ficava acorrentado. Era um quarto e a gente ficava todo mundo junto, televisão e rádio altos o tempo todo. Eles me ameaçavam, se eu tentasse fugir eles iam me deixar no chão acorrentado, sem banheiro e nem comida. Lá no cativoiro eles me davam coisas roubadas, caixas e mais caixas de iogurtes e bolachas, aqueles pacotes grandes. Eu rezava 24 horas, sou devoto de Nossa Senhora Aparecida. Eu tomava água, rezava e relaxava. Mas você fica em uma situação que dá vontade de se matar, de acabar logo com aquilo tudo. A cabeça ficava explodindo, parecia que eu ia ter um infarto. É muito tempo preso sem saber o que vai acontecer com você.

No dia que eu entrei no cativoiro eram umas três horas da manhã e eles tinham soltado o refém anterior às duas horas, era o filho do dono de uma loja de material de construção. Um dos que tomavam conta de mim era melhor, conversava comigo e me dizia que queria parar, estava no quarto seqüestro. O outro era um

algoz, ele só falava que ia me matar e botava o cachorro em cima de mim. O negócio dele era dinheiro, ele me mostrava o jornal e dizia que eu já estava há muito tempo lá, que eu ia morrer. Aí vinha de vez em quando o gordão, ele chamava Morcego. Ele chegava sempre drogado, fedendo e muito maluco. Uma vez ele chegou com uma faca, uma peixeirona, e ameaçou me furar. Outro dia ele veio com um negrão e disse que ia me extrair um dedo, que ia me dar uma injeção e que eu não ia sentir nada. Eu estava deitado no colchonete e os dois vieram para cima de mim, o cheiro de droga que eles exalavam era terrível. O negrão já estava com a serrinha raspando no meu dedo, me batendo e segurando com força, prestes a amputá-lo. Eu me apavorei e pedi para falar com minha filha do meio que estava negociando e prometi resolver tudo, dar o que eles quisessem. Me obrigaram a escrever um bilhete mandando vender tudo e conseguir R\$ 100 mil e deixaram em uma estrada para minha família pegar.

“Outro dia ele veio com um negrão e disse que ia me extrair um dedo, que ia me dar uma injeção e que eu não ia sentir nada. Eu estava deitado no colchonete e os dois vieram para cima de mim, o cheiro de droga que eles exalavam era terrível. O negrão já estava com a serrinha raspando no meu dedo, me batendo e segurando com força, prestes a amputá-lo”.

A essa altura a DAS (Delegacia Anti-Seqüestro) já estava em casa interceptando tudo, mas cada vez que eu falava com minha filha era rápido, dez segundos, e os bandidos quebravam o celular em seguida para evitar que eles captassem o sinal. A gente ligava dali de dentro, mas eles mandavam dizer que eu estava circulando no centro da cidade. Eles queriam R\$ 1 milhão e meio, eu disse que era impossível, que eu estava lá dentro e

que não podia conseguir tanto. Que eu nem tinha todo esse potencial. Fui negociando e caiu para R\$ 40 mil. Quando os meus familiares receberam o bilhete como prova de vida, já começaram a juntar o dinheiro do resgate. Só que aí os seqüestradores deram pra trás, eles diziam que era pouco, que eu devia então depois de solto dar mais R\$ 20 mil. Eu disse que meu comércio estava parado, mas que eu topava dar o resto em mais ou menos 15 dias. Aí era uma quinta-feira quando o Morcego e o negrão chegaram e eu fingi que estava dormindo, até roncava. Eles cochicharam que a situação estava no limite, que a polícia já estava na cola deles e que precisavam resolver o meu caso urgente.

No dia seguinte me deram cerveja, queriam que eu bebesse e falaram que iam me trazer uma mulher. Eu falei que não queira nada disso, que eu não estava com disposição. Eles disseram que sabiam que eu gostava do que era bom, de chopinho, charuto, mulher... Eu falei que não estava com apetite para nada. Isso foi tudo planejado, alguém do posto deve ter dado a fita, que eu tenho coleção de carro, que eu gosto de jóias. No final eu demiti todo mundo e fechei o posto, vendi. Um dia desligaram o rádio e a TV e disseram que tinha um estuprador na rua e que estava cheio de polícia. Mas era uma mentira para enganar os bandidos, a DAS já tinha rastreado o cativo. No sábado, quando eram umas 18h a coisa pegou fogo! Chegaram três investigadores e um delegado. Os dois seqüestradores estavam lá, um no quintalzinho com o cachorro e o outro lá dentro comigo, porque eu nunca fiquei sozinho e eles não admitiam que ninguém de fora entrasse no quarto. O de fora foi rendido, o de dentro falou para eu dizer para a polícia que eu era o primo dele, pegou o colchonete e jogou no banheiro, eu grudei na porta do armário que sabia estar cheio de armas. Ele choramingava e tremia, dizia que ia pegar 20 anos e que ia ser morto na cadeia.

Tinha havido uma denúncia anônima, além disso rastrearam também o meu celular que eles estavam usando para negociar. A polícia ia estourando casinha por casinha, invadia e ia checando o cortiço todo. O de fora ficou cobrindo a fresta que dava para o interior de onde eu estava com uma toalha e eu pensei em dar um grito, já que a polícia estava indo embora. Aí o delegado voltou e falou “espera aí que tem um lugar que não olhei!”. Aí ele abriu a fresta, me viu todo barbudo e judiado e falou “ah, é o senhor K.?”. Eu disse, “sou eu mesmo!”. Aí ele já meteu a bota na porta e algemou o bandido, perguntou se eu queria chutar o seqüestrador. Eu disse que psicologicamente não tinha condições de fazer isso. Nessa hora eu chorei tanto, eu fiquei muito emocionado. Aí eu falei para ele deixar pra lá, levar os bandidos para a delegacia e fazerem com eles o que eles merecem. Era uma quadrilha de dez pessoas, um foi denunciando o outro e aí chegaram até o meu cativoiro.

Agora uma coisa eu falo, morte é pouco para eles. Pena de morte é o mínimo! Ou então matar devagarzinho! Porque eles não querem saber se você tem família, parentes, mãe, irmã. O negócio deles é grana! É grana ou caixão. É o tipo de gente assim, não querem saber se sua mãe está doente, se sua filha está mal. A minha vontade era de fazer picadinho deles. Quando eu penso neles, eu sinto vontade de vê-los mortos ou presos para sempre. No dicionário deles não existe a palavra piedade. Eu já fui assaltado nove vezes, mas jamais imaginava que ia passar por isso. O seqüestro é uma coisa muito cruel, quem não passou não faz idéia.

Aí eles me levaram para a DAS para dar depoimento. Foi feito o B.O. e eu identifiquei os quatro que me pegaram. Fiquei eu e um senhor que era pai do menino que estava no meu cativoiro antes de mim. A minha família estava toda me esperando lá na delegacia e a hora em que eu cheguei e olhei para eles... (chora). Minha mulher, minhas filhas, meu cunhado... Nem sei, é como se eu tivesse nascido de novo. Quando

“Agora uma coisa eu falo, morte é pouco para eles. Pena de morte é o mínimo! Porque eles não querem saber se você tem família, parentes, mãe, irmã. O negócio deles é grana! É grana ou caixão. É o tipo de gente assim. Não querem saber se sua mãe está doente, se sua filha está mal”.

eu cheguei em casa teve festa, muitas visitas, comemoração. A vida continuou. Só que depois de 15 dias comecei a sentir coisas estranhas, a mão gelava, sudorese, tontura, depressão. Ficava muito nervoso, agitado, tinha insônia e sonhos com o acontecido. Não tinha mais paz! Eu rezava para meus santos protetores, comecei a dirigir, a sair. Mas com muito medo. Minha vida mudou, morava na mesma casa há 23 anos e tive que sair. Mudei de bairro, queimei o posto, vendi barato demais. Fui para um prédio, é mais seguro. Hoje meus negócios se resumem aos imóveis e às jóias.

Depois disso eu mudei, fiquei mais humano e mais agressivo. Com os meus inquilinos eu sou mais compreensivo, deixo atrasar o mês. Antes eu não era assim, mandava desocupar o imóvel. Mas agora também sou mais temperamental, fico irritado à toa. Meu casamento também deu problema, porque eu tinha uma outra mulher e quando eu sumi ela foi atrás, aí minha família descobriu. Eu tinha sido seqüestrado e não tinha como avisá-la, a gente saía há 13 anos... Aí caiu a casa, né? (risos). Minhas filhas descobriram onde ela mora e foram lá, baixou um pouco o nível, né? Mas voltando aos sintomas, o próprio delegado da DAS já me avisou na hora que a pessoa pode ficar mal, que ia me indicar para tratamento no HC. Aí eu fui e melhorei, estou tomando antidepressivo, me cuidando... É difícil. Eu comecei a

encher a cara de bebida para esquecer tudo e tentar relaxar. Hoje eu me sinto melhor, mas às vezes ainda fico irritado, penso muito no que aconteceu, tenho um medo intenso. Às vezes estou na rua e vejo um cara parecido, tenho vontade de passar com o carro em cima dele!

Quando eu leio uma notícia de jornal sobre seqüestro eu sinto muita raiva. Já fez um ano e eu queria saber se todos os bandidos foram presos, se estão na cadeia. Eu ainda fiquei de fevereiro até dezembro indo no posto, trabalhando a venda dele. Eu ia com um carro mais simples, sem as jóias, morria de medo mas enfrentava a situação. Agora quero continuar trabalhando, trabalho desde os 15 anos e não posso parar. Mas penso mais também em aproveitar a vida, vou à praia toda hora, não só uma vez a cada dois anos como era antes. Acho que vou ter que tomar os remédios para o resto da vida, se eu ficar um dia sem tomar fico muito agitado, tonto, não dá! Isso é triste.

4. Mutilada no Cativoiro

(D.P., 28 anos, comerciante, vítima de seqüestro com cativoiro)

Eu fui seqüestrada em 2004 e fiquei 25 dias em cativoiro. Eu trabalhava no pesqueiro da minha família, mais de dez pessoas viram os seqüestradores me colocarem no porta-malas do carro e me levarem. Na hora eu já sabia que era um seqüestro, minha família era visada, o bairro era perigoso. Fiquei rodando por cinco horas e me lembro que dei graças a Deus por me pegarem e não a outra pessoa da família. Eu sou a mais forte entre eles e estava calma. Chegamos ao cativoiro e eles me amarraram em uma cama, não tinha como saber onde e como era porque fiquei os primeiros sete dias vendada. Eles perguntavam se podiam confiar em mim, se eu não ia olhar... É lógico que eu queria tirar aquilo o mais rápido possível e garanti que não ia olhar nada. Você não imagina o que é ficar sete dias no escuro, com aquele pano grosso roçando seu rosto.

“Coloquei os óculos vedados com fita e ele me deitou na cama, puxou os meus cabelos para trás... Eu disse ‘não me mata!’ Ele respondeu ‘eu não vou te matar, vai doer um pouco mas eu não vou te matar. Fica quieta, você não dá um grito e nem um ai, porque para eu te matar aqui é dois palitos’ (sic). Ele disse que não ia me matar, que só ia me cortar um pouco. Aí eu esperei. Eles cortaram um pedaço da minha orelha e disseram que iam entregar para a minha família, porque eles não estavam colaborando”.

Sempre ficavam dois comigo, eles se revezavam para dormir e me vigiavam o tempo todo. Sempre me falaram para não tentar nada, me mandavam ficar em silêncio. Tudo o que eu podia fazer era obedecer, e foi o que eu fiz. O tempo todo diziam que iam me matar. No começo eles disseram que ia ser rápido, que meu pai ia pagar. E o tempo passava e eu sempre esperançosa e nada acontecia. Nos últimos dias de cativoiro eu achei que iam me matar, entrei em pânico. Isso porque eu comecei a ouvir cochichos e eles nunca tinham feito isso, eu sempre ouvia o que eles diziam. “Está difícil lá, vamos ter que

agir de outro jeito”. Foi a pior semana, achei que não tinha mais jeito.

Eu fiz dois telefonemas durante o seqüestro. No primeiro liguei para a minha família e a polícia mandou dizer que meu pai estava doente. Meu irmão atendeu e já começou a chorar, eu pedi para chamar meu pai e ele falou que ele estava internado,

que não estava agüentando esta história do seqüestro. Eu tive certeza que meu pai tinha morrido. Perguntei das crianças e eles, instruídos pela polícia, diziam que minha filha estava doente, sentindo muito a minha falta. Eu acho errado, eu fiquei muito mal achando que isso era a real. Eles pretendiam comover os bandidos, era tudo feito no viva-voz e eles sabiam disso. Eles entravam no meio da conversa e ameaçavam “você têm que pagar logo, a gente vai matar ela”. A segunda ligação foi igual, eu fiquei pior ainda. Pai internado, filha doente... Eu dizia para tirar a polícia, falava o que eles mandavam. Eu fiquei sabendo depois que minha família fez dois pagamentos, um no início e o repique depois. Ao fim das ligações eu chorava muito, mas durante a conversa era uma tensão enorme.

Na penúltima semana eu estava quieta, na minha, e eles chegaram. Aí subiu um e eles jogaram os óculos. Eu sempre ficava de costas para a porta, não queria reconhecer ninguém. Tenho certeza que eles foram contratados por alguém que me conhece muito bem e eu não queria correr este risco. Coloquei os óculos vedados com fita e ele me deitou na cama, puxou os meus cabelos para trás... Eu disse “não me mata!”. Ele respondeu “eu não vou te matar, vai doer um pouco mas eu não vou te matar. Fica quieta, você não dá um grito e nem um ai, porque para eu te matar aqui é dois palitos” (sic). Ele disse que não ia me matar, que só ia me cortar um pouco. Aí eu esperei. Eles cortaram um pedaço da minha orelha e disseram que iam entregar para a minha família, porque eles não estavam colaborando. Na hora não doeu, mas depois... Na hora eu só pensei que eles não haviam levado a minha vida, que se eles quisessem podiam cortar meu pé, minha mão, mas que eu só não queria morrer. Eu fiquei quieta e deixei ele me cortar, não podia esboçar qualquer reação.

Depois de 10 ou 20 minutos a amputação começou a doer, eles vieram com iodo e um monte de coisas. Na hora eu já pensava que não queria pegar uma infecção. Eles me deram um pano de chão para estancar o sangue! Eu tremia muito, ele queria fazer meu curativo e eu impedi, disse que eu mesma ia fazer. Pedi gaze, água fervida e o guardião disse que não sabia que eles iam fazer isso, que tinha ido comprar as coisas com o dinheiro dele. Eu tinha muito medo de colocar a mão naquele buraco, não tinha espelho, ele ia me dizendo para que lado ir com o chumaço de algodão e eu ia limpando. Eu perguntei se eles iam me matar, o seqüestrador disse que não. Em determinado momento ele viu a ferida e se apavorou, disse para eu

“Eles me deram um pano de chão para estancar o sangue! Depois de 10 ou 20 minutos a amputação começou a doer. Eu tremia muito, ele queria fazer meu curativo e eu impedi, disse que eu mesma ia fazer. Em determinado momento ele viu a ferida e se apavorou, disse para eu tampar aquilo, que estava muito feio. Quando eu olhei para o lado, para a parede, ela estava cheia de sangue respingado, deve ter pegado alguma artéria”.

tampar aquilo, que estava muito feio. Quando eu olhei para o lado, para a parede, ela estava cheia de sangue respingado, deve ter pegado alguma artéria. Não queria morrer da infecção e então tratei de limpar tudo e mantive protegido com meu cabelo. Doía demais, latejava. Fiquei duas semanas com essa ferida e comecei a ter febre três dias antes de ir embora. Minha família recebeu mesmo um pedaço da minha orelha, na última ligação eu disse pro meu irmão que já tinha cicatrizado, que tinha casquinha.

Disse que não doeu. Mas a verdade é que quando voltei para casa nem tinha começado ainda a cicatrizar e estava um buraco aberto.

Minha libertação aconteceu 25 dias depois, no final eu já tinha perdido a conta e a noção de datas. Eles falaram, “você vai embora amanhã”. Aí eu fiquei com medo, porque quem cuidava de mim também queria receber, eles não tinham acesso ao dinheiro. Eu falava, “mas o resgate foi pago, eu quero ir embora”. Parece que eles tinham medo de uma traição por parte dos negociadores. Eles são muito ruins, para eles me matarem não ia custar nada. Eu disse que eu não era garantia para eles. Na madrugada eu passei acordada pensando se iam me matar ou me soltar. Eu conversava com eles, dizia que o trato foi cumprido e que eu merecia ser solta, que não adiantava me segurarem. Quando eram oito ou nove da manhã eles me colocaram os benditos óculos e falaram “vamos embora”. Me colocaram na garupa de uma bicicleta, deram várias voltas e me soltaram. Ele falou “desce e não olha para trás, vá nessa direção que você vai encontrar uma avenida e se localizar”. Nesse tempo todo eu nunca olhei para eles, nunca! Se eu cruzar na rua não vou saber quem é. Eu só ouvia a voz deles e via as sombras na parede durante o cativeiro.

Quando desci eu pensei que eles ainda estavam me olhando, eu não queria pedir ajuda a ninguém, o pavor era tremendo. Eles diziam que não era para ligar para a polícia, que eles estavam me vigiando. Como eu não sabia quem era fiquei com muito medo, podia ser qualquer um! Aí vi uma moça passando de bolsa, parecia que ia para o trabalho, era mulher... Resolvi falar com ela. Expliquei que tinha sido seqüestrada, que estava sem dinheiro e em farrapos por causa disso. Disse que tinha acabado de ser solta, mostrei meu corte na orelha ainda aberto e que queria fazer uma ligação para a minha casa e que tinha medo que eles estivessem me olhando. Ela disse que estava indo para Santos, que ficava a 20 minutos dali e eu disse que então iria junto. Sabia que a rodoviária era em frente a prefeitura e eu conhecia o prefeito. Liguei de um orelhão para o meu irmão e disse que ia para Santos, para ele me encontrar lá. Pegamos um barco e fomos, ela me deixou na rodoviária. Eu não tinha coragem de ficar em nenhuma loja, comércio, minha única chance era ir para lá.

Quando eu já estava na rodoviária tinha um cara muito feio, com uma jaqueta e couro, gritando o meu nome. Eu comecei a gritar que queriam me pegar. Ele se identificou como sendo da anti-sequestro e eu não acreditei. Eu nunca tinha ouvido falar que eles andavam à paisana. Eu estava com febre e tenho alergia a tudo o que é analgésico, eu me recusei a entrar naquele carro que nem da polícia era. Tinha um policial fardado e eu me agarrei a ele e implorei que não deixasse me levarem. Eu estava no telefone com meu irmão e ele dizia que era sim da DAS, mas eu estava muito apavorada para raciocinar. Quando vi meu irmão e meu marido chegando foi o momento mais feliz da minha vida, chorei muito. Eu estava meio que separada na época e meu marido iniciou as negociações, os bandidos diziam no cativeiro que ele não queria pagar por mim, que ele não gostava de mim, que ele não queria me salvar. Eu estava fragilizada e acreditava.

Eu chorei todos os dias no cativeiro. Todos os dias. Eu morria de saudades dos meus filhos, eles dormem comigo na minha cama. Eu tinha que dormir ao lado de um cara que eu nem conhecia, fedendo, nojento. Os seqüestradores se drogavam muito no cativeiro e ainda me ofereciam. Eu fiquei com muito medo de ficar drogada com a fumaça, cobria o nariz com a blusa. Tinham maconha e cocaína, eu ouvia as cheiradas deles e sentia o cheiro da erva constantemente. Hoje quando penso neles não sinto nada, é um vazio absoluto. Raiva, ódio, pena, rancor. Eu não perdôo eles de jeito nenhum, queria ver se fosse com a mãe deles.

Meu pai é japonês e eu nunca tinha visto ele chorando. Eu liguei para a minha casa e minha mãe tentava me acalmar, eu só queria falar com meu pai para ter certeza de que ele não estava morto. Mas ele tinha vindo até Santos para me ver, nós combinamos no meio do caminho para nos encontrarmos. Quando eu liguei para ele no celular ele não conseguia falar, só chorava. Já no carro eu perguntei porque demorou tanto e eles me imploraram para não questionar meu pai sobre isso, porque ele já tinha o dinheiro na mala no segundo dia. Meu pai não se conforma com a demora, com a minha orelha decepada. Quando o encontrei nós caímos um nos braços do outro e choramos como nunca. Depois eu soube que pagaram apenas 10% do valor inicial pedido, graças a esta demora nas negociações.

Depois que eu voltei para casa eu estava bem, feliz. Ao chegar encontrei toda a minha família e amigos próximos, umas quinze pessoas confraternizando e comemorando a minha volta. Todos choravam e cantavam, foi um momento inesquecível. Depois de um tempo, cerca de dez meses, comecei a ficar muito mal. Logo que eu saí tudo era festa, quando vi meus filhos achei que eles estavam muito diferentes, eu não lembrava mais do rosto deles nem do de ninguém. Meus filhos nunca souberam de fato o que houve, mas alguma coisa eles sentem porque hoje quando eu vou sair eles perguntam se eu vou demorar, se eu volto... Com o tempo comecei a me privar de muitas coisas. Eu já era medrosa, mas hoje tenho muito medo. Sou superprotetora com meus filhos, mudei tudo, de cidade, de trabalho, de casa... Voltei com meu marido. Antes do trauma eu tinha meus problemas, mas conseguia lidar com eles. Hoje eu não consigo mais, fico sem reação, não sei resolver nada. Fiquei meio aérea.

Venho aqui no HC para tratar disso, da minha hipervigilância, do meu constante estado de alerta. Não consigo me livrar das lembranças diárias com o que me aconteceu. Descobrimos aqui através de um programa de televisão e eu cheguei crente de que não tinha nada, totalmente resistente. Tinha certeza de que o que eu tinha ia passar, mas descobri que piorava a cada dia. A insônia é uma constante, eu acho que todos os que estão ao meu lado correm perigo. Acho que eu sou a bomba que pode prejudicar alguém, tanto que nem saio com meus filhos. Meus pais agora me mimam, concordam com tudo o que eu digo, me protegem... Minha mãe quer ir embora para o sítio, ela sofre muito com tudo isso. Meu pai não quer ficar longe de mim. A família foi muito afetada. Hoje em dia eu quero melhorar, mas eu ainda faço tudo sozinha com medo de prejudicar os que estão ao meu lado. Eu vou enfrentando, acho que com o tempo vou conseguindo. Já ando a pé na rua, vou ao shopping... Boto na minha cabeça que vou conseguir e vou em frente.

Quis dar meu depoimento para tentar ajudar a chamar a atenção das autoridades, dos governantes. No Japão não tem nada disso, seqüestro não existe. Aqui existe de tudo, acho que aqui não fazem nada para evitar. Resolver é outra coisa, o de menos. Depois que já aconteceu, o mínimo que eles podem fazer é resolver. Eles não fazem mais do que a obrigação deles. No Japão tem uma lei que quando se dá queixa do desaparecimento de alguém, a primeira providência é bloquear os bens da família toda e de amigos próximos. Então o seqüestro não

“Eu chorei todos os dias no cativeiro. Todos os dias. Eu morria de saudades dos meus filhos, eles dormem comigo na minha cama. Eu tinha que dormir ao lado de um cara que eu nem conhecia, fedendo, nojento. Os seqüestradores se drogavam muito no cativeiro e ainda me ofereciam.”

acontece, eles acabam com todas as formas de obter valores até a pessoa aparecer ou se ter notícias dela. Aí não acontece a captura porque eles já sabem que não adianta, que não tem dinheiro disponível. Isso é muito importante, tentar evitar o problema. E isso compete aos que tem poder para isso.

5. Tiroteio no Campo Belo

(A.F.G., 48 anos, publicitário, vítima de seqüestro-relâmpago)

No dia 20 de abril de 2004, uma sexta-feira ensolarada e véspera de feriado, eu estava saindo de um almoço com meus colegas de trabalho. Eu atuava em uma grande companhia na área de telecomunicações e naquele dia estávamos muito contentes, tínhamos acabado a campanha da Capital. Agora eu estou afastado pelo INSS, mas naquela época todas as sextas-feiras nós íamos almoçar no Campo Belo, um bairro classe média de São Paulo. Eu tenho o hábito de ligar para todos os meus clientes de horário marcado e foi o que eu fiz, esse era um amigo meu de São Bernardo e ele falou que eu podia ir. Entrei no carro ainda com o celular na mão, falando com ele, quando dois rapazes me abordaram e arrancaram o telefone da minha mão.

“Tomei um tiro na perna e ela caiu como morta, nem senti dor na hora. Os tiros passavam voando pela minha orelha e estouravam no pára-brisa dianteiro. Eu via pelo retrovisor as motos em perseguição e eles atirando, nessa hora tomei outro tiro no braço. Eu senti que não podia mais ficar ali, eu ia morrer baleado, e comecei a pensar em me atirar do carro. Só que tudo estava acontecendo em alta velocidade, não tinha como eu fazer nada”.

Me mandaram ir para o lado do passageiro, ficar quietinho e garantiram que era só para “fazer uma parada rapidinho” e que nada de mal ia acontecer. Naquela hora tudo desaba, o que senti mais intensamente foi uma secura nos lábios. Ele falou para eu tirar a gravata, os óculos, abrir bem a camisa e ficar à vontade. Passou ainda um tempinho para eu perceber que realmente era um seqüestro, até então você só faz o que eles mandam e não apreende nada. Eram dois moreninhos, um magrinho e outro mais forte, eles falavam pelo celular

com alguém e essa pessoa ia dando instruções. Segundo a polícia, eles fazem cerca de cinco a sete seqüestros por dia só naquela região, é uma produção em série.

Eu tentei conversar, argumentar, eu dizia que eles tinham pegado a pessoa errada, que meu carro é popular e me visto bem por exigência do trabalho. Pedi para pararem por ali porque não tinha dinheiro. E não tinha mesmo, eu tinha R\$ 110,00 no bolso e no banco não tinha sequer limite. Eu nunca quis, pois tenho dificuldades em administrar minha vida financeira. Isso naquela situação era um problema, não ia servir para deixá-los satisfeitos. Aí eu fui percebendo que não tinha diálogo, eles estavam mesmo decididos a seguir com aquilo. Mas eu ia dizendo que era falido, que não tinha nada, mas eles têm certeza de que tudo isso é balela, só para tentar escapar. Tudo isso acontecendo e nós rodando pelo bairro do Campo Belo. Nessa hora passa tudo pela cabeça em flashes, sua vida, esposa, filho, mãe, irmãos... Eles me ameaçavam com armas, um atrás pressionando o cano nas costas do banco e o da frente com ela encostada na minha costela.

De qualquer forma, fui percebendo que o nervoso foi passando e eu comecei a analisar friamente as probabilidades. Eles não podiam perder tempo e só ficavam esperando a ligação que, a certa altura, veio. Mandaram entregar os cartões e escrever as senhas, eu fiz mas avisei que não tinha nada no banco, que eles iam ter problemas na hora de sacar. Aí eles encostaram próximo ao supermercado Extra do Aeroporto e veio uma terceira pessoa que encostou na janela do meu lado, o cara do volante pegou os cartões e esticou o braço para entregar a ele. Só que nesse momento eu olhei pelo retrovisor e vi três motos da polícia chegando, aí sim comecei a pensar no pior. No que o bandido estava pegando os cartões eles se assustaram, o rapaz do lado de fora saiu de perto e o do volante engatou a primeira e empreendeu fuga, chamando muito a atenção. É lógico que as motos vieram atrás. Era uma rua curta e terminava em uma curva, nesse ponto batemos de frente com outro carro que vinha vindo. O bandido não teve dúvidas, deu ré e derrubou uma das motos da polícia que estava nos seguindo, o de trás ficou de joelhos no assoalho do carro e começou a atirar. Eu só escutando o barulho e vendo pelo retrovisor o policial deitado no chão e os outros fazendo a menção de sacar as armas para revidar.

Dali a pouco o seqüestrador saiu de marcha a ré para continuar a fuga e a polícia saiu em perseguição, achando que nós três éramos bandidos. O seqüestrador gritava para o seu comparsa atirar sem dó e falava um monte de palavrões. Estávamos em uma descida muito íngreme e eu podia ver a avenida Água Espraiada lá embaixo, eu pensei que ele não ia conseguir fazer a curva, havia um muro de concreto, então coloquei as pernas para cima e segurei no apoio. Tomei um tiro na perna e ela caiu como morta, nem senti dor na hora. Os tiros passavam voando pela minha orelha e estouravam no pára-brisa dianteiro. Eu só pedia a Deus para me envolver em seu manto, que se não fosse a minha hora que ele me protegesse. Na única vez em que olhei, estávamos a 120 km por hora descendo a ladeira. Lá embaixo ele puxou o breque de mão e entrou de lado na avenida, por sorte não havia ninguém passando. Eu via pelo retrovisor as motos em perseguição e eles atirando, nessa hora tomei outro tiro no braço. Eu senti que não podia mais ficar ali porque eu ia morrer baleado e comecei a pensar em me atirar do carro. Só que tudo estava acontecendo em alta velocidade, não tinha como eu fazer nada.

“Eu não sentia mais a perna esquerda, havia um buraco enorme na minha calça e eu não via uma gota de sangue, só um líquido amarelo saindo... E meu braço arreventado, jorrando sangue. Um dos bandidos tomou quatro tiros, estava lá atrás baleado e depois soube que morreu no PS. Mas naquele momento não quis mais saber de nada, abri aporta e me joguei, rolei no asfalto e eles continuaram a fuga”.

O bandido ia seguindo pela calçada, destruindo a roda do carro na guia. Quando ele viu que não ia dar para continuar, já que estava muito trânsito, ele resolveu voltar e fez uma curva malfeita para a esquerda para entrar em uma ruazinha, perdendo muita velocidade. Eu não sentia mais a perna esquerda, havia um buraco enorme na minha calça e eu não via uma gota de sangue, só um líquido amarelo saindo... E meu braço arreventado, jorrando sangue. Um dos bandidos tomou quatro tiros, estava lá atrás baleado e depois soube que morreu no PS. Mas naquele momento não quis mais saber de nada, abri aporta e me joguei, rolei no asfalto e eles continuaram a fuga. Por sorte uma moça que mora bem ali estava saindo, viu quando eu me atirei do carro e correu ao meu encontro. Quando ela

chegou perto de mim e levantou minha cabeça para colocar no seu colo, chegaram sete ou oito viaturas com os policiais apontando as armas para mim. Ela gritava “pelo amor de Deus, pára, pára, ele é vítima, ele é vítima, o bandido subiu a rua”. No que eu olhei estava lá o carro, com a porta do passageiro ainda aberta e as motos atrás. Eles recolheram tudo e saíram atrás, lá em cima um helicóptero da PM voava muito baixo. Ficou uma viatura ali me guardando e ela começou a conversar comigo, tentando me acalmar.

Eu fiquei consciente o tempo todo e só por isso consegui tomar essa decisão. Tive sorte, estava a cerca de 50 km/h e não quebrei nada, só bati a cabeça no chão com força e fiquei ralado do asfalto. Eu estava todo ensangüentado e ela perguntou para quem avisar. Ela tentava ligar para a minha mulher e não conseguia, só dava caixa postal. Tentou então ligar para o meu gerente que trabalhava na área e conseguiu falar com ele, em três minutos ele chegou. Os dois não estavam preocupados comigo, só estavam me guardando. Meu amigo chegou dando ordens e mandando me levar para o hospital, eu já estava bem fraco, sangrando muito. Como ele estava de terno e gravata conseguiu intimidar os guardas. A moça ainda colocou um bilhete no meu bolso com o seu nome e telefone, para qualquer coisa que eu precisasse, um verdadeiro anjo da guarda. Me colocaram na viatura e me levaram para o Hospital São Luis, que atende o meu convênio., o meu amigo precisou ficar lá esperando a outra viatura chegar.

“Eu sofri várias cirurgias, meu fêmur foi estilhaçado, ando até hoje de bengala. Quando as visitas escassearam comecei a ter muitos problemas. Meu filho tinha 15 anos e eu comecei a não querer que ele saísse de casa. Mandeí ele trocar de celular. Afetou minha esposa também, ligava várias vezes para controlá-la e não queria deixá-la trabalhar mais. Eu estava tentando trancá-los dentro da minha paranóia!”.

Entrei direto para a emergência, eles arrancaram toda a minha roupa e começaram o processo de limpeza dos ferimentos, contaminados com pólvora e sujeira do asfalto. Os medicamentos me deixaram entorpecido, mas eu só queria ver a minha mulher. Quando ela chegou não conseguiu me ver, só quando eu voltei da cirurgia e aí já era meia-noite. A coisa tinha começado na hora do almoço! Eram muitos policiais dentro do hospital, eles queriam o projétil que havia ficado na minha perna como prova de que a polícia tinha me acertado. Nos dias

seguintes muitos deles passaram pelo meu quarto para se certificarem de que eu não ia processá-los. Depois eu soube que a fuga continuou e eles conseguiram driblar muitas viaturas até o Brooklin, onde trocaram de carro. O motorista jogou o amigo no PS de Santo Amaro e fugiu, ele morreu após 15 dias, pois não resistiu aos quatro tiros. O outro sumiu. O processo vai completar dois anos agora e ainda não terminou.

Fiquei internado por cerca de dez dias e saí seqüelado física e psicologicamente. Comecei a questionar tudo, a sociedade, a conduta, a família. Comecei a eleger prioridades para tentar consertar tudo. Fui para casa e minha mãe ficou comigo, minha esposa trabalhava e não podia cuidar de mim. Fiquei praticamente 30 dias deitado, imobilizado. Recebia muitas visitas, mas tinha raiva quando falavam que ainda bem que foi só no joelho. Eu sofri várias cirurgias, meu fêmur foi estilhaçado, ando até hoje de bengala. Quando as visitas escassearam comecei a ter muitos problemas. Meu filho tinha 15 anos e eu comecei a não querer que ele saísse de casa. Mandeí ele trocar de celular. Afetou minha esposa também,

ligava várias vezes para controlá-la e não queria deixá-la trabalhar mais. Eu estava tentando trancá-los dentro da minha paranóia! Minha cabeça não parava de pensar em desgraça. Como eu estava dentro de casa, transferia meu medo para quem estava no mundo lá fora. Meu carro foi dado como perdido com 20 furos de bala. Quando minha mãe foi vê-lo na delegacia ainda achou meus cartões e o papel da senha entre o banco e a porta, caídos.

O meu estado começou a me chamar atenção, percebi que estava cada vez mais chato, irritante. Não incomodava só minha família, mas a mim também. Assistia muito à televisão e virei um telespectador contumaz, um dia vi o Dr. Eduardo Ferreira-Santos na TV Cultura falando sobre o serviço que prestava no HC às vítimas de seqüestro. Não posso deixar de dizer que para mim a psiquiatria era coisa de gente louca. As pessoas falavam que eu precisava de terapia e eu dizia que não, que estava bem e ia superar. Só que eu não melhorava, percebi que estava perdendo. Eu lutava para ir dormir, só pensava besteira, não voltei a trabalhar, o meu dia-a-dia era só televisão e Internet. Depois vim a saber que estava com diabetes, tinha histórico familiar e o emocional ajudou a eclodir o problema. Acabei indo ao hospital contra a minha vontade, só porque realmente precisava de ajuda. No dia em que saí de casa pela primeira vez foi um pesadelo, aquela gente toda nas ruas me deu pavor. Fui diagnosticado como tendo o TEPT e iniciei a psicoterapia em grupo, fiz 15 sessões. Melhorei muito, tudo se tornou mais claro e pude ver que não estava sozinho. Tem uma moça lá que ficou 72 dias em cativeiro! Apesar de tudo o que sofri em termos de danos físicos, nunca perdi o referencial, a consciência do que me aconteceu.

Hoje meu dia-a-dia se limita às tarefas da minha casa, manutenção, jardinagem, pintura. Eu quero ir embora para a praia, acho que é mais seguro. Minha vida mudou completamente, sou outra pessoa. Mudei de bairro, de casa. Não tenho mais condições de trabalhar, estou lutando para me aposentar. Meus amigos da empresa sumiram, eu também nunca mais consegui voltar. Meu objetivo hoje é conseguir comprar um apartamento na praia e me mudar para lá, minha esposa trabalha há 36 anos e eu acho que já é hora de parar. Meu relacionamento com ela melhorou, havia reatado meu casamento em 2003 após uma rápida separação e estávamos em um bom momento, um processo de reconstrução. O acontecido nos uniu ainda mais. Hoje ainda tenho muito medo, por exemplo, motocicleta é uma coisa que me apavora. Dirijo muito pouco por causa da minha perna, só faço percursos curtos e nunca saio de São Bernardo. Consegui dominar minha ansiedade em relação ao meu filho e esposa, deixei de controlá-los, mas ainda tenho muitos problemas para dormir. O bonito é que resgatamos o café da manhã e o jantar juntos, em família. Até hoje tenho contato com aquela moça, o anjo da guarda que me ajudou. Não penso nos seqüestradores, sou espírita e acredito que, se a gente não paga aqui, tem todo um percurso pra tentar melhorar em outra dimensão.

6. Sobrevivente do Terror

(S.K.M., 22 anos, estudante, vítima de seqüestro com cativo)

Fiquei por 20 dias em cativo e foram os piores da minha vida. Na noite de 10 de maio de 2005 peguei o carro da minha mãe emprestado, uma perua Mitsubishi, para ir buscar meu namorado na faculdade. Fazia mais de uma semana que eu não o via e íamos sair para comemorar as provas finais. Como era meio de semana e não podia voltar tarde, acabamos comprando umas cervejas e fomos para a Praça do Pôr do Sol, no bairro Alto de Pinheiros, em São Paulo. Olha que coisa, o meu Fiesta estava com a lanterna queimada e eu não quis sair com ele. Lá na praça não saímos do carro, estava frio. Eu estava no telefone, falando com uma amiga e um cara bateu na janela. Eu não entendi nada do que ele estava dizendo, quando virei para ver se o meu namorado estava entendendo vi um cara com uma metralhadora apontada para ele. Demos sopa e eles nos pegaram, não foi coisa combinada antes. Na hora eles tinham certeza que eu morava na casa em frente, eu jurava que não. Agora me diz por que eu ia ficar na frente e não dentro da casa se fosse lá?!?! Acho que eles eram meio amadores em algumas coisas que fizeram.

“Enquanto isso, o cara que ficou lá tomando conta de mim me estuprou no cativo. Ele tirou a minha roupa, queria saber se eu tinha algum chip implantado no corpo. Eu implorava, ‘pelo amor de Deus, moço, não faz isso!’ Era noite e eu estava encapuzada, em cima de um colchão imundo no chão. Ele perguntou se eu queria morrer e eu disse que sim, que preferia morrer a fazer isso com ele. Aí ele colocou a arma na minha cabeça, engatilhou e perguntou qual seria meu último pedido. Eu respondi que era ele não fazer isso comigo. Aí ele me colocou de quatro, me virou para a parede e me estuprou, foi sexo anal”.

Tiraram a gente do meu carro e colocaram no carro atrás, deitados no banco. Eram quatro e estavam todos armados. Foram três com a gente, um deles sentado em cima de nós no banco de trás, e último ainda ficou lá com o meu carro. Eu fiquei rezando, desesperada, meio em pânico e sem conseguir respirar. Enfim entramos em uma rua de terra e chegamos no cativo, senti pelos solavancos, já que tínhamos que ficar com a cabeça coberta. Começaram a fazer muitas perguntas e confirmaram que era um seqüestro. Eu sou classe média, meu pai é engenheiro e minha mãe professora, meu namorado, coitado, mora em São Miguel Paulista, um bairro bem pobre. Eles não acreditavam. Mas a gente

insistiu tanto que eles se convenceram e decidiram liberar ele. Como não sabia meu telefone de cor, a gente hoje em dia grava tudo no celular, ele só conseguiu avisar minha família às quatro horas da manhã, eles já estavam preocupados.

Enquanto isso, o cara que ficou lá tomando conta de mim me estuprou no cativo. Ele tirou a minha roupa, queria saber se eu tinha algum chip implantado no corpo. Eu implorava, “pelo amor de Deus, moço, não faz isso!”. Ele falava que não ia me maltratar. Era noite e eu estava encapuzada, em cima de um colchão imundo no chão. O lugar era muito úmido, algo como uma garagem. Eu fiquei ali me abraçando, além de estar frio eu não queria ficar pelada na frente dele. Ele perguntava por que eu estava me escondendo e eu dizia que estava com frio, se podia por a minha roupa de volta. Ele disse que não, que eu ia fazer amor com ele. Eu disse “não moço, por favor, não faz isso!”. Ele perguntou se eu queria morrer e eu disse que sim, que preferia morrer a fazer isso com ele. Aí ele colocou a arma na minha

cabeça, engatilhou e perguntou qual seria meu último pedido. Eu respondi que era ele não fazer isso comigo. Aí ele me colocou de quatro, me virou para a parede e me estuprou, foi sexo anal. Aí depois que ele foi embora eu coloquei a minha roupa toda, estava besta ainda, e caí no sono muito rápido graças a Deus. Lembro que eu pensei que o quanto mais eu conseguisse dormir seria melhor para mim, porque é tanta angústia, é um desespero que você não faz idéia. Só dormindo mesmo. Eu demorei muito tempo para estruturar isso na minha cabeça, de tão violento que é isso.

Eu não gosto de ser tratada com pena, de ficar neste papel de vítima, então eu não sabia como reagir quando eu voltei, eu só tinha raiva, muita raiva de tudo. Esse cara saiu no segundo dia e eu não tive que encarar ele. No dia seguinte me levaram sabonete e toalha, eu tomei banho e apareceram os dois que ficaram comigo até o final do seqüestro. Eu apelidei eles de Tico e Teco, de tão bobos que eram, ficavam brigando entre si à toa, brincando de dar socos, dois panacas. Brigavam para ver quem ia fazer o meu almoço e, com o tempo, eu percebi que eles não sabiam ler nem escrever. Eu não conseguia comer direito de nervoso e também porque eu não queria fazer xixi e nem cocô, eu só queria dormir e acordar no dia de ir embora. No início eu só comia fruta, hoje nem posso ver laranja. Aliás, hoje eu não consigo comer várias coisas que eu comia lá, tipo sardinha, fígado, laranja, pizza... Eu pedi coisas para ler, ficar sem fazer nada é a pior parte. Eles demoraram uma semana para ligar para o meu pai, as notícias eram poucas.

Depois eu aprendi com a polícia que quem fica tomando conta do cativo é a ralé da quadrilha. A elite negocia e nunca vai contar tudo para os do cativo, eles trabalham juntos e um desconfia do outro a todo o instante. Bom, eu pedi algo para ler e eles me trouxeram revistas Quatro Rodas. Aí chegou uma hora que eu não agüentava mais aquele assunto e comecei a fazer dobraduras com as folhas. Eu sei fazer uns passarinhos de papel e demora um tempão, eu fiz um monte! Eles passaram a me achar muito inteligente por saber fazer aquilo, queriam que eu ensinasse. Sendo que, assim, toda vez que eles entravam eu tinha que ficar embaixo das cobertas. Aí eu dava de presente para eles. Eu pedia qualquer coisa para ler, qualquer coisa! Eles me trouxeram uns livros de primeira série, de história e matemática. Eu estava pensando em pedir cruzadinhas, mas aí eles iam me achar muito inteligente e desconfiar de mim. Eu queria escrever todas as minhas angústias, mas não queria me expor. Aí eu ficava escrevendo letra de música, olha que loucura, eu comecei a pintar todas as bolinhas da letra “o”, depois do “q” e por aí fora.

No meio do tempo de cativo, lá pelo décimo dia, eles me acordaram e mandaram levantar e colocar o tênis porque eu ia embora dali. Eu tive medo de perguntar se ia para casa e perguntei “eu vou embora para um lugar melhor?”, eles disseram que não sabiam. Eles me vendaram, me colocaram dentro de um carro bem velho e cinco minutos depois nós chegamos ao segundo cativo. O primeiro local era profissional, tinha câmera, não tinha janela, era um espaço com banheiro, feito para aquilo. Essa era uma casa que nem tinha sido adaptada, as janelas ficavam fechadas e eu tinha que ficar em silêncio absoluto durante o dia. O dono era um cara

“Fiquei mais dez dias em cima daquela cama, depois de quatro dias esse Magrão começou a passar a mão em mim direto, me abusava à noite. A sorte é que eu não dormia à noite por causa do medo dele me abusar e passava o dia todo dormindo, passava mais rápido. Mas o horrível é você saber que vai acontecer, que ele vai chegar e fazer isso noite após noite”.

chamado Magrão, ele saía de manhã para trabalhar e voltava à noite, os dois panacas ficavam comigo. Esse cara não tinha nada de Magrão, ele era grande, enorme, e me obrigava a dormir com ele todas as noites na mesma cama. E era uma cama de solteiro, era super-apertado e eu pedia para dormir no chão. Só que estava muito frio e ele dizia que não queria que eu pegasse uma pneumonia. Eu não podia me mexer, qualquer coisinha a cama rangia, era velha, e eu queria evitar ao máximo encostar nele. Fiquei podre no ombro por muito tempo, por conta da posição. Eu não dormia nada, só de dia. Nessa casa também não dava para tomar banho, tinha que pedir para ir ao banheiro sempre que apertasse.

O Tico e o Teco tomavam conta de mim, já estava faltando grana e a comida era mais escassa, eles estavam ficando de mau-humor. Era uma casinha de barro, parecia uma estrebaria. Fiquei mais dez dias em cima daquela cama, depois de quatro dias esse Magrão começou a passar a mão em mim direto, me abusava à noite. No dia seguinte os dois palermas me perguntavam o que ele tinha feito, o que ele tinha falado. Eu ficava quieta, não sabia em quem confiar. Mas eu tinha muito medo quando começava a cair a tarde eu sabia que ele ia chegar, por outro lado esperava a sua vinda pois ele me dava notícias do meu pai... Eu percebi que ele era mais interado no assunto dos que os outros dois. Teve um dia que ele chegou e disse “chega, eu não agüento mais! Eu não fico com você nem mais um dia! Esse dinheiro é muito pouco pra mim, não vale a pena. Você vai embora para outro cativeiro e, se

“Eu achava estranho que a minha irmã pegava o celular para ligar para todos e contar que eu tinha voltado, era o hábito de deixar a linha desocupada. Meu pai tinha anotado tudo o que acontecia em um caderno que era meu, minha mãe montou um altar com santos no meu quarto, a casa ficou com uma nova rotina, muito louca. Todos os membros da minha família estavam tomando remédio para dormir, Lexotan, isso nunca tinha acontecido lá em casa. Quando você vê o tamanho da coisa, o quanto mexe com todos os que te amam, dá muita raiva”.

aqui você acha que eu não te trato bem, você vai ver lá o que vai acontecer!”. Aí eu desesperei, mais um cativeiro eu não ia agüentar. Vai saber se o estuprador ia estar lá, aí fiquei na dúvida se o Magrão era o que tinha me estuprado ou não. Sei lá. Eu pedi a ele para não fazer isso, ele disse que eles nunca tinham me tratado mal... Aí eu não agüentei, tomei coragem e contei pra ele do estupro do primeiro dia. Ele ficou possesso, disse que eu ia embora pra casa e que ele estava fora daquilo.

Depois de três dias eu fui libertada. Eu acho que só sobrevivi nos últimos tempos ali porque eles me diziam que eu ia sair, era tudo com a luz apagada, nada para fazer. A sorte é que eu não

dormia à noite por causa do medo dele me abusar e passava o dia todo dormindo, passava mais rápido. Mas o horrível é você saber que vai acontecer, que ele vai chegar e fazer isso noite após noite. Ele me contava do meu pai, que tinha ligado pra ele e conversado. Eles me fizeram escrever uma carta para minha família, provando que estava viva. Escrevi mencionando cada um deles e dizendo o quanto eu os amava, para eles não ficarem tão preocupados porque eu estava bem e que aquilo tudo ia acabar. Depois o bandido me perguntou o que eu tinha escrito, se tinha posto isso, aquilo, aí me liguei que ele não sabia ler. Mas eu não podia arriscar de colocar alguma pista, não tinha certeza se alguém mais ia ver. No dia 30 eles me acordaram e me mandaram sair, mas deve ter dado algum enrosco porque no meio do caminho

para a rua me fizeram voltar, tinha um barulhão lá fora. Aí mais tarde me colocaram em um carro e me liberaram em uma estrada, iam o caminho todo dizendo para eu não olhar para trás, para não dar bandeira.

Eu nunca quis ver os rostos deles, se eu quisesse poderia ter visto o do cara que dormia comigo, mas não quis. Eu não queria sonhar com aqueles rostos, ver na rua alguém parecido e associar, entendeu? Graças a Deus o lugar em que eles me largaram tinha uma empresa. Eram quatro horas da manhã e eu falei pro guardinha que precisava usar o telefone, para ele me ajudar. Ele ficou muito assustado e não me deixou entrar, tinha normas de segurança na empresa. Mas me emprestou o celular dele e eu não conseguia ligar certo, eu estava no Embu e o código da chamada era diferente. Ele me ajudou, eu liguei para a minha casa e meu pai atendeu. Eu só chorava, nem conseguia falar. Aí o guardinha explicou para ele onde eu estava. E o medo de o policial que foi me buscar ser um bandido? Só que meu pai já tinha falado por telefone o nome dele e ele chegou falando o meu nome. Eu não queria falar nada para ninguém, porque eles te botam medo durante todo o seqüestro, dizem que sabem onde você mora, sabem da sua família, depois voltam para te apanhar...

Quando cheguei em casa todos estavam na porta chorando e me esperando, nem consegui sair do elevador. Eu achava estranho que a minha irmã pegava o celular para ligar para todos e contar que eu tinha voltado, era o hábito de deixar a linha desocupada. E eu não estava neste esquema, demorei um pouco para assimilar. Meu pai tinha anotado

“Em casa tomei um banho de mais de uma hora, cortei as unhas, me depilei... Tinha ficado com a mesma calcinha os vinte dias, tinha menstruado no meio da coisa, mas a calcinha eu não tirava. Não queria lavar e deixar no banheiro que todos usavam. Tinha nojo, mas o medo de ficar sem ela era mais forte”.

tudo o que acontecia em um caderno que era meu, minha mãe montou um altar com santos no meu quarto, a casa ficou com uma nova rotina, muito louca. Todos os membros da minha família estavam tomando remédio para dormir, Lexotan, isso nunca tinha acontecido lá em casa. Quando você vê o tamanho da coisa, o quanto mexe com todos os que te amam, dá muita raiva. Porque quando você fica no cativeiro por muito tempo acaba se adaptando, os dias passam e tudo bem, fazer o que? Quando é com você o controle é seu, você sabe que tem que lidar com isso. Mas aqui fora as coisas estavam péssimas, a família desmoronando.

Em casa tomei um banho de mais de uma hora, cortei as unhas, me depilei... Tinha ficado com a mesma calcinha os vinte dias, tinha menstruado no meio da coisa, mas a calcinha eu não tirava. Não queria lavar e deixar no banheiro que todos usavam. Tinha nojo, mas o medo de ficar sem ela era mais forte. Depois que fui solta, de cara já sabia que ia precisar de ajuda. Ainda no cativeiro já estava planejando o meu tratamento, que ia ligar para uma tinha minha que é psiquiatra e pedir ajuda. Bom, como seqüelas tive de tudo: medo intenso, ataques de choro, incapacidade de continuar estudando, concentração baixa, dificuldades com o sono. Eu acordava todas as noites no horário em que fui seqüestrada, às 22h, e demorava para voltar a dormir. Agora nunca durmo antes da meia-noite. Demorei muito tempo para ter coragem de sair na rua, dar uma volta com o cachorro. O namoro acabou, ele me via e só chorava, ficou muito mal de ter me deixado lá. Eu nem falei para ele do estupro logo no início, eu não conseguia falar disso com ninguém.

Hoje sou outra pessoa, com certeza, e ainda estou descobrindo a nova S. Estou aprendendo a conviver com minhas limitações, elas são muitas. Em casa não é

a mesma coisa, sou tratada diferente, sou muito o centro das atenções. Se meu celular cai na caixa postal eu tomo bronca. Perdi meu namorado, a gente não agüentou a pressão. Minha vida deu uma parada, larguei a faculdade, engordei muito por pura ansiedade. Eu acho que tem muitas coisas que eu gostaria de voltar a ser, por exemplo, eu acreditava mais nas pessoas. Fui diagnosticada com o TEPT, tomo antidepressivos e ansiolíticos, esse mês eu busquei meu último exame de HIV, isso é muito triste para uma menina de apenas 22 anos. De repente não tenho mais fé de que sou capaz de fazer as coisas. Eu ainda não descobri o que vou fazer com tudo isso, isso vem aos poucos com a terapia. Estou batalhando. No momento só quero viver em paz. Até hoje não teve um dia em que eu não lembrei vividamente e com detalhes o que me aconteceu. Eu sempre tive fé que vou superar isso, mas quando estou muito mal eu não acredito em mais nada. Nunca mais vai ser a mesma coisa, mas vale a pena tentar.

7. Por que eu?!?

(Em carta enviada ao GORIP)

C.S.G. (28 anos, comerciante, vítima de seqüestro relâmpago)

Saí de São Paulo (Praça da Árvore) para morar em Londrina e evitar a violência de São Paulo, mas o que aconteceu???

Eu e meu marido passamos por um seqüestro nem tão relâmpago assim, aqui em Londrina-Paraná.

Conversei com meus pais e meu irmão, mas eles não entendem que é diferente um assalto rápido de levar o que se tem na hora e ficar UMA HORA rodando de carro sendo ameaçada o tempo todo e só pensar no filho que completa 3 anos dentro de poucos dias!

Gostaria de estar contando cada detalhe para desabafar com alguém que entenda do assunto.

Temos uma loja de presentes aqui em Londrina. Saímos da loja, passamos num supermercado pra comprar leite e suco pro nosso filho.

Meu marido passou em uma agência bancária para fazer o depósito do dia e também pagar umas contas.

Ao sair (umas 19horas), um casal apareceu do NADA e avisou que era um assalto, pra entrar logo no carro e colocar o cinto de segurança.

Disse pra não olhar pra eles, que estavam armados. Queria saber quanto o meu marido havia retirado. Disse que foi depósito.

Perguntaram de quanto, foi R\$400,00. Falou pra dar a volta e retirar o dinheiro. Só que no que demos a volta, tinha dois seguranças de moto e

Entre ouvir ameaças, pensar no meu filho, ser insultada, cutucar o revolver no meu marido, quase arrancar o meu dedo por causa de uma aliança, achar que japonês é cheio da grana, que japonês é racista, como não tem celular??? Todo mundo tem!! Nem eu e nem o meu marido estávamos com o celular. O ladrão queria fumar, não tinha o acendedor no carro, queria rádio, o carro não tem, o que fizemos????

pensaram que era a polícia então mandaram ir pra outra agência Bradesco. Passamos o número da senha. Falou que se fosse falso, alguém iria morrer. A mulher foi sozinha. Só pedia a Deus que eu pudesse ver de novo o meu filho. Ela demorou e voltou sem o dinheiro. O cartão foi bloqueado, pois ela digitou a senha errada.

Quando pensei que iria acabar, na verdade estava só começando.... Ficaram bravos, dissemos que ELA errou ao ir sozinha e digitar a senha errada.

Queriam procurar outra agência, explicamos que não iria adiantar, uma vez bloqueada..Disse que poderia passar no Itaú, onde tenho conta, mas que não tinha dinheiro e poderia tentar sacar o limite. O limite estava bloqueado. Havia R\$24,00 na minha conta e ela não quis.

Entre ouvir ameaças, pensar no meu filho, ser insultada, cutucar o revolver no meu marido, quase arrancou o meu dedo por causa de uma aliança, achar que japonês é cheio da grana, que japonês é racista, como não tem celular??? Todo mundo tem!! Nem eu e nem o meu marido estávamos com o celular. O ladrão queria fumar, não tinha o acendedor no carro, queria rádio, o carro não tem, o que fizemos????

Falamos da loja, que tinha uns R\$50,00 e mercadoria.

Falaram pra deixarem eles no terminal de ônibus, mas na última hora decidiram ir na loja. Ela me levou um cobertor que vale R\$500,00, umas outras coisas, e o dinheiro do caixa.

Deixamos eles aonde pediram e na última hora pediu pro meu marido tirar o sapato.

Ela levou a minha bolsa, mas deixou todos os documentos.

Quando cheguei em casa abracei o meu filho e a babá não sabia o que dizer. (Ela trabalha com o tio vendendo lanche depois que sai de casa. Fica até meia noite.)

Fomos pra delegacia fazer o BO, pois levaram mercadoria da loja, RG do meu marido e o cartão de crédito dele.

Depois de esperarmos um tempão na delegacia, fomos tomar um lanche onde a babá do meu filho trabalha. Pessoal muito bacana e acolhedor. Comemos “fiado”. Voltamos pra casa. Ela (a babá) liga e diz que o entregador de lanche vai passar em casa e deixar R\$50,00 para caso de emergência.

Sabe o que penso agora? Depois de quase 1 semana do ocorrido??

- Por que nós??
- Saí de SP pra “fugir” disso
- Poderia ter acontecido pior!!
- E se não tivéssemos falado da loja?? Pois agora podem encontrar a gente.
- Como pode falar que o cobertor não vale nada se tento vender com sacrifício e é uma festa quando vendemos, pois vale R\$598,00!!
- O sapato do meu marido nem está pago ainda.
- Um descaso da polícia, pois estamos frágeis, e precisamos esperar simplesmente pra fazer um BO e só!! Nem sequer olhavam para nós direito.
- Vontade de ir pro Japão.
- Se eles soubessem as contas que temos pra pagar!!!!!!!
- Que conforto ter uma babá tão legal!!
- É fácil Para as pessoas dizerem “com o tempo passa”, ou “por que foram no banco a essa hora!!”, “vocês foram imprudentes!!!!”

Parece que ninguém entende nossa angústia e nosso medo. Sentimo-nos muito sós e mal conseguimos nos consolar um ao outro. Estamos ambos “traumatizados”!!!

Eu e meu marido estamos completamente desorientados. Temos medo de tudo e de todos. Há dias que não conseguimos dormir direito. O que fazer??? O desespero e a desesperança tomou conta de nós. Somos, agora, reféns do nosso próprio medo!

ANEXO C

SCID

Entrevista Clínica Estruturada Para o DSM-IV

Transtornos do Eixo 1

Edição Para Pacientes

SCID – 1/P (Versão 2.0)

Capítulos Para

Transtorno do Estresse Pós-Traumático e Critérios Para o Estresse Agudo

Autores: Michael B. First, M.D.; Robert L. Spitzer, M.D.; Miriam Gibbon, M.S.W and Janet B.W. Williams, D.S.V.

SCID PARA TEPT

TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO

Às vezes algumas coisas que acontecem com as pessoas causam um grande transtorno – coisas como, estar em uma situação de risco de vida, como um grande desastre, **incêndio** ou **acidente muito** sério; ser **fisicamente** violentado(a) ou estuprado(a); ver outra pessoa morta ou sendo morta, ou gravemente ferida, ou ouvir algo terrível que aconteceu a alguém próximo a você. Em qualquer momento da sua vida, alguma dessas coisas aconteceu com você?

SE NENHUM DESSES EVENTOS, ASSINALAR AQUI _____ E IR PARA F.103
***TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA,* F. 31.**

Lista de Eventos Traumáticos

Breve Descrição	Data (.Mês / Ano)	Idade

SE ALGUM EVENTO LISTADO: Algumas vezes essas coisas continuam voltando em pesadelos, ou você revive ou tem pensamentos dos quais você não consegue se livrar. Alguma vez isso já aconteceu com você?

SE NÃO: E quanto a ficar transtornado(a) quando estava em uma situação que lhe lembrava qualquer uma dessas coisas terríveis?

SE NÃO PARA AMBAS ACIMA, ASSINALAR AQUI _____ E IR PARA F.104
***TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA,* F. 31.**

?= informação inadequada 1= ausente ou falso 2= subliminar 3= limiar ou verdadeiro

Transtornos de Ansiedade, F.26

TEPT

CRITÉRIOS PARA TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO
PARA AS QUESTÕES SEGUINTE, FOCALIZAR NO(S) EVENTO(S) TRAUMÁTICO(S) MENCIONADOS NA QUESTÃO INTRODUTÓRIA.

SE MAIS DE UM TRAUMA É RELATADO: Qual dessas situações você acha que o afetou mais?

SE DÚBIO: Como você reagiu quando (O TRAUMA) aconteceu? (Você ficou com muito medo ou se sentiu aterrorizado(a) ou desamparado(a)?)

Agora eu gostaria de fazer algumas perguntas sobre modos específicos em que isso pode ter afetado você.

Por exemplo...

... você pensava sobre (O TRAUMA) quando você não queria ou pensamentos sobre (O TRAUMA) vinham a sua mente de repente quando você não queria?

... teve sonhos sobre (O TRAUMA)?

... e quanto a se ver agindo ou sentindo como se estivesse de volta à situação?

...e quanto a ficar transtornado(a) quando alguma coisa o(a) fazia lembrar (O TRAUMA)?

A. Exposição a um evento traumático no qual os seguintes quesitos estiveram presentes:

(1) a pessoa vivenciou, testemunhou ou foi confrontada com um ou mais eventos que envolveram morte ou grave ferimento, reais ou ameaçados, ou uma ameaça à integridade física, própria ou dos outros.

(2) a resposta da pessoa envolveu intenso medo, impotência ou horror.

B. O evento traumático é persistentemente revivido em uma (ou mais) das seguintes maneiras:

(1) recordações aflitivas, recorrentes e intrusivas do evento, incluindo imagens, pensamentos ou percepções.

(2) sonhos aflitivos e recorrentes com o evento.

(3) agir ou sentir como se o evento traumático estivesse ocorrendo novamente (inclui um sentimento de revivência da experiência, ilusões, alucinações e episódios de flashback dissociativos, inclusive aqueles que ocorrem ao despertar ou quando intoxicado)

(4) sofrimento psicológico intenso quando da exposição a indícios internos ou externos que simbolizam ou lembram algum aspecto do evento traumático.

? 1 2 3 F.105

IR PARA
'TAG',
F. 31.

? 1 2 3 F.106

IR PARA
'TAG',
F.31.

? 1 2 3 F.107

? 1 2 3 F.108

? 1 2 3 F.109

? 1 2 3 F.110

?= informação inadequada

1= ausente ou falso

2= subliminar

3= limiar ou verdadeiro

Transtornos de Ansiedade, F.2.7

TEPT

...e quanto a ter sintomas físicos, como ter suor exagerado, respiração ofegante ou irregular ou coração batendo forte ou acelerado?

(5) reatividade fisiológica na exposição a indícios internos ou externos que simbolizam ou lembram algum aspecto do evento traumático. ? 1 2 3 F.111

PELO MENOS UM SINTOMA "B" É CODIFICADO COMO "3". ? 1 2 3 F.112

IR PARA
TAG,
F. 31

C. Esquiva persistente de estímulos associados com o trauma e entorpecimento da responsabilidade geral (não presente antes do trauma), indicados por três (ou mais) dos seguintes quesitos:

Desde o (TRAUMA)...

... você tem feito algum esforço especial para evitar pensar ou falar sobre o que aconteceu?

(1) esforços no sentido de evitar ? pensamentos, sentimentos ou conversas associadas com o trauma ? 1 2 3 F.113

... você tem se mantido afastado(a) de coisas ou pessoas que pudessem relembrar o que aconteceu?

(2) esforços no sentido de evitar ? atividades, locais ou pessoas que ativem recordações do trauma. ? 1 2 3 F.114

... você não tem conseguido se lembrar de alguma parte importante do que aconteceu?

(3) incapacidade de recordar algum aspecto importante do trauma. ? 1 2 3 F.115

... você tem estado bem menos interessado(a) em fazer coisas que costumavam ser importantes para você, como ver os amigos, ler livros ou assistir à televisão?

(4) redução acentuada do interesse ou interesse ou da participação em atividades significativas ? 1 2 3 F.116

... você tem se sentido distante ou isolado(a) das pessoas? -

(5) sensação de distanciamento ou afastamento em relação a outras pessoas. ? 1 2 3 F.117

... você tem se sentido anestesiado(a) ou como se não fosse mais ter sentimentos fortes em relação a qualquer coisa ou sentimentos amorosos em relação a alguém?

(6) faixa de afeto restrita (p.ex., incapacidade de ter sentimentos de carinho) ? 1 2 3 F.118

?= informação inadequada

1= ausente ou falso

2= subliminar

3= limiar ou verdadeiro

Transtornos de Ansiedade, F.2.8

TEPT

... você já notou alguma mudança na sua	(7) sentimento de um futuro abreviado	?	1	2	3	
forma de pensar ou planejar o futuro?	F.119 (Por, ex., não espera ter uma carreira profissional, casamento, filhos ou um período normal de vida)					

PELO MENOS 3 SINTOMAS "C" SÃO CODIFICADOS "3"

1 3 F.120
IR PARA
*TAG *
F. 31.

Desde o (TRAUMA)...

D. Sintomas persistentes de excitabilidade aumentada (não presentes antes do trauma), indicados por dois (ou mais) dos seguintes quesitos:

... você tem tido dificuldades para dormir? (Que tipo de dificuldade?)	(1) dificuldade em conciliar ou manter o sono	?	1	2	3	F.121
....você tem estado irritado(a) habitualmente? ?Tem tido explosões de raiva?	(2) irritabilidade ou surtos de raiva?	?	1	2	3	F.122
.. você tem tido dificuldades para <i>se</i> concentrar?	(3) dificuldade em concentrar-se	?	1	2	3	F.123
... você tem estado muito vigilante ou em guarda mesmo quando não há razão para isso?	(4) hipervigilância	?	1	2	3	F.124
... você tem estado sobressaltado(a) ou tem ficado facilmente assustado(a), como por barulhos repetitivos?	(5) resposta de sobressalto exagerada	?	1	2	3	F.125

PELO MENOS DOIS SINTOMAS "D" SÃO CODIFICADOS "3"

1 3 F.125
IR PARA
*TAG *,
F.31.

?= informação inadequada

1= ausente ou falso

2= subliminar

3= limiar ou verdadeiro

Transtornos de Ansiedade, F.2.9

TEPT

Quanto tempo esses problemas duraram
(CITAR SINTOMAS POSITIVOS
DE TEPT)?

E, A duração da perturbação (sintomas dos
Critérios B, C e D) é superior a 1 mês
F1.2.7

? 1 2 3

Para diagnosticar o
Transtorno de Estresse
Agudo, ir para J.1
(MÓDULO OPCIONAL)

CASO CONTRÁRIO
IR PARA *TAG*, F. 3.1

F. A perturbação causa sofrimento
cl clinicamente significativo ou prejuízo
no funcionamento social ou ocupacional
ou em outras áreas importantes da vida
do indivíduo.

? 1 2 3 F128.

IR PARA
*TAG-
F.31.

CRITÉRIOS DO TRANSTORNO DO
ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO A, B,
F129
C, D, E, e F SÃO CODIFICADOS “3”

1 3

IR PARA **TRANS-
TAG
F. 31.** **TORNO
DE
ESTRESSE
PÓS-
TRAUMÁ-
TICO**

?= informação inadequada

1= ausente ou falso

2= subliminar

3= limiar ou verdadeiro

ESTRESSE AGUDO**J. TRANSTORNOS OPCIONAIS
*TRANSTORNO DE ESTRESSE
AGUDO***

NOTA: TRANSTORNO DE ESTRESSE AGUDO PODE SER DIAGNOSTICADO APENAS DEPOIS QUE AS QUESTÕES PARA TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO FORAM FEITAS (VER PÁGINA F. 25).

**CRITÉRIOS PARA TRANSTORNO
DE ESTRESSE AGUDO**

B. Enquanto vivenciava ou após vivenciar o evento aflitivo, o indivíduo tem três (ou mais) dos seguintes sintomas dissociativos:

Durante (ou pouco depois) do (TRAUMA)...

... você se sentiu anestesiado ou distante ou como se não tivesse nenhum sentimento?

(1) um sentimento subjetivo de anestesia distanciamento ou ausência de resposta emocional.

? 1 2 3 J1

...você se sentiu menos atento(a) ao que estava acontecendo à sua volta ou como se você estivesse atordoado(a)?

(2) uma redução da consciência quanto às coisas que o rodeiam (p.ex., "estar como num sonho")

? 1 2 3 J2

...as coisas à sua volta pareciam irreais?

(3) desrealização

? 1 2 3 J3

...você se sentiu distante das coisas à sua volta ou distante de partes do seu corpo?

(4) despersonalização

? 1 2 3 J4

... você percebeu que não conseguia lembrar de coisas importantes que aconteceram?

(5) amnésia dissociativa (i.e., incapacidade de recordar um aspecto importante do trauma)

? 1 2 3 J5

PELO MENOS TRES SINTOMAS "B"
SÃO CODIFICADOS COMO "3"

1 3

IR PARA
TAG
F. 31

SE DESCONHECIDO: Até que ponto a sua reação (AO TRAUMA) interferiu na sua vida? (Isso tornou difícil par você trabalhar ou estar com seus amigos?) (Isso impediu você de tentar conseguir ajuda depois de tudo ou de dizer aos seus amigos ou à sua família o que aconteceu?) recursos pessoais, contando aos membros

F. A perturbação causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo e prejudica sua capacidade de realizar alguma tarefa necessária, tal como obter o auxílio necessário ou mobilizar da família acerca da experiência traumática.

? 1 2 3 J6

IR PARA
*TAG '
F. 31

?= informação inadequada

1= ausente ou falso

2= subliminar

3= limiar ou verdadeiro

Transtornos Opcionais, J.2

ESTRESSE AGUDO

SE DESCONHECIDO: Quanto tempo durou esta reação?	G. A perturbação tem duração mínima de dois dias e máxima de quatro semanas, e ocorre dentro de quatro semanas após o evento traumático	? 1 2 3 J7	IR PARA *TAG * F. 31
SE DESCONHECIDO: Você foi de alguma forma ferido fisicamente durante (O TRAUMA)? (O que aconteceu?) (Você estava usando alguma droga ou bebendo muito durante aquele momento?)	H. A perturbação não se deve aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (p.ex., droga de abuso, medicamento) ou de uma condição médica geral, não é melhor explicada por um Transtorno Psicótico Breve, nem representa uma mera exacerbação de um transtorno preexistente do Eixo I ou do Eixo II,	? 1 2 3 J8	IR PARA *TAG * F. 31
CRITÉRIOS B, F, G, e H PARA TRANSTORNO DE ESTRESSE AGUDO SÃO CODIFICADOS COMO "3" E CRITÉRIOS A, B, C, e D PARA TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO SÃO CODIFICADOS COMO "3"		1 3 J9	IR PARA TRANSTORNO *TAG * DE F. 31 ESTRESSE AGUDO
CRONOLOGIA DO TRANSTORNO DE ESTRESSE AGUDO			
SE DÚBIO: Durante o último mês, você teve (SINTOMAS DE TRANSTORNO DE ESTRESSE AGUDO)?	Critérios preencheram para Transtorno de Estresse Agudo durante o último mês	? 1 3 J10	IR PARA *TAG * F. 31
Quando foi que você se sentiu incomodado (a) pela última vez (PELOS SINTOMAS DE TRANSTORNO DE ESTRESSE AGUDO)?	Número de meses anteriores à entrevista quando os sintomas para Transtorno de Estresse Agudo ocorreram pela última vez.	_____ J11	

?= informação inadequada

1= ausente ou falso

2= subliminar

3= limiar ou verdadeiro

ANEXO D**POS-TRAUMATIC STRESS DISORDER
CHECKLIST- CIVILIAN VERSION****PCL-C**

Versão em português da PTSD Checklist-Civilian Version (PCL-C)

Instruções:

- Abaixo, há uma lista de problemas e de queixas que as pessoas às vezes apresentam como uma reação a situações de vida estressantes.
- Por favor, indique o quanto você foi incomodado por estes problemas durante o último mês.
- Por favor, marque 1 para “nada”, 2 para “um pouco”, 3 para “médio”, 4 para “bastante” e 5 para “muito”.

	Nada	Um Pouco	Médio	Bastante	Muito
1. Memória, pensamentos e imagens repetitivos e perturbadores referentes a uma experiência estressante do passado?	1	2	3	4	5
2. Sonhos repetitivos e perturbadores referentes a uma experiência estressante do passado?	1	2	3	4	5
3. De repente, agir ou sentir como se uma experiência estressante do passado estivesse acontecendo de novo (como se você a estivesse revivendo)?	1	2	3	4	5
4. Sentir-se muito chateado ou preocupado quando alguma coisa lembra você de uma experiência estressante do passado?	1	2	3	4	5
5. Sentir sintomas físicos (por exemplo, coração batendo forte, dificuldade de respirar, suores) quando alguma coisa lembra você de uma experiência estressante do passado?	1	2	3	4	5
6. Evitar pensar ou falar sobre uma experiência estressante do passado ou evitar ter sentimentos relacionados a esta experiência?	1	2	3	4	5
7. Evitar atividades ou situações porque elas lembram uma experiência estressante do passado?	1	2	3	4	5
8. Dificuldades para lembrar-se de partes importantes de uma experiência estressante do passado?	1	2	3	4	5
9. Perda de interesse nas atividades que você antes costumava gostar?	1	2	3	4	5
10. Sentir-se distante ou afastado das outras pessoas?	1	2	3	4	5
11. Sentir-se emocionalmente entorpecido ou incapaz de ter sentimentos amorosos pelas pessoas que lhe são próximas?	1	2	3	4	5
12. Sentir como se você não tivesse expectativas para o futuro?	1	2	3	4	5
13. Ter problemas para pegar no sono ou para continuar dormindo?	1	2	3	4	5
14. Sentir-se irritável ou ter explosões de raiva?	1	2	3	4	5
15. Ter dificuldades para se concentrar?	1	2	3	4	5
16. Estar “superalerta”, vigilante ou “em guarda” ?	1	2	3	4	5
17. Sentir-se tenso ou facilmente sobressaltado?	1	2	3	4	5

TOTAL: _____

ANEXO E

IES

Escala revisada do impacto de eventos (escala traduzida por Ligia M. Ito, 1994)

Abaixo, encontra-se uma lista de comentários feita por pessoas após a ocorrência de eventos estressantes. Por favor, cheque cada item, indicando com um X com que frequência estes comentários foram verdadeiros para você durante os últimos sete dias. Se eles não ocorreram durante esse período, favor marcar na coluna "nunca".

	Frequência			
	Nunca	Raramente	Às vezes	Sempre
1. Eu pensei sobre o evento quando eu não queria				
2. Eu evitei ficar incomodado quando pensei sobre o evento ou quando me lembrei dele				
3. Eu tentei removê-lo da memória				
4. Eu tive dificuldade para adormecer ou fiquei acordado devido a imagens ou pensamentos sobre o evento que retornavam a minha mente				
5. Eu tive ondas de intensos sentimentos em relação ao evento				
6. Eu tive sonhos com o evento				
7. Eu evitei coisas que recordassem o evento				
8. Eu senti como se não tivesse acontecido ou como se não fosse real				
9. Eu evitei falar sobre o evento				
10. Imagens do evento retornavam a minha mente				

Continua...

...continuação

	Frequência			
	Nunca	Raramente	Às vezes	Sempre
11. Outras coisas me fizeram pensar sobre o evento				
12. Eu sabia que eu ainda tinha muitos sentimentos sobre o evento mas não quis lidar com eles				
13. Eu tentei não pensar sobre o evento				
14. Qualquer lembrança trouxe de volta sentimentos sobre o evento				
15. Meus sentimentos sobre o evento pareciam estar adormecidos				

TOTAL _____

ANEXO F**ISSL****INVENTÁRIO DE SINTOMAS DE STRESS PARA ADULTO
DE LIPP (ISSL)**

Marilda Novaes Lipp

CADERNO DE APLICAÇÃO

Quadro 1 – Assinalar com F1 ou P1, como indicado para sintomas que tenha experimentado nas últimas 24 horas.

Quadro 2 – Assinalar com F2 ou P2, como indicado para sintomas que tenha experimentado na última semana.

Quadro 3 – Assinalar com F3 ou P3, como indicado para sintomas que tenha experimentado no último mês.

Nome :

Sexo:

Data de nascimento:

Local de trabalho:

Função exercida:

Escolaridade:

Local e data:

Tabela de Correção 1. Fases do Stress

QUADRO 1		QUADRO 2		QUADRO 3	
		Parte I			
Fase 1	Alerta	I) Fase 2	Resistência	Fase 4	Exaustão
Resultado Bruto	Porcentagem	Resultado Bruto	Porcentagem	Resultado Bruto	Resultado Bruto
7	11	4	8	9	7
8	22	5	17	10	13
9	33	6	25	11	20
10	44	7	33	12	27
11	56	8	42	13	33
12	67	9	50	14	40
		Parte II			
13	78	11) Fase 3	Quase Exaustão	15	47
14	89	10	58	16	53
	100	11	67	17	60
		12	75	18	67
		13	83	19	73
		14 I	92 I	20	80
		15	100	21	87
				22	93
				23	100

Tabela de Correção 2. Tipo de Sintomatologia *Sintomas Físicos*

Fase de Alerta		Fase de Resistência		Fase de Exaustão	
Res. Bruto	Porcent.	Res. Bruto	Porcent.	Res. Bruto	Porcent.
1	8	1	10	1	8
2	16	2	20	2	16
3	25	3	30	3	25
4	33	4	40	4	33
5	41	5	50	5	41
6	50	6	60	6	50
7	58	7	70	7	58
8	66	8	80	8	66
9	75	9	90	9	75
10	83	10	100	10	83
11	91			11	91
12	100			12	100

Tabela de Correção 3. Tipo de Sintomatologia *Sintomas Psicológicos*

Fase de Alerta		Fase de Resistência		Fase de Exaustão	
Res. Bruto	Porcent.	Res. Brute	Porcent.	Res. Brute	Porcent.
1	33	1	20	1	9
2	66	2	40	2	18
3	100	3	60	3	27
		4	80	4	36
		5	100	5	45
				6	54
				7	63
				8	72
				9	81
				10	90
				11	100

Sintomatologia *SLYJtoma*

Quadro 1 a

a) Marque com F1 os sintomas que tem experimentado nas últimas 24 horas.

- ☐ 1. Mãos e pés frios
- ☐ 2. Boca seca
- ☐ 3. Nó no estômago
- ☐ 4. Aumento de sudorese
- ☐ 5. Tensão muscular
- ☐ 6. Aperto na mandíbula / Ranger dentes
- ☐ 7. Diarréia Passageira
- ☐ 8. Insônia
- ☐ 9. Taquicardia
- ☐ 10. Hiperventilação
- ☐ 11. Hipertensão Arterial súbita e passageira
- ☐ 12. Mudança de apetite

Quadro 1 b

b) Marque com P1 os sintomas que tem experimentado nas últimas 24 horas.

- ☐ 13. Aumento súbito de motivação
- ☐ 14. Entusiasmo súbito
- ☐ 15. Vontade súbita de iniciar novos projetos

Quadro 2 a

a) Marque com F2 os sintomas que tem experimentado na última semana.

- ☐ 1. Problemas com memória
- ☐ 2. Mal-estar generalizado, sem causa específica
- ☐ 3. Formigamento das extremidades
- ☐ 4. Sensação de desgaste físico constante
- ☐ 5. Mudança de apetite
- ☐ 6. Aparecimento de problemas dermatológicos
- ☐ 7. Hipertensão arterial
- ☐ 8. Cansaço constante
- ☐ 9. Aparecimento de úlcera
- ☐ 10. Tontura / sensação de estar flutuando

Quadro 2 b

b) Marque com P2 os sintomas que tem experimentado na última semana.

- () 11. Sensibilidade emotiva excessiva
 - () 12. Dúvida quanto a si próprio
 - () 13. Pensar constantemente em um só assunto
 - () 14. Irritabilidade excessiva
 - () 15. Diminuição da libido
-

Quadro 3 a

a) Marque com F3 os sintomas que tem experimentado no último mês.

- () 1. Diarréia freqüente
- () 2. Dificuldades sexuais
- () 3. Insônia
- () 4. Náusea
- () 5. Tiques
- () 6. Hipertensão arterial continuada
- () 7. Problemas dermatológicos prolongados
- () 8. Mudança extrema de apetite
- () 9. Excesso de gases
- () 10. Tontura freqüente
- () 11. Úlcera
- () 12. Enfarte

Quadro 3b

b) Marque com P3 os sintomas que tem experimentado no último mês.

- () 13. Impossibilidade de trabalhar
- () 14. Pesadelos
- () 15. Sensação de incompetência em todas as áreas
- () 16. Vontade de fugir de tudo
- () 17. Apatia, Depressão ou raiva prolongada
- () 18. Cansaço excessivo
- () 19. Pensar / Falar constantemente em um só assunto
- () 20. Irritabilidade sem causa aparente
- () 21. Angústia / ansiedade diária
- () 22. Hipersensibilidade emotiva
- () 23. Perda do senso de humor.

ANEXO G**Grupo de Amostragem**

Obs	Nome	Idade	Sexo	Evento	TEPT	PCL-C	IES	ISSL Físico (%)	ISSL Psíqu. (%)	ISSL Stress
1	AAA	64	M	Cativeiro	X	65	37	30	20	Resistência
2	ACF	41	M	Cativeiro	X	79	24	50	100	Quase exaustão
3	ACP	35	M	Cativeiro	X	80	30	60	100	Exaustão
4	ACP	53	M	Relâmpago	X	65	35	70	100	Quase exaustão
5	ACS	22	M	Cativeiro	X	40	21	16	8	Resistência
6	AFM	34	F	Relâmpago	X	74	33	80	100	Quase exaustão
7	AGS	31	F	Cativeiro	X	68	33	-	-	Não tem
8	AL	27	F	Cativeiro	X	67	25	42	43	Resistência
9	ALM	37	M	Cativeiro	X	70	34	44	100	Exaustão
10	ALMF	25	M	Cativeiro	X	65	28	91	81	Exaustão
11	AOS	25	F	Relâmpago	X	55	24	50	100	Quase exaustão
12	AS	35	F	Cativeiro	X	63	30	70	100	Quase exaustão
13	CAC	42	M	Relâmpago	X	56	30	-	-	Stress
14	CL	35	F	Relâmpago	X	65	35	70	100	Exaustão
15	CRC	26	F	Relâmpago	X	74	38	80	90	Quase exaustão
16	CT	40	F	Relâmpago	X	56	34	30	60	Resistência
17	CV	48	M	Relâmpago	X	54	27	90	80	Quase exaustão
18	DCMP	38	F	Relâmpago	X	69	36	50	100	Quase exaustão
19	EC	43	F	Relâmpago	X	66	33	50	100	Quase exaustão
20	EMP	41	M	Relâmpago	X	73	32	60	80	Quase exaustão

Continua...

...continuação

Obs	Nome	Idade	Sexo	Evento	TEPT	PCL-C	IES	ISSL Físico (%)	ISSL Psíqu. (%)	ISSL Stress
21	EVB	45	F	Cativeiro	X	71	25	83	100	Exaustão
22	FBL	29	F	Relâmpago	X	65	35	20	40	Resistência
23	FCO	29	M	Relâmpago	X	55	30	40	60	Resistência
24	FIES	26	F	Relâmpago	X	54	29	80	100	Exaustão
25	FVFF	49	M	Relâmpago	X	60	37	50	80	Resistência
26	GMG	55	M	Cativeiro	X	64	35	50	80	Quase exaustão
27	GTPM	23	F	Cativeiro	X	57	30	10	40	Resistência
28	HAI	29	M	Relâmpago	X	70	30	-	-	Não tem
29	HJBZ	23	M	Cativeiro	X	68	36	20	50	Resistência
30	HPF	41	M	Relâmpago	X	61	34	50	80	Resistência
31	IGB	58	F	Relâmpago	X	59	35	50	63	Exaustão
32	ISF	47	F	Relâmpago	X	67	39	60	80	Quase exaustão
33	JACZ	21	M	Relâmpago	X	60	30	58	100	Alerta
34	JANF	52	M	Cativeiro	X	72	30	60	100	Quase exaustão
35	JAJO	44	M	Relâmpago	X	78	30	80	80	Quase exaustão
36	JAPM	40	F	Relâmpago	X	52	21	30	40	Resistência
37	JF	26	M	Cativeiro	X	52	21	20	40	Resistência
38	JNSR	66	M	Cativeiro	X	56	6	70	80	Quase exaustão
39	JPS	52	M	Cativeiro	X	66	36	72	63	Exaustão
40	JRF	30	M	Cativeiro	X	64	27	30	40	Resistência

Continua...

...continuação

Obs	Nome	Idade	Sexo	Evento	TEPT	PCL-C	IES	ISSL Físico (%)	ISSL Psíqu. (%)	ISSL Stress
41	KSEM	21	M	Cativeiro	X	71	30	75	100	Alerta
42	LACV	55	F	Cativeiro	X	65	24	70	80	Quase exaustão
43	LAV	27	F	Cativeiro	X	53	28	16	100	Alerta
44	LCR	31	F	Relâmpago	X	63	32	30	60	Resistência
45	LGF	42	F	Relâmpago	X	60	31	60	80	Resistência
46	LM	23	F	Cativeiro	X	69	34	100	33	Alerta
47	LMVM	31	F	Relâmpago	X	76	31	80	80	Quase exaustão
48	LPFJ	33	M	Cativeiro	X	61	29	8	25	Não tem
49	MACH	59	F	Cativeiro	X	63	25	91	63	Exaustão
50	MAFP	64	F	Cativeiro	X	63	32	83	30	Alerta
51	MAV	45	M	Cativeiro	X	58	25	90	80	Exaustão
52	MBL	28	M	Cativeiro	X	63	25	60	80	Quase exaustão
53	MCMLC	22	F	Relâmpago	X	66	31	66	90	Exaustão
54	MCS	48	M	Relâmpago	X	75	30	20	60	Resistência
55	MEMS	42	F	Cativeiro	X	68	35	40	60	Resistência
56	MFS	25	M	Cativeiro	X	65	29	60	80	Quase exaustão
57	MGM	24	F	Cativeiro	X	77	33	60	80	Quase exaustão
58	MHT	41	M	Relâmpago	X	70	31	60	100	Quase exaustão
59	MJS	60	F	Cativeiro	X	68	33	40	60	Resistência
60	MQF	21	F	Cativeiro	X	63	30	70	80	Quase exaustão

Continua...

...conclusão

Obs	Nome	Idade	Sexo	Evento	TEPT	PCL-C	IES	ISSL Físico (%)	ISSL Psíqu. (%)	ISSL Stress
61	MS	53	F	Relâmpago	X	60	23	41	90	Quase exaustão
62	MSA	39	F	Cativeiro	X	63	36	60	80	Quase exaustão
63	MZMA	52	F	Cativeiro	X	70	30	70	80	Quase exaustão
64	NAF	49	M	Cativeiro	X	80	39	66	100	Exaustão
65	PBC	24	F	Cativeiro	X	68	39	50	48	Resistência
66	PBF	26	M	Cativeiro	X	62	36	30	16	Resistência
67	PCP	56	M	Relâmpago	X	65	34	25	90	Exaustão
68	PLSJ	39	M	Relâmpago	X	70	43	60	100	Quase exaustão
69	PTAM	51	M	Cativeiro	X	46	13	40	80	Resistência
70	RBM	25	M	Cativeiro	X	76	31	70	60	Quase exaustão
71	RCDA	47	F	Relâmpago	X	85	36	70	80	Quase exaustão
72	RGM	27	F	Relâmpago	X	55	24	41	54	Quase exaustão
73	RK	53	M	Relâmpago	X	63	25	80	80	Quase exaustão
74	SC	27	F	Relâmpago	X	76	34	70	80	Quase exaustão
75	SLP	41	F	Cativeiro	X	71	27	50	80	Resistência
76	SPC	37	M	Relâmpago	X	56	26	60	40	Quase exaustão
77	VAS	46	F	Relâmpago	X	81	35	41	100	Exaustão
78	VGO	38	F	Relâmpago	X	83	36	70	80	Quase exaustão
79	VSR	23	F	Cativeiro	X	57	35	40	80	Resistência
80	WCF	47	M	Relâmpago	X	68	35	30	80	Resistência
81	WCT	83	M	Cativeiro	X	63	23	70	30	Quase exaustão

ANEXO H**Grupo Controle**

Obs	Nome	Idade	Sexo	TEPT	PCL-C	IES	ISLL Físico (%)	ISLL Psíqu. (%)	ISLL Stress
1	ABK	32	F	não	17	0	-		Não tem Stress
2	CSB	24	F	não	17	0	-		Não tem Stress
3	EMP	41	F	não	20	0	-	-	Não tem Stress
4	FLMC	45	F	não	22	5	30	40	Resistência
5	GMS	23	F	não	30	0	-	-	Não tem Stress
6	IMPS	49	F	não	17	0	-	-	Não tem Stress
7	LSS	29	F	não	27	0	-	-	Não tem Stress
8	LTPBP	27	F	não	35	0	-	-	Não tem Stress
9	MAB	43	F	não	19	0	-	-	Não tem Stress
10	MJCF	32	F	não	17	0	-	-	Não tem Stress
11	ML	50	F	não	17	0	-	-	Não tem Stress
12	MLA	52	F	não	23	0	-	-	Não tem Stress
13	MLL	53	F	não	17	0	-	-	Não tem Stress
14	MSCCB	39	F	não	20	0	60	60	Resistência
15	MSS	38	F	não	18	0	-	-	Não tem Stress
16	MTBC	78	F	não	26	0	-	-	Não tem Stress
17	RMBC	58	F	não	18	0	-	-	Não tem Stress
18	RSB	43	F	não	17	0	-	-	Não tem Stress
19	SRSL	29	F	não	20	0	-	-	Não tem Stress
20	SS	24	F	não	21	7	40	40	Resistência

Continua...

...conclusão

Obs	Nome	Idade	Sexo	TEPT	PCL-C	IES	ISLL Físico (%)	ISLL Psíqu. (%)	ISLL Stress
21	TCP	30	F	não	19	0	-	-	Não tem Stress
22	VRA	27	F	não	17	0	-	-	Não tem Stress
23	XSO	19	F	não	17	0	-	-	Não tem Stress
24	AJS	41	M	não	17	10	58	100	Alerta
25	CJF	37	M	não	17	0	-	-	Não tem Stress
26	FBSL	22	M	não	23	0	-	-	Não tem Stress
27	FRP	35	M	não	22	0	-	-	Não tem Stress
28	LSS	25	M	não	31	0	-	-	Não tem Stress
29	MF	49	M	não	17	0	-	-	Não tem Stress
30	MRSC	26	M	não	21	0	-	-	Não tem Stress
31	RCCP	26	M	não	23	0	20	60	Resistência
32	RSBV	35	M	não	22	0	-	-	Não tem Stress
33	RV	30	M	não	19	0	-	-	Não tem Stress
34	OELC	21	M	não	35	25	-	-	Não tem Stress
35	PHFF	25	M	não	17	0	-	-	Não tem Stress
36	ABRM	41	M	não	17	0	25	7	Resistência
37	IMS	42	M	não	17	2	-	-	Não tem Stress
38	SES	20	M	não	26	3	-	-	Não tem Stress
39	SCC	21	M	não	35	25	30	60	Resistência
40	ARS	37	M	não	17	0	30	60	Resistência
41	JMF	53	M	não	17	0	-	-	Não tem Stress

ANEXO I**ESCALA DE REAJUSTAMENTO SOCIAL DE HOLMES E RAHE (14)**

A escala a seguir apresentada, refere-se a uma pesquisa realizada em 1967, pelos especialistas em Estresse da Universidade de Washington, Holmes e R. Rahe, onde descobriram que o Estresse produzido por importantes "mudanças de vida" era um fator de previsão de futuras doenças.

Apesar das críticas e censuras, nada mais foi acrescentado até hoje de real, no rastro danoso provocado pelo Estresse, no tocante as doenças somáticas.

Criaram então um índice de 43 mudanças possíveis, atribuindo a cada uma um valor quanto à capacidade de provocar Estresse .

Para este trabalho, salientamos os 20 maiores estressores

Acontecimentos
Morte do cônjuge.....
Divórcio
Ser preso.....
Morte de pessoa querida da família.....
Ferimento ou doença pessoal grave.....
Casamento
Demissão do emprego.....
Reconciliação com cônjuge.....
Aposentadoria.....
Doença grave em pessoa da família.....
Gravidez
Dificuldades sexuais.....
Chegada de novo membro à família.....
Adaptação a novo emprego ou negócio.....
Alteração da situação financeira.....
Morte de amigo(a) querido(a)
Mudança para outra área de trabalho.....

Variação na frequência de discussões com o cônjuge.....
Dívidas.....
Mudança de responsabilidade no emprego.....
Filho(a) saindo de casa.....
Dificuldades com os sogros.....
Façonha pessoal incomum.....
Cônjuge começa ou pára de trabalhar.....
Início ou término de estudo escolares.....
Alteração nas condições de vida.....
Revisão de hábitos pessoais.....
Dificuldades com o chefe.....
Mudança nas condições ou horários de trabalho.....
Mudança de escola.....
Mudança de tipo de lazer.....
Mudança de atividades sociais.....
Alteração nos hábitos de dormir.....
Alteração nos hábitos de comer.....
Férias.....
Natal
Transgressões (não graves) da lei.....

ANEXO J

Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU)

Preâmbulo

CONSIDERANDO que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo, CONSIDERANDO que o desprezo e o desrespeito pelos direitos do homem resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da Humanidade, e que o advento de um mundo em que os homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade, CONSIDERANDO ser essencial que os direitos do homem sejam protegidos pelo império da lei, para que o homem não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra a tirania e a opressão, CONSIDERANDO ser essencial promover o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações, CONSIDERANDO que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta, sua fé nos direitos do homem e da mulher, e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla, CONSIDERANDO que os Estados Membros se comprometeram a promover, em cooperação com as Nações Unidas, o respeito universal aos direitos e liberdades fundamentais do homem e a observância desses direitos e liberdades, CONSIDERANDO que uma compreensão comum desses direitos e liberdades é da mais alta importância para o pleno cumprimento desse compromisso,

*A Assembléia Geral das Nações Unidas proclama a presente "**Declaração Universal dos Direitos do Homem**" como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Estados Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.*

Artigo 1

Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Artigo 2

I) Todo o homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

II) Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

Artigo 3

Todo o homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 4

Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos estão proibidos em todas as suas formas.

Artigo 5

Ninguém será submetido a tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Artigo 6

Todo homem tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei.

Artigo 7

Todos são iguais perante a lei e tem direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos tem direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Artigo 8

Todo o homem tem direito a receber dos tribunais nacionais competentes remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela constituição ou pela lei.

Artigo 9

Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Artigo 10

Todo o homem tem direito, em plena igualdade, a uma justa e pública audiência por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir de seus direitos e deveres ou do fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.

Artigo 11

I) Todo o homem acusado de um ato delituoso tem o direito de ser presumido inocente até que a sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias a sua defesa.

II) Ninguém poderá ser culpado por qualquer ação ou omissão que, no momento, não constituíam delito perante o direito nacional ou internacional. Também não será imposta pena mais forte do que aquela que, no momento da prática, era aplicável ao ato delituoso.

Artigo 12

Ninguém será sujeito a interferências na sua vida privada, na sua família, no seu lar ou na sua correspondência, nem a ataques a sua honra e reputação. Todo o homem tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.

Artigo 13

I) Todo homem tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.

II) Todo o homem tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.

Artigo 14

I) Todo o homem, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.

II) Este direito não pode ser invocado em casos de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

Artigo 15

I) Todo homem tem direito a uma nacionalidade.

II) Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade, nem do direito de mudar de nacionalidade.

Artigo 16

I) Os homens e mulheres de maior idade, sem qualquer restrição de raça, nacionalidade ou religião, tem o direito de contrair matrimônio e fundar uma família. Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e sua dissolução.

II) O casamento não será válido senão com o livre e pleno consentimento dos nubentes.

III) A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.

Artigo 17

I) Todo o homem tem direito à propriedade, só ou em sociedade com outros.

II) Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade.

Artigo 18

Todo o homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

Artigo 19

Todo o homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras.

Artigo 20

I) Todo o homem tem direito à liberdade de reunião e associação pacíficas.

II) Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.

Artigo 21

- I) Todo o homem tem o direito de tomar parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos.
- II) Todo o homem tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país.
- III) A vontade do povo será a base da autoridade do governo; esta vontade será expressa em eleições periódicas e legítimas, por sufrágio universal, por voto secreto ou processo equivalente que assegure a liberdade de voto.

Artigo 22

Todo o homem, como membro da sociedade, tem direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

Artigo 23

- I) Todo o homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.
- II) Todo o homem, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.
- III) Todo o homem que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como a sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.
- IV) Todo o homem tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para proteção de seus interesses.

Artigo 24

Todo o homem tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas.

Artigo 25

- I) Todo o homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda de meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.
- II) A maternidade e a infância tem direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio, gozarão da mesma proteção social.

Artigo 26

- I) Todo o homem tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnica profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.
- II) A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e

amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

III) Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

Artigo 27

I) Todo o homem tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de fruir de seus benefícios.

II) Todo o homem tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

Artigo 28

Todo o homem tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e liberdades estabelecidos na presente Declaração possam ser plenamente realizados.

Artigo 29

I) Todo o homem tem deveres para com a comunidade, na qual o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível.

II) No exercício de seus direitos e liberdades, todo o homem estará sujeito apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática.

III) Esses direitos e liberdades não podem, em hipótese alguma, ser exercidos contrariamente aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

Artigo 30

Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada como o reconhecimento a qualquer Estado, grupo ou pessoa, do direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer direitos e liberdades aqui estabelecidos

ANEXO K

Brasil: Constituição Federal - CF - 1988

Título II **Dos Direitos e Garantias Fundamentais**

Capítulo I **Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos**

Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

- I** - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;
- II** - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;
- III** - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
- IV** - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;
- V** - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;
- VI** - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;
- VII** - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;
- VIII** - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;
- IX** - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;
- X** - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;
- XI** - a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial;
- XII** - é inviolável o sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas, de dados e das comunicações telefônicas, salvo, no último caso, por ordem judicial, nas hipóteses e na forma que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal;
- XIII** - é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer;

XIV - é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional;

XV - é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens;

XVI - todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente;

XVII - é plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar;

XVIII - a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento;

XIX - as associações só poderão ser compulsoriamente dissolvidas ou ter suas atividades suspensas por decisão judicial, exigindo-se, no primeiro caso, o trânsito em julgado;

XX - ninguém poderá ser compelido a associar-se ou a permanecer associado;

XXI - as entidades associativas, quando expressamente autorizadas, têm legitimidade para representar seus filiados judicial ou extrajudicialmente;

XXII - é garantido o direito de propriedade;

XXIII - a propriedade atenderá a sua função social;

XXIV - a lei estabelecerá o procedimento para desapropriação por necessidade ou utilidade pública, ou por interesse social, mediante justa e prévia indenização em dinheiro, ressalvados os casos previstos nesta Constituição;

XXV - no caso de iminente perigo público, a autoridade competente poderá usar de propriedade particular, assegurada ao proprietário indenização ulterior, se houver dano;

XXVI - a pequena propriedade rural, assim definida em lei, desde que trabalhada pela família, não será objeto de penhora para pagamento de débitos decorrentes de sua atividade produtiva, dispondo a lei sobre os meios de financiar o seu desenvolvimento;

XXVII - aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar;

XXVIII - são assegurados, nos termos da lei:

a) a proteção às participações individuais em obras coletivas e à reprodução da imagem e voz humanas, inclusive nas atividades desportivas;

b) o direito de fiscalização do aproveitamento econômico das obras que criarem ou de que participarem aos criadores, aos intérpretes e às respectivas representações sindicais e associativas;

XXIX - a lei assegurará aos autores de inventos industriais privilégio temporário para sua utilização, bem como proteção às criações industriais, à propriedade das marcas, aos nomes de empresas e a outros signos distintivos, tendo em vista o interesse social e o desenvolvimento tecnológico e econômico do País;

XXX - é garantido o direito de herança;

XXXI - a sucessão de bens de estrangeiros situados no País será regulada pela lei brasileira em benefício do cônjuge ou dos filhos brasileiros, sempre que não lhes seja mais favorável a lei pessoal do de cujus;

XXXII - o Estado promoverá, na forma da lei, a defesa do consumidor;

XXXIII - todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado; (L-011.111-2005 - Regulamento - D-005.301-2004 - Regulamento)

XXXIV - são a todos assegurados, independentemente do pagamento de taxas:

a) o direito de petição aos Poderes Públicos em defesa de direito ou contra ilegalidade ou abuso de poder;

b) a obtenção de certidões em repartições públicas, para defesa de direitos e esclarecimento de situações de interesse pessoal;

XXXV - a lei não excluirá da apreciação do Poder Judiciário lesão ou ameaça a direito;

XXXVI - a lei não prejudicará o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada;

XXXVII - não haverá juízo ou tribunal de exceção;

XXXVIII - é reconhecida a instituição do júri, com a organização que lhe der a lei, assegurados:

a) a plenitude de defesa;

b) o sigilo das votações;

c) a soberania dos veredictos;

d) a competência para o julgamento dos crimes dolosos contra a vida;

XXXIX - não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia cominação legal;

XL - a lei penal não retroagirá, salvo para beneficiar o réu;

XLI - a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;

XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;

XLIII - a lei considerará crimes inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o terrorismo e os definidos como crimes hediondos, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem;

XLIV - constitui crime inafiançável e imprescritível a ação de grupos armados, civis ou militares, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático;

XLV - nenhuma pena passará da pessoa do condenado, podendo a obrigação de reparar o dano e a decretação do perdimento de bens ser, nos termos da lei, estendidas aos sucessores e contra eles executadas, até o limite do valor do patrimônio transferido;

XLVI - a lei regulará a individualização da pena e adotará, entre outras, as seguintes:

a) privação ou restrição da liberdade;

b) perda de bens;

c) multa;

d) prestação social alternativa;

e) suspensão ou interdição de direitos;

XLVII - não haverá penas:

- a)** de morte, salvo em caso de guerra declarada, nos termos do Art. 84, XIX;
- b)** de caráter perpétuo;
- c)** de trabalhos forçados;
- d)** de banimento;
- e)** cruéis;

XLVIII - a pena será cumprida em estabelecimentos distintos, de acordo com a natureza do delito, a idade e o sexo do apenado;

XLIX - é assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral;

L - às presidiárias serão asseguradas condições para que possam permanecer com seus filhos durante o período de amamentação;

LI - nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei;

LII - não será concedida extradição de estrangeiro por crime político ou de opinião;

LIII - ninguém será processado nem sentenciado senão pela autoridade competente;

LIV - ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o devido processo legal;

LV - aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o contraditório e ampla defesa, com os meios e recursos a ela inerentes;

LVI - são inadmissíveis, no processo, as provas obtidas por meios ilícitos;

LVII - ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória;

LVIII - o civilmente identificado não será submetido a identificação criminal, salvo nas hipóteses previstas em lei;

LIX - será admitida ação privada nos crimes de ação pública, se esta não for intentada no prazo legal;

LX - a lei só poderá restringir a publicidade dos atos processuais quando a defesa da intimidade ou o interesse social o exigirem;

LXI - ninguém será preso senão em flagrante delito ou por ordem escrita e fundamentada de autoridade judiciária competente, salvo nos casos de transgressão militar ou crime propriamente militar, definidos em lei;

LXII - a prisão de qualquer pessoa e o local onde se encontre serão comunicados imediatamente ao juiz competente e à família do preso ou à pessoa por ele indicada;

LXIII - o preso será informado de seus direitos, entre os quais o de permanecer calado, sendo-lhe assegurada a assistência da família e de advogado;

LXIV - o preso tem direito à identificação dos responsáveis por sua prisão ou por seu interrogatório policial;

LXV - a prisão ilegal será imediatamente relaxada pela autoridade judiciária;

LXVI - ninguém será levado à prisão ou nela mantido, quando a lei admitir a liberdade provisória, com ou sem fiança;

LXVII - não haverá prisão civil por dívida, salvo a do responsável pelo inadimplemento voluntário e inescusável de obrigação alimentícia e a do depositário infiel;

LXVIII - conceder-se-á habeas corpus sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder;

LXIX - conceder-se-á Mandado de Segurança de segurança para proteger direito líquido e certo, não amparado por habeas corpus ou habeas data, quando o responsável pela ilegalidade ou abuso de poder for autoridade pública ou agente de pessoa jurídica no exercício de atribuições do Poder Público;

LXX - o mandado de segurança coletivo pode ser impetrado por:

- a) partido político com representação no Congresso Nacional;
- b) organização sindical, entidade de classe ou associação legalmente constituída e em funcionamento há pelo menos um ano, em defesa dos interesses de seus membros ou associados;

LXXI - conceder-se-á mandado de injunção sempre que a falta de norma regulamentadora torne inviável o exercício dos direitos e liberdades constitucionais e das prerrogativas inerentes à nacionalidade, à soberania e à cidadania;

LXXII - conceder-se-á habeas data:

- a) para assegurar o conhecimento de informações relativas à pessoa do impetrante, constantes de registros ou bancos de dados de entidades governamentais ou de caráter público;
- b) para a retificação de dados, quando não se prefira fazê-lo por processo sigiloso, judicial ou administrativo;

LXXIII - qualquer cidadão é parte legítima para propor ação popular que vise a anular ato lesivo ao patrimônio público ou de entidade de que o Estado participe, à moralidade administrativa, ao meio ambiente e ao patrimônio histórico e cultural, ficando o autor, salvo comprovada má-fé, isento de custas judiciais e do ônus da sucumbência;

LXXIV - o Estado prestará assistência jurídica integral e gratuita aos que comprovarem insuficiência de recursos;

LXXV - o Estado indenizará o condenado por erro judiciário, assim como o que ficar preso além do tempo fixado na sentença;

LXXVI - são gratuitos para os reconhecidamente pobres, na forma da lei:

- a) o registro civil de nascimento;
- b) a certidão de óbito;

LXXVII - são gratuitas as ações de habeas corpus e habeas data, e, na forma da lei, os atos necessários ao exercício da cidadania.

LXXVIII a todos, no âmbito judicial e administrativo, são assegurados a razoável duração do processo e os meios que garantam a celeridade de sua tramitação. (Acrescentado pela EC-000.045-2004)

ANEXO L

PROJETO DE LEI Nº 3356, DE 2004

(Do Sr. LUIZ ANTONIO FLEURY e Da Sra. ZULAIÊ COBRA)

Dá nova redação ao art. 159 do Código Penal e adota outras providências
(seqüestro-relâmpago)

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º O art. 159 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, Código Penal, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 159 Seqüestrar pessoa, qualquer que seja o tempo de duração do seqüestro, com o fim de obter, para si ou para outrem, qualquer vantagem, como condição ou preço do resgate: **(NR)**

Pena – reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos, e multa “ **(NR)**

Art. 2 – Suprima-se o § 5º do art. 157, do Código Penal

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Justificativa

Uma das modalidades de crime mais praticada nos grandes centros urbanos, hoje, é o chamado “seqüestro-relâmpago”.

Segundo a jurisprudência dominante, a conduta de “seqüestro-relâmpago” se apresenta como uma causa de aumento de pena do crime de roubo.

Há que se fazer a distinção. No roubo, a vítima sofre a subtração imediata de seus haveres. Já no “seqüestro-relâmpago”, o ofendido é submetido a situação de maior gravidade, levado de um lugar para outro, geralmente sob ameaça de arma, de tal forma que sua vida e sua integridade física estão sob maior ameaça, do que na prática de roubo, em qualquer de suas modalidades. Impõe-se, pois, a devida tipificação da conduta criminosa, com pena maior pelos motivos já expostos.

Sala das Sessões, em 7 de abril de 2004.

Deputado LUIZ ANTONIO FLEURY

Deputada ZULAIÊ COBRA

PTB-SP

PSDB-SP

Este projeto está em tramitação apensado ao PL 3075/2004, do deputado Alberto Fraga, que, por sua vez, está apensado ao 4025/2004, do senador Rodolpho Tourinho.

Seguem os dois PLs, na seqüência:

PROJETO DE LEI Nº....., DE 2004.**(Do Senhor Alberto Fraga)**

Inclui o art. 159A no Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, Código Penal, para tipificar o crime de “seqüestro relâmpago”.

Art. 1º O Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, Código Penal, passa a vigorar acrescido do seguinte artigo:

“Seqüestro relâmpago”

Art. 159 A Privar de liberdade pessoa, por curto período de tempo, com o fim de obter vantagem econômica, para si ou para outrem, como saques bancários forçados ou uso criminoso de cartão de crédito.

Pena – reclusão, de oito a quinze anos

§ 1º. Se do fato resulta lesão corporal de natureza grave, ou o agente faça uso de arma de fogo:

Pena – reclusão, de dezesseis a vinte e quatro anos.

§ 2º. Se resulta morte:

Pena – reclusão, vinte e quatro a trinta anos.”

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A população vive momentos de apreensão, pois grave é o clima de insegurança que se abateu sobre a sociedade. Entre as inúmeras ações criminosas, uma das mais nefastas é o denominado seqüestro relâmpago. O criminoso, dominando a vítima, privando-a de sua liberdade, passa a transitar com ela, a fim da fazê-la sacar valores em caixas eletrônicos etc.

A crueldade desses malfeitores não se limita ao patrimônio material da vítima, pois graves também são as repercussões psicológicas daqueles submetidos a tal prática criminosa, se sobreviverem.

Essa prática delituosa deve ser fortemente combatida, tanto com a atuação policial e judicial, como pela feitura de um tipo penal que permita a punição justa do agente, consoante a gravidade de sua ação.

A novel elaboração legislativa, neste caso, deve-se, principalmente, ao fato de que questões doutrinárias têm impedido a devida punição dos facínoras como seqüestradores pois os classificam em outros crimes, como extorsão ou roubo, cujas penas são consideravelmente menores.

Esta é uma proposição que a sociedade exige e o Parlamento não pode se furtar ao debate e à elaboração de uma solução. Solicito, assim, aos colegas parlamentares a discussão e o aperfeiçoamento do presente projeto, por ser medida justa e urgente para o bem estar dos cidadãos.

Brasília, 8 de março de 2004.

DEPUTADO FEDERAL ALBERTO FRAGA
PTB – DF

Acrescenta parágrafo ao art. 158 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para tipificar o chamado “seqüestro relâmpago”.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 158 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, passa a vigorar acrescido do seguinte § 3º:

“Art. 158. ..

.....

§ 3º Se o crime é cometido mediante a restrição da liberdade da vítima, e essa condição é necessária para a obtenção da vantagem econômica, a pena é de reclusão,

de 6 (seis) a 12 (doze) anos, além da multa; se resulta lesão corporal grave ou morte, aplicam-se as penas previstas no art. 159, §§ 2º e 3º, respectivamente.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Senado Federal, em 11 de agosto de 2004

Senador José Sarney

Presidente do Senado Federal

OBS: O PL 3356 recebeu a assinatura dos líderes partidários para entrar em regime de urgência. Ele está pronto para a pauta.

Andamento:	
13/4/2004	PLENÁRIO (PLEN) Apresentação do Projeto de Lei pelo Dep. Luiz Antonio Fleury e outros_
23/4/2004	Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA) Apense-se ao PL-3075/2004. DCD 28 04 04 pág 18615 col 01.
27/4/2004	COORDENAÇÃO DE COMISSÕES PERMANENTES (CCP) Encaminhada à publicação. Publicação Inicial no DCD de 28/04/2004 PÁG 18615 COL 01._
16/3/2006	Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA) Apresentação da REQ 3756/2006, pelo Dep. Luiz Antonio Fleury e outros, que "requer urgência na tramitação do PL 3356/04"

9 REFERÊNCIAS

1. Abdala-Filho E, Garrafa V. Recursos de proteção utilizados por psiquiatras durante o exame pericial: uma análise bioética. In: Moraes T, organizador. *Ética e psiquiatria forense*. Rio de Janeiro: IPUB/CUCA; 2001. p. 41-55
2. Araújo CA, Lacerda ALT, Bressan. E. A. Achados de neuroimagem no TEPT. In: Mello MF, Bressam RA, Andreoli SB, Mari JJ. *Transtorno de estresse pós-traumático (TEPT): diagnóstico e tratamento*. Barueri-SP: Manole; 2005. p.68-96
3. Awad EM. *Você acredita em mim ?* São Paulo: Novo Século; 2002.
4. Balone GJ. *Transtorno do estresse pós-traumático*. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br>.
5. Barba AC. Evaluación forense. In: Garcia JG, Garcia MB, Barba AC, Garcia-Portilla MPG. *Transtorno de estrés postraumático*. Barcelona: Masson; 2000. p.287-299
6. Becker G. *Virtudes do medo*. Rio de Janeiro: Rocco; 1999.
7. Berquó AA. *O seqüestro (dia a dia)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1997.
8. Berger W, Mendiowics MV, Souza WF, Figueira I. Equivalência semântica da versão em português da pos-traumatic stress disorder checklist: civilian version (PCL-C) para rastreamento do transtorno de estresse pós-traumático. *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul*. 2004;26(2):167-75.
9. Bernik V. *Estresse: o assassino silencioso* [citado set 1997]. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br>.

10. Boney-McCoy S, Finkelhor D. Is youth victimization related to trauma symptoms and depression after controlling for prior symptoms and family relationships? A longitudinal, prospective study. *J Consult Clin Psychol.* 1996;64(6):1406-16.
11. Bordon G, Lee H. *A vida negociada*. São Paulo: ARX; 2003.
12. Borges N. *Seqüestros: a liberdade tem preço*. Rio de Janeiro: Quartet; 1997
13. Brandão F. *Trauma e EMDR: o referencial psicanalítico* . Disponível em: <http://www.orgonizando.psc.br/artigos/traumaEMDR.htm>.
14. Brasiliano ACR, Raposo HM. *Seqüestro: como se defender*. Rio de Janeiro: Ed. Forense; 1997.
15. Brenner C. *Noções básicas de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago; 1975.
16. Calhoun KS, Resick PA. Transtorno do estresse pós-traumático. In: Barlow DH, organizador. *Manual clínico dos transtornos psicológicos*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 1999. p. 63-118.
17. Cárdua N. Violência urbana. *Ciência Hoje*. 2001;29(172). p.8-13
18. Cohen C, Gobetti GJ. Questões bioéticas na articulação da saúde com a justiça. In: Cohen C, Ferraz FC, Segre M, organizadores. *Saúde mental, crime e justiça*. São Paulo: EDUSP; 2006. p. 275-284
19. Coimbra CMB, coordenadora. *Violência e exclusão social*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense; 1999.
20. Croce D, Croce Jr D. *Manual de medicina legal*. 4ª ed. São Paulo: Saraiva; 1998.

21. Crompton S. Traumatic life events. Canadian Social Trends – Statistics Canada – Catalogue n.11-008; 2003. Disponível em:
<http://www.statcan.ca/english/studies/11-008/feature/star2003068000s1a01.pdf>
22. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). *Comunicação pastoral ao povo de Deus*. Rio de Janeiro; 1976.
23. Costa JF. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal; 2003.
24. Cunha SA. *Vítimas de seqüestro: conseqüências psicológicas e o tratamento em terapia comportamental-cognitiva* [monografia]. São Paulo: Faculdade de Psicologia, Universidade de São Paulo; 2004.
25. Cuschnir L. *Os bastidores do amor*. Rio de Janeiro: Elsevier; 2004
26. Dattilio FM, Freeman A, & cols. *Estratégias cognitivo-comportamentais de intervenção em situações de crise*. Porto Alegre: Artmed; 2004.
27. Daoum AJ. *A vítima no processo penal: ampliação e limites de atuação* [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2006
28. Daoum AJ. A participação do ofendido na ação penal pública. In: Marques da Silva MA. *Processo penal e garantias constitucionais*. São Paulo: Quartier Latin; 2006. .
29. Del-Bem CM, Vilela JAA, Crippa JÁ, Hallack JEC, Labate CM, Zuardi AW. Confiabilidade da “entrevista clínica estruturada para o DSM-IV – versão clínica” traduzida para o português. *Rev Bras Psiquiatr*. 2001;23(3). p.156-159.
30. Duarte M. *Guia dos curiosos*. Disponível em:
<http://www.guiadoscuriosos.com.br>.

-
31. Erichsen FE. *On railway and other injuries of nervous system*. Londres: Walton & Moberly; 1866.
 32. Favaro A, Degortes D, Colombo G, Santonastaso P. The effects of trauma among kidnap victims in Sardinia, Italy. *Psychol Med*.2000;30(4):975-980.
 33. Ferenczi S. Bandagem psíquica. In: Ferenczi S. *Diário clínico (1932)*. São Paulo: Martins Fontes; 1990.
 34. Ferenczi S. A psicanálise dos distúrbios mentais da paralisia geral. In: *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes; 1993. v.4.
 35. Ferreira ABH. *Aurélio: dicionário da língua portuguesa*. Brasília: Positiva; 2004
 36. Ferreira-Santos E. *Psicoterapia Breve em um enfoque psicodramático* [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1989.
 37. Ferreira-Santos E. *Psicoterapia Breve: abordagem sistematizada de situações de crise*. 3ª ed. São Paulo: Agora; 1997.
 38. Ferreira-Santos E. O conceito de foco. In: Segre CD. *Psicoterapia Breve*. São Paulo: Lemos Editorial; 1997. p. 93-104
 39. Ferreira-Santos E. Psicoterapia integrada. In: Netto OFL, organizador. *A psicoterapia na instituição psiquiátrica*. São Paulo: Agora; 1999. p. 11-25
 40. Fisher LD, Van Belle G. *Biostatistics: a methodology for the health sciences*. New York: Wiley; 1993.
 41. First MB, Spitzler RL, Gibbon M, Williams JBW. *Entrevista clínica estruturada para o DSM-IV: transtornos do eixo I (SCID)*. (Versão 2.0). Washington (DC): American Psychiatric Press; 1997. p. 84

-
42. First MB, Francês A, Pincus HA. *Manual de diagnóstico diferencial do DSM-IV-TR*. Porto Alegre: Artemed; 2004.
 43. Freud A. Comentários sobre o trauma. In: Furst SS, et al. *El trauma psíquico*. Buenos Aires: Troquel; 1971.
 44. Freud S. Introdução à psicanálise e as neuroses de guerra. In: *Edição standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago; 1969-1980. v.17.
 45. Freud S. Além do princípio do prazer (1920). In: *Edição standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago; 1969-1980. v.18.
 46. Fridman S, Mendlowicz MV, Mecler K, Coscarelli P e Moraes TM. Neuropsicologia e psicometria: vicissitudes clínicas e forenses. In: Moraes T organizador. *Ética e psiquiatria forense*. Rio de Janeiro: IPUB-CUCA; 2001.
 47. Garcia-Pablos de Molina A, Gomes LF. *Criminologia*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais; 2002
 48. Garcia JB, García MB, Barba AC, García-Portilla MPG. *Transtorno de estrés postramático*. Barcelona: Masson; 2000.
 49. Giacona RM, Reinherz HZ, Silverman AB, Pakiz B, Frost AK, Cohen E. Traumas and PTSD in a community population of older adolescents. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 1995;34:1369-80.
 50. Gilbertson MW, Shenton ME, Ciszewski A, Kasai K, Lasco NB, Orr SP, Pitman RK. Smaller hippocampal volume predicts pathologic vulnerability to psychological trauma. *Nat Neuroci*. 2002;5:1242-7.

51. Grassi-Oliveira R, Pergher GK, Stein LM. Cicatrizes neurobiológicas do TEPT In: Caminha RM, organizador. *Transtornos do Estresse Pós-Traumático (TEPT): da neurobiologia à terapia cognitiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2005.
52. Hamblen J, Goguem C. *Community violence*. National Center for Post-Traumatic Stress Disorder, Department of Veterans Affairs [cited Sept 2002]. Available from: <http://www.ncptsd.org>.
53. Herman J. *Trauma and recovery*. New York: Basic Books; 1992.
54. Holmes TH, Rahe RH. The social readjustment rating scale. *J Psychosom Res*. 1967;2:213-8.
55. Horowitz M, Wilmer M, Alvarez W. Impact of event scale: a measure of subjective stress. *Psychosom Med*. 1979;41:209-18.
56. Houaiss A, Villar MS. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001.
57. Hycner R. *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus; 1995.
58. Jacobson GF. Crisis- oriented therapy. *Psychiatr Clin North Am*. 1979;2(1). p.39-53
59. Janoff_ -Bulman R. The benefits of illusions, the threat of disillusionment and the limitations of inaccuracy. *J Soc Clin Psychol*. 1989;8:158-75.
60. JaramilloL. Duelo en situaciones de violencia. In: Cepeda I, Girón C, compositores. *Duelo, memoria y reparación*. Bogotá: Impresol; 1998. p.61-69.
61. Jardim SR. Ética e saúde mental do trabalhador: a legitimidade de transtorno de estresse pós-traumático relacionado ao trabalho. In: Moraes T, organizador. *Ética e psiquiatria forense*. Rio de Janeiro: IPUB/CUCA; 2001.

-
62. Jaspers K. *Psicopatologia general*. Buenos Aires: Beta; 1977.
63. *Folha de S Paulo*, São Paulo. 2006 jan 17.
64. Kaminura A. Linguagem e efetivação dos direitos humanos: o desafio do direito no atendimento interdisciplinar a vítimas de violência. Maringá. Revista Urutagua. Disponível em :<http://www.uem.br/urutagua/007/07kamimura.htm>.
65. Kapczinski F, Margis R. Transtorno de estresse pós-traumático: critérios diagnósticos. *Rev Bras Psiquiatr*. 2003;25 (supl 1):3-7.
66. Kaplan HI, Sadock BJ, Grebb JA. *Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed; 1997.
67. Kaplan SJ. *Post-traumatic stress disorder in children and adolescent: a clinical overview*. Jacksonville Medicine to Mental Health; 2002.
68. Kilpatrick DG, Saunders BE, Veronen LJ, Best CL, Von JM. Criminal victimization: lifetime prevalence reporting to police, and psychological impact. *Crime e Delinquence*. 1987;33:479-89.
69. Knap P, Caminha RM. Terapia cognitiva do transtorno do estresse pós-traumático. *Rev Bra. Psiquiatr*. 2003;25(supl 1):31-6.
70. Korol M, Green BL, Gleser GC. Children's responses to a nuclear waste disaster: PTSD symptoms and outcome prediction. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 1999;38(4):368-75.
71. Lamprecht F, Sack M. Posttraumatic stress disorder revisited. *Psychosom Med*. 2002;64:222-37.
72. Lemgruber, V.B. *Psicoterapia Breve: a técnica focal*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1984.

-
73. Lindemann E. Symptomology and management of acute grief. *Am J Psychiatry* 1944;101:141-148.
74. Lipp MN. *Manual do inventário de sintomas de stress para adultos de LIPP (ISSL)*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2000.
75. Lopez-Ibor JJ. *Neurosis de guerra (psicologia de guerra)*. Barcelona: Editorial Científico Médica; 1942.
76. Maia LM. Vitimologia e direitos humanos. In: II Conferência Internacional de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil. Terezina; 2003. Disponível em: http://www.esmafe.jfjb.gov.br/Pdf_Doutrina/Vitimologia_e_Direitos_Humanos_OAB_Teresina_PI.pdf.
77. Magno AB. Seqüestro é o mais covarde dos crimes. *Correio Brasiliense*, Brasília. 2001 ago.
78. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais(DSM-IV)*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2000.
79. March JS, Amaya-Jackson L, Terry R, Constanzo P. Posttraumatic symptomatology in children and adolescents after an industrial fire in Hamelet, North Carolina. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 1997;36:1080-8.
80. Marlet JM. Vitimologia e violência urbana. *Rev IMESC*. 1998;1(1). Disponível em <http://www.imesc.sp.gov.br/rev1i.htm>
81. Markuz JB. Quem tem medo do sequestro ? São Paulo: Haganá Segurança; 2004.
82. Marques da Silva MA. *Acesso à justiça penal e estado democrático de direito*. São Paulo: J. De Oliveira; 2001.
83. Mason SF. *História da ciência*. Porto Alegre: Globo; 1957.

84. McCloskey LA. Posttraumatic stress disorder common in children abused by family members. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*.1999;12:13.
85. McEwen SB. Mood disorder and allostatic load. *Biol Psychiatry*.2003; :200-7.
86. McLeer SV, Callaghan M, Henry D, Orvaschel H. Psychiatric disorders in sexually abused children. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 1994;31:875-9.
87. Meleiro AMAS, Santos MCEA. Simulação: um desafio diagnóstico. In: Rigonatti SP, organizador. *Temas em psiquiatria forense e psicologia jurídica I*. São Paulo: Vetor; 2003. p. 211-226
88. Meluk E. *El Secuestro, una muerte suspendida, su impacto Psicológico*. Bogotá: Ediciones Uniandes; 1998
89. Meshulam-Werebe D, Andrade MGO, Delouya D. Transtorno de estresse pós-traumático: o enfoque psicanalítico. *Rev Bras Psiquiatr*. 2003;25(supl 1):37-40.
90. Messuti A. *O tempo como pena*. São Paulo: Revista dos Tribunais; 2003. p.73-5.
91. Mir L. *Guerra civil: estado e trauma*. São Paulo: Geração Editorial; 2004.
92. Moraes T, organizador. *Ética e psiquiatria forense*. Rio de Janeiro: IPUB/CUCA; 2001.
93. Moraes F. *Na toca dos leões*. São Paulo: Editora Planeta; 2005.
94. Moraes LFL. *Liberdade e direito: uma reflexão a partir da obra de Goffredo Telles Junior*. Campinas: Copola; 2000
95. Morton LT. *A medical bibliography (Garrison and Morton)*. Londres: Grower; 1983.

-
96. Munck A, Guyre PM, Holbrook NJ. Psychological functions of glucocorticoids in stress and their relation to pharmacological actions. *Endocrinol Rev.* 1984;93:9779-83.
97. Nagera H. *Metapsicologia: conflitos ansiedades e outros temas*. São Paulo: Cultrix; 1981.
98. Najarian LM, Goenjian AK, Pelcovitz D, Mandel F, Najarian B. Relocation after a disaster: posttraumatic stress disorder in Armenia after the earthquake. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry.* 1996;35(3):374-83.
99. Neter J, Kutner MH, Nachtsheim CJ, Wasserman W. *Applied linear statistical models*. 4th ed. Chicago: Irwin; 1996.
100. Oliveira E. *Vitimologia e direito penal: o crime precipitado ou programado pela vítima*. Rio de Janeiro: Forense; 2005.
101. Oppenheim A. *Die traumatischem Neurosen*. Berlim: Hirschwald; 1889.
102. Othmer E, Othmer SC. *A entrevista clínica usando DSM-III-R*. São Paulo: Manole; 1992.
103. Orwell G. *A revolução dos bichos*. Porto Alegre: Globo; 1975.
104. Parkes CM. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus; 1998.
105. Pereira MG, Monteiro-Ferreira J. *Stress traumático: aspectos teóricos e intervenção*. Lisboa: Climepsi Editores; 2003.
106. Philippi JN, Felipe ST. *A violência das mortes por decreto*. Florianópolis: Editora da UFSC; 1998.

-
107. Piedade Junior H. Reflexões sobre vitimologia e direitos humanos. In: Kosovski E, Séguin E, organizadores. *Temas de vitimologia*. Rio de Janeiro: Lumen Juris; 2000.p. 1-20
108. Piedade Junior H. Reflexões doutrinárias sobre duas vertentes da vitimologia. In: Kosovski E, Piedade Junior H, organizador. *Temas de vitimologia II*. Rio de Janeiro: Lumen Juris; 2001. p. 57-79
109. Pinto PA. *Dicionário de termos médicos*. Rio de Janeiro: Ed. Científica; 1962.
110. Pitman RK. Posttraumatic stress disorder, hormones and memory. *Biol Psychiatry*. 1989;26:645-52.
111. Pochmann M, Amorim R. *Atlas da exclusão social no Brasil*. São Paulo: Cortez; 2004.
112. Pulido B. *El Secuestro*. Bogotá: Plaza y Janés; 1988.
113. Pynoos RS, Nader K. Psychological first aid and treatment approach to children exposed to community violence: research implications. *J Trauma Stress*. 1988;1:445-73.
114. Quadros V. Operação condor vermelha. *Revista Istoé*. 2002; edição 1689.
115. Ramos RT. As bases biológicas do transtorno do estresse pós-traumático. In: Vieira Neto O, Vieira CMS, organizadores. *Transtorno do estresse pós-traumático*. São Paulo: Vector; 2005. p. 77-85
116. Rangé B, organizador. *Psicoterapias cognitivo-comportamentais*. Porto Alegre: Artmed; 2001.
117. Reis ICS. *Seqüestro & stress*. São Paulo: Eduna; 1997

-
118. Resnick H, Kilpatrick DG, Dansky B, Saunders B, Best C. Prevalence of civilian trauma and posttraumatic stress disorder in a representative national sample of women. *J Consult Clin Psychol.* 1993;61:984-91.
119. A violência no divã. *Revista Época*. 2005;354, 26 de fevereiro.
120. Riaño JRL. *Seguridad ciudadana en las nuevas dinâmicas de seguridad y defensa* [dissertação]. Washington (DC): Colégio Interamericano de Defesa; 2005
121. Rigonatti SP, organizador. *Temas em psiquiatria forense e psicologia jurídica*. São Paulo: Vetor; 2003, 2006. v.1, v.2.
122. Roso MC. Escalas de avaliação de transtorno do estresse pós-traumático. *Rev. Psiquiatr Clin.* 25 (6) Edição Especial: 320-325, 1998.
123. Rothbaum BO, Riggs DS, Murdock T, Walsh W. A prospective examination of post-traumatic stress disorder in rape victims. *J Trauma Stress.* 1992;5:455-76.
124. Sack WH, Clarke GN, Seeley J. Posttraumatic stress disorder across two generation of cambodian refugees. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatric.* 1995;34:1160-6.
125. Santos BS. *Um discurso sobre as ciências*. 8ª ed. Porto: Afrontamento; 1996.
126. Santos W. *Manual anti-sequestro e assalto*. Curitiba: Juruá; 2004
127. Savin D, Shalom R. Holocaust survivors and survivors of the cambodian tragedy: similarities and differences. *Echos of the Holocaust* . Issue nº. 5, july, 1997. Disponível em: <http://www.holocaustechoes.com/>
128. Savoia MG. Escalas de eventos vitais e de estratégias de enfrentamento (Coping). *Rev Psiquiatr Clin.* 26(2). Edição Especial, 1999.

129. Schestatsky S, Shansis F, Ceitlin LH, Abreu PBS, Hauck S. A evolução histórica do conceito de estresse pós-traumático. *Rev Bras Psiquiatr.* 2003;25(supl 1):8-11.
130. Schiraldi GR. *The pos-traumatic stress disorder: sourcebook*. Los Angeles: Lowell House; 1999.
131. Schott H. *Cronica de la medicina*. Barcelona: Plaza & Janés; 1993.
132. Selye, H. *The stress of life*. New York: McGraw-Hill; 1976.
133. Simon RI. Posttraumatic stress disorder in litigation. Washington (DC): Americam Psychiatric Press; 1995. p.31-84.
134. Shaw JÁ, Applegate B, Tanner S. Psychological effects of Hurricane Andrew on an elementary school population. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry.* 1995;34:1185-92.
135. Shephard B. *A war of nerves: soldiers and psychiatrists in the twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press; 2001.
136. Sirkis A. *Os carbonários*. Rio de Janeiro: Record; 1998.
137. Sirvinskask LP. *Violência e direitos humanos*. Disponível em: http://www.apmp.com.Br/jurídico/artigos/docs/2002/01-29_luispaulosirvinskask.doc.
138. Sousa JPG, Garcia CL, Carvalho JFT. *Dicionário de política*. São Paulo: TA Queiroz; 1998
139. Souza WM. *Radiografia do seqüestro*. São Paulo: Ícone; 1993.
140. Souza WM. *Como se comportar enquanto refém*. São Paulo: Ícone; 1996.

141. Speed L. *Post-traumatic stress disorder*. In: Seminário de Psicologia de Emergência. Bolzano; 1999.
142. Taborda JGV, Chalub M, Abdala-Filho E. *Psiquiatria forense*. Porto Alegre: Artmed; 2004.
143. Terr L. Psychic trauma in children: observations following the chowchilla school-bus kidnapping. *Am J Psychiatry*. 1981;138:14-19
144. Terr L. Chowchilla revisited: the effects of psychic trauma four years after a school-bus kidnapping. *Am J Psychiatry*. 1983;140:1543-1550
145. Tinello MR. *Posicionamento para evitar o Sequestro*. São Paulo: Roca; 2003
146. Trujillo, & Vence. El Duelo en el Secuestro. Tesis de Grado profesional, Universidad de Los Andes. Bogotá, Colombia, 1993.
147. Uribe MF. *El portal del secuestro*. Disponível em:
<http://www.secuestrfreeservers.com>.
148. Vieira Neto O, Sodré CMV. *Transtorno de estresse pós-traumático: uma neurose de guerra em tempos de paz*. São Paulo: Vetor; 2005.
149. Viorst J. *Perdas necessárias*. São Paulo: Melhoramentos; 1988.
150. Waiselfisz J. *Mapa da violência III*. São Paulo: Unesco; 2002.
151. Weime SM, Vojvoda D, Becker DF, McGlashan TH, Hodzic E, Laub D, Hyman L, Sawyer M, Lazrove S. PTSD symptoms in bosnian refugees 1 year after resettlement in the United States. *Am J Psychiatric*. 1998;155:562-4.
152. White JR, Freeman AS. *Terapia cognitivo-comportamental em grupo para populações e problemas específicos*. São Paulo: Roca; 2003.
153. Yehuda R. Biology of posttraumatic stress disorder. *Am J Psychol*. 2000;44(Suppl 7):14-21.

POST-SCRIPTUM

“O rigor científico, porque fundado no rigor matemático, é um rigor que quantifica e que, ao quantificar, desqualifica, um rigor que, ao objetivar os fenômenos, os objectualiza e os degrada, que, ao caracterizar os fenômenos, os caricaturiza. É, em suma e finalmente, uma forma de rigor que, ao afirmar a personalidade do cientista, destrói a personalidade da natureza. Nestes termos, o conhecimento ganha em rigor o que perde em riqueza e a retumbância dos êxitos da intervenção tecnológica esconde os limites da nossa compreensão do mundo e reprime a pergunta pelo valor humano do afã científico assim concebido.”

Boaventura de Souza Santos¹²⁵

Professor de Sociologia da Universidade de Coimbra

Endereço do autor para correspondência:

**Serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo**

Endereço: Rua Ovídio Pires de Campos, 785 – Cerqueira César

São Paulo – SP - Brasil

Caixa Postal: 3671

CEP: 01060-970

e-mail: efsantos@hcnet.usp.br